

A woman with red lipstick and a white sleeveless top is holding a light-colored card. The card has the title 'Mentiras que confortam' in a cursive font, a small bell icon, and a short paragraph in Portuguese. The background is a soft-focus image of the same woman.

*Mentiras  
que confortam*

Uma ação, uma reação e uma decisão  
podem mudar tudo.

Randy Susan Meyers

# SUMÁRIO

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Epígrafe

PARTE 1

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

PARTE 2

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[NOTAS](#)

# *Mentiras que confortam*

Randy Susan Meyers

Tradução:

Ana Paula Rezende Dias da Silva de Mello



© 2013 Randy Susan Meyers  
© 2015 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:  
Equipe Novo Conceito

Capa: Laywan Kwan  
Fotos da capa: © Katya Evdokimova / Arcangel Images  
Fotos da 4ª capa: © Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

# Meyers, Randy Susan

Mentiras que confortam  
/ Randy Susan Meyers ;  
tradução Ana Paula  
Rezende Dias Silva Mello.  
-- Ribeirão Preto, SP :  
Novo Conceito Editora,

2015.

Título original: The  
comfort of lies.

ISBN 978-85-8163-708-2

1. Ficção norte-  
americana I. Título.

14-13017 | CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



**Save the Children**

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: [www.fundabrinq.org.br](http://www.fundabrinq.org.br)



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885  
Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 – Ribeirão Preto – SP  
[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)



É melhor ouvir uma verdade dolorosa do que uma mentira reconfortante. No final, a verdade vai acabar vindo à tona e vai machucar muito mais do que se tivesse sido contada antes.

– Anônimo

## PARTE 1

*Antes*

## CAPÍTULO 1

### *Tia*

Ser feliz à custa de alguém podia ter um preço alto. Tia imaginava ser julgada desde que Nathan e ela se beijaram pela primeira vez. Sempre esperava ser punida por estar apaixonada e, na verdade, acreditava que, quaisquer que fossem as consequências, ela as merecia.

Naquele domingo, estava um pouco enjoada depois de ter almoçado com Nathan. Eles haviam pedido muitos pratos diferentes. Os aperitivos amanteigados, o molho excessivo da salada e a carne gordurosa incomodavam o seu estômago. O bolo floresta-negra tinha sido o toque final, com tanto açúcar e chocolate. Cada vez que Nathan passava a mão na barriga, demonstrando certo desconforto, ela sentia que havia se tornado cúmplice dele em mais de um pecado.

Desde a infância, ela nunca gostou de comida pesada. Em vez de terem almoçado hoje, ela gostaria de ter esperado até o dia seguinte para que se encontrassem. Então, poderiam se sentar enrolados em uma manta para assistir à queima de fogos ouvindo a orquestra Boston Pops. O 4 de Julho era um feriado sem muitas expectativas, um dia perfeito para eles celebrarem.

Nathan apertou sua mão enquanto seguiam para o apartamento dela. Sua expressão de orgulho a deixava radiante. Ela tinha vinte e quatro anos, ele, trinta e sete, e aquela era a primeira vez que se apaixonava por um homem com conteúdo. Sempre que se encontravam, ela aprendia novos truques amorosos – detalhes que nunca contaria a ninguém, como a maneira como suas mãos se pareciam muito mais com as mãos de um caubói do que com as de um professor universitário. Qualidades que podiam parecer comuns a alguém que teve um pai, acrescentou Tia à sua lista de competências de Nathan.

Na semana anterior, ele parecia o super-homem quando chegou carregando uma caixa de ferramentas, com a intenção de instalar um chuveiro que soltasse mais do que apenas um fiozinho de água. Preso à alça da caixa havia um cartão com a frase: “Isto é para você deixar aqui”.

Aquelas palavras fizeram Tia imaginar que ele usaria aquilo de novo.

Nenhum presente poderia tê-la deixado mais feliz.

Na maioria das vezes, ela achava Nathan perfeito. Seus braços eram musculosos; as costas, largas, e tinha uma rispidez nova-iorquina sarcástica, sempre acompanhada de um sorriso enviesado que a enlouquecia – bem diferente do humor dos garotos de South Boston que ela conheceu na infância. Seus conhecimentos a faziam sentir-se segura. A presença não tão frequente de Nathan oxigenava seu sangue. Enquanto ela acariciava a mão dele, o universo parecia se concentrar naquela simples conexão física. Sua vida havia se resumido a ficar com ele.

Ela havia passado horas chorando durante este ano de relacionamento com Nathan. Um homem com outra família, que não podia lhe dar muita atenção.

Quando chegaram ao apartamento em que ela morava, Nathan a abraçou por trás. Ela se inclinou e lhe deu um beijo por cima do ombro. Ele passou as mãos em seu corpo.

– Nunca me canso de tocar em você – sussurrou ele.

– Espero que isso nunca mude.

– As pessoas sempre mudam. – Um olhar desanimado tomou conta de seu rosto ao afastar-se dela. – Você merece tanta coisa.

Será que ele pensava que ela merecia estar sempre com ele? Tia colocou a chave na porta. E se tranquilizou ao pensar que Nathan acreditava que ela era uma pessoa especial.

Assim que entraram no apartamento, Tia correu para o banheiro, o que vinha fazendo com muita frequência ultimamente. Depois, passou bastante tempo secando as mãos e arrumando um vidro antigo de perfume que ele lhe dera de presente e que estava fora do lugar. Sempre mudava as coisas de lugar, tentando fazer com que o cristal rosa combinasse com sua porcelana Ikea e com as peças que a mãe havia lhe dado. Seu apartamento parecia um palco de teatro quando Nathan a visitava. Ela passava horas antes de sua chegada olhando todos os livros de decoração e gravuras através dos olhos dele.

Ao voltar para a sala, Nathan lhe ofereceu uma taça de vinho.

– Ouça isso – disse ele. – Usei aquela frase de Groucho Marx, hoje: “Eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio”, para exemplificar uma questão, e um aluno me perguntou quem era Groucho Marx.

Tia levantou a mão para recusar o vinho.

– Não, obrigada. Não estou com vontade.

– Aquela pergunta me fez sentir com cem anos de idade. Me diga a verdade. Você sabe quem foi Groucho Marx, não é? – Ele empurrou a taça na direção dela. – Pelo menos experimente. Acho que é o Merlot mais suave que você já tomou.

Quando ela recusou o vinho no almoço, ele não fez nenhum comentário. “Estou com vontade de tomar um refrigerante”, disse ela. Talvez pensasse que ela estava agindo como uma adolescente e houvesse achado aquilo bonitinho. Às vezes as coisas que ele achava bonitinhas a incomodavam.

– Aposte sua vida! – exclamou ela. – *Sopa de Ganso; Uma Noite na Ópera.*

– Obrigado. Voltei a acreditar nos jovens.

– Nossa diferença de idade não é tão grande assim. – Ela detestava quando ele mencionava isso. – Sou mais velha que os seus alunos.

– E mais inteligente.

– Isso mesmo, não se esqueça disso.

Quando ela contasse a novidade, o relacionamento deles mudaria para sempre. Não que fosse um relacionamento sustentável da maneira como era. Desde a primeira vez que dormiram juntos e ele disse “sou louco por você”, ela sempre quis mais. No começo, queria estar na cama com ele o tempo todo, e então queria que aquele anel no dedo dele tivesse o nome dela gravado. Quando sua paixão aumentou, ela quis que o vinco de suas calças tivesse sido feito por uma lavanderia que ela tivesse escolhido, ou que as suas camisas tivessem o cheiro do sabão em pó que ela havia comprado.

Tia o encarou.

– Estou grávida.

Ele ficou com a mão ainda erguida, com o vinho na borda da taça prestes a escorrer.

Tia alcançou a taça.

– Você vai derrubar o vinho. – Ela colocou a taça ao lado dele na mesinha lateral.

– Então foi por isso que você não bebeu no almoço – concluiu ele.

Ele soltou as palavras tão devagar que Tia ficou aterrorizada. Apesar de saber que ele não queria aquela gravidez, ela queria ver pelo menos um sorriso – aqueles de cinema, seguidos por um beijo. Ela colocou a mão na barriga que ainda não existia e sentiu a náusea voltando. Por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar em Juliette – onde ela estava, onde achava que o marido estava –, mas ele já havia deixado bem claro que aquele assunto não era permitido entre eles.

– Há quanto tempo você sabe disso? – perguntou ele.

– Descobri há alguns dias. Queria te contar pessoalmente.

Ele balançou a cabeça, terminou de beber o vinho e então se sentou. Entrelaçou os dedos e se inclinou até que os braços se encostaram em suas pernas. Olhou para ela, parecia sério, como o professor que era.

– Você vai cuidar disso, não é?

Tia afundou na poltrona em frente ao sofá.

– Cuidar disso?

– Claro, cuidar disso. – Ele fechou os olhos por um momento. Quando abriu, endireitou o corpo. – O que mais nós podemos fazer? O que mais faz sentido?

– Eu posso ter o bebê. – Ela não iria chorar. Se não conseguisse que nada mais desse certo naquele dia, pelo menos não choraria.

– Sozinha? Como aconteceu com a sua mãe? – Nathan passou a mão no queixo. – Você mais do que ninguém sabe como isso é difícil, não é, querida?

– Onde você vai estar? Você está planejando morrer? Desaparecer? – Por trás de toda aquela coragem que ostentava, Tia estava se sentindo bem pequena. Sabia onde Nathan estaria. Em sua bela casa, ao lado de Juliette, sua esposa. A esposa que ela já havia espionado. A esposa que parecia como o sol e o céu. A esposa cujo brilho havia cegado Tia.

– Vou pagar o que for preciso para você cuidar...

– Cuidar... cuidar... – repetiu Tia. – Cuidar do quê? – Ela queria forçá-lo a dizer a palavra “aborto”.

– Meus filhos são tão pequenos.

Tia agarrou o braço da poltrona. Desejou o vinho que não podia beber.

– Não consigo dar conta de duas famílias. Por favor. Pense no que isso significa – implorou ele.

A pele seca de seu polegar rachou quando ela torceu as mãos. A gravidez já a havia modificado, deixando sua pele ressecada, além de obrigá-la a ir ao banheiro várias vezes em apenas uma hora.

Nathan se aproximou e colocou os braços em volta dela.

– A gravidez faz as mulheres romantizarem as coisas. Você acha que depois de eu ver o bebê o amor paternal vai tomar conta de mim e eu vou mudar de ideia. Mas eu não vou. Não vou abandonar a minha família. Não deixei isso sempre bem claro para você?

Ah, meu Deus. Ele estava gritando.

A família dele.

Ela achou que agora faria parte da família dele.

Idiota, idiota, idiota.

Finalmente, ela conseguiu falar.

– Não posso fazer isso, Nathan. Não posso fazer o que você está pedindo.

Nathan se afastou.

– Sinto muito, mas não tem como ficarmos juntos, Tia. Por favor. Cuide disso. É o melhor para nós dois. De verdade.



Aos seis meses de gravidez, o desconforto passou a ser normal para Tia. Ela sempre fora muito magra, mas agora estava bem pesada. Colocou uma almofada nas costas para sentar-se no sofá, rodeada por cartas pedantes, fotos e dissertações de casais desesperados por seu bebê.

Tia havia se recusado a “cuidar disso” como Nathan quisera. As freiras de Saint Peter e a mãe de Tia também haviam feito um trabalho bom demais. Ela não conseguiu se livrar da gravidez por medo de ser assombrada por seu ato e não tinha coragem de ficar com a criança, então, aqui estava ela, aos seis meses de gestação, escolhendo uma mãe e um pai para o seu bebê.

Ao analisar os pais adotivos, deparava-se com escolhas impossíveis. Havia procurado entre centenas de cartas de homens e mulheres desesperados pelo bebê que crescia dentro dela. Mães e pais apareciam na sua frente rapidamente. Todos prometiam amor, quintais do tamanho de Minnesota e escolas de primeira linha.

Depois de tomar três xícaras de chá de hortelã, sentindo falta do café a cada gole, ela se limitou a escolher entre os três casais que mais lhe agradaram. Examinou as fotos e declarações e então as organizou como se fossem cartas de tarô. Depois, com medo de continuar encarando essa tarefa que apressava sua decisão, escolheu um homem e uma mulher que achou que seriam bons pais. Balançou as fotos dos dois em sua barriga e então mexeu nelas como se fossem bonecos de papel, encenando o que eles haviam dito durante a conversa que tiveram ao telefone, quando os dois pareciam estar bem certos do que faziam, além de serem bastante inteligentes e unidos.

– Alô, Tia – brincou ela com a boneca de papel, fazendo a voz de Caroline. – Eu quero o seu bebê. Sou patologista e faço pesquisas sobre câncer infantil. Meu marido tem uma família bem grande, e ele sempre gostou de crianças.

– E eu também sou conselheiro no acampamento de Paul Newman. Qual é o nome? Você sabe. Aquele de crianças com câncer? – O boneco de papel de Peter colocou a mão delicadamente no braço da boneca de papel de Caroline.

“O Bando do Buraco na Parede”<sup>[1]</sup>. A boneca de Caroline abaixou a cabeça para não parecer prepotente.



Um mês depois, quando Caroline e Peter souberam que era uma menina, disseram a Tia que dariam a ela o nome de Savannah. Um nome idiota. Tia chamava o bebê que estava dentro dela de Honor, o nome do meio de sua mãe – também um nome idiota, mas não seria usado fora do útero e, além disso, idiota ou não, certamente era melhor do que Savannah. Por que não chamá-la de Britney e pronto? Se não estivesse tão ocupada cuidando de sua mãe doente,



escolheria novos pais para sua filha.

Tia tropeçou enquanto pensava na sua escolha e esbarrou em um carrinho de comida que estava no corredor do hospital, que agora se tornara a casa de sua mãe. A distração era sua nova companheira. A distração, a necessidade constante de urinar e uma vida de reclusão. Tinha ido do ponto de existir apenas para esperar as visitas de Nathan para o ponto de carregar uma lembrança implacável dele. Cada vez que acariciava a barriga, sentia como se estivesse fazendo carinho nele. Por mais que tentasse, não conseguia transformar a tristeza em ódio.

Sua mãe era a única pessoa com quem se relacionava. Todos os seus amigos – com exceção de Robin, que morava na Califórnia, longe demais para visitar – pensavam que ela houvesse se mudado para o Arizona por um ano para fazer um mestrado em gerontologia, graças ao seu trabalho com os idosos. Na verdade, ela havia se mudado para Jamaica Plain, um bairro totalmente diferente do Southie.

Ao contrário de seu antigo bairro, onde ela via pessoas conhecidas em todas as ruas, Jamaica Plain era sempre uma agitação. Uma mistura de etnias, classes, culturas e idades. Sua única conhecida era a bibliotecária, para quem ela balançava a cabeça ao cumprimentá-la e perguntava como estava. JP era um lugar fácil para viver no anonimato.

Escolheu um lugar onde ninguém sabia nem mesmo seu nome. Ser motivo de fofocas ou de piedade não estava em seus planos. As economias da mãe sustentavam as duas. Tia quase não saía de casa. A vida havia se transformado basicamente em ler romances, assistir TV e cuidar da mãe, que fora morar com ela até que a dor que sentia não permitiu mais que fosse cuidada em casa.

Entrou no quarto da mãe com passos de anjo. Era assim que a mãe falava quando Tia era criança e tentava entrar na cozinha para roubar biscoitos. “Querida, as mães conseguem ouvir os seus filhos mesmo quando eles andam com passos de anjo.”

Embora Tia fingisse o contrário, sua mãe estava morrendo enquanto seu bebê crescia.

– Mãe? – sussurrou ela.

O quarto continuou em silêncio. Tia cravou as unhas nas palmas de suas mãos e se inclinou sobre a cama. Ficou observando até perceber um leve subir e descer no peito dela. Sua mãe tinha apenas quarenta e cinco anos. O câncer no fígado havia acabado com ela em meses, embora Tia suspeitasse que a mãe escondia a verdade por algum tempo.

Estava internada havia vinte e três dias. Talvez, quanto mais jovem for a pessoa ao adoecer, mais tempo ela possa aguentar, ou talvez vinte e três dias seja a média, o normal – seja lá como se chama o período de tempo que a pessoa fica no hospital até morrer. Ela não tentaria descobrir. Talvez, se tivesse uma irmã ou irmão para ajudá-la, ela perguntasse, mas sempre foram apenas as duas, Tia e a mãe.

Morrer podia ser um processo bastante longo, e aquilo a surpreendia. Era de imaginar que seu trabalho com idosos a tivesse ensinado mais sobre a morte, mas ela trabalhava com a recreação dos idosos, não com aconselhamento. Jogos com palavras eram sua especialidade. Em seu trabalho, se um paciente não aparecia para jogar, ela logo ficava sabendo que ele havia morrido.

Uma pessoa não via a outra morrer.

Perder a mãe parecia algo impossível, como se alguém estivesse cortando a corda que a segurava na Terra. Ela ficaria totalmente perdida. Não tinha nenhum parente: nem tios, nem primos. Sua mãe desempenhava todos esses papéis.

Acomodou-se na cadeira ao lado da cama da mãe. Perguntava-se por que o hospital não dispunha de cadeiras confortáveis onde uma mulher grávida pudesse se sentar sem sentir dores, já que enfatizavam tanto a importância do conforto. Pegou, então, um livro na bolsa. Era um livro de mistério tão simples que, mesmo que absorvesse apenas um quarto do que havia lido, ainda assim conseguiria entender a história. O exemplar de Jane Eyre de sua mãe, repleto de finais felizes mágicos, estava em sua mala, mas ela o estava guardando para ler em voz alta para a mãe após o jantar.

A mãe abriu os olhos.

– Está aí há muito tempo, querida? – Ela esticou a mão para Tia. – Cansada?

Tia passou a mão na barriga.

– Sempre.

– Você não precisa vir aqui todas as noites, sabe disso, não é?

A mãe lhe dizia isso todos os dias. Era a maneira que ela tinha de dizer “Estou preocupada com você.”

– O cansaço não é um problema.

– É, sim, quando se está grávida.

– Quando se está grávida, se está grávida. Lembra? – perguntou Tia. – Foi assim com você também? Deixei você maluca mesmo antes de nascer?

A mãe se sentou com dificuldade. Tia ofereceu a mão para ajudá-la e então colocou travesseiros em suas costas. Sua pele, que costumava ser tão bonita – uma pele irlandesa pálida, que queimava com a mais leve exposição ao sol; era assim que sua mãe a descrevia –, agora era amarela em contraste com os lençóis.

– Eu me lembro de tudo da minha gravidez – disse a mãe. – Será que você vai conseguir esquecer?

– Mãe, por favor, não faça isso – pediu Tia.

– Preciso fazer isso, querida. – A mãe pegou os óculos na bandeja de metal que ficava grudada na cama. Depois de ajustá-los no rosto, pareceu mais saudável. Óculos, joias e outros acessórios pareciam totens contra a morte. Tia sempre comprava bugigangas brilhantes para animar a mãe. As contas azuis que compunham a pulseira de prata faziam barulho nos seus pulsos. “Elas combinam com seus olhos”, Tia comentou ao entregá-la à mãe na semana anterior.

– Você não quer um pouco de água gelada? – perguntou Tia.

– Não fuja do assunto. Ouça o que eu digo. Você precisa perceber o quanto ficará triste se seguir em frente com isso.

*Isso* era a palavra que a mãe usava para descrever o plano de Tia de dar o seu bebê para adoção.

– Eu seria uma péssima mãe!

– Você acha isso agora. Espere até segurar o bebê no colo.

Cada tentativa que a mãe fazia para evitar a adoção a deixava ainda pior. Cada motivo que Tia dava parecia menos convincente do que o anterior.

“Serei uma péssima mãe.”

“Não tenho dinheiro o suficiente.”

“Tenho vergonha por não saber quem é o pai da criança.”

Em vez de contar a verdade à mãe, ela fingiu ser uma mulher que dormia com vários rapazes ao mesmo tempo e, por isso, não sabia a identidade do pai de seu bebê. Aquela mentira horrorosa era melhor do que a verdade. Não podia contar para a mãe que tinha dormido com um homem casado – e que havia tentado roubá-lo da mulher.

Tudo o que ela dizia parecia ridículo. Talvez acabasse sendo mesmo uma péssima mãe: não tinha dinheiro, e seu segundo nome devia ser imaturidade, mas, se isso já fosse suficiente para abrir mão de um bebê, então, o mundo estaria cheio de órfãos.

Tia acariciou a barriga. Querido bebê, desculpe.

Ela havia crescido assombrada pelo desaparecimento do pai. Ao deixar escapar alguma coisa, a mãe revelara que ele havia escolhido viver com outra mulher. Havia decidido levar uma vida com mais diversão e bebida, coisas que a mãe puritana de Tia não aceitava muito bem. Para sua mãe, pior que dormir com um homem casado só o aborto.

Sem contar a verdade, Tia não tinha como dar nenhum outro motivo que fizesse sentido. Como poderia admitir que estava abrindo mão de uma criança cuja existência a lembraria de um homem que amava, mas com quem nunca poderia ficar? Como poderia Tia dizer isso a sua mãe se ela mesma não sabia se estava sendo a pessoa mais egoísta do mundo ou a mais altruísta?

– O bebê terá uma vida muito melhor do que eu vou conseguir dar a ele – disse Tia. – Sério, mãe. Você viu a carta deles, as fotos. O bebê vai ter bons pais!

Os olhos de sua mãe se encheram de lágrimas; ela nunca chorava. Não chorou quando Tia quebrou a perna e teve fratura exposta. Não chorou quando descobriu que estava com câncer. E não chorou quando o pai de Tia foi embora – pelo menos não na frente dela.

– Desculpe. – A mãe piscou e as lágrimas desapareceram.

– Desculpe? Meu Deus, você não fez nada errado!

A mãe dobrou os braços e segurou os cotovelos.

– Devo ter feito algo errado, sim, para você pensar que o seu bebê ficará melhor sem você. Você acha que a vida que tem hoje é a melhor que pode ter? Você não vê o futuro à sua frente?

Tia se encolheu como se fosse uma criança envergonhada, sofrendo ao imaginar que a mãe poderia morrer pensando que havia falhado em sua educação.

– Mãe, não é isso.

– Então, o que é?

– Só acho que esse não é o meu destino. – Tia colocou as duas mãos na barriga. Cada mentira que contava parecia afastar mais ainda sua mãe, justamente agora que elas precisavam estar mais próximas do que nunca. – Acho que ele não merece ficar comigo.

– Por favor, não decida nada ainda. Algo a está atormentando, e eu sei que não é o que você está me falando. Tudo bem. Mas, acredite em mim, se escolher sofrer em vez de ficar com o seu bebê, você nunca irá se recuperar.

## CAPÍTULO 2

### *Juliette*

Normalmente Juliette ouvia música enquanto trabalhava, mas não naquele dia. Estava trabalhando no horário que destinava à família, no domingo – e num domingo bem ensolarado –, enquanto os meninos assistiam televisão no andar de baixo. O silêncio permitia ouvir o barulho das crianças.

A culpa era sua companheira, embora Nathan e ela tenham dedicado cada segundo da manhã e do início da tarde aos garotos. Eles haviam feito uma pequena caminhada na Beaver Brook Reservation, depois fizeram um piquenique na hora do almoço, preparado por Juliette; para completar, a sobremesa foi cereal de arroz com marshmallow, que ela havia preparado às seis da manhã. Por fim, jogaram uma hora de softball. Depois, Nathan saiu para passar a tarde corrigindo provas e ela subiu para trabalhar por algumas horas.

Não é que eles não estivessem passando o tempo juntos. Na noite seguinte iriam a Boston para assistir à queima de fogos. Ainda assim, ela se preocupava. A luz brilhante entrava pelas janelas, e seus meninos estavam na sala sentados em frente à TV.

Juliette esperava que seus filhos apreciassem todas as mulheres sem rugas no rosto que encontrassem pelas ruas, sabendo que sua mãe havia trocado o cérebro, a saúde e a segurança delas por sêrum para estrias.

*Sêrum para estrias!*

*Sêrum para rugas!*

*Estrias.*

*Rugas.*

*Estrias.*

*Rugas.*

As estrias se revelaram um problema mais fácil de ser resolvido do que as rugas. Talvez porque estivessem mais relacionadas ao envelhecimento mental do que à idade.

Talvez ela pudesse chamar de s erum mental, certo?

Claro. Ela imaginou sua sócia Gwynne vaiando quando Juliette compartilhasse a ideia na próxima reunião que tivessem. Juliette e Gwynne haviam se conhecido nas aulas de nata o para beb es, e se sentiram atraídas pelo fato de dividirem um tédio mútuo com as minúcias da maternidade, além de terem uma tendência a exagerar na cria o dos filhos. Gostaram uma da outra com um olhar ir nico, aquele que melhores amigas trocam às vezes, reconhecendo o parentesco de infâncias solitárias.

Juliette estava atenta esperando uma tragédia. Quando trabalhava, preocupava-se com Max e Lucas. Quando se dedicava a eles, preocupava-se com os negócios. Nathan tentara resolver o problema dizendo a ela para r-e-l-a-x-a-r. “Concentre-se no que você está fazendo”, disse ele, como se ela conseguisse parar de se preocupar. Talvez um gene masculino semelhante ao da calvície permitisse que Nathan conseguisse trabalhar e estar no trabalho. Ele não conseguia imaginar a vida de outra maneira.

Juliette sabia que Nathan queria ajudar. Ele tentava resolver todos os problemas dessa natureza, sempre havia tentado. Cuidar das pessoas era gratificante, tanto que ela percebia a decep o dele por ela pedir tão pouca ajuda com o trabalho, mas como ele poderia ajudar em um negócio para melhorar a pele das mulheres? Nathan dava aulas de sociologia na Brandeis University e pesquisava a situa o dos idosos, mas, ela tinha certeza, não pensava nas rugas e estrias dos seus objetos de estudo.

Este era o ano em que seu negócio iria se equilibrar. Ela sabia disso. Anos de investimento no trabalho – mesmo que ela fingisse que sua preocupa o com cosméticos e cuidados da pele não fosse muito mais do que um hobby –, manipular po oes até as três da madrugada e então preparar o café da manhã de todos às sete, valeria a pena.

As crianças vinham em primeiro lugar. O horário de Nathan, em segundo. E então vinha cozinhar, limpar a casa, aniversários, Halloween, Páscoa, Chanucá e Natal – sustentando sua família. Era assim que ela pensava. Juliette adorava o seu trabalho, mas lutava para esconder sua obsessão, pois sempre se sentia um pouco envergonhada por ter tanta paixão pelos negócios.

Criar produtos orgânicos para cuidados com a pele e maquiagem não podia ser comparado a salvar vidas. juliette&gwynne era um negócio inusitado, criado com base nos temores femininos, embora Gwynne e ela sempre houvessem trabalhado de maneira clara e honesta. Não prometiam cremes milagrosos para

eliminar rugas e estrias, apenas asseguravam que seus produtos continham o melhor que a natureza podia oferecer. Elas não vendiam a ideia de rostos congelados no tempo, mas de rostos e corpos graciosos. Nada deixava Juliette mais deprimida do que ver mulheres mais velhas com o rosto deformado, deixando claro que um produto qualquer havia sido usado.

Juliette e Gwynne tinha um futuro, Gwynne e ela sempre diziam isso uma para a outra, e até faziam listas das maneiras como podiam ajudar as mulheres:

- *Comprar manteiga de carité (apenas Classe A) de mulheres que fazem trabalho comunitário em Gana.*
- *Embalagens feitas por mulheres que fazem trabalho comunitário em Appalachia.*
- *Doar produtos para um abrigo de mulheres que sofreram agressões.*

Na semana anterior, Gwynne tomou um longo gole de cerveja quando acrescentaram o último item, e então disse: “Estamos mesmo tentando nos satisfazer com isso? Fornecer creme hidratante e batom para mulheres que sofreram agressões? Pelo amor de Deus, Jules, será que elas não preferiam receber uma doação em dinheiro?”

“Eu sei, eu sei.” Juliette se inclinara para trás na cadeira de couro que fora doada pelo escritório de advocacia do marido de Gwynne. Dois quartos da casa de Juliette em Waltham, que estava caindo aos pedaços, serviam de escritório para Juliette e Gwynne//o frescor da beleza. “Quando estivermos ganhando bastante dinheiro poderemos desperdiçar.”

Talvez um dia elas ficassem ricas. Ela nunca contara a ninguém, nem mesmo a Nathan, o quanto desejava ter dinheiro. Isso fazia com que se parecesse com a mãe. Juliette amava coisas. Roupas bem-feitas. Porcelana fina. Edredons grossos.

Tudo isso e crianças felizes e saudáveis.

Em primeiro lugar, sempre em primeiro lugar, por favor, crianças felizes e saudáveis.

Em reação à sua própria infância, Juliette tinha cautela em não demonstrar orgulho. A devoção de sua mãe ao brilho da pele de uma pessoa e ao caimento de uma roupa fez Juliette representar o papel de uma pessoa sem narcisismo. Na verdade, era o contrário. Ela não tinha a autoconfiança de sua mãe, e uma parte vergonhosa de sua cabeça preocupava-se com a aparência.



Pelo menos no caso de Juliette & Gwynne, seu vício secreto tinha algum valor. O negócio havia surgido por causa da vaidade de Juliette. Depois de abrir mão de sua coluna “Looks” na *Boston Magazine* para ficar em casa com Lucas, e então com Max, tornou-se impossível sustentar sua dependência por produtos caros. O salário de professor de Nathan só era suficiente para o básico. Ela experimentou, em casa, misturar hidratantes com vários ingredientes, de incenso a camomila, e inventou esfoliantes corporais feitos de açúcar, aveia e até mesmo grãos de café.

– Mamãe! – Max, cinco anos de idade, entrou voando e pulou no sofá surrado, bagunçando os papéis e as amostras de produtos. – Estou com fome! – Ele se aninhou perto de Juliette.

Lucas apareceu à porta.

– Eu disse para você ficar no quarto de brinquedos. – E pegou o irmão pela gola da camisa. – Vamos lá. Eu pego uma barrinha de granola para você.

Receber dinheiro para tomar conta do irmão realmente motivava o filho mais velho, mas sua atenção com o trabalho impressionou Juliette, mesmo temendo que com seu zelo ele acabasse desprendendo a cabeça de Max do corpo. Ela retirou a mão de Lucas da camisa de Max e sorriu.

– Tudo bem. Vamos descer. O papai vai chegar logo. Vocês podem desenhar na mesa enquanto eu preparo o jantar.

Juliette pegou as cebolas, os cogumelos, as cenouras e a couve-flor que já havia cortado às sete da manhã, enquanto Nathan e as crianças dormiam, com a intenção de fazer uma sopa para o jantar. Com frango. Retirou os potes de plástico e os colocou na ordem que os usaria antes de acrescentar o frango.

Então, cortou o peito de frango, deixando apenas pele suficiente para engrossar a sopa, sem correr o risco de sobrecarregar o coração de Nathan.

Ele havia conquistado seu coração logo na primeira vez que se encontraram, quando Nathan mudou-se do Brooklyn para Hudson Valley, em Nova York, onde Juliette crescera. Ele havia se mudado para trabalhar em seu primeiro emprego, no departamento de Sociologia da Bard College. O pai dela era o chefe do departamento de Ciência Política.

Eles se conheceram na festa anual que seus pais ofereciam em Rhinebeck, uma cidade de Hudson Valley que atraía nova-iorquinos. Homens usando colônia musk disputavam com os aromas fortes de Chanel e Joy. As mulheres ou

brilhavam ou usavam um vestido romântico de veludo empoeirado. Os maridos usavam ternos ou blusas estampadas. Juliette chamava a atenção em seu vestido safira na altura do joelho.

Nathan caminhou em sua direção enquanto ela observava a mãe atarefada na sala. Na gravata dele, que de longe parecia uma mistura de tons de azul, havia estrelas de Davi bordadas no tecido.

Ela estendeu a mão e fez o traçado de uma delas.

– Exibição?

– Um presente dos meus pais pelo Chanucá.

– Eles estão marcando você?

– Estou longe demais do Brooklyn. É para espantar as *shiksas* que usam pequenos crucifixos de ouro. Você sabe, as mulheres não judias...

Juliette colocou a mão na garganta em um reflexo estranho.

– Sorte a minha. Sou apenas meio... *shiksa*, é isso.

Ele levantou o braço na direção da árvore iluminada de seus pais. Guirlandas com laços vermelhos e flocos de neve se entrelaçavam ao enfeite verde da escada, visível de onde eles estavam. Ele tocou uma mecha loira que emoldurava seu rosto.

– Onde a sua família esconde a outra metade?

Juliette pegou sua mão.

– Venha. Vou te mostrar.

Ela o levou para a biblioteca silenciosa, felizmente sem enfeite algum.

– Está vendo? – Ela apontou para a lareira, onde um menorá de vidro azul-cobalto estava colocado entre dreidels que combinavam com ele.

– Não acredito que você já brincou com eles.

Juliette tocou cuidadosamente o vidro.

– Não.

Quando criança, ela raramente brincava com qualquer coisa que não estivesse em seu quarto. Juliette competia com a casa, que era cuidada como se fosse um objeto sagrado, pela atenção dos pais, e para a garota a casa sempre ganhava. Os pais de Juliette pareciam achar que a casa os representava mais do que a filha. Por que ela era tão negligenciada enquanto todo canto da casa recebia mais atenção do que ela?

– Você mora aqui com seus pais? – perguntou ele.

– Não, estou em casa só por causa das férias da faculdade.

– Você não gosta de Rhinebeck?

– Não há muito o que fazer por aqui. – O cabelo dele era grosso e liso. E bem escuro.

Ela dormiu com ele naquela noite.

– Você está apaixonada – disse-lhe a mãe no dia seguinte, quando Juliette voltou do apartamento de Nathan.

Apassionada! Sua mãe havia encontrado a palavra perfeita. A noite com ele havia sido explosiva, antes de passar para a suavidade. Ela se envolvera e ele também, os dois mal conseguiram se separar naquela tarde. No momento em que Nathan a deixou em casa, ela já sentia vontade de estar com ele de novo.

Juliette arrumou seu vestido.

– Você está certa.

A mãe removeu fiapos da bainha do vestido da filha.

– Não deixe que ele perceba, pelo menos por enquanto.

Enquanto colocava azeite na panela, Juliette pensou em como aquelas palavras eram tristes. Como seria possível esconder o amor? Será que a mãe ainda fazia isso, mesmo depois de quarenta anos de casamento? Seus pais eram ligados de tal forma que ela os invejava e detestava ao mesmo tempo, mas se recusava a acreditar que aquele relacionamento houvesse sido construído com truques e artimanhas. Seus pais se amavam muito e tão abertamente – exceto o pai, que amava um pouquinho mais, exatamente como a mãe desejava. Construir um casamento sólido tinha uma enorme importância para a mãe dela, e Juliette parecia ser a pessoa que se colocava no meio do casal. Durante toda a vida, ela ficou de lado para não se intrometer no amor dos pais.



O azeite começou a fazer barulho na panela. Ela jogou a cebola. Nathan entrou na cozinha. Juliette deu um sorriso largo, como sempre fazia quando ele aparecia. Ainda o amava demais. Talvez ainda mais. Ter filhos parecia ser a coisa mais sexy que se poderia fazer com outra pessoa.

Eles se beijaram. Ele acariciou de leve as costas dela. Colocou os dedos em seus ombros de uma maneira que todos aqueles anos de casamento lhe permitiam saber que aquilo não era um bom sinal. Algo o preocupava.

– Onde estão os garotos? – Nathan perguntou.

– Estão fazendo arte na sala de jantar. – Ela colocou o alho e os cogumelos na panela quando a cebola dourava. – Acho que ouvi Lucas escapar para assistir TV, mas estou sendo uma péssima mãe e fingindo que nada está acontecendo até terminar o jantar. Agora que você chegou em casa, fique à vontade para castigá-lo.

Depois de secar as mãos na toalha que estava presa no cós de sua roupa, ela se virou e o abraçou. A rigidez de seus músculos a assustou.

– Qual é o problema? – Ela se afastou para poder olhar em seu rosto. Seus olhos escondiam emoções que ela não conseguia decifrar, mas conseguia perceber o medo. – Alguma coisa com seus pais? O seu pai está bem? – Será que o pai dele havia sofrido outro ataque cardíaco? Ou algo pior?

Nathan sacudiu a cabeça.

– Trabalho? Aconteceu alguma coisa?

– Não. – Nathan respirou fundo.

– O que foi, então? Você está com um cara horrível. Está doente?

Ele foi até o armário e pegou uma garrafa de conhaque. Nathan, que nunca bebia quando chegava em casa, colocou duas doses no copo.

Juliette abaixou a longa colher de pau. Os pais dela? O pai dela? Será que sua mãe havia ligado para Nathan para que ele lhe desse uma notícia terrível? Ela começou a sentir um frio na barriga. Ele se jogou na cadeira da cozinha. Ela se sentou de frente para ele, tão perto que seus joelhos se tocavam.

Quando pegou suas mãos, percebeu que estavam frias. Ela trouxe uma mão dele até seu rosto e a passou em sua pele quente.

– Querido, qual é o problema?

Nathan abaixou o rosto; suas mãos cobriam as mãos dela. Seus ombros tremeram e ele começou a chorar. Juliette ficou paralisada.

– Me diga, por favor!

– Eu tive um caso, Jules. Ah, meu Deus, eu sinto muito.

## CAPÍTULO 3

### *Caroline*

Depois de cinco anos de casados, Peter ainda fazia amor com Caroline como se achasse que sua vida fosse um sonho. Ser o objeto de desejo dele sempre a ajudou a despertar o seu próprio. Enquanto praticava exercícios, Caroline pensava nos problemas do trabalho e anotava suas ideias em caderninhos que guardava nos bolsos. No trem, a caminho do trabalho, ela se atualizava lendo revistas médicas; no carro, a caminho da casa de seus pais, ouvia audiolivros. Apenas quando estava com o marido é que se lembrava de seu corpo. Era o único momento em que parava de pensar e passava a viver apenas dentro de seu corpo.

Peter a achava bonita, sensual, e fazia com que ela acreditasse nisso, mesmo que fosse apenas nos momentos em que se deitava ao lado dele. Ela não se iludia. Grande parte de sua crença era: “O que tiver que ser será”. Caroline sabia que estava em boa forma. Antes de conhecer Peter, havia se relacionado apenas com homens que tinham o mesmo ritmo que o dela. Homens que gostavam de músicas calmas, danças tranquilas. Peter destravou sua paixão.

– Ah, qual é? Você é incrível! – declarou Peter quando ela não acreditou em seus elogios. Enquanto seus olhos sérios de médica viam um cabelo cor de trigo que não podia ser chamado de loiro, um rosto nada marcante e um corpo reto como uma tábua, Peter dizia que ela era graciosa e pura, e então insistia em repetir como aquelas qualidades mexiam com ele. Ela sabia que o que o deixava excitado era o fato de ela ser diferente de todas as mulheres que ele havia conhecido. Ela era a mulher inacessível de classe alta – assim como a paixão desenfreada dele, tão diferente dos meninos que ela havia conhecido, causava a mesma emoção nela.

Depois, eles iam para o quarto, como faziam todos os domingos. Xícaras de café, pratos com farelo e cascas de laranja bagunçavam os criados-mudos.

– Ouça isso, Carol. – Peter pigarreou e, usando sua voz de palestrante, aquela que usava nas reuniões com investidores, leu em voz alta o que via em seu computador: – Está previsto um grande crescimento econômico nas próximas duas décadas. As empresas estão investindo em novas instalações e equipamentos e recontratando antigos funcionários. A maioria dos economistas

acredita que 2004 será um ano excelente e que isso é uma previsão para os próximos anos.

– Hummm... – murmurou Caroline, sem entender muito bem aquelas palavras. Peter entendia os conceitos financeiros de imediato, enquanto ela achava as análises econômicas tão sem sentido que se desintegravam no caminho entre seus ouvidos e o cérebro. – Notícia da internet? – Ela puxou o cobertor.

– Sim, mas é um site de economia confiável. Você sabe o que isso significa?

– Na verdade, além do que os fatos representam, não faço a menor ideia. Mas tenho certeza de que você sabe. – Caroline sorriu, esperando que Peter despejasse suas teorias. Ele sempre compartilhava seus pensamentos. Costumava pensar em voz alta, enquanto ela deixava as ideias amadurecerem por dias, semanas ou até por mais tempo antes de trazê-las à tona.

– Significa que os caras vão investir como loucos – disse Peter. – Vão pensar que estão nadando em rios de dinheiro. Você sabe o que isso significa?

Ela encostou a cabeça no ombro dele. Tinham quase a mesma altura.

– Não. – Ele fazia as contas, ela mantinha a casa em ordem. Ter interesses distintos livrava cada um deles das partes chatas e desconcertantes da vida. – Você quer assistir à queima de fogos amanhã à noite?

– Quero, e não mude de assunto. Escute, estamos no momento perfeito. As pessoas ingênuas, a maioria das pessoas do mundo, acreditarão, mais uma vez, que a tendência de alta das ações e dos imóveis vai durar para sempre... a lenda que leva o mercado à insanidade.

– Ah. Interessante. O povo em sintonia. – Ela pegou o exemplar de *Pediatric Blood & Cancer*.

Peter empurrou a revista para baixo.

– Carol, não estou apenas fazendo um comentário. Isso pode ser importante para nós.

Como aluna obediente que sempre fora, Caroline colocou a revista no colo e se virou para o marido.

– Tudo bem. Estou ouvindo.

– Se fizermos tudo direitinho, teremos uma boa oportunidade.

Ela balançou a cabeça como se tivesse alguma parte nisso, quando, na verdade, “nós” significava Peter, que mexia com o dinheiro. Guardar bastante dinheiro o animava muito por causa da segurança e do poder que aquilo representava.

– Quando abrirmos o capital da empresa no ano que vem, aposto que nossas ações vão subir. Todos querem...

Ela desviou um pouco a atenção, sabendo o que iria ouvir: Sound & Sight Software, a empresa de Peter, forneceria plataforma para X e integraria Y etc. etc.

Ela balançou a cabeça e pegou a xícara de café, tentando ler a revista médica que estava em seu colo.

– E é por isso que devemos começar a procurar um bebê agora – disse Peter. – Você entende o que estou falando?

Agora Caroline olhou para cima. E agarrou a xícara.

– O quê?

Peter colocou a mão com firmeza em seu joelho.

– Você estava me ouvindo?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não com atenção o suficiente – disse ela. – Fale de novo. A parte sobre o bebê, não sobre o dinheiro.

– Mas eles estão bastante relacionados, querida. Veja, logo terei que focar nos negócios de uma maneira diferente. Eu sinto isso. Este é o momento de nos concentrarmos em procurar o nosso bebê. Antes que o trabalho exija demais, antes que tudo dê errado e eu seja o único a pegar todo o trabalho dos caras que se perderam no meio dos destroços.

Peter amava sua carreira tanto quanto ela. Ambos se envolviam muito com o trabalho, que consideravam sua vida. Porém, para Peter, a vida incluía uma família – de preferência uma grande família. Ele seria um pai espetacular. Caroline não conseguia imaginar um homem melhor para aquela função, mas ela não se sentia atraída pela maternidade. Aquele entusiasmo em cuidar vinte e



quatro horas por dia de uma criança não fazia parte dela.

A paixão da própria mãe por Caroline e suas irmãs sempre foi evidente. Caroline não queria oferecer nada menos para seus filhos, mas não tinha instinto para o sacrifício. Quando chegava em casa, não queria que ninguém a obrigasse a deixar suas leituras de lado ou interrompesse seus estudos.

Ser mãe a aterrorizava tanto que ela mal conseguiu esconder seu alívio quando não engravidou, e depois descobriu que o problema era o esperma de Peter.

Mas, então, Peter, no seu estilo característico de “Tudo bem, como eu faço para resolver esse problema?”, começou a pesquisar sobre adoção. Ela havia deixado toda a pesquisa e a decisão para ele, uma postura que ele sempre aceitara. Peter gostava de estar no comando. Por isso ele procurou pela adoção aberta, achando que seria mais seguro. Queria ver a mãe com seus próprios olhos, e não queria deixar as decisões sobre a vida de uma pessoa nas mãos de assistentes sociais desconhecidos. “É melhor conhecer o inimigo”, disse na época.

Peter pesquisava enquanto Caroline fazia algo totalmente contrário: ela negava. E agora, mais uma vez, a verdade de todos os assuntos voltava a confrontá-la: o que tinha que ser seria.

– Agora? – perguntou ela. – Agora mesmo?

Ele endireitou o corpo e cruzou as pernas, empurrando o cobertor.

– Não é que eu esteja falando *é agora ou nunca*, mas agora é a melhor hora.

– Não sei. Estou tão ocupada no trabalho e...

– Querida, sempre teremos um motivo para dizer “agora não”. Sempre estaremos ocupados. Mas podemos arrumar tempo, e arrumaremos espaço. – Ele olhou para o quarto apertado. – Mas vamos precisar de mais espaço. E também podemos arrumar tudo de uma vez, não é? Procurar o bairro ideal, as escolas ideais. Encontrar a casa certa. Meu palpite? O preço dos imóveis também vai começar a cair logo.

Caroline – a garota calma, que ficava sempre bem em uma situação de emergência, difícil de ser perturbada – sentiu como se fosse ter um ataque de ansiedade se ele dissesse mais uma palavra.

– Não! – exclamou ela.

– Não?

– Adoro o nosso apartamento. Adoro o nosso bairro.

– Precisamos encontrar um lugar com ótimas escolas.

– Podemos procurar escolas particulares – insistiu Caroline. – Como você disse, teremos dinheiro. Não vou ficar bem morando longe da cidade.

– Isso é só o medo rodeando. Sei o quanto você detesta transição, mas, de verdade, você será uma excelente mãe onde quer que estejamos.

Não, ela não seria.

– Você é perfeita. Calma e amorosa. Inteligente. Tem sempre o pé no chão. Adoro isso em você. – Ele acariciou seu braço.

– Pé no chão? Que romântico.

– E engraçada. Eu falei engraçada?

Ela conseguiu dar um sorriso.

– Ninguém nunca me descreveu como engraçada.

– Oops, eu quis dizer que *eu* sou engraçado. É que você foi esperta em se casar comigo.

Ela havia sido esperta em se casar com ele. Ele a iluminava, a mimava, fazia com que ela fosse uma pessoa melhor – mais consciente do mundo além de suas fronteiras. Mas ela não queria mudar nada. Sua vida. Ela amava a maneira como era a sua vida. Um bebê iria estragar tudo.

## PARTE 2

*Depois*

## CAPÍTULO 4

### Tia

– Se você abrir mão do seu bebê, também pode abrir mão das suas pernas, pois vai se sentir uma aleijada.

Tia se lembrou das palavras da mãe enquanto observava o rosto da filha, capturado nas fotografias espalhadas pela mesa da cozinha. No momento em que dissera aquilo, sua mãe parecera cruel, mas agora Tia reconhecia a tentativa desesperada de fazê-la mudar de ideia pela última vez antes de morrer.

Tia ignorou o *Boston Globe* de domingo enquanto examinava as fotos. Todo ano, na época do aniversário da filha, em março, Tia recebia um bilhete cordial e cinco fotos, enviados por Caroline Fitzgerald. Ela analisou a filha, Honor, agora com cinco anos de idade: pernas cruzadas em cima de um edredom rosa; usando um vestido de veludo vermelho; pernas robustas empurrando um balanço; segurando uma boneca; cavando um grande buraco na areia da praia. As fotos haviam ficado em cima da mesa desde que chegaram com a correspondência do dia anterior. Tia voltava o tempo todo para memorizar as imagens. O desejo de ver a filha aumentava todo mês de março, quando coincidiam as datas do aniversário de Honor, da chegada das fotos e do aniversário de morte de sua mãe.

As fantasias de Tia sobre a maternidade não eram tão grande coisa assim. Ela ansiava pelo conforto físico e mundano da maternidade; tarefas maternas como colocar o leite no copo e fazer tranças no cabelo da filha haviam se tornado seu sonho. Parecia impossível que a filha não pudesse sentir seu amor apenas pelo celular. Tia imaginava que, quando pensava com carinho em sua menina, o amor emanava dela e chegava até Honor.

Ela mordeu o lábio inferior ao levantar a foto de Honor segurando uma boneca, procurando alguma semelhança entre Nathan e ela na imagem. O cabelo volumoso e brilhante da menina a fazia se lembrar de Nathan. Assim como ele, Honor tinha ossos fortes que a deixavam atraente. Apenas o olhar intenso da criança revelava alguma semelhança com Tia. Ela aproximou a imagem dos olhos, mas não conseguia ler a expressão de Honor.

Às vezes, rezava para não sentir aquela necessidade por Honor, mas

frequentemente cultivava aquela dor imensa. A saudade era sua conexão com a filha, e ela não podia se forçar a deixar isso desaparecer.

Tia derrubou um pouquinho de uísque em seu café matinal e, então, como uma homenagem ao seu triste destino e a Nathan, passou cream cheese de salmão em um bagel. Nathan havia apresentado a Tia o salmão defumado, comida ítalo-irlandesa. Ele jurou que os bagels de Boston eram uma farsa se comparados àqueles de Nova York, mas ela nunca havia experimentado outro tipo de bagel.

Nathan também havia apresentado a ela o amor não correspondido. Alguns homens machucam seu coração, mas, quando eles vão embora, o dano é remediado. Nathan havia despedaçado seu coração, e Tia temia passar o resto da vida procurando pelos pedaços perdidos. Ela nunca estaria livre dele. Se houvesse uma vacina, ela tomaria imediatamente.

Segurando seu bagel longe da mesa para que os farelos não caíssem nas fotos, Tia observou a primeira delas. A filha parecia muito mais velha aos cinco anos do que parecera aos quatro, mas como Tia poderia julgar? Ela tinha apenas um vago conhecimento sobre crianças.

Tudo o que sua mãe havia falado sobre perder Honor havia se tornado verdade.

O pensamento fazia o uísque ser uma companhia perfeita para o bagel.

Sua mãe havia falecido apenas alguns dias antes de Honor nascer. Tia vira Nathan pela última vez no dia em que lhe contara a novidade sobre a gravidez. As perdas apertavam com mais força a cada ano, até hoje, quando não conseguia pensar em mais nada a não ser em como fora idiota ao ignorar a sabedoria de sua mãe e no quanto desejava, de alguma maneira, dizer a ela que sentia muito por não ter lhe contado toda a verdade.



Assim que Tia chegou ao escritório, na segunda pela manhã, abriu as janelas, sabendo que, quando Katie chegasse, a colega vestiria o suéter e ficaria olhando para Tia como se trabalhassem na Antártica, sendo que, na verdade, só uma brisa da primavera soprava pela janela aberta.

Aromas agradáveis eram raros no Jamaica Plain Senior Advocate Center, lugar onde Tia trabalhava. A esperança não estava em oferta. Todos os dias, ela travava uma batalha para não ceder à tristeza de seus pacientes. O maior bem

que ela lhes oferecia eram a força e a invencibilidade de sua juventude – ela sabia disso –, mas temia que, se não tomasse cuidado, em vez de inspirar seus pacientes, acabaria se tornando uma idosa de vinte e nove anos, gemendo ao levantar de uma cadeira, implorando por autopiedade. Talvez esse também fosse o problema de Katie. Ela tinha apenas trinta e seis anos e já tremia quando a temperatura ficava abaixo de vinte e um graus.

Katie entrou, tremendo.

– Brr.

– Quer que eu ligue o aquecedor? – Tia temeu a reação de Katie.

– Vou ficar bem. – Katie sacudiu a cabeça como se estivesse saindo de uma nevasca. – O que você fez no fim de semana?

– Pouca coisa. – Tia fechou a janela.

– Fomos com as crianças para Cape. – Katie suspirou como se normalmente passasse os fins de semana construindo casas para o Habitat para a Humanidade.

Tia sabia como animá-la.

– Você precisava de um descanso – disse ela ao se sentar.

– Obrigada por pegar as minhas mensagens. – Katie tremeu delicadamente e alcançou o papel rosa que Tia esticava para ela. Tinham o mesmo cargo na agência, as duas aconselhavam pacientes idosos, mas Katie deixava claro que, com seu mestrado em serviço social, se considerava superior a Tia, que tinha apenas um diploma em psicologia. O palacete de Katie em Beacon Hill ofuscava o apartamento de um quarto de Tia em Jamaica Plain. Katie agradecia a ajuda de Tia como se ela fosse sua secretária.

– De quem são essas fotos? – perguntou Katie, olhando para a foto presa do lado de fora da agenda de Tia.

– A filha da minha prima. – Tia segurou a foto, mas Katie a pegou mesmo assim.

Katie olhou para a foto.

– Bonitinha. Lindos olhos. Mas um pouco rechonchuda.

Tia pegou a foto de Honor da mão de Katie.

– Qual é o seu problema? Ela é apenas uma criança.

– A obesidade é um assunto bastante sério. Aposto que você nunca se preocupou com seu peso. Você é magra. Assim como eu. – Katie passou as mãos pelo corpo. – Vigio meus filhos como uma louca. A família de Jerry é toda fortinha.

Tia apertou os lábios e jogou a foto no lixo, ansiosa por tirar Honor do centro da conversa.

– O que você está fazendo? – Katie deu um passo à frente, como se fosse pegar a foto.

– Já tenho entulho demais por aqui. – Tia sentiu um nó no estômago quando a foto caiu.

Sua filha estava a apenas trinta quilômetros dali, no subúrbio de Dover, mas também podia estar a milhões de quilômetros. Milhões de dólares e milhões de oportunidades que Tia não devia tirar de Honor, que tinha privilégios que ela nunca nem saberia quais eram.

Bares, e não parques, haviam tomado conta de South Boston, um bairro praticamente irlandês, onde ela acabou sendo considerada exótica apenas pelo fato de seu pai italiano ter dado cor ao gene irlandês de sua mãe, deixando Tia com a pele pálida e um cabelo quase preto. A mãe costumava fazer o sinal da cruz quando passavam pelas tabernas que o pai de Tia frequentava antes de desaparecer, sussurrando conselhos enquanto se benzia.

“Esqueça esses homens”, dizia a mãe, levantando o queixo na direção do bando de garotos parados na esquina. “Encontre um judeu. Eles são os melhores maridos.” O sussurro baixo de sua mãe revelava a vergonha que ela sentia – vergonha do marido, pai de Tia, que havia abandonado as duas, e talvez vergonha por suas palavras terem traído o Southie. A mãe se sentira desleal quando se desviou do antissemitismo casual de South Boston. Ela crescera no Southie e criara a filha ali, mas trabalhava na Brandeis University – “Universidade dos Judeus”, como a escola era chamada por muitos moradores do bairro. A mãe de Tia não se importava com o que ela chamava de “ridículo”, mas amava seus vizinhos leais demais para colocá-los à prova.

Talvez Nathan fosse um bom marido judeu para sua esposa meio-judia, um dos poucos detalhes que ele havia contado sobre a esposa sagrada que nunca deveria ser mencionada. Deus sabe que, se ser bom marido pudesse ser

determinado pela reação de pânico demonstrada quando Tia insinuou um casamento, então Nathan podia ser considerado o príncipe dos maridos.

Katie se abaixou para pegar o cesto de lixo de Tia.

Tia colocou a mão na borda e não deixou que ela o tirasse dali.

– O que você está fazendo?

– Esvaziando o lixo. Devin só vem daqui a três dias.

O Jamaica Plain Senior Advocate Center só podia pagar por um zelador que viesse uma vez por semana. Tia continuou segurando o cesto enquanto Katie o puxava.

– Eu esvazio meu próprio lixo – disse Tia.

– Tudo bem – respondeu Katie. – Só não se esqueça de que hoje é dia do lixo.

Ao imaginar cascas de banana e caroços de maçã caindo no rosto de Honor, Tia entrou em pânico. Ela alcançou o cesto e tirou a foto, limpando o papel ao pressioná-lo em sua blusa.

– O que você está fazendo? – Katie pulou para trás como se Tia estivesse jogando bactérias na direção dela.

– Jogar fotos de criança fora dá azar. Você não sabia disso?



Oito horas depois, Tia pegou o ônibus. A escuridão afetava seu humor, embora nada tivesse dado errado. Na verdade, havia sido um dia de colher os benefícios conseguidos no mês anterior, quando ela havia passado de porta em porta pedindo a empresários locais para doar pequenos mimos e viagens para seus pacientes. Mais tarde, ela colocaria “felicidade” na folha de objetivos de seus pacientes – apenas felicidade, mesmo que fosse só por uma tarde. Naquele dia, ela tinha levado os pacientes para almoçar no Bella Luna. Eram quatro mulheres mais Tia, dividindo duas pizzas e cinco sobremesas, sentadas embaixo de estrelas tridimensionais que decoravam o restaurante.

Tia caiu para trás quando o ônibus acelerou. Ela enfrentou uma fila de trabalhadores da construção civil, com as mãos ásperas segurando marmitas, garrafas térmicas e luvas de trabalho. Passou a mão no livro de mistério que estava lendo para tentar mudar seus pensamentos. Havia colocado a foto de



Honor no meio dele, numa vã tentativa de consertar o que havia sido amassado naquela atitude idiota de jogá-la no lixo. Enquanto passava a mão pelo livro, uma sensação de arrependimento tomou forma. Finalmente, ela faria um álbum com as fotos. Agora, nesta noite, começaria a se preparar para a visita que esperava que Honor fizesse a ela ao completar dezoito anos.

Antes de dar seu bebê para adoção, Tia havia tomado medidas legais para garantir que Honor pudesse entrar em contato com ela no futuro. Esperava que garantir o acesso da filha pudesse atenuar, mesmo que só um pouquinho, a dor de ter perdido a menina. A adoção, embora fosse chamada de aberta, não era um processo aberto; não havia nenhum contato além das fotos que Caroline mandava. Mas, pelo menos, com os papéis que Tia havia assinado, Honor poderia facilmente procurá-la quando tivesse idade e tomasse suas próprias decisões.

Encostando a cabeça na janela do ônibus, tentou imaginar a vida de Honor naquele momento. Os pais de sua filha – doutora Caroline e o rei dos softwares Peter – estavam provavelmente voltando do trabalho para a casa branca e brilhante, cercada por pinheiros majestosos. Ela via a casa todo ano nas fotos. Imaginava uma babá bem paga, ganhando muito mais do que ela, lendo histórias para Honor. Imaginava os cabelos escuros e brilhantes de Honor espalhados na camisa da babá enquanto ela se deitava em seu colo. Ou talvez Caroline já estivesse em casa, e Honor estivesse sentada bem pertinho de sua mãe.

Será que eles falavam sobre Tia? Caroline e Peter pareciam ser o tipo de pessoa que fala a verdade e tem uma biblioteca com o tema “você é tão especial, por isso escolhemos você”. Livros que Tia não conseguia deixar de ler quando estava na biblioteca.

O ônibus passou por Havest Co-op, o lugar onde ela fazia compras desde que se mudara de South Boston para Jamaica Plain. A pequena loja a acalmava, diferente do supermercado, onde ela sempre acabava comprando coisas demais: verduras em tão péssimo estado que podia já jogar no próprio lixo do supermercado na saída.

Sua velha amiga Robin vivia dizendo que ela precisava de algo além dos seus antigos amigos do Fianna’s, um bar do Southie. Robin insistia que Tia a visitasse em São Francisco. Ela dizia que iria sempre que Robin sugeria, mas as duas sabiam que a resposta verdadeira era não. Um dos muitos segredos de Tia que Robin conhecia era que ela nunca havia entrado em um avião. Voar se parecia com mergulhar no espaço, e o estômago dela revirava só de pensar na ideia.

Robin e Tia cresceram morando uma ao lado da outra. O fato de as duas amarem South Boston, mas terem ido embora de lá, dera origem a sua proximidade e alguma motivação extra. A diferença era que Tia não conseguia ficar longe, e Robin, depois de ter alcançado o mundo, não conseguia pensar em voltar.

Os traços marcantes de Southie formavam o yin e o yang do bairro. Ao crescer, ela sentia que parecia que todos os amigos de seus pais tinham sete filhos, dois dos quais morriam tragicamente – por causa de drogas ou suicídio –, e ainda assim esse mesmo bairro que escondia segredos e gangues era especialista em lealdade e em cuidar uns dos outros. Tia nunca encontraria outro lugar onde pudesse contar com a ajuda dos vizinhos como fazia em Southie. Se tivesse ficado com Honor, a garota já teria vinte tias e tios. Ninguém em Southie entenderia como ela fora capaz de entregar sua filha para adoção.

Em Jamaica Plain, as pessoas entendiam sua escolha, mas ela nunca conseguiu entender se aquilo era uma coisa boa ou ruim.

Um casal de idosos subiu as escadas do ônibus devagar, um passo de cada vez, a mulher apoiada em um andador. Uma mulher de meia-idade, bastante pesada, estava esparramada no banco destinado às pessoas com deficiência e fechou os olhos ao ver o senhor e a senhora entrarem.

Tia levantou-se e tocou no ombro da senhora idosa.

– Por favor, sente-se.

O sorriso da mulher aqueceu o ar a sua volta.

– Obrigada, querida.

Seu companheiro, em perfeita sincronia com ela, colocou a mão sob seu cotovelo para guiá-la. Tia olhou para o adolescente no banco ao lado do qual estava e o escolheu – apesar de todas as tatuagens, jaqueta rasgada e sapatos desamarrados, um jeito bastante estranho de se mostrar irritante –, em vez do assento ao lado de uma jovem. Mesmo aos noventa anos de idade, um homem não podia aceitar facilmente o cavalheirismo de uma mulher. O garoto a ignorou. Tia bateu no pé dele e arregalou os olhos para ele, balançando a cabeça na direção do casal.

– Hã, quer se sentar? – perguntou ele ao idoso, levantando-se com relutância.

Uma senhora mais velha se aproximou e deu um tapinha na tatuagem do

rapaz.

– Que boas maneiras! Sua mãe ficaria orgulhosa. – Ele deu um meio sorriso, grande o suficiente para transformar sua imagem de durão; enquanto ajudava o homem, a mulher piscou para Tia.

As pessoas se levantaram quando o ônibus se aproximou da Green Street. Tia olhou para as lojas do lado de fora. Entrou na fila ao lado de uma garota de cabelos loiros e cachos compridos, e desceu um ponto antes. Foi em direção à loja de presentes.

Ao chegar em casa, serviu-se de um prato de cereais com leite. Comeu em pé, assistindo *Jeopardy* na pequena televisão que ficava no canto, comendo o cereal enquanto lavava a louça suja da manhã, e então terminou sua refeição e colocou a tigela na máquina de lavar. Depois de limpar o balcão, pegou a sacola de compras que havia trazido para casa.

Juntou as fotos de Honor e as endireitou em uma pilha.

Uma capa áspera cobria o álbum que ela havia comprado. Procurou nas gavetas da escrivaninha até encontrar uma caneta prateada de sua mãe e a testou. “Nome de nascimento: Honor Adagio Soros”, escreveu com capricho, e embaixo dessas palavras: “Nome adotivo: Savannah Hollister Fitzgerald”. A tinta marcou as páginas grossas do álbum.

Embaixo dos nomes de sua filha, escreveu “Pai: Nathan Isaac Soros” e “Mãe: Tia Genevieve Adagio.” Colou uma foto em que Nathan e ela apareciam juntos em um parque isolado. Eles haviam colocado a máquina de Nathan em uma pedra para fazer a foto. Nathan sorriu para a câmera; Tia achou que parecia estar tristemente valente com aquela expressão feliz no rosto que ela sempre fazia quando se encontrava com Nathan.

Embaixo da foto deles, colocou a única foto que tinha da gravidez. Fora tirada por sua mãe poucas semanas antes de sua morte, e ela tinha insistido para que Tia a guardasse para sempre. O sol do final da tarde iluminava a grande barriga de Tia e fazia sombra em seu rosto.

Ela pegou a imagem que havia guardado do ultrassom de Honor – uma bola branca em um fundo cinza – e colou embaixo de sua foto grávida; ao lado dela, colocou a foto do bebê recém-nascido, ainda no hospital, com o rosto ainda manchado por causa do parto. Se gostasse um pouco mais de Caroline e Peter, talvez tivesse dado a eles a foto cinco anos atrás, mas dar Honor para eles já era suficiente.

Tia temia o dia em que Honor perguntasse por que ela a havia abandonado. Ela não seria capaz de contar a verdade: ficar com Honor a deixaria presa a Nathan para sempre, e isso daria liberdade para que Tia ligasse para ele, o encontrasse, e então se perdesse novamente. Centenas de vezes ao dia, teria olhado para Honor e pensado em Nathan – Nathan, que morava com a mulher e dois filhos. Ela se recusava a sobrecarregar a filha com sua própria saudade. Não queria ver a filha desejar ter um pai, como ela ainda desejava.

Quando o romance entre Tia e Nathan completou quatro meses, ela desejava saber como ele era antes de conhecê-la. “Por favor”, dizia, “traga algumas fotos de quando você era criança, adolescente, de quando tinha uns vinte anos.”

Por fim, percebeu que já havia pedido isso muitas vezes e que nunca o veria de outra forma a não ser da maneira como ele aparecia na frente dela. Ele não lhe daria nada mais além do que visitá-la uma vez por semana. Ela não precisava que ele dissesse isso. Aparentemente, havia diferentes níveis de traição, e ele não pretendia tirar seu passado de casa e apresentá-lo a ela. Aquilo pertencia apenas à sua esposa. Tia não queria a mesma coisa para a filha. Carregar esse desejo consumia a pessoa. Até hoje, ficava imaginando como Nathan se parecia em cada uma daquelas idades. Não saber isso a deixava com a sensação de que algo estava sempre fora de seu alcance; como se ela não merecesse saber.

Puxou uma cadeira de madeira grande para perto do armário do hall, arrastando-a. Em pé na cadeira, pegou uma caixa de sapatos na prateleira mais alta e colocou em cima de sua escrivaninha. Com a mão cheia de fotos antigas de família, ficou pensando por onde começar. O álbum que pretendia montar ajudaria Honor a entender suas raízes. Tia queria estar preparada para o dia em que Honor viesse atrás de respostas.

Mediu seus próprios ombros e cabeça nas fotos com as fotos de sua bisavó e suas tias idosas. Imaginou Honor dali a vários anos, julgando o quanto Tia havia tirado dela.

Então, se virou e pegou a pilha de fotos de Honor que recebia todo ano. Pegou uma de cada ano, colocou-as em uma pasta bege e foi pegar um casaco.



Ao voltar para casa, Tia colocou uma dose de Jameson no copo. Levou o drinque e uma sacola branca para a sala. Bebeu metade da dose e então organizou as cópias das fotos que fizera ainda há pouco, colocando-as em ordem, desde Honor bebê até a idade de cinco anos. No topo, colocou uma cópia da foto

de recém-nascida, tirada nos primeiros momentos de vida de Honor.

*Querido Nathan.*

Tia colocou a mão no peito, tentando acalmar a respiração. Não havia tido nenhum contato com ele desde o dia em que ele fora embora. Escreveu e reescreveu, até chegar a uma versão que se encaixava no que imaginava ser a cena de Nathan lendo a carta. Embaixo de seu nome, acrescentou seu número de telefone, e-mail e endereço. Depois de um tempo pensando, escreveu a palavra “trabalho” e, sob ela, o nome e endereço do centro de idosos.

Dobrou a carta e a colocou junto com as fotos de Honor dentro do envelope. Escreveu o endereço de uma casa onde ela nunca estivera e o endereço de devolução de um apartamento no qual Nathan nunca havia estado.

Levantou a caneta e se perguntou: “Por que isso agora?”.

Ela havia passado cinco anos imaginando como seria mostrar Honor para Nathan. Fantasiava que ele mudaria de ideia depois de ver a menina, viria correndo atrás dela e diria: “Senti sua falta. Quero ver o nosso bebê!”. Essas ideias a haviam acompanhado todas as noites nos últimos cinco anos. Ir atrás de Nathan era uma obsessão que tinha desde o dia em que deu à luz.

“Então, por que agora?”

Não conseguia pensar em nenhuma resposta além de: Por que não?

Colou o selo e fechou o envelope, colocando-o dentro da bolsa. Na manhã seguinte, enviaria a Nathan as fotos do seu bebê.

## CAPÍTULO 5

### *Tia*

Uma semana depois de ter enviado as fotos, Tia ainda não tinha recebido nenhuma notícia. Nathan permanecia em silêncio. Ela demorou o máximo que pôde antes de sair de casa naquela manhã, esperando que o telefone tocasse naquele segundo, ou no próximo, ou logo em seguida.

Tentou se enganar pensando que havia enviado as fotos para Nathan sem nenhuma expectativa, mas não podia mentir tanto para si mesma. Finalmente, saiu de casa. O açafraão começava a brotar em seu quintal. Ela havia assumido as funções de jardineira desde que se mudara para lá, seis anos antes, plantando bulbos e comprando plantas quando entravam em promoção no final de junho. As flores brotavam durante todo o verão. Tia se lembrou daqueles maços de margaridas e íris, quando Katie insistiu que ela tinha uma visão espinhosa da vida.

Na sexta-feira anterior, Katie sugeriu que Tia se beneficiaria se fizesse um esforço para comemorar alguma coisa boa a cada dia. Ela achou que sua colega de trabalho não gostaria de ler “Não preciso ver Katie nos fins de semana” na sua lista de coisas boas. Ainda assim, o conselho ficou maquinando em sua cabeça, e ela se pegou pensando em coisas boas enquanto andava pela Green Street. Uma bênção: o emprego de sua mãe em Brandeis havia permitido que Tia frequentasse a faculdade, uma bênção que Tia não tinha realmente apreciado até passar um ano todo trabalhando na Gap depois que saía da escola, durante o ensino médio. Rezou pedindo para nunca mais precisar dobrar uma calça jeans.

*Bênção: ela havia se matriculado e se formara.*

Uma bênção não tão boa assim: dois meses depois de formada, conheceu Nathan, que tinha ganhado uma bolsa de estudos para pesquisar as pessoas que trabalhavam com idosos e havia decidido pesquisar a agência na qual ela trabalhava na época.

*Tudo bem, Katie. Boas e más notícias.*

*Bênção: Eu me formei.*

*Bênção: Eu me apaixonei por um homem bom, marido e pai maravilhoso.*

*Maldição: Ele não era meu.*

O primeiro compromisso do dia a esperava em um banco de madeira na entrada. Ela sabia que a senhora Graham vivia para esses encontros, pois a paciente lhe contava isso todas as semanas, e pensar na solidão daquela mulher a deixava com vontade de chorar. Tia achava que seria melhor para seus pacientes se ela os levasse para casa em vez de escrever relatórios sobre eles. Ela os colocaria em sua melhor cadeira, compraria uma TV com tela gigante para que pudessem assistir filmes antigos, levaria para casa os mais novos best-sellers e tentaria seus paladares com comida caseira. Seus pacientes precisavam de muito mais do que ela poderia oferecer em sessões de sessenta minutos.

A agência ficava em uma igreja, e a entrada lateral servia de sala de espera. O prédio cheirava a anos de jantares preparados na cozinha gigante, e a suor de homens e mulheres que frequentavam as reuniões dos Alcoólicos Anônimos todas as noites.

– Oi, senhora G – cumprimentou Tia. – Está muito bonita. Vestido novo?

– Pelo amor de Deus, este vestido deve ter uns vinte anos. – A senhora Graham ajeitou-se e sacudiu a cabeça com o elogio. – E quando é que você vai me chamar de Marjorie?

– Quem me dera! – Suas conversas eram corriqueiras, mas a senhora Graham, assim como muitos outros de seus pacientes, insistia em manter uma conversa mais afetiva. Todas as semanas a senhora Graham lembrava a Tia o quanto detestava a política da agência, que proibia que seus funcionários chamassem seus pacientes pelo nome. Seu chefe acreditava que aquilo era um sinal de respeito pelos pacientes, mas a senhora Graham pensava o contrário.

– Sinto falta de ouvir o meu nome. – A senhora Graham pressionou os lábios até ficarem brancos. E sacudiu a cabeça. – Já faz tanto tempo que Sam não fala o meu nome.

– Suas amigas devem chamá-la pelo nome.

– Amigas? Ou estão mortas ou eu sou boba demais para deixar que Sam as veja.

Tia se inclinou e segurou a mão dela.

– E se eu chamar a senhora de Marjorie quando estivermos sozinhas?

– Eu adoraria. – Sua expressão se iluminou e vários anos desapareceram. Tia enxergava a mulher, não a paciente. A forte estrutura óssea da senhora Graham e seu adorável sentimento de vividez deram lugar a um rosto memorável. – É solitário, sabe? Ninguém quer ver uma velha. Somos invisíveis.

Os idosos mereciam reconhecimento. E também deveriam servir como aviso. O centro de idosos deveria distribuir aos jovens pequenas medalhas que remetesse seus pacientes com as palavras “Não negue o seu futuro” gravadas em vez de medalhas de São Cristóvão.

Tia pegou um bloco de notas amarelo e olhou a lista de itens urgentes e recorrentes. Refeições. Visitas de enfermeiras. Serviços de auxílio. Tais encaminhamentos para a senhora Graham e seu marido demente eram a suposta razão para esses encontros, mas Tia acreditava que a lista era muito menos importante do que a hora de amizade e conexão.

– Então, Marjorie, vamos ao que interessa. – Tia começou a sessão. A senhora Graham gostava da maneira como Tia falava, e isso dava a ela a chance de responder no mesmo tom. – A senhora pensou melhor sobre colocar o senhor G. na fila de espera?

As rugas da senhora Graham ficaram mais profundas quando ela franziu a testa e sacudiu a cabeça ao ouvir a pergunta de Tia.

– Enviá-lo para uma casa de repouso? Precisamos mesmo falar sobre isso de novo? – Ela fechou os olhos por um tempo. – Não. Ninguém mais cuidaria de Sam como eu cuido. Obrigada por se preocupar comigo, mas não, obrigada. Sam só vai se mudar depois que eu morrer.

A essa altura, Tia deveria balançar a cabeça no estilo das assistentes sociais, para expressar respeito e entendimento, e então pegar os folders e incentivá-la a ir com ela visitar algumas casas de repouso para o senhor Graham. A fragilidade dela, a pressão alta e o nível de açúcar no sangue exigiam que fizesse isso. Tia sabia que se procurasse nos bolsos da pobre mulher encontraria a caixa de alcaçuz que a senhora G. chupava o dia todo. Esse era o remédio que a velha senhora prescrevia a si mesma para estabilizar o seu humor. No relatório semanal que preenchia, Tia deveria anotar para o casal como estando em uma situação “de alto risco”, mas sabia que isso faria com que alguém mais influente do que ela fizesse uma visita domiciliar. Alguém que iria intimidá-los e que forçaria Sam e Marjorie Graham a deixarem a casa onde moravam desde que se casaram.

Tia não tinha coragem de separá-los. Tinha prometido fazer a senhora G. vir a



sessões extras para que pudesse observá-la de perto.



Tia foi direto do trabalho para o Southie. Trocou sua camisa de Oxford por uma camiseta justa do Red Sox que deixava guardada em sua mesa. Passou delineador preto nos olhos e apertou ainda mais o cinto vermelho que segurava seu jeans preto.

Detestava passar as noites de sexta-feira em Jamaica Plain, onde homens politicamente ativos que a incomodavam enchiam os bares, homens cujos olhos ficavam grudados nos seus seios enquanto discutiam sobre como construir casas em mutirão para imigrantes. Eles a faziam sentir muita falta do antigo bairro. Um cara do Southie pode reclamar dos imigrantes acabando com o mundo enquanto olham para os seus seios, mas não vai tentar fingir que não está olhando. E o mais importante de tudo: se você escrevesse uma carta para um cara do Southie falando sobre a filha perdida há tempos, teria alguma resposta dele, mesmo que fosse apenas para dizer “Desapareça da minha vida!”.

Ela trocou de trem na Park Street para pegar a linha vermelha, descendo um ponto antes para poder andar pela rota pitoresca que levava até o Fianna’s Bar. Sentia falta da velocidade desse trem. Como morava em Jamaica Plain, era obrigada a usar a linha verde, mais lenta, que passava pelos trilhos dos bondes em metade das rotas.

O ar do oceano adocicava a rua. Pessoas que haviam saído do trabalho abarrotavam o Day Boulevard, usando a ampla rua ao lado da praia. Ao aproximar-se do bar, sentiu-se mais relaxada. Por ser perto da praia, os preços dos imóveis no Southie haviam subido muito até chegarem ao ponto em que seus amigos não conseguiam mais comprar casas ali. Ela sabia disso, mas ainda assim o bairro permitia que respirasse de uma maneira que nunca seria possível fazer em Jamaica Plain.

Madeira brilhante e corrimão de metal percorriam toda a extensão do Fianna’s, nada parecido com o antigo bar onde o pai de Tia costumava beber. Espelhos alinhados nas paredes faziam tudo parecer mais brilhante e feliz do que realmente era. Clientes que iam jantar sentavam-se em lugares reservados; havia fila de espera. Na parte de trás, mais distante do bar, aguardavam os recém-chegados. A maioria deles morava nos condomínios à beira da praia e corria no Sugar Bowl Ocean Loop – o anel de cimento de 1,5 quilômetro de extensão em torno de Castle Island, o orgulho de South Boston – usando as camisetas da faculdade em que estudavam. No meio do salão, sentavam-se as

mulheres de meia-idade – mulheres refinadas do Point, a melhor área de Southie –, que encontravam no bar uma trégua para as tabernas repletas de homens parecidos com seus maridos.

A parte da frente era reservada para os amigos de Tia, crianças que não eram mais crianças, porque eram os donos do lugar.

Tia já havia fantasiado aparecer com Nathan no Fianna's depois que eles tivessem se casado, ou pelo menos depois de ele ter se separado da mulher. Nathan gostaria dali, pensou ela, já que conseguiria trazer à tona seu lado criança do Brooklyn em vez de seu lado professor universitário. As mulheres admirariam o corpo sarado dele, seu jeito durão mas não muito forçado.

Tia e Nathan nunca foram ao Fianna's. Durante o ano que passara com Nathan, ela quase não apareceu por ali. Depois do nascimento de Honor, ela passou a frequentá-lo sempre.

– Oi, Ritchie – Tia cumprimentou o garçom. Tinham estudado juntos na escola; eram os dois de poucos que se transferiram da escola católica para a escola pública. A mãe de Ritchie foi à falência depois que o marido morreu; a mãe de Tia não queria desperdiçar o dinheiro que esperava usar para a faculdade da filha.

– Você está bonita, Tia. – Piscou Ritchie. Ele colocou Kahlúa, leite e gelo em uma coqueteleira prateada e sacudiu até que a espuma chegou à borda. Seu drinque seria superforte.

Tia levou a bebida até a mesa onde todos sabiam não só o seu nome, mas também o nome de sua mãe, sabiam também que seu pai era um desertor bêbado e que ela tinha perdido a virgindade com Kevin.

Ninguém sabia sobre Honor.

– Ei! – Kevin levantou o rosto para cumprimentá-la.

Bobby Kerrigan puxou a cadeira ao seu lado. A queda de Bobby por Tia começou quando eles tinham quatorze anos e continuou até o dia em que ele se casou, depois se divorciou, e durante todos os relacionamentos que ele teve depois.

Moira Murphy e Deidre Barsamian – antigamente conhecidas como irmãs Sweeney –, as gêmeas irlandesas, estavam vestidas com roupas iguais. Roupas largas escondiam as gordurinhas que ganharam com o casamento e a

maternidade. Michael Dwyer, um figurão, havia pendurado o casaco na cadeira para todos se lembrarem de seu importante cargo na prefeitura.

– E aí, Tia? – perguntou Michael. – Salvou alguma velhinha hoje?

– Você gostaria que seu trabalho tivesse um quarto da importância que o da Tia tem – disse Bobby.

– Sério? A prefeitura não se compara a um centro para velhinhas? – perguntou Michael. – Sem ofensas, Tia. Eu só estava brincando.

– Sim, ser o papa das propinas vai te levar para o céu – continuou Bobby.

– Sem ofensas aceita, Michael. – A bebida doce e suave descia facilmente pela garganta. – Por que você não vai lá um dia? No centro. Talvez consiga algum recurso para nós sem que eu tenha de implorar por ele. Requisitar as doações está acabando comigo.

Tia sorriu. Michael adorava bancar o importante e ela não se incomodava que um pouco daquela grandeza viesse para a sua agência.

– Vou ver o que posso fazer. – Michael piscou para ela.

– Ei, como vai Robin? Alguma chance de ela voltar? – Kevin rapidamente disfarçou sua pergunta, que deixava tão claro o seu amor. – Talvez ela venha e surpreenda você com um anel. E vocês duas podem finalmente se casar.

– Sério, Kev? Vai mesmo entrar nessa? – perguntou Tia.

Ele colocou a mão no braço dela, de repente todo sério.

– Ei, você sabe que estou só brincando, não é? Não me importo que ela seja lésbica; ela é gente boa. Mais bonita do que qualquer outra coisa por aqui, com exceção de você, claro.

Tia entrou no meio da conversa fiada.

As brincadeiras rolaram soltas.

Antigas histórias foram contadas.

Moira e Deidre fizeram sua imitação costumeira de alguém que não estava ali.

Seis? Sete? Quantos drinques? Os bartenders do Southie colocavam duas vezes

mais bebida do que os caras do centro ou de Jamaica Plain, por isso ela estava duas vezes mais alta do que o número de drinques que tinha tomado.

Ritchie gritou que aquela era a última rodada pela segunda vez.

– Vou levar você para casa, Tia – disse Bobby.

– Melhor rezar para ela não vomitar no seu carro – provocou Kevin.

– Foda-se, Sullivan. – Bobby pegou o casaco de Tia da cadeira e colocou delicadamente a mão nas costas dela.

Eles ficaram em silêncio durante o caminho. Tia teve medo de vomitar caso tentasse conversar com ele. Bobby apertou o botão do rádio e uma música do Eminem começou a tocar.

Nathan e ela haviam feito amor ouvindo os CDs que ele trazia para ela; eram músicas românticas de Sam Cooke até a batida de The Pussycat Dolls. Ele separava os momentos de excitação na cama e fora dela. Em um minuto, a fazia explodir, e uma hora depois perguntava se ela tinha estímulo intelectual suficiente em seu trabalho.

Nathan trazia para ela músicas, livros e filmes novos. Apresentou a ela ideias inovadoras na literatura sobre gerontologia, cantores como a alemã de ascendência nigeriana Ayo, e a incentivou a assistir a documentários como *Lixo Extraordinário*, que ele achava que ampliaria sua visão do mundo.

Dizia que ela era bonita, inteligente e boa. “Pacote completo”, costumava dizer. “É isso o que você é.” Ela lutou contra o medo de que ele a considerasse uma intelectual idiota do Southie.

A música *Down on My Knees*, de Ayo, foi a trilha sonora de sua gravidez e a deixava muito deprimida, até que finalmente decidiu apagá-la junto com todos os outros traços musicais e literários de Nathan.

Eles pararam na frente da casa dela. Bobby desligou o carro.

– Levo você até lá.

– Hummm, não precisa. – Ela tentou não fazer pouco caso. – Apenas dirija com cuidado. As estradas ficam perigosas nas noites de sexta.

– Você está bêbada. Quero ter certeza de que está bem.

– Estou bem – insistiu ela.

– Só quero ajudar você. – Os cabelos ruivos de Bobby e seus olhos azuis brilhavam no escuro. Brilhavam demais.

Tia tentou abrir a porta para sair. Bobby se inclinou e abriu a porta para ela. Ele ganhava bastante dinheiro, pois sempre descobria antes de todos a propriedade mais valiosa de Southie, principalmente as casas à beira-mar. Ele sabia quando recuar e quando comprar uma propriedade.

A mão de Bobby em seu ombro a fazia se sentir bem. Era quente e confortadora, como se fosse um grande cobertor que revelasse que tudo ia ficar bem. Ela descansou a cabeça nele. Apenas por um minuto. Os quilos extras de Bobby deixavam seu corpo macio. A música continuava tocando. Bobby foi devagar. Colocou um braço em volta dela e passou os dedos em seu ombro no ritmo da música. Alcançou sua mão. Entrelaçou seus dedos nos dela.

– Você fica mais bonita a cada ano. – Bobby trouxe a mão dela até seus lábios.  
– De verdade. Você me impediu de me envolver com qualquer outra pessoa.

– De onde você tirou isso? – Ela deixou que ele passasse a mão no seu ombro.  
– O velho Bobby meloso.

– Com licença, universitária. – Ele levantou seu rosto e deu beijos em sua bochecha. Bobby Kerrigan, um bobão secreto. – Você sabe que eu gosto disso, não é? De você ter feito faculdade? De que outra maneira você conseguiria chegar a algum lugar neste mundo? Admiro você, Tia.

“Você me deixa louco, Tia. Você me deixa com muito tesão, Tia”, era o que Nathan diria.

Bobby abaixou a mão. Ele brincou com o botão da camisa do Red Sox. Ela se afastou; por um momento não estava nem sóbria nem bêbada. A mão dele acariciou sua cintura, onde as estrias e a pele enrugada por causa da gravidez tornaram seu corpo irreconhecível. Se ele a tocasse, descobriria seus segredos.

Ela não havia dormido com ninguém desde o dia em que aquele teste de gravidez mostrara uma linha rosa como sinal de positivo.

## CAPÍTULO 6

### *Juliette*

Juliette abriu os olhos e teve a agradável visão de Nathan segurando sua caneca preferida: grande e resistente. Esforçou-se para se sentar, já querendo o primeiro gole. Aquela era sua atitude em resposta ao cheiro delicioso do café torrado. “Você nunca vai me deixar”, Nathan costumava brincar. “Você não conseguiria viver sem o café que eu trago para você todas as manhãs.”

Brincadeiras como essa já não aconteciam há bastante tempo. Muito mais do que a confiança fora afetado quando Nathan a traiu. Um certo nível de naturalidade havia desaparecido. Casos amorosos foram tirados da lista de brincadeiras sobre o casamento seis anos atrás, quando a ideia de pegar o seu próprio café matinal soava perfeitamente bem – um preço maravilhoso para nunca mais ser repetido. Mas, bem, a vida era cheia de *mas*, não?

O grito de Max entrou pela porta do quarto, seguido pelo grito mais alto de Lucas.

– Por que eles estão brigando? – perguntou Juliette.

– Por causa de uma camiseta que Max jura que você deu para ele, mas que o Lucas diz que é dele.

– Como é a camiseta?

– Azul? – Nathan sentou-se na beirada da cama. – Talvez verde? – Ele passou a mão em seu braço.

Nathan tinha quarenta e dois anos. Ela era um ano mais jovem. Linhas de preocupação acrescentavam seriedade a sua boa aparência.

– Eles estão vestidos? – Juliette afastou a mão dele, mas, mesmo que tentasse afastar a tentação, ainda pensava nisso. Trancar a porta e fazer amor, mesmo que fosse apenas sexo sorrateiro e silencioso, sugeria um momento de refúgio para uma quarta-feira, o pior dia de sua semana. As entregas chegavam aos borbotões. As clientes acordavam e percebiam que precisavam estar com o visual perfeito para algum compromisso do fim de semana e que só a Juliette & Gwynne poderia realizar esse milagre. Lucas e Max tinham treino e ela

tinha de se virar para levá-los aos compromissos durante o trabalho.

Juliette detestava as quartas-feiras.

Os garotos gritavam cada vez mais alto.

– É melhor eu ver se está tudo bem – disse ela.

Nathan levantou as mãos.

– Fique aí. Vou resolver com eles. – Ele se inclinou e a beijou. – Deixa pra depois?

Ela apertou sua mão.

– Deixa pra depois.

Quando terminou de escovar os dentes e vestiu o robe, o barulho da briga já tinha se transformado no barulho dos teclados do computador. Os dois garotos, mas principalmente Lucas, aos quatorze anos, achavam um absurdo os pais não permitirem que eles tivessem computador no quarto. Para Juliette, isso significava manter os garotos em segurança. Ela já havia lido várias vezes sobre pessoas doentes indo atrás de crianças que conheceram pela internet. Podia facilmente imaginar seu doce Max brincando em um parquinho onde, em vez de encontrar um companheiro com quem jogava videogame, encontraria um maluco assassino.

Juliette ficou em pé na porta da sala de estudos, divertindo-se ao ver os dois abaixados na direção da tela. Lucas tinha os cabelos claros como os dela, e Max os cabelos escuros, como Nathan. Desejou poder deixá-los ali. Mas, ao contrário, entrou chutando as tranqueiras dos meninos. No mundo de seus filhos, computadores, bolas de futebol e roupa suja viviam muito bem juntos. Ela era eternamente grata por terem se mudado para uma casa com espaço suficiente para esconder a bagunça dos meninos.

– Bom dia, meus amores. – Juliette se inclinou para beijar a cabeça de Lucas. Seus cabelos, ainda úmidos por causa do banho, estavam cheirosos. Ela ficou sentindo aquele cheiro até que ele se afastou.

– Bom dia – murmurou ele, sem olhar para cima.

Juliette abraçou seu filho caçula, que estava bem menos cheiroso.

– Hummm... hora do banho, está ficando tarde.

– Podemos comer algo especial no café da manhã? – Max pulou entusiasmado, da maneira que apenas os garotos pequenos conseguem fazer.

– Vocês podem arrumar essa sala antes do café? – Ela apontou para uma blusa toda amassada, uma tigela com farelos do lanche da noite anterior e canecas sujas de açúcar com algo nada saudável.

– Se arrumarmos a sala, você faz waffles? – Max levantou a sobrancelha e deu aquele sorriso de “Você não me ama?”.

Waffles.

Ela segurou o suspiro, pensando no tempo que levaria para fazer a massa, arrumar a máquina de waffle, e, consumida pela culpa da mulher que trabalha, aquecer o maldito xarope.

– Tudo bem. Vocês arrumam o quarto e eu faço waffles. – Ela ajeitou o robe e desceu as escadas.

Mas sem chantilly.

O número na escala havia subido mais uma vez naquela manhã. Ela podia ouvir o sermão de sua mãe sobre o metabolismo depois dos quarenta.

Então, abriu a porta da frente e viu a névoa fina e os jornais úmidos. Quatro anos depois de terem se mudado, Juliette ainda sentia falta do garoto que entregava o jornal em Waltham. Ele embrulhava o jornal em um saco plástico ao menor sinal de umidade.

Ela pegou a correspondência do dia anterior, que estava em uma pilha em cima de um grande prato na mesa da entrada, e colocou ali o jornal, onde poderia secar sem molhar o tempo de madeira. Na noite passada, Nathan e ela haviam chegado tarde em casa. E isso significava uma correria para preparar o jantar, para ajudar os garotos com a lição e para responder a inúmeras ligações e e-mails. Os e-mails eram considerados mais importantes do que as entregas postais. A menos que tivesse um pacote, ela não esperava muito mais do que revistas e contas.

Boletim do Emerson College para ela.

*Contexts* para Nathan. A revista alegava deixar a sociologia “interessante e relevante para a pessoa que estivesse interessada em entender como funciona a sociedade”, e por que Juliette sempre preferia ler a *Vogue*?



Propaganda para Nathan. Propaganda para ela.

Conta do American Express.

Por último na pilha estava um envelope escrito a mão, enviado do antigo endereço deles em Waltham. O endereço do destinatário era Jamaica Plain. Havia sido enviado para Nathan.

Ela reconheceu o último nome.

Adagio.

Céus!

Tia Genevieve Adagio. Um nome tão bonito. Ela havia obrigado Nathan a dizer o nome para ela. “Fale o nome dela!”, gritava. “Fale, pelo amor de Deus. Tenho certeza de que ela sabe o meu.”

Juliette quase amassou o envelope. Mas deveria entregá-lo a Nathan. Afinal, ela não confiava nele agora? Estavam tão bem. Entregar a carta para ele aumentaria a confiança que haviam reconquistado. Ele abriria na frente dela. Essa era a coisa certa a fazer.

Depois de fechar os olhos e rezar para encontrar uma razão simples e perdoável para o contato (“Estou morrendo e preciso me despedir!”), Juliette rasgou o envelope.

Fotos caíram e depois uma carta. Uma garotinha triste olhava para Juliette.

*Querido Nathan,*

*Esta é a nossa filha. Seus pais adotivos enviam fotos todos os anos depois do seu aniversário (6 de março). Como você pode ver, ela se parece com você.*

*Deram a ela o nome de Savannah (eu sei, é um nome horrível, mas para mim ela é Honor — o nome que dei a ela quando nasceu), mas são boas pessoas. Caroline e Peter Fitzgerald. Ela é médica e ele tem uma empresa de softwares. Sempre vão amá-la e cuidarão dela.*

*Espero que nossa filha me ligue um dia. Quando ela nasceu, arrumei tudo para que esse contato futuro pudesse acontecer facilmente. Acho que, se ela*

*ligar, perguntará sobre você. E pretendo ajudá-la a encontrar você, se esse for o desejo dela.*

*Tia*

Juliette ficou olhando para a criança, segurando as fotos, paralisada. Colocou a outra mão no peito, tentando acalmar a respiração.

Será que ele sabia sobre essa criança, sobre essa filha? Tia havia escrito “Esta é a nossa filha” como se ele já soubesse daquilo. Nós. Temos. Uma. Filha.

Será que ele a viu, falou com ela? Será que tiveram algum contato depois que Nathan confessou a traição? Por favor, Deus, por favor, faça com que a resposta seja não.

– Mãe! – chamou Max lá de baixo. – Mãe! – repetiu ele quando ela não respondeu.

Juliette guardou a carta e as fotos novamente no envelope e o colocou no bolso do roupão.

– Estou aqui, Max, você não precisa gritar! – As palavras dela pareciam sem som, apesar de ter gritado, como havia acabado de dizer para Max não fazer.

Ele apareceu entre o corrimão, no segundo andar.

– Onde está minha calça de moletom azul? Lembra que eu tenho treino?

Juliette girou a aliança e desejou que a batida dentro de seu peito diminuísse.

– Do lado esquerdo do armário, pendurada ao lado da sua jaqueta jeans!

Ele resmungou sua versão de agradecimento.

– E tome banho antes de se vestir – disse Juliette automaticamente. Ela arrumou a correspondência até empilhar tudo por ordem de tamanho, tentando pensar em qualquer outra coisa que não fosse o envelope prensado no seu bolso.

E, então, cambaleou até a cozinha.

As fotos, a semelhança com Max, com Nathan – por um momento, ela pensou que ia engasgar com tanta fúria. Lembranças da traição de seu marido tomaram conta dela até parecer que só havia espaço para a raiva. Uma filha? Como ele

podia ter escondido isso dela?

A carta de Tia não dizia “Você tem uma filha” ou “Eu nunca disse que estava grávida, mas...”.

Mas ela não sabia que eles tinham se mudado.

O que ele sabia? O que os dois sabiam? O que mais eles escondiam dela? Lembranças de ser deixada para trás, de Nathan e aquela mulher juntos como um casal enquanto ela ficava perdida no escuro ameaçaram tomar conta dela.

Não muito longe dali, a filha de Nathan estava acordando, ou tomando café, ou talvez se preparando para ir à escola. Uma criança dele que não era dela.

Com certeza, seus olhos revelariam seu aborrecimento. Piscando, apertando os olhos para esconder as lágrimas, ela se sentou na cadeira dura da cozinha. Depois, enfiou as unhas com força nas pernas. Precisava dar um jeito de se acalmar, ou as crianças e Nathan iriam perceber o que estava acontecendo.

*Respire fundo.*

Haveria uma traição maior do que ter uma criança com outra mulher?

*Separe as coisas.*

Não contar a ela: será que isso não significava que ele era mais leal àquela mulher do que a ela?

*Pense nisso depois. Descubra isso depois.*

Precisava descobrir mais coisas antes de mergulhar nas mentiras de Nathan.

Juliette sabia ouvir muito bem os seus próprios conselhos. Ser criada por uma mãe cuja versão de “bom-dia” era “Você não vai usar isso para ir à escola” fez com que ela conquistasse a habilidade de manter a expressão calma na frente das pessoas. Sua mãe vivia batendo e gritando com Juliette, e ela logo aprendeu técnicas para conter as lágrimas.

Em breve Lucas, sempre o primeiro, desceria correndo as escadas, pronto para comer uma quantidade grande do que quer que ela lhe preparasse. Ele queimava calorias com uma rapidez impressionante e já era mais alto do que o pai. Nathan fingia não perceber, mas Juliette via que o marido frequentemente parecia se esticar para ficar mais alto quando estava perto de Lucas.

Danem-se os waffles. Ela pegou oito ovos na geladeira. Quatro para Lucas, dois para Nathan – uma onda de raiva tirou seu fôlego – e dois para Max.

*Concentre-se na comida.*

Max era robusto e lento como Nathan.

*Não pense na carta.*

O metabolismo de Juliette já fora mais rápido. Não era mais. Agora, ela lutava contra seu desejo por um prato de macarrão com molho de queijo gratinado, cheio de manteiga.

Será que a gravidez havia deixado Tia mais gorda? Ela era tão magrinha quando Juliette encontrou uma maneira de vê-la, precisando colocar um rosto em seus pesadelos.

*Comida. Concentre-se no café da manhã.*

O desejo de Nathan por comida era maior que o de Juliette. Ele adorava carne e refeições macias, doces e salgadas. Juliette conseguia conquistá-lo com seus biscoitos de queijo. Ela poderia envenená-lo.

Será que ele ainda se encontrava com Tia? A julgar pela carta, parecia que não. Mas quem saberia? Quem realmente conhecia seu próprio marido? Houve uma época em que ela diria que conhecia, mas agora não mais.

Nathan desejava que seus alunos o admirassem. Juliette sabia disso. Eles tratavam seu marido como se ele fosse uma estrela do rock, com suas palestras afiadas sobre política. E ele virava a cabeça em busca de atenção como a flor busca a luz do sol.

Lucas entrou na cozinha momentos antes de os ovos ficarem prontos. Juliette jogou queijo cheddar ralado e misturou com os ovos.

– O suco está na mesa – disse ela quando Lucas pegou o copo. Ele encheu a mão de framboesas que estavam em uma tigela na mesa.

– Sente-se para comer – ordenou Juliette. Hoje em dia a maternidade ia um pouco além de uma série de ordens repetitivas e tarefas. Ela se lembrou de quando Max parou de segurar seu dedo e começou a dar as mãos para ela, até chegar a rejeitar o seu toque.

– Por que as mães gostam tanto dessas coisas? – Nathan entrou carregando os

três jornais. Ah, ele era tão importante, o professor de sociologia. Com certeza, estava carregando o *New York Times*, o *Boston Globe* e o *Wall Street Journal*.

Lucas surpreendeu Juliette ao se intrometer quando ela não respondeu à pergunta de Nathan, talvez incomodado com sua reticência incomum.

– De que coisas? – perguntou.

– Coisas como pedir aos filhos que se sentem enquanto comem, como se as vitaminas e os minerais só pudessem ser totalmente absorvidos quando estão na posição exigida. – Nathan sorriu para o filho tipicamente americano e para Juliette.

Ele se virou, procurando Max, que não estava ali. Abriu os braços esperando um abraço. Juliette segurava a frigideira escaldante entre eles.

– Está quente. Tome cuidado – advertiu ela. – Isso está pesado.

Nathan parecia intrigado. Olhou triste para ela. Eles tinham quase a mesma altura. Seus tristes olhos escuros, refugiados, aveludados, encontraram os dela.

– Aconteceu alguma coisa?

Ela colocou a panela no descanso que protegia sua preciosa mesa da Fairfield Antique Show. Colocou um pouco dos ovos no prato dele.

– Torrada integral – disse ela. – Eu cuido do seu coração, Nathan. Sem sementes, você não gosta de sementes. – Ela bateu um prato na mesa. – Eu esqueço o prato de torrada todas as manhãs. Você sabia disso, Nathan?

– Humm, está ótimo, mãe – agradeceu Lucas, confuso.

– Obrigada.

Nathan, que parecia atordoado, alcançou a jarra de suco.

– Coloque a louça na pia depois que terminarem. E faça Max comer os ovos. Diga a ele que não teve tempo de fazer waffles!

– Você não vai comer? – perguntou Nathan. – Aonde você vai tão cedo assim?

– Perdi o apetite. Vou trabalhar. – Ela começou a andar e então se virou. – Amo vocês, meninos. – Não podia confundir Lucas declarando seu amor apenas para ele e não para o pai. Além disso, ela realmente amava a todos eles, só não

queria que aquele amor a condenasse a uma vida de mentiras.

Juliette subiu as escadas em direção ao quarto, pegou as roupas e as levou para o banheiro. Depois de trancar a porta, ligou a torneira da pia, tirou o roupão, abraçou-se com força e começou a se balançar. Segurou os braços com tanta força que deixou marcas vermelhas na pele. Pensou que, fazendo isso, tudo passaria: a dor no coração, a desconfiança, a procura por sinais que o denunciasses sempre que ele entrava em casa. Durante todo esse tempo, ela havia se perguntado se ele estava apenas vivendo no conforto de suas próprias mentiras quando lhe prometera que os tempos ruins haviam ficado para trás. Havia laços demais que ela não queria que terminassem: crianças, o mundo que construiriam juntos e, claro, o amor. Ela nunca deixou de amá-lo. Perdoá-lo era sua melhor opção. Finalmente, havia deixado tudo para trás e acreditado nele. Agora, voltava a se perguntar por quê. Por que ele havia dormido com outra mulher? Ela o admirava pela retidão de julgamento que acreditava que ele possuía. Os olhos grandes e pedantes de Tia provavelmente imploraram pelo amor e pela proteção de seu marido. Ela deve ter sido a opção perfeita para Nathan quando ele se cansava de sua esposa supercompetente, boa em tantas coisas. A perfeita Juliette: que preparava refeições gourmet, a mãe do ano, que cuidava de sua casa. Ela até ganhava mais dinheiro do que ele ultimamente. A ideia de que ele havia ido atrás daquela garota porque o seu ego precisava de um pouco mais de estímulo a deixava maluca. Sempre esperara muito mais de Nathan. Como aquela mulher podia se atrever a espalhar seu nome em um envelope para que o mundo e Juliette pudessem ver, como se Juliette não soubesse quem ela era? Como se Juliette não a houvesse seguido durante cinco noites vergonhosas. Tia Genevieve Adagio. Uma menina de seda, se roçando no seu marido. Escorregadia como uma foca, garota sombria e carente, olhando para o marido de Juliette como se ele lhe fornecesse o oxigênio que ela respirava. E agora eles tinham uma filha? Mais do que tudo, esse fato novo deixava Juliette de fora. De repente, Tia e Nathan formavam um casal, enquanto Juliette estava do lado de fora, observando sua família secreta.



Juliette subiu a Central Street e parou o carro em um pequeno estacionamento atrás da loja. Nos fundos, assim como na entrada, estava escrito o nome das sócias: juliette&gwynne//o frescor da beleza. Elas quiseram abrir a loja em uma rua repleta de beleza e dinheiro. Gwynne escolheu a rua principal do subúrbio de Wellesley, e Juliette escolheu o nome, certa de que as mulheres comprariam qualquer coisa com esse nome. Juliette criava os produtos. Gwynne administrava o negócio. Elas tinham sincronia como amigas e sócias. Quando Gwynne espirrava, Juliette pegava um lenço. Por isso, precisou ficar no carro por alguns

minutos. Ela era transparente para Gwynne, e não queria que a amiga descobrisse o que estava acontecendo. Gwynne deixaria Juliette assustada se não fossem melhores amigas. Além de ter quatro filhas com idades entre seis e treze anos, um casamento sólido, e o corpo de dançarina que a mãe de Juliette sempre sonhara para ela, Gwynne era esperta e engraçada. Felizmente, era bastante insegura e ansiosa, o que exigia que corresse todas as manhãs, tomasse remédios para ansiedade e pílulas para dormir de vez em quando. Isso permitia que Juliette não sentisse tanta inveja dela assim. Juliette, a par dos segredos da amiga, se perguntava por que tantas mulheres adoráveis tinham a autoestima tão baixa. Pegou o envelope na bolsa. Uma chuva fina caía, o que a agradava. Assim, podia ficar confinada no carro e escondida do mundo pelo menos um pouquinho mais. Tocou o papel barato. O envelope barato. Papéis e envelopes combinando ficavam na mesa de Juliette, prontos para serem usados em qualquer situação. Papel grosso tão suntuoso que chegava a acariciar a tinta. Marfim. Cinza. Azul-pastel. Nenhum deles apropriado para a carta que ela enviaria a Tia. Para aquilo, ela iria a uma papelaria e compraria qualquer porcaria em branco-brilhante por noventa e nove centavos. Passou os olhos pela carta de novo, sem conseguir se concentrar nas palavras, sentindo apenas a contaminação de Tia. “Nossa filha”, ela havia escrito para Nathan.

“Ela se parece com você!” Juliette pegou as fotos do colo, onde haviam caído. Seus dedos tremiam. Essa criança arruinaria a vida deles. A semelhança com Max a surpreendia. Assim como essa criança, seu menino teve pernas gorduchas e duras. A foto provava que Savannah era irmã de Max. De Lucas também, mas a semelhança não era tão óbvia assim. Savannah? Um nome que não combinava com essa criança de aparência tão solene. Ela olhou as fotos, uma para cada ano de vida e uma de recém-nascida. A expressão séria da criança, mais atenta a cada ano, mexia com o coração de Juliette. O carinho pela menina, tão inesperado que quase a fazia chorar, tomava conta dela. A mãe de Nathan podia ser vista na criança; a mãe de Nathan, que ainda tinha aquele rosto sóbrio de imigrante. Os pais de Nathan moravam em Nova York havia cinquenta anos, mas ainda tinham receio de que os americanos os mandassem de volta para a Hungria. Eles ainda eram muito gratos por terem escapado do cerco comunista aos judeus húngaros. Nathan, filho único, nascido onze anos mais tarde, aceitou os sonhos que seus pais lhe passaram, junto com o leite, a carne vermelha e sua veneração pela educação. Os pais de Nathan ainda suspiravam de alegria sempre que viam seu filho americano, forte e bonito; Juliette, sua *szép* – linda – nora; e seus netos maravilhosos. Será que eles não deveriam saber que tinham uma neta? Juliette examinou o rosto de Savannah. Aproximou mais a foto de seu rosto. Mesmo com vontade de rasgá-la, ela reconhecia que a criança parecia ser da família. Mas da família de Nathan, não da dela. Não da família dos dois.

Gwynne bateu na janela do carro. A chuva molhou o carro quando Juliette abaixou o vidro.

– O que você está fazendo aí? – Gwynne segurava um jornal em cima da cabeça com uma mão e apontava para as fotos com a outra. – Quem é esta?

Juliette guardou as fotos e a carta na sua bolsa de couro.

– Uma daquelas crianças da Sally Struthers.

– Do Fundo Cristão de Assistência a Crianças? – Gwynne levantou a sobrancelha. – Tem certeza de que esse é um bom lugar para fazer a doação?

Sem dúvida, Gwynne tinha uma lista de instituições melhores em sua bolsa, prontas para ser mostradas e servir de guia para doação. Se não gostasse tanto de banhos quentes e ar-condicionado, Gwynne certamente estaria em alguma selva salvando o planeta, e levaria seus filhos junto. Preocupava-se bastante em mostrar aos filhos a coisa certa a fazer, sempre dizendo que torcia para que o tiro não saísse pela culatra e não acabasse financiando o almoço de senhoras niilistas.

– Agora se chama Fundo Internacional para Assistência a Crianças. – Na verdade, Juliette ajudava uma criança e estava se sentindo envergonhada por usar isso para encobrir sua mentira. Não parecia estar certo.

– Quando você começou a fazer isso? – perguntou Gwen.

– Eu não fico comentando – disse Juliette. – As pessoas devem fazer doações sem contar nada para ninguém. – Doar para o Fundo Cristão sem falar nada?

Gwynne e Juliette eram casadas com judeus. Duas loiras com dois morenos; elas eram um clichê e tanto. O pai de Juliette se dizia judeu, mas seus pais não davam muita atenção a religião ou cultura a não ser na época do Natal.

– Você vai entrar? – perguntou Juliette.

Gwynne se afastou, com os braços levantados.

– Não era eu que estava aqui sonhando acordada com bebês cristãos.

Quem havia adotado a filha de Nathan? Quem eram essas pessoas boas, essa médica e esse cara do computador de Dover, uma cidade tão carente que fazia com que a cidade de Wellesley parecesse *nouveau riche*?

A loja ainda tinha o cheiro fresco do capim-limão que elas borrifavam todas as



noites antes de ir embora. Prateleiras minimalistas estavam na mesma perfeita ordem que Gwynne e Juliette deixavam todas as noites. Do lado de fora, gravado em uma placa de aço com linhas pretas, o nome da loja ficava no topo da grande janela de vidro. Era o mesmo logo usado em todos os papéis, cartões e propagandas – todos criados para atrair as mulheres de Wellesley e da redondeza, constituída pelas cidades mais ricas de Massachusetts. Desde que abriram a loja, há cinco anos, elas haviam feito de tudo para ter uma freguesia fiel, desde contratar excelentes designers para confeccionar suas embalagens até usar os ingredientes orgânicos mais bem qualificados do mercado.

Mesmo quando o valor do euro passou o do dólar, continuaram a usar óleos caros extraídos de flores cultivadas no solo da região de Burren, na Irlanda. Os produtos para crianças ficavam expostos em uma grande sala clara, com carpete amarelo-brilhante. Juliette e Gwynne não economizaram nem um centavo para construir sua marca premium. A experiência de Juliette com maquiagem teatral adquirida na Emerson, e a coluna de moda que escrevia para a *Boston Magazine*, associadas aos olhos clínicos de Gwynne para artes e a cabeça para os negócios, haviam propiciado uma matemática perfeita de sucesso. Tanto que, recentemente, elas deixaram de vender seus produtos apenas na loja para distribuir regionalmente a maquiagem e a linha de produtos de cuidados com a pele.

Nos últimos três anos, as duas haviam comprado casas na cidade em que decidiram abrir sua loja, a cidade que haviam escolhido desde o começo porque era muito acima de sua situação econômica. Juliette fabricou os primeiros cremes para pele em sua cozinha em Waltham. Hoje, cinco fábricas produzem seus produtos. Sempre que Juliette visitava uma loja de produtos femininos, via o display fosco com o desenho do amor-perfeito que significava que ali havia produtos juliette&gwynne. Aquela carta ameaçava cada pedacinho de felicidade que ela havia conquistado. Deixou Gwynne mexendo na loja, entrou no banheiro e trancou a porta. Sentou-se na cadeira preta e, de novo, pegou as fotos e a carta. Examinou o rosto da criança e memorizou o nome da mãe adotiva antes de guardar a carta e as fotos no compartimento mais escondido de sua bolsa. Então, ficou em pé na frente do espelho, aplicou mais uma camada de batom e se preparou para cumprimentar seus funcionários à medida que eles chegavam. Helena e Jai foram as primeiras a chegar, depois de Juliette e Gwynne. Elas não apenas trabalhavam juntas como moravam juntas, vinham juntas para o trabalho, iam embora juntas e passavam os fins de semana juntas nos bares criados para as mulheres irem com vestidos agarrados no corpo e que eram frequentados por homens que as desejavam. As duas jovens eram as especialistas em sobrancelhas da juliette&gwynne.

Sobrancelhas, como as mulheres do subúrbio de Boston bem sabiam, podiam melhorar ou destruir a sua aparência, por isso elas eram, definitivamente, a especialidade de Helena e Jai. Helena, designer sofisticada, arqueava as mulheres em uma versão um pouco menos sofisticada de Catherine Zeta-Jones. Conseguia afinar uma sobrancelha, tingi-la sem que parecesse tingida ou ensinar uma cliente a transformar sua sobrancelha anêmica em uma sobrancelha que lembrasse a de Brooke Shields, se esse fosse o seu desejo. Juliette preferia o método minimalista de Jai, que deixava as sobrancelhas de uma mulher apenas limpas o suficiente para colocar os olhos em destaque. Um dia ela cometera o erro de falar sobre isso no jantar, o que deixou Lucas, Max e Nathan histéricos. Max, então com oito anos de idade, começou a contar histórias de olhos de mulheres saltando para fora, olhos pendurados em suportes sangrentos.

Ao passar de sala em sala, Juliette pensou em suas opções. Os planos que ela havia começado a formular pareceriam loucura se desse voz a eles – não que tivesse a intenção de falar sobre eles. Mas ela precisava de informação. Participar de uma peça da qual não sabia o roteiro não aconteceria novamente com ela. Seis anos atrás, depois de Nathan tê-la marcado com a história do caso amoroso, ela não soubera como olhar para ele. Por tempo demais, não conseguiu perguntar nada a ele além de por quê. “Por quê, Nathan?” “Você não estava satisfeito?”, perguntava ela. “Entediado?” “Cansado de mim?” “O que você precisava que eu não conseguia te dar?” Essas perguntas nunca tiveram uma resposta satisfatória. O que poderia ele dizer que a ajudasse a entender? “Eu era insaciável?” “As crianças e você me incomodavam?” “Eu sentia falta da sua adoração por mim?” Em certo momento, ela aceitou que era tudo aquilo e ainda mais, e que não importava o motivo, mas sim o fato de ele ter feito. Não era a resposta dele que importava, mas a dela. Ela precisava descobrir não só como conseguir ficar com ele, mas também como fazê-lo sem puni-lo todos os dias. Ele implorou para que fizessem terapia de casal, mas ela recusou. Sempre que se imaginava sentada com Nathan e um analista qualquer, entrava em pânico. Nessas sessões imaginárias, ela era a escolhida, a criticada, a analisada e a que desejava alguma coisa. Havia passado semanas distante, apenas com seu computador. Um site, todo com áudio, gritava *Cure-se!* O outro começava com um aviso de que as chances de ficarem juntos era de cinquenta por cento, e se ela sabia que isso era doloroso para o traidor e para o seu amante? Que eles sofriam de depressão e pensavam em suicídio? Analisando o site com mais cautela, ela descobriu que podia provar o caso extraconjugal de seu marido enviando apenas US\$ 79,99 para receber livros e fitas. Enviados em embalagem discreta. Depois do pânico trazido à tona por aquele site, ela encontrou outro que garantia que muitos casais saíam de seus casos extraconjugais mais fortes do que nunca. Mas advertia que ela precisava avaliar seu relacionamento. Estavam

comprometidos a mudar? Estavam dispostos a conversar um com o outro? E então ela imaginou se deveria fazer terapia com Nathan. Algumas vezes, sentia como se estivesse fazendo apenas duas coisas na vida: cuidando das crianças e lendo sobre infidelidade na internet. Durante uma de suas noites insones, às três da madrugada, leu que casamentos eram “muito menos prováveis de se reconstruir a partir de uma série de traições do que de uma traição só”. Juliette entrou no quarto exigindo saber se ele havia tido caso com mais alguém. Se tivesse uma lanterna, teria direcionado a luz para os olhos de Nathan. Mesmo depois de ele ter jurado que estivera apenas com uma outra mulher durante seu casamento – como se devesse ganhar uma medalha por isso –, Juliette havia estudado características dos traidores, descobrindo um teste na internet que prometia determinar a probabilidade de um marido trair. Ela surtou quando a pontuação de Nathan mostrou risco moderado. Queria que o resultado de seu teste fosse um impossível zero. Dos sete indicadores de probabilidade de traição, Nathan tinha três fatores de risco: era *atraente*, tinha *oportunidade* – afinal, uma faculdade não era um lugar para procurar amantes? – e tinha *grande energia sexual*. Felizmente, ela podia marcar “Não” com segurança nos quesitos ser um *tomador de riscos*, ser *autorizado a trair*, ver *o amor como um jogo* e ter *problemas de relacionamento*. Com exceção, claro, do fato de ele ter dormido com outra pessoa durante um ano. Juliette aceitou o conforto pelo fato de estarem abaixo da marca de cinquenta por cento para respostas “Sim”.

Depois de procurar soluções em livros, na internet e em terapias de casal, e de não encontrar nenhum alívio para a dor em sua corrida insana para se recuperar, ela finalmente descobriu suas próprias melhores respostas. Alguns aspectos eram verdadeiros: ela amava Nathan e não queria deixá-lo. A ideia de criar os filhos sozinha a aterrorizava, e os magoaria. E, como em qualquer tristeza, ela precisava deixar o tempo passar antes de encontrar seu lugar de volta em seu casamento. Juliette se manteve bastante presa à crença de que não era sua culpa. Nathan tinha repetido muitas vezes que não era culpa dela, aparentemente fazendo suas próprias pesquisas na internet. Ele imprimiu uma lista de consolo sobre por que os homens e mulheres tinham casos:

- *Para satisfazer o ego que toma conta da pessoa quando alguém presta atenção nela.*
- *Pelo desejo egoísta de prazer temporário.*
- *Para confirmação de sua atratividade ou valor.*
- *Para ser adorado.*

A raiva de Juliette se transformou em mágoa até o dia em que,

milagrosamente, começou a diminuir um pouquinho a cada dia e, então, encolheu e virou uma bolinha em seu peito, às vezes mais dura, e se transformou em um cristal que ela conseguia deixar afastado até que aquela lembrança veio à tona mais uma vez. Agora, ele havia trazido aquela rocha de volta à superfície e mais uma vez ela mal conseguia respirar sem sentir a mesma dor que havia sido enterrada.

Ao chegar ao escritório, um refúgio azul e branco no meio de tanto preto e amor-perfeito, Juliette ligou o computador e digitou no Google: Caroline Hollister Fitzgerald. Assim como Juliette Silver Soros, Caroline usava seu nome de solteira como nome do meio. Juliette sabia algo sobre ela. Precisava de fatos. De maneira alguma seria deixada para trás de novo – como diz o ditado, “ser a última a saber”. Se conhecimento significava poder, então ela conseguiria sua força descobrindo exatamente o que estava acontecendo. Encontrou a foto de Caroline no site do Cabot Hospital, em Boston, onde ela era patologista se especializando em oncologia pediátrica.

O nariz arrebicado de Caroline deixava claro para Juliette que a aparência não era a preocupação da médica. Muitas mulheres teriam feito plástica naquele nariz. Caroline Fitzgerald morava em Dover e, por isso, o valor de uma cirurgia não parecia ser o problema. Lábios finos lhe davam um ar tenso, mas seus olhos se sobrepunham a suas características mais nítidas. Olhos grandes e intensos emoldurados por cílios longos e ruivos se destacavam em seu rosto. Uma camada de rímel chocolate da juliette&gwynne e Juliette conseguiria deixar aqueles olhos marcantes. Eles se destacariam. Juliette encontrou a pasta de nome “Promoções”, da época em que iniciaram o negócio, e abriu um arquivo com o nome “Grandes descontos”. Procurou o folheto que haviam usado para clientes românticas que desejavam construir um relacionamento. “Por favor, aceite nossa oferta para cuidar de sua criança enquanto você desfruta de nosso dia da beleza.” Juliette escreveu o nome de Caroline Hollister Fitzgerald e imprimiu o convite em papel marfim, com linhas pretas e desenhos de amor-perfeito.

## CAPÍTULO 7

### *Juliette*

Dois dias depois, Juliette foi até Boston. Precisava ficar sozinha, longe da loja, da casa e dos meninos, mesmo que fosse apenas por algumas horas. E de Nathan! Céus, como ela precisava ficar longe dele. Não queria nem mesmo estar na mesma cidade que ele.

Obviamente, seria muito difícil encontrar paz em seu destino.

Ela ainda não havia falado nada sobre a carta. Não queria mostrá-la a Nathan antes de descobrir mais coisas. Precisava ter controle sobre sua vida e, como advogada esperta que era, não queria fazer nenhuma pergunta cuja resposta já soubesse.

Sabia que deveria conversar com Gwynne antes que aqueles pensamentos constantes sobre a criança e aquela mulher a deixassem completamente maluca, mas não o fez. Se Gwynne soubesse o que estava prestes a fazer, ela a impediria.

A estrada fez uma curva quando Juliette seguiu a Rota 16, a caminho da Rota 9. A última vez em que ela tinha ido a Boston fora para uma reunião com sua advogada, quando Gwynne e ela reescreveram o contrato de sociedade para que se adaptasse às mudanças de seu negócio em expansão. Naquele dia, ela se dirigira ao centro. Hoje, iria a Jamaica Plain.

Já estava no final da manhã. Logo, não teria mais tempo. A liberdade de Juliette terminava quando o jogo de futebol de Max começava, às quatro da tarde. Nathan a encontraria lá porque – ah, é – eram uma família que pensava primeiro nas crianças.

Juliette detestava sua amargura cada vez maior. Sentia falta da doçura que acompanhava o amor que sentia por Nathan. Gostaria que estivessem de volta a Cape Cod, vivendo da maneira como viviam quando os garotos eram pequenos. Nathan passava horas cavando a areia com Lucas e Max, misturando areia molhada com areia seca, cavando buracos fundos para que os meninos pudessem balançar os pés lá dentro.

As noites eram regadas a lagosta na manteiga e vinho gelado. Faziam palavras

cruzadas e se amavam muito. Acordar era uma alegria.

Ela havia acreditado em Nathan quando ele dissera que tinha sido pura estupidez. Apenas sexo. Tinha acreditado no que descobrira. Era um idiota. E ela acreditara que o havia perdoado.

Agora, ela temia que sua raiva estivesse apenas adormecida. Durante sua luta para superar a traição, o pior havia sido o pavor de detestar Nathan, pois achava que o amava demais.

Ao avistar o farol vermelho à frente, diminuiu a velocidade e percebeu que estava correndo demais. A mistura de lojas com trechos de estrada arborizada da Rota 9 ficou mais cheia de carros e empresas à medida que se aproximava da cidade. O Atrium Mall já brilhava a sua direita. Gwynne e Juliette haviam pensado em abrir sua loja no Shopping Atrium, de alto padrão, mas perceberam que o tráfego de pedestres seria melhor opção para elas.

Mantendo os olhos na estrada, remexeu na bolsa que havia jogado no banco do passageiro até que seus dedos encontraram o saquinho de M&M's que pegou em seu esconderijo. Todo Halloween ela comprava muitos desses saquinhos para sobreviver ao mês de outubro. Sacos grandes aumentariam suas roupas em um número por ano.

Esconder comida aos quarenta e um anos de idade era patético, como se ainda fosse uma criança pegando bala escondido da mãe para guardar no fundo da gaveta da cômoda.

Depois de ter recebido a carta, havia dois dias, Juliette procurou não ficar sozinha com Nathan. Falou com ele o mínimo possível, culpando o trabalho e a TPM, duas táticas que garantiam que ele a deixasse em paz. Ele não achava o trabalho dela muito interessante, embora tentasse fingir o contrário, e, como qualquer outro homem, se esquivava de tudo que se relacionasse ao seu círculo.

Guardar aquele segredo tornava a conversa com ele praticamente impossível. Ficar em silêncio a obrigava a encher a boca com comida. Tinha comido todos os brownies que fizera na noite passada, e a lasanha de quinta-feira. A lasanha estava tão cheia de carne e muçarela que, enquanto observava Nathan devorar a comida, teve a sensação de que a qualquer momento ele podia ter um ataque cardíaco devido ao excesso de colesterol.

Naquela manhã, durante o café, Juliette se serviu de quatro torradas e depois terminou de comer as migalhas dos pratos das crianças e de Nathan. Suas roupas já estavam ficando apertadas, e ela não podia se dar ao luxo.

Depois do café, limpou o fogão e então esfregou o balcão até que o granito ficou brilhante.

Patético concentrar sua raiva nos eletrodomésticos.

Na limpeza.

O campo de ataque das mulheres.

Cloro.

As armas de uma mulher.

As fotos agora manchadas e amassadas de Savannah a chamavam constantemente. Ela as pegou repetidas vezes, preocupada como se alguma mancha fosse aparecer. Talvez estivesse torcendo para que a imagem acabasse evaporando e então que Max não fosse mais o filho do meio.

Olhou no espelho retrovisor. Um pelo havia nascido em seu queixo, sinalizando o fim de seus anos de beleza. No passado, havia contado com sua beleza, mas agora precisava de todos os produtos que havia inventado. Puxou o pelo com o indicador e o polegar, mesmo sabendo que não adiantaria nada.

Juliette ajeitou os óculos escuros no rosto e colocou o boné de beisebol de Max cobrindo a testa. Usava uma velha jaqueta jeans de Lucas e uma calça de moletom.

Desligou o rádio e saiu da Arborway. Dirigiu pela Morton Street até chegar ao local de trabalho de Tia, sem saber o motivo, apenas na esperança de ver que Tia havia ganhado centenas de quilos e que sua pele estava horrível. A pele áspera era a pior característica de Tia, pelo menos Juliette havia percebido isso a distância, quando a espionara anos atrás. Talvez os hormônios e o tempo houvessem causado algum estrago a ela.

Tia tinha sido tão atenciosa ao incluir o endereço e o nome da agência onde trabalhava, mas Juliette ficou intrigada quando o GPS a levou até uma igreja. Não queria chegar perto demais, mas finalmente saiu do carro e andou por uma passarela de ardósia. A grande porta de entrada, emoldurada por uma extensão de pinheiros crescidos e arbustos não aparados, estava trancada. Ela se afastou.

Um caminho na lateral terminava em um estacionamento atrás do prédio. Um tijolo mantinha aberta a pesada porta dos fundos, onde um jovem usando boné tragava um cigarro. Uma vassoura estava encostada na parede.

– Precisa de ajuda? – Ele apagou a bituca e a jogou em uma pilha de lixo à sua esquerda.

– Acho que estou perdida – fingiu Juliette. – Aqui é o Spaulding Nursing and Therapy Center? Parece uma igreja! – Ela olhou para os lados como se estivesse atordoada.

– Está perdida mesmo, moça. O que está procurando fica no final da avenida. Você está no Jamaica Plain Senior Advocate Center. Isto é uma igreja, o escritório deles é aqui. – Ele a olhou meio intrigado. – Tem certeza de que não é isso que está procurando?

Juliette abaixou a cabeça para olhar para a prancheta prateada que segurava.

– Não. Está escrito aqui: Spaulding Nursing and Therapy. Sou fiscal.

– Tudo bem então. Boa sorte. – Ele pegou a vassoura, tirou o tijolo que segurava a porta aberta e voltou para dentro da igreja.

Talvez ela levasse jeito para enganar as pessoas. Talvez, se se separasse de Nathan, desistisse de trabalhar com produtos de beleza e se tornasse detetive particular.

Agora que sabia que estava no lugar certo, Juliette voltou ao carro e o levou até os fundos, estacionando em um local meio escondido, de onde conseguia enxergar a porta, que agora estava fechada. Em frente à igreja, muitas árvores e videiras enchiam o estacionamento sem carros.

Cheia de energia por causa do nervosismo, mas sem ter o que fazer, ficou remexendo nos recibos que estavam dentro de sua carteira. Depois, limpou o porta-luvas, desejando que aquele fosse o carro de Nathan e que ela o estivesse inspecionando, para que pudesse procurar provas de mais uma traição.

Quando encontrou um cartão de Tia esquecido no porta-luvas de Nathan um ano depois de ele ter confessado o caso – todo amassado lá no fundo –, foi totalmente afetada mais uma vez por aquela traição. Só de pensar no cartão, a sensação já voltava a tomar conta dela.

Aquele cartão doentio, com a data próxima de quando Nathan lhe contou sobre seu romance, tinha apenas um coração vermelho. Dentro, a mensagem impressa era: “Destinado a ser meu”. E escrito com letras perfeitas estava a frase “Eu sou sua. Tia”.



Agora Juliette era de Tia. Se fosse possível, teria usado o cartão para despedaçar o coração de Nathan nos mesmos milhões de pedacinhos em que ele havia dilacerado o dela.

Tia saiu.

Não tinha engordado – ao contrário, estava mais esbelta. Sua pele não parecia pior, mas também não parecia melhor. Os cabelos ainda eram curtos, mas estavam repicados, mais no estilo *Oliver Twist* do que no da *Vogue*. Como podia sua falta de estilo fazer com que parecesse ainda mais vulnerável? Era do tipo que os homens faziam fila para ajudar.

Olhe para ela. A delicadinha, que abandonou o bebê como se fosse um lixo e então usou a criança como desculpa para entrar em contato com Nathan. Por que ela não ficou com a filha? Egoísta demais? Será que o bebê fora apenas um plano para segurar Nathan?

Juliette a examinou de longe. Conheça seu inimigo. Ela usava imitações feias e baratas que pareciam ter sido compradas em qualquer lojinha. Não usava maquiagem, apenas delineador. Tamancos desgastados completavam sua aparência descuidada.

Ainda assim, ela era bonita.



O jantar devia estar com gosto de cinza naquela noite, mas Nathan e os filhos a elogiaram enquanto espetavam o macarrão na manteiga, os pedaços de carne e as cenouras estavam tão macios por terem sido cozidos por muito tempo no vinho que era possível pensar que a refeição havia sido feita com amor.

Agora, às onze e meia, Lucas e Max dormiam. Juliette passou pano no chão da cozinha até ficar com medo de tirar o acabamento do piso. Nathan passou três horas imerso nos estudos.

Finalmente, Juliette soltou a esponja e foi para o quarto. Ela se jogou nos travesseiros e analisou as demonstrações financeiras da Juliette & Gwynne do trimestre anterior. Essa parte do negócio a chateava muito. Os números eram responsabilidade de Gwynne, e Juliette ficaria feliz em deixar todas as planilhas por conta dela. Mas o pai de Nathan havia dado um sermão em Juliette sobre a importância de ficar atenta aos números, e ela havia prometido que faria isso.

– Lembre-se de Bernie Madoff – dissera ele, como se Gwynne passasse as noites inventando faturas falsas. Juliette queria ignorá-lo, mas quebrar uma promessa feita a seu sogro sempre alerta parecia um pecado. Toda vez que ele a chamava de “querida”, a palavra com tanta preocupação como sotaque, Juliette se sentia protegida e amada.

Nathan estava segurando o cesto de roupa suja. Ela baixou os papéis e o examinou por cima dos óculos de leitura. Seu rosto estava preocupado. Ele percebia os humores e realizava serviços domésticos quando sentia a tensão.

– Isso estava ao lado da escada. – Ele colocou o cesto no banco ao pé da cama.  
– Onde você quer que eu coloque?

Juliette amassou os papéis, pois estava segurando-os com muita força.

– Aí está bom.

– Você está bem? – Ele se sentou ao seu lado na cama, forçando-a a se mover.  
– Qual é o problema? Está estranha há dias.

– Estou bem.

Nathan passou a mão no braço dela.

– Não parece.

Vestindo camisa jeans e blusa de moletom, ele estava parecido com Lucas. Juliette observou sua coxa nua à mostra por causa do pijama curto. Antigas queimaduras de sol haviam se transformado em manchas de idade.

– Trabalho – disse ela. – Apenas trabalho.

Ele tirou os óculos de Juliette, um movimento conquistado em dezesseis anos de casamento. Então, colocou delicadamente o dedo entre suas sobrancelhas e massageou o lugar onde os óculos sempre deixavam uma marca.

As palavras ficaram presas em sua garganta. Curvou os dedos sobre o relatório de vendas de protetor solar até quase rasgar o papel.

– Uau! Você está mais do que um pouquinho tensa. Está tudo bem com os negócios? – Ele pegou o relatório como se fosse verificá-lo. Juliette puxou o papel, segurando-o contra o peito para que ele não conseguisse enxergar.

– Está tudo bem – repetiu ela.

– Então qual é o problema?

Ela sacudiu a cabeça.

– Nada. De verdade. Acho que só estou triste.

– Pobrezinha. – Sem dizer mais nada, ele tirou a roupa, deitou na cama e acariciou suas costas.

Mesmo tendo vontade de sair dali, empurrá-lo e correr para a cozinha, onde devoraria macarrão na manteiga gelado, vinho e pedaços de carne fria até conseguir afastar todos os seus desejos, Juliette permaneceu imóvel, sentindo o toque dele para relaxar seus músculos. Sem dizer sim ou não, ela deixou que ele continuasse.

Ela deitou com o rosto para baixo. As mãos largas e quentes que um dia passaram pelos quadris de Tia, pelos seios de Tia, pela barriga reta de Tia e pelas suas coxas esguias levantavam o pijama de Juliette e acariciavam suas costas.

O entorpecimento tomou conta de seu corpo. As mãos de Nathan podiam muito bem estar se mexendo sobre várias camadas de cobertor. Ele traçou os ombros dela.

Tentou fazê-la se virar. Juliette não conseguia olhar para ele.

Ela apertava os olhos fechados, rezando para a liberação do orgasmo ou das lágrimas. Rezou para a liberação do conhecimento que não queria ter.

Juliette afastou a mão de Nathan, seu toque era íntimo demais. Ele achou que ela estivesse pronta e ficou por cima. Isso ela podia aguentar, o seu peso, ele dentro dela sem nenhuma ternura.

Anos de casamento haviam dado conhecimento demais para Nathan, e ele usava sua familiaridade para trazê-la ao clímax mesmo quando ela não queria, quase como se o corpo de Juliette estivesse traíndo seu coração.

Sobre ela, Nathan começou a murmurar palavras de amor. Suado, ele cedeu, pressionando seus lábios quentes em seus ombros.

Uma imagem de Savannah apareceu na frente de Juliette. Boca cheia na parte inferior e docemente curvada na parte superior. Nariz um pouquinho largo. Olhos tão grandes e escuros que o preto parecia azul. Mãos grossas apoiadas ao lado do rosto sério.



## CAPÍTULO 8

### *Caroline*

Caroline abriu as cortinas do quarto de Savannah. A filha dormia tão pesado que ela ou Peter tinham de acordá-la todas as manhãs. Não parecia normal uma criança de cinco anos que não pulava da cama, uma criança que dormia à espera de que seus pais a trouxessem de volta à terra. O barulho da cortina não incomodou a menina, cujo rosto permanecia sério mesmo enquanto dormia. Às vezes, Caroline pensava que Savannah havia herdado, se não por genética então por proximidade, as piores características de Caroline. Pois ela também detestava acordar. Assim como Caroline, Savannah era tensa, perfeccionista e observadora. Caroline insistira em dar à filha o nome de Savannah, uma homenagem romântica à cidade onde Caroline e Peter passaram a lua de mel, torcendo para que o nome a fizesse ser espirituosa e romântica – e até mesmo ousada –, qualidades que Caroline acreditava não ter.

Savannah se mexeu quando Caroline sentou-se na colcha que cobria a cama, arqueando-se enquanto a mãe desenhava com os dedos em suas costas.

– Casquinha de sorvete – resmungou Savannah.

– Tente de novo – disse Caroline.

Savannah virou a cabeça e abriu os olhos.

– Faça por baixo, mamãe.

Caroline levantou a camisa do pijama de Savannah, ainda quente. Tocando suas costas de leve, ela desenhava a letra M na pele da criança três vezes.

– M de mamãe – disse Savannah.

– Isso mesmo!

Savannah se virou e apertou os olhos.

– Sério?

– Sério. Agora vá ao banheiro e depois pegue suas roupas. – Caroline se

preocupava com a desconfiança ansiosa de Savannah, pensando de onde vinha aquilo.

A menina voltou do banheiro com o rosto rosado brilhando e com hálito de pasta de dentes. Ela gostava de se limpar logo ao acordar. Tinha um senso natural de organização que Caroline achava cativante.

Caroline e Savannah começaram a pensar na roupa que ela vestiria, levando a sério a tarefa. Savannah não iria a nenhum lugar além do destino escolhido por Rose, a babá – às vezes iam à biblioteca Dover, às vezes ao parquinho, às vezes apenas até o quintal –, mas elas se preparavam cuidadosamente para cada dia, juntas e atentas à tarefa, como se a garota fosse a algum lugar de trabalho importante para crianças. Caroline se preocupava com o fato de não ter matriculado Savannah na escola ainda, mas ter uma babá era muito mais fácil do que ficar indo e voltando da escola. Decidira dar à filha alguns anos mais de liberdade das obrigações escolares. Como o aniversário de Savannah era em março, ela ainda entraria na educação infantil, mesmo tendo cinco anos de idade.

*Tudo bem, hora de parar de me enganar.*

Aulas de balé, de natação, de música – todo o enriquecimento fornecido pelas pesquisas de Rose – não recompensavam o fato de ela não ir   escola. Caroline sabia disso, mas fingia que encontrar-se com outras crianças uma ou duas vezes por semana era suficiente, exceto nos dias em que ela se forçava a ler a lista que não saia de sua cabeça: *coisas que eu deveria estar fazendo por Savannah.*

Caroline não se importava que Peter s isse cedo para o trabalho na maioria dos dias, deixando que ela ficasse com a filha. Este era o melhor momento das duas juntas. Tarefas com tempo limitado a faziam ser paciente. A especificidade acalmava Caroline, e foco era o seu melhor amigo. Todos os dias ela ia para o trabalho com vontade de trabalhar. E ficava intrigada ao ver o quanto seus colegas esperavam pelo fim de semana, desesperados, como se estivessem fugindo de um trabalho escravo.

Depois de dez minutos terem se passado do horário em que Rose, a babá, deveria ter chegado, Caroline estava tensa, mas fingindo que estava bem. Na verdade, calma. Veja, Savannah, mamãe está bem. Sorriso. Abra o. Ligar a televisão – apenas desta vez.

Na verdade, Caroline sabia, ela não tinha motivo para ficar preocupada. Ela sempre deixava pelo menos uma hora livre quando marcava seus compromissos para acertar o horário com o da babá. Depois de cinco anos, Caroline conhecia

bem as manias de Rose. Ao estimar seu horário de chegada, levava em consideração os problemas de trânsito que enfrentaria, o tempo que levava para se aprontar e a tendência que a babá tinha a ficar assistindo ao *Today Show* e depois ficar falando sobre o que Matt havia dito naquela manhã, como se ela e Matt fossem amigos. Apesar de ser cinco anos mais nova do que Caroline, Rose parecia ser de uma geração mais velha.

Caroline aceitava todos os problemas que aconteciam com Rose: seus atrasos, sua paixão constante pelos prestadores de serviço de Caroline (o pediatra, o dentista, o cara que arrumou a calçada, o paisagista), e até engolia sua raiva quando Rose não seguia as instruções nutricionais e alimentava Savannah com frituras e bolachas recheadas. Aceitava isso tudo porque a babá sempre dizia a Caroline o quanto gostava do trabalho. Até mencionava, em sua sinceridade inocente, que nunca havia ganhado tanto dinheiro em nenhum outro serviço.

Ela abriu as pesadas cortinas da sala puxando uma corda de cetim. Nada perturbava a imagem perfeita da grama, do bordo japonês que cercava a calçada de madeira absurdamente cara, e as cadeiras Adirondack colocadas na grama. Tinham uma casa grande demais, e aquilo envergonhava Caroline. O dinheiro que gastavam com Rose, com a empregada, com o jardineiro e com o faz-tudo provavelmente sustentaria três famílias – talvez até quatro famílias mais comedidas.

Ah, e ela havia se esquecido do limpador que cuidava dos tapetes antigos colocados sobre o piso de madeira, que brilhava em todos os quartos. Tudo havia sido construído com cuidado, linearmente, no estilo moderno e com os melhores materiais. Granito e madeira rosa emolduravam um fogão profissional demais para as habilidades culinárias de Caroline.

Peter crescera vestindo roupas usadas por seus primos, e depois as passava para seus irmãos. Agora, tinha vontade de comprar todas as coisas novas e brilhantes que sempre quis, e Caroline temia que sua próxima investida fosse em um irmão para Savannah. Ela, por outro lado, havia crescido tendo tudo de que precisava – menos um modelo de como ser uma mãe ausente decente.

– Mamãe, podemos brincar com as Bitty Twins? – Savannah empurrava um carrinho com duas bonecas embaixo de um cobertor. Brinquedos bagunçavam a casa toda. A cada preocupação secreta que Caroline sentia por se dedicar tão pouco à filha, mais dinheiro ela gastava.

– Quem você quer ser, mamãe? – perguntou a garota. Ela estava pronta para assumir qualquer papel doméstico que a mãe rejeitasse.

Caroline forçou um sorriso.

– Quem você quer que eu seja?

– Você vai ser a babá, e eu vou ser a mãe. – Savannah parecia se sentir importante e ocupada ao se inclinar sobre o carrinho. – Agora, meninas, mamãe precisa ir. Sejam meninas crescidas. A mamãe tem um trabalho importante consertando crianças doentes. E é por isso que temos a babá.

Savannah balançou a cabeça para Caroline como se estivesse lhe dando uma dica.

– Sim, aqui estou. Pronta para dar abraços e beijos – disse Caroline. – Babá Caroline ao seu dispor.

– Não – reprovou a menina. – Diga “amo vocês, meninas”.

– Amo vocês, meninas – repetiu Caroline.

Savannah empurrou o carrinho pela grande sala, sentando-se na beirada da janela.

– Mas mamãe ama vocês ainda mais. – Ela passou o dedo rechonchudo nas bonecas. Em seguida, puxou o cobertor tão para cima que apenas o nariz delas ficou visível.

Barulho de pneus. Caroline olhou pela janela e respirou com gratidão ao ver Rose estacionando o carro na garagem. Como havia sido instruída, ela parava o carro bem à direita, perto da beirada do asfalto, para que Caroline conseguisse sair rapidamente com seu carro.



Caroline passou a manhã terminando uma pilha de relatórios. Ela se forçou a deixar a caneta de lado e a lembrar-se de agradecer sua secretária, Ana, quando ela lhe entregou uma embalagem com espinafre e salada de laranja. Depois de entregar o lanche a Caroline, Ana levantou sua sacola com lanche do McDonald's e disse:

– Talvez você sorrisse mais se comesse um pouco disso.

Caroline deu um leve sorriso e se lembrou de que a jovem era eficiente, responsável e sempre chegava no horário, por isso Caroline deixava de lado o



hábito irritante de Ana de tentar fazê-la sorrir! Caroline fora aconselhada, durante toda a vida, a parecer mais feliz, e já estava cansada disso.

Seu pequeno escritório parecia uma gaiola. Para Caroline, era importante que esse espaço pequeno fosse simples, principalmente considerando a quantidade de papel que seu trabalho produzia. Ela podia facilmente estar trabalhando em meio a pilhas de materiais, três vezes maiores do que esta, como muitos de seus colegas, mas tinha sido bastante rígida com a organização desde o seu primeiro dia de trabalho em Cabot, há quatro anos.

Em um ângulo ideal de sua mesa estava seu microscópio. A superfície em volta do instrumento estava vazia para que fossem colocados os slides a serem utilizados ali. Ela colocara o monitor do computador no canto esquerdo da mesa, deixando o meio para três pilhas de arquivos, organizados embaixo de três pesos de papel de madeira, onde se liam as palavras *Urgente*, *Para esta semana* e *Longo prazo*.

Peter havia se juntado ao pai, cujo hobby era trabalhar com madeira, para fazer os pesos de papel para Caroline, e ela os adorava.

Folheou os relatórios enquanto esperava pela amostra de uma biópsia retal para realizar uma avaliação do que suspeitavam ser um cólon irregular. Temia que fosse doença de Hirschsprung, que, se não tratada, poderia levar a criança a ter obstrução intestinal.

Praticamente tudo em seu trabalho lhe interessava muito. Fazer parte de um estudo a longo prazo – analisando os efeitos da terapia com prótons no retinoblastoma – sempre foi muito envolvente. O mais importante, claro, era a possibilidade encantadora de encontrar uma maneira de acabar com o horror do câncer nos olhos daquela criança, mas, aliada a essa esperança, sempre vinha a pesquisa.

Uma das razões pelas quais preferiu a patologia à cirurgia pediátrica, que inclusive havia considerado, era o fato de não precisar dar notícias tristes aos pais. Caso a biópsia confirmasse a doença de Hirschsprung – e os sintomas do bebê apontassem para essa direção –, então o cirurgião seria o responsável a contar aos pais que sua filhinha provavelmente precisaria de uma cirurgia de ostomia.

Ela olhou para o relógio da parede. Às quatro, daria uma palestra para os alunos de medicina. Antes disso, trabalharia no tecido biopsiado de um paciente com suspeita de neuroblastoma. Nos relatórios de doações, apareciam as datas de vencimento. Caroline deu a última garfada em sua salada enquanto lia um e-

mail de alguém do National Institute of Health.

Os detalhes a consumiam com uma antecipação preocupante que na verdade a fazia sentir prazer. Se ao menos conseguisse transferir uma parte daquele prazer para cuidar da filha.

– Caroline? – A cabeça de Ana apareceu na porta. – Sua babá deixou duas mensagens enquanto você estava em reunião. Pediu que ligue para ela.

*Por favor, não deixe que tenha acontecido nada de errado.* Caroline havia desligado o celular no começo da reunião e não o ligou novamente. Às vezes até o tempo que levava para engolir a comida parecia um luxo inacessível. Balançou a cabeça para Ana.

– Obrigada – agradeceu enquanto pegava o telefone e começava a discar.

– Peter – disse ela quando ele atendeu o telefone. – Por favor, por favor, ligue para casa, tá? Rose ligou duas vezes e eu não tenho um minuto sequer.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

– Só sei que ela quer que eu ligue lá.

– E você não pode ao menos fazer uma ligação? – perguntou Peter.

– Acabei de ligar. – Caroline engoliu a borra fria de seu café da manhã. – Preciso chegar ao laboratório em menos de um minuto. Por favor, ligue.

– Querida, tem cinco pessoas aqui no meu escritório. Ligue para Rose e então me ligue se precisar de mim. Certo?

Ela não queria perder tempo discutindo. Então, ligou para o celular de Rose e para o telefone de casa. Ninguém atendeu; obviamente o problema já havia sido resolvido e elas haviam saído. Rose nunca atendia o telefone enquanto dirigia – Caroline e Peter a haviam proibido de fazer isso.

– Oi, Rose, estou indo para o laboratório. Espero que esteja tudo bem. Falo com você mais tarde, ou então ligue para Peter caso precise de alguma coisa. – Caroline deixou um recado na caixa de mensagens.



A casa estava escura demais quando Caroline chegou. O carro de Rose não estava na garagem. Ela olhou para o painel do carro. 20:05.

*Droga!*

Rose não havia ligado de novo, por isso ela achou que estava tudo bem e não pensou mais no telefonema.

*Droga! Droga! Droga!*

A luz azul da televisão brilhava na sala. Caroline apertou o botão para abrir a porta da garagem, batendo os dedos no volante impaciente e preocupada. A luz amarela iluminava a vaga vazia do carro de Peter. Ela desligou o carro e entrou correndo em casa.

Uma adolescente desconhecida estava sentada com Savannah na sala, iluminada apenas pela televisão e por um abajur aceso na mesinha mais baixa. Uma tigela com cereal encharcado estava na frente da menina, que batia sua colher num ritmo de alguma canção infantil no topo do prato de plástico. Imagens de uma bailarina com escritos em francês, bichinhos, bicicleta e xícara decoravam o prato, como se Savannah, que mal havia começado a ler em inglês, pudesse aprender uma segunda língua enquanto comia cereais.

O jogo *Jeopardy!* era exibido na tela gigante pendurada sobre o rack repleto de livros de histórias de fantasia e de princesas que pertenciam a Savannah. Não importava quantos outros livros Caroline comprasse, Savannah escolhia sempre Fancy Nancy.

A garota embalava as bonecas gêmeas e cantarolava baixinho.

A adolescente desconhecida olhou para cima.

– Oi. – Sua camiseta era mais curta que o vestido de coquetel de Caroline.

Savannah começou a bater mais rápido no prato. Caroline cobriu a mão da criança com a sua, apertando-a até que Savannah soltasse a colher.

– A babá teve de ir para casa – disse Savannah. – Será que ela estava brava?

– Não. Ela não estava brava com você, meu amor. – Caroline soltou a mão da filha e acariciou seu rosto. Seu coração quase parou de bater. Ela engoliu em seco, cheia de pena daquela garotinha que ela deveria valorizar muito mais. Ela se virou para a garota estranha. – E você é...

– Janine. – Por um instante parecia que ela não falaria mais nada. Ela pegou uma bolacha de um monte e mordeu metade. Farelos caíam de sua boca

enquanto acrescentava: – Rose é minha tia.

– A babá teve de ir para casa – repetiu Savannah. Ela se virou para uma das bonecas gêmeas que estava ao seu lado e colocou a mão na barriga dela. A habilidade que Savannah tinha com as mãos não condizia com sua idade. – Por causa da cabeça dela. Podemos dar banho nas gêmeas?

– Daqui a pouco, Savannah.

O que aconteceu com Peter? Aparentemente, Rose teve uma de suas terríveis enxaquecas. Normalmente era Peter quem vinha para casa quando necessário. Seu escritório era mais perto, e seus dias, repletos de memorandos entre escritórios e clientes para atender. Ele não tinha de tomar decisões médicas críticas. Não que seu trabalho não fosse importante. Mas era menos importante do que Caroline acreditava ser o dela, embora ele nunca a deixasse esquecer que seu trabalho pagava muito mais do que o dela. O dinheiro de Peter comprava todos os seus luxos. Cerejas orgânicas! Salmão tão selvagem que podia até pular da grelha! Bitty Twins! Peter garantia o trabalho dela, como fazia questão de lembrá-la o tempo todo ultimamente. De qualquer maneira, quando apareciam emergências, ele conseguia chegar em casa muito mais rápido do que Caroline.

– Papai ficou preso – disse Savannah. – Posso me sentar no seu colo?

Caroline deixou a pasta de lado e se abaixou no sofá. Depois de colocá-la no colo, olhou para Janine para tentar entender melhor o que estava acontecendo. Savannah se aninhou no peito da mãe. Sem a babá por ali, ela não tinha tomado banho depois do jantar e nem mesmo jantado, por falar nisso. A criança já cheirava a leite.

– Peguei o trem e depois um táxi. Uma viagem longa de táxi. – Janine esticou a mão como se o valor gasto em seu transporte estivesse certamente guardado dentro do bolso de Caroline. – O senhor Fitzgerald disse que me pagaria desde o momento em que saí da minha casa até eu chegar aqui. Então, são quatro horas e oitenta dólares. Além disso, você precisa me levar para casa e me pagar pelo tempo que vai levar para chegarmos lá. Então, será, tipo, cem dólares ou talvez mais.

A cabeça de Caroline explodia.

– Mamãe, posso comer alguma coisa de verdade?

– Você vai me levar ou vai chamar um táxi? A que horas parte o trem?

– As gêmeas podem ir para o banho agora?

– O senhor Fitzgerald disse que alguém me levaria para casa se escurecesse. Minha mãe não gosta que eu fique na rua sozinha depois que anoitece.

– Você consertou alguém hoje?

– Você pode me levar até a minha casa? Isso seria mais fácil.

A boca de Caroline permanecia fechada, como se alguém tivesse colado seus lábios. Queria estar deitada em uma banheira quente, imóvel, com uma toalha quente sobre os olhos.

A porta da frente se abriu. Savannah pulou de seu colo e correu para os braços de Peter. Ele se ajoelhou e a abraçou, seu rosto iluminado de tanto amor. Peter não se importava se Savannah cheirasse azedo ou lhe fizesse um milhão de perguntas.

– Eu levo você – ela disse a Janine.

## CAPÍTULO 9

*Caroline*

Caroline sabia que tinha levado tempo demais para voltar para casa depois de ter deixado Janine, e que não devia ter parado para tomar café, mas ou ela parava ou dormia no caminho de volta. Agora, teria de tomar um comprimido para rebater o efeito da cafeína.

Ela tomava um gole de café toda vez que encontrava uma luz, e toda luz era bem-vinda. Mais do que tudo, sentia falta de poder andar no seu próprio ritmo. Sua pesquisa estava se aproximando de um período frenético, quando as pistas levariam a caminhos que trariam muitas hipóteses, mas ela tinha de parar para ir para casa. Antes de Savannah, não tinha problema em se envolver com o trabalho, as horas passavam como se fossem segundos enquanto suas anotações se amontoavam.

Peter nunca fora um problema. Ele também se envolvia com o trabalho, mas agora gostava de se envolver com Savannah.

Ela entrou com o carro na garagem.

– Caroline? – Peter estava em pé na porta. Não parecia bravo, mas também não estava prestes a dar um sorriso.

– Como ela estava? – perguntou Caroline.

– Ela estava com medo. – Ele cruzou os braços, parecendo muito com seu pai. Os filhos eram o centro da vida dos pais de Peter; para a mãe de Caroline, a importância era a mesma.

O pai de Caroline deixava as filhas – ela e suas duas irmãs – por conta da esposa, mas ninguém reclamava. O que quer que ele fizesse, fazia bem feito. Quando as ensinou a nadar, elas aprenderam as modalidades perfeitamente, respirando como se fossem atletas olímpicas. Quando preparava o café da manhã no domingo, a torrada saía perfeita, crocante e com manteiga, mole no meio.

O amor de seu pai nunca foi questionado. Ninguém na família se chateava por suas energias serem guardadas para o trabalho. Eles não confundiam seu amor e

sua energia. Ele ganhava o suficiente, não lhes faltava nada, e ensinou as filhas a nunca pedir muito. Elas aprenderam com o exemplo. Trabalho, família e comunidade precisavam de lealdade, mas o trabalho poderia ser dividido.

Caroline acreditava ser mais parecida com o pai do que com a mãe. Gostaria de poder exercer bem o papel paterno adequado, com gestos simples: fazer o café da manhã perfeito no domingo, ler histórias todas as noites e dedicar o restante de seu tempo ao trabalho.

– Foi difícil fazê-la dormir? – perguntou Caroline.

– Ela estava bem chateada. Acho que se sentiu abandonada.

– Eu não a abandonei. – A acidez do café queimava seu estômago. – Achei que você estivesse cuidando de tudo.

– Ei! Eu não disse que você a abandonou, disse que ela se sentiu abandonada. E também não disse que poderia vir para casa. Você praticamente desligou o telefone na minha cara!

– Peter, eu estava no meio de...

– Por Deus, Carol. Ultimamente você sempre está no meio de alguma coisa.

A frustração de Peter a desconcertava. O que ela deveria fazer? Não deveria contar com ele?

– Às vezes, acho que você se esquece de que a nossa vida mudou – disse ele. – Savannah precisa ser a prioridade.

Caroline poderia gritar, mas, afinal, ele estava certo. Ela virou a cabeça de um lado para o outro, sentindo todas as partes superiores de seu corpo se transformarem em uma coluna de ferro. Peter colocou a mão em sua nuca e Caroline se abaixou, querendo conforto mesmo quando detestava ouvir o que ele dizia.

– Você precisa aprender a se comprometer. – Peter colocou seus dedos no pescoço dela, que era sempre o lugar que enrijecia primeiro.

– Humm... às vezes eu simplesmente não consigo – ela respondeu. – Sério. Às vezes eu simplesmente não consigo.

Peter tirou as mãos dela e deu um passo para trás, de modo a poder encará-la.

– E se ela tivesse caído de uma árvore, Carol? Sinceramente? E se ela tivesse sido atropelada? Você não viria? Isso faria com que você sáisse do hospital?



O telefone tocou antes das seis da manhã. Isso não podia ser bom.

Peter se levantou e pegou o aparelho. O fato de ter crescido em uma família grande significava que ele estava sempre alerta à espera de algum desastre. Caroline ouvia Peter ao telefone, tentando adivinhar o que a outra pessoa falava.

– Arram. Não, não, está tudo bem.

Rose, a babá.

– Não, de verdade, você não precisa pedir para ela vir.

Será que Rose estava oferecendo a inútil da sobrinha dela?

– Quando minha mãe tem enxaqueca, ela faz inalação com folhas de eucalipto. Talvez você devesse tentar isso.

Ele sempre tinha solução para tudo, como a mãe fazia questão de lembrá-la. “Você tem uma pessoa especial ao seu lado, Caroline. Dê valor a ele.”

– Não, está tudo bem. Não, não ligue para ela – disse Peter.

Caroline sacudiu os braços indicando “não, não” para Peter. Depois da discussão que tiveram na noite anterior, não queria que ele não fosse trabalhar. Ele levantou a mão para que ela parasse, virando-se para o lado e cobrindo seu ouvido livre.

– Não. Está tudo bem. – Ele continuou segurando o telefone depois de ter desligado. – É melhor eu ligar para Ellie e pedir a ela que cancele meus compromissos.

Caroline se sentou de pernas cruzadas na cama.

– Peter, você acabou de me dizer como é difícil ficar tantas vezes sem trabalhar.

– Quais opções nós temos? Não vamos deixar Savannah com aquela Janine. – Ele rolou na cama e se levantou.



Ela colocou a mão em seu ombro.

– Eu faço isso. Não vou trabalhar.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Sério?

Seu olhar incrédulo a incomodava demais. Quem ele achava que arrumava Savannah para deixá-la com a babá todas as manhãs? Quem a levava ao médico? Ao dentista? Quem sorria enquanto Savannah a arrastava de loja em loja até encontrar a fantasia de Halloween exatamente como queria?

– Tudo bem – disse ele quando ela não respondeu. – Maravilhoso.

Caroline esboçou um sorriso. Mesmo que ele estivesse tentando ser agradável, suas palavras não pareciam um elogio.

– Você não precisa falar como se eu estivesse correndo para um edifício em chamas. – Ela virou a beirada da colcha fazendo um nó. Precisava dar uma aula dali a duas horas. Três cirurgias esperavam por ela no período da tarde. Precisava entregar relatórios. Estava perto do final do mês. Além disso, ainda iriam entrevistar um novo patologista para trabalhar por meio período nos fins de semana.

– Talvez eu possa levá-la para o trabalho comigo – disse Caroline. – Ana poderia tomar conta dela quando eu não estiver no escritório. Eu levo o iPad para ela assistir filmes. Ou livros, posso baixar alguns livros novos.

– Um iPad não pode cuidar de Savannah. Esqueça. Já disse que fico em casa. – Peter se deitou e colocou as mãos atrás da cabeça. Ficou olhando para o teto como se preferisse isso a olhar para a esposa.

Ela abriu a boca para se defender, mas não conseguiu dizer nada. Caiu na cama ao lado de Peter. Ele continuou olhando para o teto, com o queixo apertado, sua boca fechada formando uma linha funda no rosto.

– Ah, não! Olhe para mim. – Caroline colocou a mão no rosto dele, tentando virá-lo, mas ele continuou como uma múmia. – Você nunca disse algo sem pensar? Porque queria fazer uma coisa boa, mas percebeu que era impossível?

Ele se virou e olhou para ela.

– Não quando o assunto é a minha família.



Era sábado e Caroline queria agradecer Peter e Savannah. Desceu as escadas apressada enquanto Peter tomava banho e Savannah ainda dormia. Tinha pelo menos vinte minutos antes que eles descessem para o café.

Ela tinha horário para um tratamento de pele dali algumas horas, e como se isso já não fosse estranho o suficiente, ainda pretendia levar Savannah com ela. Quando recebeu a oferta inusitada para uma sessão gratuita de estética facial, já havia ficado bastante chocada por ter marcado um horário, tamanho era seu desespero achando que aquilo talvez a trouxesse de volta à vida. Em algum momento havia parado de cuidar de si mesma. A necessidade que sentia de Peter, que já fora tão forte, primeiro diminuiu, depois desapareceu e agora até temia o seu toque.

Acreditar que uma sessão de estética facial a ajudaria era ridículo, mas queria um milagre, mesmo que ele a esperasse dentro de um pote.

Apesar de um pouco nervosa, pois isso tudo era muito diferente para ela, Caroline estava animada em ir até *juliette&gwynne*. Embora torcesse para que o uso excessivo de letras minúsculas não fosse um presságio de que aquele era um lugar todo cheio de frescuras para o qual estaria vestida de maneira errada, não importava o que escolhesse – e, ao considerar seu armário, isso era muito provável.

Perguntou-se em que banco de dados o nome dela havia sido encontrado e a considerara digna de receber as intervenções pessoais de Juliette Soros. Caroline não tinha familiaridade com o mundo dos especialistas em beleza, mas, quando mencionou o nome de Juliette a uma assistente do laboratório, a moça reagiu como se tivesse recebido a honra de ter um horário marcado com a rainha.

Caroline misturou os ovos em uma tigela com pedaços de pão, sua versão rápida de rabanada. Quando a gororoba começou a fritar na panela, Savannah entrou na cozinha nos ombros de Peter, sorrindo da maneira como sempre fazia quando estava perto do pai. Peter estava com o rosto iluminado da maneira como ficava sempre que estava com Savannah. Será que ele já havia se sentido assim algum dia por causa de Caroline?

– Vejamos! – Caroline inclinou a panela na direção deles. – Rabanada com ovos.

– Muito bem. – Peter tirou a filha dos ombros e a colocou em uma cadeira. Seus ombros largos que se afunilavam para uma barriga perfeita faziam com

que ele parecesse mais alto do que era. Caroline e ele podiam se olhar nos olhos se Peter se esticasse só um pouquinho. Ela colocou os pães em três pratos.

– Alguém quer calda? – Peter começou a derramar a calda de um lugar perigosamente alto.

– Papai! – Savannah abaixou-se na cadeira. – Você vai derramar isso!

Peter girou um bigode imaginário enquanto falava com um sotaque diferente.

– Papai Magnífico não derrama nada.

Caroline apertou o ombro de Peter.

– Será que o Papai Magnífico pode dar um beijo na Mamãe Magnífica? – Ela tentou dar um largo sorriso, querendo acabar com o clima estranho entre eles.

– O que você acha, Savannah? Devemos dar um beijo na Mamãe Magnífica?

Savannah riu.

– Sim, por favor! Beije a mamãe.

Peter se virou e pressionou seus lábios quentes nos lábios frios de Caroline.



A loja em Wellesley revelava tanto charme e descontração que Caroline ficou tensa com sua expectativa. Cadeiras estofadas em matelassê branco confortavam mulheres bem-vestidas. Pilhas de revistas pediam para ser folheadas. Detalhes em roxo na sala, que lembravam trajes reais, suavizavam a decoração preta.

Juliette Soros entrou, sorriu, e depois de uma apresentação breve, mas calorosa, virou-se para Savannah. Juliette era quase da mesma altura que Caroline, mas enquanto Caroline era uma linha reta, Juliette tinha curvas lembrando uma ampolheta. Seu nariz perfeito era aquele que Caroline escolheria se tivesse opção. Caroline sempre prestava atenção aos narizes em primeiro lugar. Um desejo incomum tomava conta dela ao ver todos aqueles pacotes brilhantes e cheios de esperança. Uma cobiça estranha e desconfortável tomou conta dela por um momento.

– Você é adorável! – disse Juliette para Savannah. – Sou Juliette e prometo que você vai se divertir enquanto estiver aqui, querida. Venha comigo.

Juliette sorriu e esticou o braço para a criança. Savannah segurou a mão dela como se já a conhecesse. Juliette então direcionou sua simpatia para Caroline.

– Você também, mamãe. Siga-nos.

Caroline seguiu a filha e Juliette para uma sala privada, onde as mulheres as receberam como se fossem as pessoas mais importantes do mundo.

– Fiquem à vontade. – O sorriso de Juliette mostrava dentes retos e brilhantes. Caroline passou a língua sobre uma mancha áspera que tinha no dente que havia lascado jogando futebol no ensino médio. A parte superior de seus lábios, mais funda, que puxara da mãe, não condizia com as imperfeições causadas pelos acidentes da infância. Sua irmã mais nova tinha uma cicatriz bem feia no queixo, que ganhou ao cair da varanda; deveria ter levado pontos, mas só colocaram um curativo no machucado.

– Sente-se, por favor. – Juliette indicava uma cadeira cromada de couro que estava de frente para um espelho e para várias gavetas brancas também brilhantes.

Caroline ficou imaginando o quanto da beleza de Juliette era artificial e o quanto era sorte de sua genética. Enquanto ainda segurava a mão de Savannah, Juliette colocou a mão quente e segura nas costas de Caroline e com uma pressão delicada levou-a até uma cadeira. Depois que Caroline se sentou, Juliette inclinou-se sobre seu ombro e balançou a cabeça em sinal de aprovação ao olhar para as duas imagens no espelho.

Nenhuma quantidade de cosméticos podia fazer tanta diferença. Até mesmo o cabelo cor de mel de Juliette parecia natural.

– Nós vamos nos divertir – disse Juliette antes de se virar para Savannah. – Quanto a você, bonitinha, tenho uma surpresa para você.

Juliette piscou para Caroline e então pegou uma caixa de tamanho médio.

– Isso é para você, querida.

Savannah deu um sorriso tímido e olhou para Caroline pedindo aprovação.

– Tudo bem, querida. Pode abrir. – Caroline olhou para Juliette, tentando avaliar sua reação às palavras dela. Será que ela achou que Caroline estava sendo prudente e cuidadosa, ou rígida e severa demais? – Nós a ensinamos a não aceitar nada de estranhos.

– Prudente. Quando meus meninos tinham a idade dela, eu detestava todos os momentos que eles não estavam sob minha vista. – Juliette riu. – Ainda detesto.

Savannah segurou a caixa parecendo animada mesmo quando se aproximou do presente com a cautela com que costumava fazer tudo.

– Ser mãe é assustador, não é? – disse Caroline.

– É sim. Depois que tive filhos, nunca mais consegui ignorar uma ligação telefônica. Claro, você também tem a preocupação do seu trabalho. Analisar as chances de uma pessoa entre a vida e a morte. Tão diferente do meu. – Juliette balançou os braços pela sala, com seus tubos foscos de cremes, escovas e batons e virou os olhos.

– Como você sabe o que eu faço? – Caroline ficou alarmada. Será que alguém no trabalho havia mencionado o quanto ela estava envelhecida? O que haviam dito? As ideias passavam rapidamente por sua cabeça enquanto ela olhava desconfortavelmente para sua imagem no espelho.

– Ah, foi assim que eu... que nós escolhemos você. Procuramos por mulheres que trabalham em profissões que não permitem que elas cuidem de si mesmas. Mulheres como você, que passam o dia trancadas num laboratório pesquisando sobre o câncer infantil, só isso. Oferecemos serviços especiais como maneira de agradecer àquelas que fazem o trabalho mais difícil. Esperamos que você indique outras pessoas que trabalham na sua área. Essa é nossa maneira de retribuir, já que tivemos tanto sucesso.

– Ah. – Caroline balançou a cabeça. – Fiquei mesmo imaginando. Por que você não disse isso na carta?

– Não queríamos aumentar suas expectativas até que a conhecêssemos pessoalmente. – Juliette colocou uma mão no ombro de Savannah. – Vamos acomodar esta menininha para começarmos. – E levou a garota para um sofá de couro. – Diga-me o que você acha, querida. – Ela mostrou a caixa, ainda fechada. – Estou mais acostumada com meninos do que com meninas.

Savannah passou a mão no papel preto e na fita roxa.

– Posso ficar com a fita? E levar para minhas bonecas?

– Claro que pode. – Caroline ficou com medo de parecer mal-humorada e de que Savannah parecesse submissa, como se controlasse o uso de faixas.



Caroline esperou que Juliette voltasse da brinquedoteca, para onde ela havia levado Savannah para brincar com bonecas de papel, aquelas do tipo mais novo, em que as roupas grudavam com imã e não precisavam de tesouras.

As habilidades de Juliette impressionavam Caroline, que observava admirada as garotas populares no ensino médio enquanto elas ficavam em frente ao espelho do vestiário com alguns pufes e sprays que as transformavam nas belezas americanas ideais. Por outro lado, as tentativas frustradas de Caroline de usar um batom faziam com que se sentisse exagerada. Seu instinto era tirá-lo da boca o mais rápido possível. Em seu casamento, a mãe e as irmãs de Peter estavam determinadas a enfiá-la em uma máscara Kabuki, mas assim que ficou sozinha, ela limpou a maior parte do que o artista havia aplicado em seu rosto. Seu primeiro beijo como mulher casada fora como sempre quisera. Lábios limpos tocando lábios limpos.

A porta se abriu. Juliette entrou. Um avental preto cobria a camisa de seda e as calças.

– Savannah parece estar feliz. Alguém da brinquedoteca virá atrás de você se acontecer alguma coisa, por isso, não se preocupe.

– Ah, ela vai ficar bem. Savannah é muito tranquila com estranhos. – Será que aquilo parecera bizarro, como se entregasse a filha a estranhos com frequência? – O que eu quero dizer é que, bem, ela é uma criança bastante segura, por mais estranho que isso possa parecer.

– Tenho certeza de que isso é graças ao seu bom trabalho como mãe. – Juliette colocou três aventais no pescoço de Caroline, sucessivamente. Rosa, depois preto e então azul-escuro. – Primeiro, eu vejo o que combina melhor com sua pele, para que possamos começar a preparar você usando o plano de fundo correto.

– A cor não vai atrapalhar o efeito? Não vai fazer ficar parecendo melhor do que realmente é?

Juliette riu.

– Tudo é falso aqui. A maquiagem é uma ilusão, certo? Então, começamos com a melhor tela. Como você faz ao escolher suas roupas, não é?

Se lhe fosse dada a opção, um jaleco branco seria a escolha de Caroline. Do

contrário, usava os tons de bege no meio dos quais ela crescera.

– Azul – decidi Juliette. O tecido de seda se enrugou enquanto ela ajustava o pano azul em volta de Caroline. Juliette analisou sua imagem no espelho. – Você deveria usar essa cor com mais frequência.

Caroline balançou a cabeça como se acreditasse que usar azul-marinho fosse fazer alguma diferença em sua vida.

Juliette passou o dedo pelo rosto de Caroline.

– Você não está usando nenhuma maquiagem, não é? – Caroline sacudiu a cabeça respondendo que não. Juliette colocou um pouco de óleo em seus dedos e espalhou-o pelo rosto de Caroline. – Só estou limpando o rosto rapidamente. Depois, podemos agendar uma limpeza facial se você quiser – sugeriu Juliette. – Com a Paloma. Ela é a nossa melhor funcionária. Não diga a ninguém que eu disse isso, pois não posso ter uma funcionária favorita. Ela fará um diagnóstico completo da sua pele. Mas vou te dar algumas recompensas instantâneas.

Os dedos firmes de Juliette massageavam o óleo em seu rosto. Ah, Caroline poderia ficar ali deitada por anos. Então, a cientista dentro dela resolveu assumir o controle.

– Óleo? – perguntou Caroline.

– Azeite de oliva extravirgem purificado pela Juliette & Gwynne. Não existe nada melhor. Limpa, remove a maquiagem, os tons e as condições da pele e você pode lavá-lo simplesmente com água morna. Eu poderia dizer várias coisas a respeito, mas a Paloma dirá tudo isso melhor do que eu.

– Você usa o óleo? – Caroline gostava da ideia de ser purificada, mas ela ficava cansada só de pensar em fazer tudo isso em seu rosto todo dia e toda noite. Juliette apertou a área dolorida da face dela. Só aquilo já fazia valer a viagem.

– Não há nada que vendemos aqui que eu não use, ou que eu não usaria, com base no meu tipo de pele – acrescentou Juliette. Ela passou uma toalha de rosto morna no rosto de Caroline. O toque áspero do tecido tirando o óleo a fazia se sentir viva e saudável.

– O que você usa para lavar o rosto? – perguntou Juliette.

Caroline sorriu antes de responder.

– Sabonete comum.

Juliette riu.

– Aqueles 99,4% puros, certo? – Depois de dar tapinhas no rosto limpo de Caroline, ela observou sua testa, os lados do nariz e as bochechas sempre com os dedos firmes. – É por isso que sua pele é tão seca.

Juliette passou um creme no rosto de Caroline.

– Quando deixarmos sua pele mais suave, você terá menos marcas de expressão. – O olhar das duas mulheres se encontrou no espelho. – Você precisa limpar o rosto com um produto melhor e usar o creme hidratante correto, tudo isso irá ajudar muito. Acrescente ingredientes de preenchimento onde você quiser parecer mais cheia. Paloma lhe dará os detalhes.

– Talvez ela consiga me encaixar em um caso de emergência – brincou Caroline.

Juliette riu e apertou o ombro de Caroline.

– Não se preocupe. Vou cuidar de tudo.

Aparentemente, o humor de Caroline era seco demais para Juliette. Será que ela teria achado Caroline séria demais? Mas ela mal tinha tempo para essas consultas. Será que outras mulheres faziam isso o tempo todo?

Enquanto Juliette aplicava mais camadas de cores e cremes do que Caroline jamais pensara usar, ela ficou impressionada ao se ver quase adorável com a alquimia miraculosa dos cosméticos.

Juliette segurou primeiro um pote de uma cor, depois outro. Ela passou cinco tons diferentes de base no queixo de Caroline – base, algo que Caroline achou que fosse usado apenas para disfarçar a idade – até que um a satisfizesse. Enquanto aplicava a base, Juliette delicadamente explicava para Caroline a importância do protetor solar. Caroline, a médica, que sabia da importância de usá-lo, passara a vida brigando com Caroline, a filha, cuja mãe acreditava que apenas pessoas bobas usavam protetor solar quando estavam ao ar livre.

– Veja isso! Seus olhos são sua principal característica, Caroline. – Juliette se afastou para admirar as linhas finas que acabara de desenhar nas pálpebras de Caroline. – Olhos verdes. Tão bonitos! Como os de Savannah. Seus olhos castanhos são incrivelmente escuros! Também serão sua característica principal. São memoráveis. O seu marido também tem aqueles olhos escuros? Meu Deus,



eles parecem italianos, ou gregos.

– Savannah é adotada – contou Caroline.

– Ah! Feche os olhos, por favor. – Juliette aplicou o rímel. – Agora, abra-os. Tenho uma amiga que adotou todos os seus filhos. São três meninos.

– Qual é a idade deles? – Caroline pensou ter soado ansiosa demais pela informação.

– Entre dez e quinze anos. São mais velhos do que Savannah. Minha amiga é bastante presente em todos os tipos de grupos de apoio.

Caroline nunca havia participado de nenhum grupo de apoio ou de alguma terapia que talvez a ajudasse naquela jornada de ser uma boa mãe adotiva. Além de comprar livros de autoajuda para Savannah, Peter e ela haviam feito pouca coisa para aprender sobre ser pais adotivos. Caroline sabia que deveriam participar de um aprendizado mais estruturado, mas ele resistira, e ela havia escolhido o caminho mais fácil aceitando sua opinião.

Peter havia incorporado Savannah à família deles, fingindo que tudo estava certo se ele conseguisse fazer com que tudo ficasse certo. Ele queria que Savannah convivesse com os primos e se misturasse com as raízes da família.

– Está tudo bem? Com a sua amiga? – perguntou Caroline.

Juliette passou uma camada leve de rosa nas bochechas de Caroline. O resultado ficou delicado e opalescente, parecendo o lado de dentro de uma concha. Amanhecer, nomeou Juliette. Então, inclinou a cabeça e deu um passo para trás, como se estivesse avaliando as escolhas que havia feito ao pintar o rosto de Caroline.

– Às vezes ela tem alguns problemas – relatou Juliette. – Fica chateada quando as pessoas dizem que a adoção é um processo tão natural quanto dar à luz e que deveria ser tratado da mesma maneira. Ela acha que isso não permite que as mães adotivas sintam-se à vontade para falar de seus problemas.

Caroline balançou a cabeça, encorajando Juliette a continuar falando.

– Depois de sua experiência, percebi que as mães biológicas conseguem relaxar mais do que ela. Temos a depressão pós-parto e todo o resto. Você sabe. Você é médica.

– Patologista. Trabalho com amostras de tecidos mais do que com pessoas.

Não tenho certeza se cheguei a pensar nisso dessa maneira. – Caroline segurou os braços da cadeira. – Mas você está certa. – As irmãs de Peter reclamavam incessantemente de suas crianças, mas Caroline nunca se atrevera a entrar na discussão.

– Exatamente. Agimos como se pais adotivos devessem ser tão gratos por ter seus filhos que nunca deveriam ter a chance de reclamar.

## CAPÍTULO 10

### *Tia*

Tia tinha menos de dez minutos antes que Bobby chegasse para o... Céus, aquilo era um encontro! Naquele jantar de sábado, Bobby a havia convidado a sair, praticamente subornando-a com promessas de ir a algum lugar que não fosse Southie ou JP! Ela não sabia por que havia concordado, ou como o fato de ele a ter levado para casa permitira abrir a tão temida porta do relacionamento que considerava trancada a sete chaves, mas, aqui estava ela.

Já fazia bastante tempo que ninguém a tocava. E esse era o motivo pelo qual pensava em sua gravidez com carinho. Apesar de seu isolamento durante aquele período, nunca tinha ficado sozinha.

Na noite em que engravidara de Honor – e ela sabia que tinha sido naquela noite –, usava um vestido branco de tecido tão suave e fino que a mais leve brisa era suficiente para levantar a saia. Um cinto vermelho grande abraçava sua pequena cintura. Sandálias de salto alto ressaltavam a sua primeira ida à pedicure.

Tiveram de descer três degraus para entrar no bar escondido, parando por um momento para que seus olhos se acostumassem à luz fraca do lugar. A localização, uma rua lateral da Mass Ave em Cambridge, a surpreendia sempre que chegavam lá. Quem esperava encontrar ali uma pista de dança decorada com selos de correio e garçonetes de meia-idade usando saias pretas e blusas brancas? Afinal, aquela era uma parte da cidade conhecida pela leitura de poesia. A maioria dos frequentadores do bar havia nascido em Cambridge. Tia os reconhecia, eles tinham o mesmo DNA que ela e seus amigos do Southie.

Os clientes ouviam músicas antigas e dançavam ao som de músicas que lembravam as trilhas sonoras de sua infância. Aos domingos pela manhã, em vez de ir para a igreja, sua mãe costumava ouvir Herb Alpert, Al Green, Etta James, Frank Sinatra. Músicas que a deixavam nostálgica por causa de um passado que nunca conheceria; por tempos que pareciam ser mais glamorosos do que sua vida jamais seria.

Nathan usava uma camisa bem passada. Ao se encostar nele, ela tentou não pensar em quem havia passado aquela camisa e em quem a havia deixado tão

cheirosa.

Depois de pedir as bebidas, Nathan se levantou e esticou a mão para ela.

– Dança comigo? – perguntou ele, como se estivesse com medo de que ela dissesse não; como se ele não fosse o dono de suas danças, de seus pensamentos e de seu futuro.

Nathan a puxou para perto dele enquanto dançavam. Ela sentiu o cheiro de seu xampu e de sua loção pós-barba. Adorava esses cheiros porque eram o perfume de Nathan, mas também os odiava porque, certamente, Juliette era quem os havia escolhido.

Ela deixava suas amizades e hobbies para trás em busca de sua obsessão por Nathan. Para o mundo, ela parecia dedicada ao trabalho, como se fosse totalmente dedicada aos homens e mulheres necessitados da casa de repouso onde trabalhava na época. Como se fazer artesanato com os idosos fosse sua única razão de existir.

Tia virou a cabeça para apoiar o rosto no braço forte de Nathan. Ele a absorveu. A música era *Moon river*, e depois começou a tocar Sinatra cantando *The way you look tonight*. Nathan a puxou para mais perto.

– Queria que pudéssemos ficar assim pra sempre – sussurrou ela.

– Eu sei. – Nathan a puxou para mais perto. – Eu também.

Estava mentindo, claro. Se quisesse que ficassem juntos, estaria ali agora. Ele teria respondido a carta. Teria olhado para a foto de Honor e teria se reconhecido nela.

A campainha tocou.

Tia apertou o botão do interfone para que Bobby pudesse entrar. Enquanto esperava que ele subisse as escadas, terminou a taça de vinho que estava tomando, e então guardou a taça no armário, sem lavar, para que ele não visse nem a taça suja nem uma taça que havia acabado de ser lavada. Depois, fez bochechos com a bebida, diretamente da garrafa.

O som hesitante de Bobby batendo na porta a incomodava. Havia combinado com ele, então por que ele batia à porta como se ela houvesse esquecido que ele viria? Se Nathan despertava seu lado mais doce, ela temia que Bobby despertasse justamente o lado oposto.

Bobby usava um terno enquanto Tia estava de jeans e camisa de seda bem simples. As roupas indicavam o quanto este encontro era mais importante para ele do que para ela. Tia detestava a desigualdade, parecia um elefante enorme dentro da sala.

– Desculpe – ela apontou para suas roupas. – Achei que íamos a algum lugar por aqui.

– Não, não. A culpa é minha. Não te falei nada. – Seu rosto ficou vermelho. Pobre Bobby loiro-avermelhado com sua pele reveladora.

– Me dê um minuto. Vou me trocar.

– Não, não – disse Bobby. – Você está bem. Vou tirar o paletó. – Ele se mexeu como se fosse tirar o paletó e arrancar a gravata.

Tia podia jurar estar vendo as engrenagens fazendo cliques em sua cabeça. Será que ele estava mudando os planos da noite? Talvez tentando pensar em um restaurante menos chique. Ela o acalmou colocando a mão em seu ombro.

– Para com isso. Me dê cinco minutos.

Tia correu até o quarto e procurou algo em seu guarda-roupa. Apalpou o vestido branco enterrado no fundo de seu armário por um momento – ele ainda era tão bonito, mas não conseguiria usá-lo, cheirava a amor não correspondido. Escolheu uma roupa preta e colocou as joias de sua mãe, agora seus únicos tesouros: brincos de ouro que o pai havia comprado para a mãe e um medalhão desbotado com fotos de seus avós.



Eles se sentaram em cadeiras de couro cravejadas com botões de metal. A Oak Room do Copley Plaza era um lugar para grandes comemorações como noivados, acordos de cinema, ofertas de trabalho especiais. Bobby deixou suas intenções claras demais.

A sala era escura, assim como era o bar em que ela havia dançado com Nathan, mas o bar tinha um tom mais amarelado; aqui o tom rosado aconchegava cada canto. Candelabros refletiam painéis ornamentados e tapeçaria em tons de vermelho.

– Vendi um apartamento hoje – comentou Bobby. – Totalmente reformado, um loft, para um artista. Boa iluminação. Vendi por um preço muito bom,

principalmente com o mercado como está.

– Achei que o mercado estava parado – disse ela.

– O Southie ainda é forte pra caralho – Bobby ficou vermelho de novo. – Me desculpe.

– Bobby, você não precisa se desculpar por dizer “caralho”. – Ela virou os olhos demonstrando impaciência. – Então, por que o Southie ainda é forte?

– Por um motivo, fica à beira-mar. Isso não é muito fácil de encontrar.

Era difícil para Tia estabelecer uma conexão entre a área imobiliária de alto padrão que Bobby descrevia com o lugar onde ela havia crescido.

– Acho que você está certo – disse ela.

– Existem oportunidades incríveis. – Ele começou a esticar a mão, como se fosse segurar a mão dela, e então a recolheu. – Você não vai acreditar nesse negócio imenso que estou intermediando.

– Parece que eles estão tomando conta de tudo.

– Eles? – Bobby sorriu. – Por que as pessoas que se mudam são sempre as mais nostálgicas?

– Ninguém que cresceu lá tem condições financeiras de comprar uma casa.

– O quê? O bairro deve ficar à disposição dos mais preguiçosos?

– Não ter condições financeiras de pagar meio milhão de dólares por um imóvel de dois quartos torna a pessoa preguiçosa?

O garçom interrompeu servindo as bebidas que eles haviam pedido. Tia praticamente secou o copo no primeiro gole. Ela se sentia sóbria demais.

Bobby levantou seu copo.

– À nossa primeira briga.

Tia se encolheu ao ouvir as palavras dele. Ela levantou o copo.

– Ao seu primeiro milhão.



Tia passou pela mesa de Katie ignorando seu olhar teatral para o relógio. Katie considerava o atraso uma grande falha de caráter.

Katie não perguntou como tinha sido o fim de semana de Tia, e Tia não perguntou como tinha ficado o papel de parede no banheiro de Katie. Apesar de suas mesas estarem bem próximas, forçando-as a trabalhar bastante para não ficarem olhando uma para a cara da outra o dia todo, elas executavam uma dança bem ensaiada fingindo que tinham um mínimo de privacidade.

Depois de uma manhã com pacientes e intermináveis ligações telefônicas e de passar pelas burocracias da cidade e do estado, Tia folheou os papéis em sua mesa até encontrar uma lista crescente de coisas a fazer em um bloco amarelo. Ela se recusava a fazer a lista no computador porque, depois que se tornasse eletrônica, não conseguiria mais amassar, rasgar ou desaparecer com aquilo da face da terra, como conseguia fazer com o papel. Não era isso que mostravam o tempo todo em *Law & Order*? Arquivos excluídos ficavam escondidos em pequenos compartimentos dos computadores que os mortais não tecnológicos jamais descobririam.

*Coisas a fazer em março:*

- *Inspeção de aptidão da senhora Jankowicz.*
- *Possíveis lares para os Graham?*
- *Preparar mesa-redonda de abril*
- *Lembrar Katie da Feira de Idosos*
- *Doação da Fundação Walker*
- *Jerry Conlin: reunião do AA; pesquisar reuniões em JP*
- *O sr. O'Hara está se alimentando?*

Tia olhou para a lista. Ela a atualizou riscando a palavra “março” e escrevendo “abril” no topo da página.

Gostaria de poder passar seus dias levando seus pacientes a lugares divertidos. Vamos almoçar na Newbury Street, senhora G. Veja, senhor O'Malley, está na hora de pegar o novo livro de Grisham na biblioteca! Ei, senhora Kuffel, tem um novo filme de Adam Sandler em exibição!

A senhora Kuffel tinha oitenta e nove anos, morava sozinha e fingia que Adam Sandler era seu neto.

Tia adorava seus pacientes, mas detestava muitas coisas em seu trabalho. Detestava o trabalho constante com a papelada, os relatórios, a baboseira entre as agências, os formulários de requerimento de doação que seu chefe Richard passava para Katie e ela fazerem.

A preguiça de Richard aumentava a carga de trabalho de Katie e Tia. Ele testava a paciência das duas diariamente. Tia estava convencida de que Richard havia trabalhado tão duro quanto elas para chegar à sua posição atual apenas para poder colocar os pés em cima da mesa e fazer quase nada. Tia acreditava que aquelas “reuniões no período da manhã”, que o deixavam fora do escritório até meio-dia ou até depois disso, eram compromissos com seu computador, satisfazendo seu vício por futebol.

Katie sussurrava e Tia a ignorava.

– Estou indo embora – disse Katie.

Suas palavras pareciam um prego apertando a dor de cabeça de Tia. Ela olhou para cima e viu Katie com sua capa de chuva, óculos escuros na mão, pronta para se proteger tanto da chuva quanto dos raios solares causadores de rugas.

– Você tem reunião? – perguntou Tia.

– Preciso falar com a professora da Natasha.

Tia ficou apenas olhando, sem dizer nada, fazendo com que Katie trouxesse uma enxurrada de palavras em sua defesa.

– Ela está com uns medos inexplicáveis. Não sei o que está acontecendo. Está com terror noturno. Come muito. Escondido. Encontrei um pacote inteiro de cookies embaixo de sua cama.

Tia sentia pena ao pensar na garotinha, mas o ciúme que sentia por Katie poder contar suas preocupações com a filha em voz alta encobriu a pena e trouxe à tona o pior lado de Tia.

– A que horas você vai voltar?

– Voltar? – Katie colocou os óculos de sol na cabeça, puxando para trás seu cabelo perfeitamente arrumado. – Se eu conseguisse voltar já seria hora de ir



embora.

– Por que você marcou o compromisso tão cedo? – Tia queria parar de dizer aquelas palavras horróricas, mas não conseguia. Sua mãe sempre dizia que ela precisava controlar seu temperamento. Mas ela nunca aprendia. “Um dia”, respondia para a mãe. “Um dia será tarde demais.”

– Pelo amor de Deus, você entrou aqui hoje às dez da manhã. – Katie apertou o casaco.

– Eram nove e meia, e eu pretendo trabalhar até cinco e meia. Além disso, tenho uma reunião mais tarde com um paciente. Vou até a casa dele – mentiu Tia.

– Qual é o seu problema? – perguntou Katie. – Isso é importante, a minha reunião.

Tia concordava plenamente com Katie. Qual era o problema com ela? Por que não conseguia parar de fazer isso?

– De qualquer maneira, o Richard não vem? – perguntou Katie.

Tia fez uma cara indicando a inutilidade de pensar que aquilo era uma possibilidade.

– Você sabe como é difícil atender aos telefonemas sozinha e tentar fazer o trabalho. – Ela sacudiu sua lista de coisas a fazer para Katie. – Veja isso.

– Tia, você não entende o que estou passando. Por que está fazendo isso?

Tia se desviou dos olhos acusadores de Katie. Havia ido longe demais. Mais uma coisa que sua mãe tentara lhe ensinar: “Tia, não tente fazer com que as pessoas pareçam mal para que você pareça melhor. Seja uma pessoa melhor, querida”.

A mãe de Tia tinha uma simpatia natural mesmo quando estava cansada demais para fazer algo de bom. Tia temia ter herdado a personalidade do pai. A mãe dizia que a família dele era um bando de gente amarga. Não queria ter o lado amargo.

– Me desculpe, Katie. Eu... sinto muito.

– A maternidade não é um bico. Talvez um dia você entenda isso. – Katie ajeitou a bolsa no ombro e se virou.

– Ah, esqueça o que eu disse – murmurou Tia.

– O que você disse?

– Apenas vá, tá? – Na verdade, Tia estava feliz em ver Katie ir embora. Queria ficar sozinha.

– Isso aqui é um escritório, não um bar. Você precisa se lembrar disso. Se for preciso, vou falar com Richard sobre isso. Não posso deixar que você desconte seu mau humor em mim.

– Por favor, Katie. Todos ficamos mal-humorados por aqui.

– Não da maneira como acontece com você. Estou falando sério, Tia. Não sei o que tem acontecido com você ultimamente, mas precisa tomar cuidado.



Duas horas depois, Tia ouviu uma batida na parede do lado de fora da porta de seu escritório, que estava aberta. Antes que pudesse responder, Richard apareceu, mostrando primeiro os cabelos desgrenhados, depois os óculos de lentes grossas e então a barba mal-feita. Ele ainda vivia em alguma época próxima a 1979 – continuava se mantendo fiel a suas sandálias de couro envelhecido que chamavam a atenção das pessoas direto para seus repugnantes pés peludos.

– Ouvi dizer que você se desentendeu com Katie. – Richard cruzou os braços sobre a barriga. – Ela me ligou quase aos prantos.

– Ela contou que foi embora na hora do almoço e deixou tudo nas minhas costas?

– Ela me disse que tinha de resolver um problema com as crianças. – Richard olhou por cima de seus óculos.

– Ela marcou uma reunião com a professora da filha. Por que não marcou para mais tarde?

As palavras de Tia a envergonhavam. Parecia uma adolescente dedurando alguém. Além disso, Richard sempre saía mais cedo do trabalho. Para ele, se elas encontrassem seus pacientes e não colocassem fogo nas latas de lixo, tudo estava mais do que bom.

Richard respirou fundo.

– Acho que você sabe que eu tento administrar esta agência com carinho. Dou a você a mesma compreensão e entendimento que dou a Katie.

Tia jogou a caneta para baixo.

– Estou cansada de crianças serem uma desculpa para tudo e qualquer coisa. O manto sagrado da maternidade aparece e então “Assuma, Tia. Katie precisa trocar uma fralda!”.

Richard parecia intrigado e cauteloso.

– A maternidade requer alguns sacrifícios.

– Por que eu sempre tenho de ser sacrificada?

Richard olhou para o telefone, para a mesa imaculada de Katie e para a pilha de papéis de Tia.

– Você está sobrecarregada?

– Não é essa a questão. – Tia achou que fosse cair no choro por não saber qual era a questão.

Richard fechou os olhos e ficou parado por um tempo, como se estivesse meditando. Com os olhos ainda fechados, ele disse:

– Por que você não vai para casa? Tire o resto do dia de folga. Eu atendo os telefonemas.

## CAPÍTULO II

### *Tia*

Tia se curvava para proteger-se do vento. O episódio com Katie e Richard não saía de sua cabeça. Mais uma vez, ela havia se deixado levar pelo drama de sua própria raiva. Nathan detestava quando ela ficava assim. Era uma briga estilizada. Atacava-o por ele não poder comprometer-se com ela, e então ele colocava as mãos para cima, com as palmas voltadas para fora, extremamente exagerado, como se quisesse ficar longe dela.

Estavam juntos há dois meses quando começou a perguntar a ele sobre suas intenções. E ela ainda fazia a mesma pergunta quando ele a deixou, um ano depois de terem se conhecido. Talvez tenha forçado cedo demais, ou forçado demais.

“Curta o presente”, repetia ele. “Vamos só ficar assim.” “Vai dar certo.”

Olhando para trás, ela se perguntava como pôde ter sido tão ingênua. O amor a deixara cega para o significado óbvio de suas palavras: “Por favor, cale a boca e fique comigo desse jeito.”

Ela se convencera de que ele a amava. Será que isso tinha sido fruto de sua imaginação?

“Nunca pensei em me apaixonar por você”, disse ele um dia.

“O que você pensou então?” Será que ele estava dizendo, na verdade, que não a amava e que nunca quis amá-la? Seu sorriso estava duro por causa da preocupação. Ela o amara desde o começo. Inteligente. Protetor. Apaixonado pelo trabalho, pelo mundo. Nathan era um tipo de homem que ela nunca conhecera. Ele a levava a lugares exóticos que ela nunca imaginou que existissem tão perto de Southie.

Como ele conseguiu tempo para levá-la a lugares como o Fruitlands Museum, em Lincoln? Será que estava tão atraído por ela que superara a culpa de deixar a esposa e os filhos sozinhos durante um dia inteiro? Ou será que ele simplesmente precisava de um tempo longe deles?

Será que ele não deveria estar com eles na praia em vez de passar o tempo

com ela no Fruitlands, o lugar que um dia fora o lar da família de Louisa May Alcott?

Tia teve dificuldade para afastar aqueles pensamentos de sua cabeça naquela tarde quente de julho. Havia estendido o cobertor que Nathan disse a ela para guardar. Ele pegou frutas, queijo e biscoito enquanto explicava o transcendentalismo. Assim como suas ideias, a comida que ele trouxera era nova para seu gosto provinciano. O veludo das fatias de mamão substituíra o crocante das maçãs. O gorgonzola espalhado no crostini parecia não ter nada a ver com o biscoito de queijo suíço que ela havia comido durante toda a infância.

“Hoje, as pessoas realizam casamentos aqui”, ele havia contado. “No passado, quando este lugar foi criado, era bastante radical.” “Era uma comunidade. Um lugar onde planejavam se separar da economia do país, cultivar sua própria comida, fabricar todos os seus produtos e praticar o que pregavam.”

Tia sabia que Nathan queria que ela lhe fizesse perguntas. Ele adorava mostrar seu conhecimento, e ela não se incomodava com isso. Gostava de ver o quanto ele sabia. “E o que eles pregavam?”

“É um dos movimentos mais difíceis de definir, mas resumidamente, era um movimento em direção ao lado espiritual.” Nathan cruzou as pernas e ficou ainda mais empolgado. “Pretendia ser uma quebra do que enxergavam como sendo o materialismo da sociedade da época, e a crença principal era na intuição *versus* dogma.”

“E foi aqui onde ela cresceu, Louisa May Alcott?”

“Na verdade, sua família passou apenas sete meses aqui, mas aqueles sete meses realmente deixaram uma marca na vida dela.”

Ela limpou as mãos sujas de mamão e deitou-se sobre a manta xadrez macia. Apenas uma nuvem branca quebrava o azul do céu. Nathan deitou-se ao seu lado e segurou sua mão. Ela contornou a ponta calosa de seu dedo indicador direito. “É de tanto dar notas.” – brincava ele quando ela dizia que suas mãos eram masculinas.

Virando-se para o lado, ela encostou o quadril nele. Ele passou os dedos em suas pernas.

Ela havia chorado na primeira vez em que fizeram amor.

“O que foi?”, perguntara ele enquanto limpava as lágrimas de seu rosto.

“Machuquei você? Deixei você triste?”

“Você me deixou feliz.” Ela não sabia como explicar o medo de que nunca seria capaz de segurar a amizade que acabara de descobrir. “Não sei no que isso vai dar.”

E pela primeira vez de muitas ele dissera, delicadamente “Deixa rolar”, mas ainda assim suas palavras machucavam. Ele havia pedido o impossível, como se ela conseguisse ter algum controle sobre as vozes que começaram a surgir em sua cabeça desde a primeira vez que ele deixara o seu apartamento.

A primeira voz dizia a mesma coisa que qualquer mulher do Southie diria se Tia a parasse na rua para perguntar:

*Ele nunca vai deixar a esposa.*

*Ele está te fazendo de boba.*

A segunda voz era a da mãe de Tia.

*Querida, isso que você está fazendo é pecado.*

*Por que você não arruma um homem bom? Um homem que não minta e não traia? Você acha que sua beleza vai durar para sempre? Garanta-se enquanto ainda há tempo.*

A terceira voz era a da esposa de Nathan.

*Por que você não nos deixa em paz?*

*Ele me ama. Você é só uma diversão.*

As vozes faziam com que Tia se sentisse uma garota má. E ela havia sido contaminada por elas.

Agora, anos depois, novas vozes apareceram. Freiras que a julgavam pelo canto dos olhos. Mães exemplares empurrando carrinhos. Homens que a comiam com os olhos e que sabiam que ela não merecia nada mais do que ser somente uma diversão.

*Ei, lindinha, traz um pouquinho de açúcar para o papai.*

*Sabe que tipo de pessoa dá uma criança? Putas e cadelas. Mulheres indulgentes e egoístas.*

*Acho que Honor está chorando e chamando você, Tia. Você está escutando?*

Tia pegou o telefone celular e ligou para Robin.

– Nossa, acabei de abrir a porta da loja – respondeu a amiga. – E aí?

– Preciso de você – disse Tia. – Você não pode vir me visitar?

– Eu vivo dizendo pra você, Tee, eu sou de casa. Por que você não vem aqui?

O fato de Tia nunca ter entrado num avião fazia com que parecesse tão limitada e caipira, e ela só conseguia contar esse segredo para Robin. Tia tinha certeza de que voar seria como a primeira e única vez que tinha andado numa montanha-russa, quando ela podia muito bem ter sido jogada para o espaço. Mas Robin a pressionava, dizendo que deveria cerrar os dentes e enfrentar seu medo.

– Preciso de você – repetiu Tia.

– Estou aqui. – Como Tia não respondeu, Robin suspirou suavemente no ouvido dela. – O que foi?

– Não consigo ir para lugar nenhum – disse Tia. – Não importa o que eu faça, estou sempre no mesmo lugar.

– Você está sendo um pouquinho existencial. Será que pode me contar o problema?

Tia poderia chorar ao ouvir uma voz amiga. Chorar com sinceridade. Algumas vezes, esquecia o peso da falsidade constante.

– Acho que ninguém no trabalho gosta de mim.

– Você gosta deles?

– Na verdade, não.

– Você já pensou que pode estar no lugar errado? Talvez ache que está empacada no mesmo lugar porque realmente está. Você é a única que pode fazer com que saia daí.

– Para onde posso ir?

– Para muitos lugares. Há muitos outros lugares nesse mundo para trabalhar além da agência da última esperança.

– Eu gosto do lugar.

– Não, Tia. É um lugar fácil para você. Ficar em Boston é a sua escolha padrão.

– Morar aqui não é tão fácil assim.

– Verdade. Mas morar aí é como o feijão com arroz. Você sabe exatamente o que vai encontrar.

– Existem motivos para eu não poder ir embora daqui, e você sabe quais são.

– Você pode atualizar seu endereço naquele centro de adoção. Nathan pode te encontrar com a mesma facilidade na Califórnia ou em Jamaica Plain. O mundo é muito pequeno. A palavra Google significa alguma coisa para você?

Tia não respondeu.

– Ah, Tee, e ele nem está procurando por você mesmo.

– Você sabe que não é só isso.

– Na verdade, é sim. O serviço de correio funciona na Califórnia, sabe?! Nós recebemos cartas. E fotos.

– Deixa pra lá. Conversamos mais tarde.

– Me ligue depois – insistiu Robin. – Hoje à noite. Mesmo que seja tarde.

Tia desligou e então acariciou o telefone como se estivesse tocando no ombro de Robin.

Quando tinha dez anos, Tia e a mãe se mudaram para uma pequena casa na beira da calçada. O lugar havia sido reformado e transformado de uma casa para uma família pequena em dois apartamentos microscópicos ilegais. A mãe de Tia não se importava com o tamanho, pois finalmente estavam se mudando para o Point, o lado bom de Southie, e Tia também não se importava porque a mudança trouxera Robin, que morava na casa ao lado, para a sua vida.

Os pais de Robin passavam a maior parte do tempo gritando, e ela praticamente morava na casa de Tia. A porta do quarto de Tia se abria para a cozinha. Uma cozinha tão pequena que mal havia espaço suficiente para que duas pessoas comessem ali. Tia fazia todas as suas refeições na frente da



televisão. Sua mãe deixava que as meninas tomassem conta da maior parte da casa, feliz por ter alguém fazendo companhia para Tia, já que seu novo emprego, no Brandeis, como ela costumava dizer, sugava todas as suas energias e deixava que sobrassem apenas as rugas em seu corpo.



Tia desceu rapidamente a Washington Street até chegar ao Doyle's, um bar frequentado por tipos políticos que fingiam estar ali por causa da companhia e não pelo uísque; por naturebas que ainda gostavam de hambúrguer e cerveja; por pessoas que nasceram em JP; e por pessoas como ela, que só queriam se misturar.

Abriu a porta lateral e entrou na escuridão calorosa. Se você queria uma bebida, embora fosse só duas horas da tarde, aquela obscuridade era perfeita. Ela olhou em volta, receosa de que algum conhecido da agência estivesse ali para um encontro no meio da tarde.

Cabines altas de madeira lotavam o ambiente desgastado. Ela se sentou no pequeno bar todo marcado por anos de canecas de cerveja sendo batidas no balcão. Olhou para um espelho enfumaçado por décadas de fumaça de cigarro. Se sentia grata pela lei antifumo. Não teria ficado sem fumar se ainda fosse permitido.

Havia parado de fumar quando descobriu que estava grávida. Não havia muita coisa que pudesse dar ao seu bebê; mas pelo menos havia dado a ela oxigênio limpo e puro enquanto ainda estava em seu ventre.

Poucas pessoas estavam sentadas no bar. Um homem mais velho da cor das cinzas do cigarro – tanto o cabelo quanto a pele – caiu sentado no banquinho à sua direita. Apenas sua taça de vinho tinto conseguia amenizar a cor. Um homem de meia-idade estava pendurado em uma cerveja. Três pintores sujos de verde devoravam seus pratos de batatas fritas enquanto secavam suas bebidas.

Perto dela, no banquinho à sua esquerda, um cara com jeito de garoto lia um jornal amassado enquanto tomava goles de um grande copo cheio de gelo. O líquido era claro. Vodca? Gin? Água?

– O que você quer beber? – A garçonete limpou o balcão à frente de Tia e então colocou um cardápio surrado para que escolhesse uma bebida.

– Café. – Por um momento Tia desejou parar por ali, mas não conseguiu resistir à tentação. – Com uma dose de Jameson...

– Em um copo à parte ou junto com o café? – A juventude da mulher e sua pele clara faziam com que Tia quisesse mostrar seu melhor lado, mas ela havia perdido sua chance. Pedir uma dose de Jameson a colocava no mesmo nível de suas vizinhas Ashy e Droopy.

– O café está fresco? – Certo, como se Tia fosse uma grande conhecedora de café e sua decisão sobre colocar o uísque no café ou trazê-lo à parte dependesse da qualidade do café, e não da vontade de Tia de que a cafeína ganhasse força com o destilado.

– Fresco e quente. – O cabelo vermelho da garçonete era longo e cacheado. Ela parecia ser uma estudante de arte que depois fazia desenhos horrorosos de seus clientes durante a noite. Tia provavelmente estava destinada a aparecer em uma exposição de arte obscura em Jamaica Plain no Natal. Mulher sobre Influência sendo vendido por sessenta dólares.

– Então, quero no café. – Tia forçou um sorriso. Ela se preocupava em afastar-se cada vez mais de seus sonhos de sucesso. Sua mãe havia se esforçado para tirá-la da classe trabalhadora. Havia sonhado em ver a filha levando uma vida em que as pessoas compravam carros novos e não latas velhas. Queria que Tia tivesse uma casa própria. Tia queria ter uma casa própria em um mundo em que usasse a cabeça e o coração juntos.

Pelo menos Tia conseguiu empurrar Honor para um nível melhor de vida.



O garotão que lia o jornal veio com Tia para casa.

Seu cabelo era loiro; seus olhos, azuis; e ele se parecia com a primavera. Foi assim que Tia tentou enxergá-lo quando se sentaram na cabine de encostos altos que dividiram no salão do Doyle's.

No entanto, seu cabelo precisava ser lavado, seus óculos estavam manchados e seu cheiro era o castigo de Tia. O líquido transparente que sugeria pureza no bar acabou se revelando ser vodca. Ela continuou com o Jameson, deixando de lado a farsa do café, e pediu um hambúrguer. Ele engoliu um hambúrguer vegetariano e fritas, olhando para a carne do sanduíche dela o tempo todo.

Discutiram assuntos que pareciam vitais em uma névoa de atração e álcool, movidos a uísque. Conversaram sobre a viagem que ele fizera como mochileiro pela Grécia. Sobre o plano dele de ensinar literatura para imigrantes. Sobre plano

dela de voltar a estudar para fazer o mestrado, para que pudesse criar leis de respeito aos idosos, um sonho que ela não sabia que tinha até chegar à quarta dose de uísque. Ela terminou com uma palestra sobre como o mundo tratava mal os mais velhos.

E então eles foram para a casa dela.

Ele a agarrou no momento em que fecharam a porta.

Ela não conseguia se lembrar do nome dele.

Ele babou em sua boca.

Patrick?

Paul?

Jeremy.

– Ei, gato – disse ela. – Vá com calma.

– Huumm?

– Acalme-se, cara. – Tia detestava seus lábios dormentes, dificultando a formação das palavras.

Em resposta ao pedido de Tia, ele a agarrou com tanta força que ela sentiu cada centímetro de sua ereção através das calças jeans. Então, ele segurou a mão dela e a levou para o meio de suas pernas. Empurrou a mão dela para baixo, desejando que ela o apertasse. Tia não fez nada. Ele a apertou com mais força ainda.

Tia se afastou e então o empurrou.

– Eu disse para você ir com calma.

– Não consigo – respondeu ele. – Você me deixa louco. Você é maravilhosa.

Tia havia se olhado no espelho do banheiro do restaurante. Durante a tarde e a noite ela havia, inconscientemente, prendido o cabelo com seus dedos nervosos. Havia esfregado tanto os olhos que agora parecia um guaxinim. A maquiagem que ela usara naquela manhã não a fazia mais parecer-se arrumada e sim relaxada.

– Ouça, gato. – Ela tentou não fazer pouco caso. – Espero não ter passado a impressão errada para você.

Besteira. Claro que ela havia passado a impressão errada. Eles se sentaram lado a lado no bar. Ela gostou quando ele passou a mão em sua perna e ela se encostou nele. Agora o efeito do uísque estava se dissipando e as mãos dele pareciam uma invasão.

Ele se afastou. Passou o dedo pelo rosto dela. Tia era uma otária no que se referia a novos movimentos. E, que inferno, tudo era novo agora. Já fazia tanto tempo que ela havia transado que nem se lembrava de onde ou quando havia sido, apenas sabia que tinha sido com Nathan.

Ele colocou o dedo embaixo de seu queixo e levantou seu rosto.

– Você parece um tipo de atriz, sabe.

Tia queria ser admirada, queria a aprovação de alguém seguramente anônimo, alguém que não lhe pediria nada no dia seguinte, no minuto seguinte. Ninguém que ficaria se perguntando se ela tinha um bebê escondido em algum lugar.

Ele a levou para o canto da cozinha, pressionando-a na máquina de lavar louça. Pressionando-pressionando-pressionando. Ele colocou uma mão quente demais – as mãos de Nathan eram sempre frias e secas – embaixo de sua camisa e foi direto até seu seio. Onde havia ido parar a fineza dos dedos no rosto? Ele segurou seu seio e se atirou em cima dela.

Um desejo inesperado tomou conta dela.

Ele se inclinou e cobriu a boca dela com seus lábios. Ele tinha gosto de vodca e café e feijão preto apimentado do hambúrguer vegetariano. Sua barba raspava em sua pele.



Quando terminaram, ela queria tomar um banho.

Foi por isso que havia decidido tomar pílula depois de dar à luz. Sabia que algo exatamente assim podia acontecer. Não podia confiar em si mesma, e não conseguia confiar em mais ninguém.

Ele estava esparramado em sua cama, com os olhos fechados, largado e molhado. Aquela visão a deixava enjoada, e ainda assim ela não o conhecia bem

o suficiente para cobri-lo. Ela saiu da cama e pegou o roupão de chenille que era de sua mãe.

Cutucou o braço dele com um dedo hesitante. Então, cutucou com mais força. Usou dois dedos.

– Ei, ei... O que foi? – Ele virou a cabeça para ela, piscando com os olhos vermelhos.

– Jeremy, você precisa ir embora. – A voz dela era seca.

Ele apertou os olhos e então sacudiu a cabeça.

– Estou cansado demais.

– Sinto muito. Está na hora.

– Nem estou com meu carro aqui.

– O ponto de ônibus é bem na esquina, ou você pode caminhar até a linha laranja.

– Não, posso ir a pé daqui pra minha casa.

Idiota. Então por que viria de carro?

– Mas é longe – disse ele. – E nenhum ônibus vai daqui para lá.

– Então, qual é a diferença? Você vai ter o mesmo problema pela manhã. – Tia se coçava com tanta vontade de que ele fosse embora.

Ele deu uma batidinha em seu nariz.

– Você vai me levar para casa pela manhã, não vai?

– Eu não tenho carro.

Ele franziu o rosto de um jeito bonitinho.

– Huumm, problema. Sorte sua eu ter um carro. Acho que posso ir andando até a minha casa pela manhã e voltar de carro para cá. E então posso te levar para tomar café da manhã.

– Eu preciso ir trabalhar – disse Tia.

– Então, levo você para o trabalho.

Tia fechou o roupão até o pescoço.

– Jeremy, você precisa ir embora.

Ele parecia magoado.

– Meu nome não é Jeremy. É David.

## CAPÍTULO 12

### *Juliette*

Juliette sentia-se invisível em Nova York. Havia pessoas demais, carros demais e espaço de menos. Boston já era grande o suficiente para alguém que crescera em Rhinebeck.

Nathan seguiu para a casa de seus pais com o conhecimento que um nativo da cidade tem. O Brooklyn se desabrochava à frente deles. A Coney Island Avenue se estendia parecendo uma colcha de retalhos. Postos de gasolina, supermercados étnicos e corretoras imobiliárias cercavam sinagogas, mesquitas e restaurantes paquistaneses.

Juliette olhou para o espelho para ver os garotos no banco de trás. Max dormia. Assim, cochilando, com a cabeça caída, ele parecia mais novo. Seu rosto de criança voltava a aparecer.

O rosto de Savannah. A versão de Max se fosse uma garotinha. Alguém que adoraria fazer brownie sem se preocupar com o formato que o biscoito teria ao final.

Juliette interrompeu seus pensamentos, sabendo que se não o fizesse estaria em uma situação complicada. E se Nathan conseguisse ler seus pensamentos? O que pensaria de sua ideia de que, se Savannah os conhecesse, então eles poderiam ser uma família? Juliette não seria a estranha. Como poderia contar a alguém sua fantasia de incluir a garota na vida deles?

Precisava pôr um fim a essa obsessão. Essa visita aos pais de Nathan exigia que conseguisse separar as coisas. Ela se virou para olhar os garotos, esperando ter uma distração, e, embora Max tivesse acordado, ele estava mergulhado nos eletrônicos, assim como o irmão.

Lucas parecia totalmente concentrado em seu iPhone como se estivesse estudando a Torá. Juliette acreditava que Lucas e Max, que manuseavam telas minúsculas com tanta presteza, sempre teriam uma vantagem sobre Nathan e ela. Nem um dos dois conseguira adotar a nova tecnologia com rapidez suficiente para alcançar os filhos, embora Nathan tenha tentado. A menos que precisasse usar para trabalhar, Juliette era resistente a novos aparelhos. Smartphones a

faziam se sentir estúpida.

O quarteirão de Avraham e Gizi parecia o mesmo, embora as bandeiras coloridas balançando ao vento anunciando a Páscoa parecessem novas. Ela ficou imaginando se algum empresário esperto já havia criado um banner para a Páscoa. Talvez no próximo ano, flâmulas estampadas exibindo *matzos* em tom pastel e copos de prata brilhantes balançassem com a brisa.

Quando viraram na Albemarle Road, Max espreguiçou-se e então inclinou-se para a frente, cutucando o ombro direito de Juliette para chamar sua atenção.

– Chegamos, não é?

– Chegamos.

– Por que está todo mundo tão quieto?

– Como você sabe que estamos quietos se estava dormindo, seu bobão? – perguntou Lucas.

– Não estava dormindo; só estava cochilando, seu merda – retrucou Max.

– Cuidado com as palavras – avisou Juliette.

– Ei, pessoal. Deveríamos estar com espírito meditativo – interveio Nathan. – É a Páscoa judaica.

– Achei que Yom Kippur fosse a celebração em que deveríamos refletir, e a Páscoa a celebração da liberdade – disse Lucas.

– Como saberíamos de alguma coisa? Ainda nem celebramos o nosso *bar mitzvá* – Max soava acusatório. – Lucas e eu nem somos judeus mesmo, não é? Mesmo você sendo judeu? Mamie Sondra não é judia. E Benjamin Kaplan disse que a religião tem de vir da mãe.

*Mamie* Sondra! A mãe de Juliette insistia que os meninos a chamassem de Mamie e não de vovó, em referência a seus ancestrais franceses de umas dez gerações atrás, mas Juliette sabia que a mãe escolhera a palavra porque parecia dez vezes mais jovem do que *vovó*. Por acaso, ela havia escolhido a palavra *grand-mère*, que era conhecida nos Estados Unidos? Não. Escolhera uma palavra que a fazia parecer mais jovem e exótica.

– As pessoas só prestam atenção nas regras mais obscuras na maioria das comunidades ortodoxas – disse Nathan.



– Então, por que Lucas e eu não celebramos o nosso *bar mitzvá*?

– Meu Deus, quem se importa com isso? – disse Lucas.

– Você queria estudar numa escola hebraica, Max? Mais lição todos os dias depois da escola? – Nathan virou à direita para entrar na garagem da casa dos pais. – Eu me lembro de ter que levar duas malas de livros diferentes para a escola. Não era legal, meu filho, não era legal.

– Você nunca nos deu a opção de escolher – revidou Max.

– Que história é essa? – Nathan olhou para Juliette pedindo ajuda. Ela olhou para ele sem saber o que fazer. *Você é o bom, o tal; dê as respostas.*

– Quando Josh Simons celebrou seu *bar mitzvá* ele ganhou três mil dólares! – Max abriu os braços como se estivesse carregando o dinheiro. – Três mil!

– Ah, então a questão é o dinheiro. – Mais uma vez, Nathan olhou para Juliette. Mais uma vez, ela não reagiu. Agora, ele enviou a ela uma outra mensagem, desta vez com as sobrancelhas e uma leve inclinação da cabeça que, na linguagem do marido, significava “O que foi? Qual é o problema?”.

Seus olhos estavam repletos de perguntas. Juliette se virou para o lado oposto.



A casa dos sogros de Juliette cheirava a comida judaica húngara. Cheirava a pimentas vermelhas. Essa era a versão de Gizi para o repolho recheado da Páscoa. Torta de chocolate e nozes – um milagre feito de chocolate meio amargo e pão matzo.

Gizi segurou o rosto de Max e de Lucas nas mãos, um de cada vez, observando cada garoto por um tempo antes de beijá-lo, primeiro na bochecha direita e depois na esquerda. Então, voltou sua atenção para Juliette.

– Querida! – Gizi sorriu como se ver Juliette a alegrasse ainda mais. – Olhe para você. *Szép.* Maravilhosa. Meu filho é o homem mais sortudo do mundo.

Juliette se abaixou e beijou a bochecha macia da sogra. A pele de Gizi quase não tinha marcas, apesar de ela usar apenas vaselina e algumas poucas misturas, como Gizi chamava o que usava no rosto. Juliette dava a ela muitos potes de produtos da juliette&gwynne, mas a sogra os deixava nas prateleiras do armário do banheiro como se fossem enfeites.

– Querida! – repetia ela. – Adoro esses produtos. Veja como são bonitos! – Enquanto isso, Gizi continuava presa à sabedoria passada por sua mãe: use um chapéu quando estiver ao ar livre, não importa a estação do ano. Passe vaselina na pele ainda quando estiver úmida. Gizi havia sido a inspiração para o negócio de Juliette. Quando Nathan e ela estavam sem dinheiro, Gizi aconselhou Juliette a usar mel e abacate misturados a um pouco de azeite no rosto.

– Mamãe! – Nathan a abraçou apertado. Amava os pais e demonstrava bem isso. Quando soltou Gizi, ele ficou atrás de Juliette e apertou seus ombros. – Não é verdade que minha mulher fica mais linda a cada ano?

As mãos de Nathan pesavam em seu ombro como se fossem barras de ferro.

– Você está bem, querida? – Gizi enrugou o rosto e olhou para Juliette preocupada.

– Quem não está bem? – Avraham chegou, secando as mãos em uma toalha. – Ah, meus garotos! – Ele agarrou Lucas num grande abraço e então deu um beijo em Max.

– Todos estão bem. – Gizi colocou a mão nas costas de cada garoto. – Vão. Nós arrumamos a sala de estar.

Arrumar significava que Avraham havia colocado mesinhas ao lado de cada cadeira confortável e havia lotado as mesas com refrigerantes que Juliette nunca deixava os meninos tomar e chocolates e nozes que nunca lhes dava antes das refeições.

– Como posso ajudar? – perguntou Juliette.

– Apenas me faça companhia enquanto termino. – Gizi pegou a toalha de Avraham. – E você, faça uma caminhada com seu filho antes do jantar.

Juliette sabia que isso significava que Gizi estava preocupada com o quanto Avraham iria comer e como o nível de açúcar no sangue estaria alto depois da refeição, por isso queria que ele se exercitasse.

– Vamos lá, pai. – Nathan colocou o braço em volta do pai. – Vamos sair enquanto elas estão deixando.

Panelas sujas, tigelas raspadas e colheres de pau com massa de bolo estavam espalhadas por toda a bancada da cozinha. Os sogros de Juliette não haviam mudado nada desde que compraram a casa quando Nathan tinha dez anos. Gizi

detestava mudanças. Cada vez que Avraham sugeria uma reforma, ela apertava a mão e dizia: “Depois você vai querer fazer uma reforma em mim!”

– Tudo bem, qual é o problema? – Gizi entregou uma esponja para Juliette. – Pegue as taças de vinho, por favor. Preciso tirar a poeira que se acumulou nelas desde a última Páscoa.

A linguagem formal de Gizi, que, como a casa, também não havia mudado nada, lembrava o curso de Inglês para estrangeiros que havia feito por tantos anos antes de ir para a Brooklyn College. Juliette arrastou o velho banquinho de metal para a despensa. Pegou as preciosas taças de cristal. Seus sogros colecionavam cristais húngaros comprando uma peça de cada vez. Juliette achava incoerente. Primeiro, as pessoas fogem de seu país para escapar da perseguição, e depois a casa se torna um verdadeiro santuário de seu país. Nathan chamava isso de o poder da dissonância cognitiva.

Talvez a dissonância cognitiva descrevesse bem o casamento de Juliette. Seu amor por Nathan chocava-se com o fato de ela saber sobre Tia. Ela havia forrado o lado escuro de seu casamento.

Gizi colocava uma taça de cada vez em uma água com vinagre, usando um pequeno pote de plástico que havia deixado na pia.

– Então, você não vai responder à minha pergunta? – soltou Gizi.

Juliette não se incomodava em fingir que a ignorava. A sogra percebia os problemas da vida com uma precisão fantástica. Mesmo quando não sabia qual era o problema, percebia que existia alguma coisa.

Juliette pensou em uma boa resposta. Certamente, não diria as palavras que queriam sair de sua boca: *Você tem uma neta. Os cabelos e os olhos dela são da cor das nozes escuras. Assim como os seus.*

– Estou triste, mas não é nada sério – respondeu por fim. – TPM.

A sogra olhou bem para Juliette.

– Achei que você parecia um pouco inchada.

Que maravilha! O ciclo menstrual de Juliette havia terminado na semana anterior. Então, além de tudo, ela também estava engordando.

– Obrigada.

Gizi inclinou a cabeça.

– Ah, Juliette, você já é tão bonita e abençoada. Acho que pode se dar ao luxo de ter uma quantia extra de sal no corpo por alguns dias.

Juliette deu um abraço apertado na sogra.

– Vou me trocar. E então venho te ajudar mais um pouco.

No quarto de hóspedes arrumado para eles, mal cabia uma cômoda e uma cama – os únicos móveis do ambiente. Juliette passou a mão na cabeceira esculpida. Ela batia na parede ao menor movimento, e aprendera isso na primeira e única vez que Nathan e ela fizeram amor naquele quarto. Houve uma vez que ele sugerira que usassem o chão, mas Juliette achou que não havia espaço suficiente para se deitarem, mesmo que fosse um em cima do outro, e ela teve medo de acabar em uma posição inadequada.

Como conseguiria ficar com ele nesse quarto? Todos iam dormir cedo e deixavam Avraham assistindo televisão a uma altura que apenas ele suportava. As crianças tinham uma pequena TV no quarto antigo de Nathan, onde dormiam, Gizi dormia às nove e meia, e Nathan e ela liam, entrelaçados lado a lado na cama pequena.

Essa não foi a primeira vez que Juliette desejou encontrar consolo no álcool. Era uma pena que o chocolate e o açúcar não provocassem sono.



O cristal brilhava na mesa de Páscoa; as taças, já com a cor mais forte no fundo, abastecidas de vinho tinto. Tigelas esmeralda continham pimentas cozidas. O *farfel kugel* estava em pratos de cobalto. As velas brilhavam. Avraham fez a leitura de um Manischewitz Haggadah. Max fez as quatro perguntas com sua voz cortada. Avraham escondeu o *afikomen* para que os garotos o encontrassem depois do jantar. Tradicionalmente, apenas quem encontrasse o *matzo* recebia um prêmio, mas Avraham nunca deu nada apenas para um dos netos.

Juliette sentiu como se seu coração fosse se partir ao meio. Amava seus sogros, mas achou que iria explodir por não querer estar na casa deles. As paredes da sala de jantar, que já era pequena, pareciam chegar cada vez mais perto da mesa. O joelho de Nathan tocava o dela o tempo todo embaixo da mesa. Cada vez que ela se afastava, ele fazia contato novamente.

Nathan ficava expansivo quando estava perto dos pais. Se ela já podia sentir

isso agora, imagine ele pressionando-a contra a pequena cama, ainda tentando fazer com que ela mudasse de ideia sobre fazer amor no Brooklyn. Ele tentaria se enrolar nela a noite toda, e ela não poderia fugir para luar algum.

– Jantar maravilhoso, mãe. – Nathan virou-se para o pai. – Somos homens de sorte.

Avraham balançou a cabeça.

– Eu sei. Certifique-se de que você também sabe.

Será que Avraham e Gizi sabiam dos tempos difíceis pelos quais Nathan e ela passaram? Será que ele lhes contou alguma coisa? O amor deles por Nathan não era cego.

Gizi segurou a mão de Nathan e a acariciou.

– Ele sabe, ele sabe. Temos uma família maravilhosa.



Logo depois de comerem o último *macaron*, Juliette agarrou Nathan e o arrastou para o minúsculo quarto de hóspedes. As malas deles estavam em cima da pequena cama. As cortinas voavam por causa do vento que saía do radiador. O calor e o cheiro de limão misturados a um ambiente pesado.

– Quero ir para casa – disse Juliette.

Nathan a olhou como se ela estivesse falando uma outra língua.

– O quê? – Ele virou a cabeça para o lado como se assim pudesse entender melhor.

– Eu quero ir embora – disse Juliette. – Hoje à noite. Agora.

– Você está maluca? Chegaríamos em casa só depois da uma da manhã. Qual é o problema?

Como ela poderia dizer que não suportava dormir naquela cama apertada com ele? Que não queria respirar o mesmo ar que ele ou passar a noite toda acordada sem ter para onde ir. Se saísse da cama, mesmo que fosse o mais silenciosa possível, em questão de minutos Gizi apareceria oferecendo a ela um monte de coisas que não queria.

*Você quer um chá? Uma garrafa de água quente? Um pedaço de bolo? Um pouco de aveia? Posso preparar alguns ovos, querida.*

– Eu dirijo – disse Juliette.

– Esqueça quem vai dirigir. Apenas me dê uma razão para essa ideia maluca.

Juliette pensou em algo para dizer, qualquer coisa, que a tirasse dali. Sua cabeça estava fervendo. Pelo menos dirigindo à noite, os meninos viajariam dormindo. Nathan dormiria.

– Eu disse que eu dirijo. – Ela tomaria dez cafés se fosse preciso. – Só tenho trabalho demais esperando por mim. Preciso ir. Preciso acordar e já começar a trabalhar.

– É Páscoa, pelo amor de Deus. O que eu vou falar para os meus pais? Para as crianças?

Juliette caminhou e olhou direto nos olhos de Nathan.

– Não me importo com o que você vai dizer. Apenas me tire daqui. Agora! Estou falando sério. Agora.

O que quer que ele tenha visto nos olhos de Juliette fez com que saísse do quarto e contasse a todos seus novos planos.

Ela se esquivou das perguntas dos sogros e quase mudou de ideia ao vê-los tão chateados. Poderia ter ficado se trocasse de quarto com os garotos e se Nathan e ela dormissem nas duas camas de solteiro do quarto antigo atualmente ocupado pelos meninos. Mas eles nunca dormiriam na mesma cama, e Gizi e Avraham não entenderiam isso também.

A expressão no rosto deles enquanto Nathan colocava as malas no carro assombrou Juliette durante toda a viagem de volta para casa. O fato de terem ido embora deu a Gizi a confirmação de que sua intuição estava certa. Mas se tivessem ficado, Juliette teria soltado o berro que estava segurando há tanto tempo.

Nathan dirigiu.

Chegaram em casa às duas da manhã.

Os meninos se arrastaram para dentro da casa enquanto Nathan e Juliette carregaram a bagagem.

– Boa noite – resmungou Max enquanto subia as escadas.

– Boa noite, meu amor – disse Juliette. – Boa noite, Lucas.

Lucas gemeu. Ele não havia dito uma palavra desde que deixaram a casa dos avós. Seu silêncio e seus ombros rígidos deixavam claro que ela havia atrapalhado seu plano de visitar o Museu de História Natural com o avô. Mesmo aos catorze anos, Lucas ainda adorava andar pelas salas de mármore repletas de dinossauros. Além disso, eles haviam planejado ver *Colisões Cósmicas*, um show que estava sendo exibido no planetário.

Depois que trouxeram a última mala para dentro da casa, Nathan se virou para Juliette. Estavam sozinhos pela primeira vez desde que saíram da casa de seus pais.

– Qual é o problema com você? – A frustração deixava os olhos de Nathan pequenos. Era impossível, mas ele parecia uma torre sobre ela. A raiva o fazia parecer maior.

Quando Juliette não respondeu, ele deu um passo para a frente e abaixou a cabeça na direção da dela.

– *O que* era tão importante que fez com que o fato de magoar meus pais parecesse uma boa ideia? Eu fiquei quieto lá porque não queria deixá-los mais chateados do que já estavam. E no carro, me controlei por causa das crianças. Agora, somos apenas nós dois.

Juliette deu um passo para trás.

– Não teve nada a ver com seus pais.

– Isso não importa, não é mesmo, já que foi da casa deles que saímos? – Ele jogou a mochila de Max no chão e então colocou com força as chaves na mesa de entrada.

– Pare – sussurrou ela. – Você vai incomodar os garotos. – Ela pegou as chaves de Nathan na mesa e colocou-as no pote onde deveriam ficar para não riscar a madeira.

– Agora você está preocupada? Depois da sua proeza, você não quer que nada incomode ou acorde os meninos. Que horas são? Quatro da manhã?

– São só duas da manhã. – Juliette saiu do hall de entrada e foi para a cozinha.

Nathan a seguiu pelo corredor.

– Aonde você vai?

Ela parou de repente e se virou.

– Preste atenção em como você fala. Não sou uma daquelas meninhas que adoram você.

– Meu Deus, o que está acontecendo, Jules?

Eles ficaram se olhando. Os olhos de Nathan procuravam pelo que Juliette não estava dizendo. Milhões de palavras se formaram em sua mente, mas pararam em sua garganta. Quando ela lhe contasse a verdade, tudo mudaria. Até lá, não importava como ela se sentia, ainda eram apenas os quatro. Nathan, Lucas, Max e ela. Quando trouxesse Savannah para a conversa, a garota se tornaria parte da família, e eles nunca mais seriam os mesmos.

– Por que você está tão brava? – perguntou ele. – Você está parecendo maluca.

Ela disse a única coisa que poderia fazer algum sentido. Talvez se jogasse um verde, conseguisse uma pista para saber se Nathan havia encontrado Tia, e se ele sabia sobre Savannah.

– É ela!

– Ela? Quem é ela?

Ela ficou aliviada por sua pergunta parecer sincera.

– Aquela mulher. Aquela com quem você teve um caso.

– De quem você está falando?

– Teve mais de uma?

– Você está falando da Tia? Isso é sério? Foi por isso que viemos embora? Que merda é essa, Juliette? – Ele colocou as mãos ao lado da cabeça e começou a sacudi-la para frente e para trás. – Você está tendo algum tipo de pesadelo traumático com isso?

Uma enorme solidão tomou conta dela. Saber sozinha de algo tão sério ameaçava levá-la ao fundo do poço.



– Talvez eu esteja – sussurrou ela. Ela caminhou até o marido e passou os braços em volta de sua cintura. – Talvez este seja o meu problema.

Ela sabia que isso não podia continuar, mas não sabia como seguir em frente. Tudo o que queria naquele momento era ser a única mãe dos únicos filhos de Nathan.

## CAPÍTULO 13

### *Juliette*

A semana depois da Páscoa judaica trouxe um relaxamento temporário. Juliette se anestesiou lendo a *Vogue* e *Elle*. Nathan passou a maioria das noites atrás de sua mesa.

E então veio a Páscoa católica, um feriado que sempre a deixava deprimida. As meninas em Rhinebeck usavam babados e tafetá. Fitas de cetim caíam de cestas cheias de marshmallow amarelo, jujubas e presilhas cor-de-rosa. No jantar, sentavam-se em pilhas de listas telefônicas e comiam presunto e batata-doce caramelizada. As pessoas tiravam fotos porque eram muito bonitinhas.

Ela odiava a Páscoa.

Os pais de Juliette ignoravam todas as tradições. Será que era porque seu pai era judeu? Mas também não celebravam a Páscoa judaica. Seria por que seu pai e sua mãe eram professores de Bard, um bastião do humanismo? Sua mãe era professora de dança; e seu pai, de ciências políticas. Será que isso os tornava sofisticados demais para comer marshmallow e liberais demais para usar anáguas? No domingo de Páscoa, os pais dela não faziam nada diferente do que faziam em qualquer outro domingo. A única diferença era que, depois que Juliette dormia, na véspera da Páscoa, sua mãe deixava um coelho de chocolate em sua cômoda. Na manhã do domingo de Páscoa, Juliette comia o coelhinho inteiro enquanto seus pais dormiam até mais tarde.

Quando Lucas tinha dois anos, Juliette fez para ele uma cesta de Páscoa digna de um príncipe. Nathan havia chegado enquanto ela colocava as últimas fitas. Diversos tons de azul e amarelo circulavam a palha amarela.

“O que você acha?” Ela levantou sua obra de arte.

Nathan colocou o dedo com cuidado no pelo branco do coelhinho de pelúcia. Segurou os bigodes, deixando que eles se abrissem e depois voltassem para trás. “Uma cesta de Páscoa?”

“Você tem algum problema com isso?”, perguntara Juliette.

“Não fique na defensiva, Jules.”

“Não vou ficar na defensiva se você não usar esse tom de voz.”

“Qual tom de voz?” Nathan cruzou os braços no peito.

“Esse tom de ‘você está me deixando chocado com tanta estupidez.’” Juliette colocara a mão protegendo a cesta azul e se segurara para não chorar.

“Concordamos que educaríamos Lucas como judeu.”

“Por causa de seus pais. Mas não acho que dar um coelhinho de pelúcia para ele vai fazer com que se torne cristão ou comunista. Seus pais ficarão bem.”

“Você não precisa ser sarcástica. Achei que tivéssemos feito um acordo.”

Mas qual era o lado dela no acordo? O que ela ganhava? Não ter que ouvir a sermões de Nathan sobre o quanto as tradições judaicas eram importantes para sua família? Ela desejava criar suas próprias tradições.

Ela se sentia como se sua vida tivesse se tornado uma série de compromissos que sempre tendiam para o lado da escala moral de Nathan Soros.

Quando ela tentara mudar sua opinião, ele havia lembrado Juliette que, como seu pai era judeu, na verdade, as crianças eram mais judias do que qualquer outra coisa, como se Max e Lucas pudessem ter sua genética mensurada em copos de medida.

Os domingos de Páscoa agora eram iguais àqueles da época em que Juliette era criança. Sua tradição familiar estava sendo levada adiante. Mais uma geração sem nada de especial. Não comiam nem mesmo um coelhinho de chocolate, embora ela sempre preparasse alguma coisa especial para a sobremesa. Algo que Nathan considerava um pouco não judeu, como um bolo branco com glacê. Ela enfeitava o bolo com uma grama verde, um sol amarelo e um céu azul, adicionando cor ao prato. Nada que pudesse contradizer o desejo dele, mas ainda assim ela tinha receio em servir a sobremesa.

Que revolta patética! Fazer um bolo no estilo cristão para substituir as cestas de Páscoa que ele proibia?

Juliette puxou o caderno de moda do *The New York Times* que estava no meio das pernas de Nathan.

– Levante – disse ela.

Ele levantou sem dizer uma palavra.

– De novo – disse ela, pegando a parte da revista.

– Eu ia ler isso daqui a pouco – ele murmurou.

– Você não pode separar os cadernos?! – Juliette pegou o jornal. – Se não está na sua mão, está lá para outra pessoa ler.

Nathan riu, sem tirar os olhos da sessão de economia.

– Quem disse que você entende como se deve ler o jornal?

Juliette segurou o jornal e puxou até que a página se rasgou e ela ficou apenas com um pedaço de papel na mão.

– Pelo amor de Deus, Nathan, apenas me dê o maldito jornal.

Agora ele olhava para ela.

– Qual é o seu problema, Jules? – Ele levantou a parte de moda, agora rasgada, e a entregou a ela.

– Você não precisa ficar segurando tudo – Juliette revidou. – Ninguém lê mais do que um caderno por vez.

– Então, por que você está segurando a revista e o caderno de moda? – Ele sorriu, tentando aliviar a tensão.

– Você não lê o maldito caderno de moda. Você fala que é um lixo. Você acha que tudo o que eu faço é um lixo e que tudo o que você faz é uma maravilha. – Juliette jogou o jornal, empurrando-o na direção dele. – Tome. Fique com isso. Fique com tudo. Você sempre consegue tudo o que quer mesmo, não é?

Juliette saiu pisando duro e bateu a porta do banheiro com força. Abriu a torneira da pia e a do chuveiro, no máximo, para que ele não a ouvisse chorando. Imbecil. Mais tarde, ele provavelmente diria que ela estava destruindo o meio ambiente desperdiçando a água.

Ela desligou o chuveiro pensando em Lucas, Max e em seus futuros netos.

Depois de assoar o nariz, enfiou o rosto em uma toalha, abafando sua tristeza e raiva.

– Vá embora, Nathan – sussurrou quando ele bateu na porta.

– Você está bem, mãe?

Lucas.

Ela curvou os dedos. E enrijeceu todos os músculos.

– Estou bem, querido.

– Você está chorando? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela.

– Parece que você está chorando.

Ah, merda. Max. Os dois estavam lá fora, filhos alertas cuidando da mãe louca.

Ela colocou as mãos na testa.

– O que foi, mãe? – perguntou Lucas.

*Seu pai me traiu. Você tem uma irmã. Eu ainda amo o seu pai.*

– Deixem a mamãe em paz, meninos. – A voz de Nathan soou forte e calma. – Ela teve uma manhã triste. Todos têm um momento assim um dia.

– Por que ela teve uma manhã triste? – perguntou Max. – Por que ela ficou triste?

*O que você vai dizer, Nathan?*

– Quando mamãe era pequena, a Páscoa nunca foi uma época boa para ela. Agora, acho que hoje eu também deixei a Páscoa ruim para ela. – Parecia que Nathan estava dando tapinhas na porta, como se fosse as costas dela. – Vamos lá, deem um pouco de privacidade para a mamãe.

Eles se afastaram e Juliette detestava Nathan ainda mais. Se ele a conhecia tão bem, por que não vinha ajudá-la mais vezes? Por que não podia ser sempre assim?

Por que foi atrás daquela mulher?



Juliette retirou várias toalhas quentes da secadora e desejou poder fazer um ninho no algodão quente e se deitar ali. As terças-feiras eram calmas na loja. Ela havia chegado cedo naquela manhã, com a intenção de ficar longe de Nathan e daquelas perguntas que insistiam em não sair de sua cabeça.

Uma chave se virou na porta da frente. Os passos leves de Gwynne vieram em sua direção.

– O que você está fazendo? – perguntou Gwynne.

– Dobrando toalhas?

– A Helen não vem?

Helen era a faxineira, a que dobrava as toalhas e a lamentadora oficial. Elas tentavam acalmá-la com presentes. (Veja, Helen, que perfume incrível para disfarçar o aroma da decepção! Batom vermelho para passar nos seus lábios enrugados!) Ela fazia todos se sentirem péssimos, mas nem Gwynne nem Juliette tinham coragem de demiti-la.

– Ela está limpando os banheiros. – Juliette levantou as sobrancelhas para Gwynne.

– E isso significa que você tem que dobrar as toalhas?

– Precisava ir para algum lugar onde eu não ouvisse o tempo todo aquela musiquinha: “Pigs, pigs, they’re all pigs.”

Gwynne olhou desconfiada para ela.

– Está certo. Precisava fazer alguma coisa que não precisasse pensar – admitiu Juliette.

– Qual é o problema? Você tem estado estranha há semanas.

– Estou bem.

– É tão óbvio que você não está bem que eu me sinto como se devesse colocar um pouco de conhaque no seu chá.

– Sério. Não é nada – insistiu Juliette.

Aquela “nada” queimava em sua garganta enquanto ela tentava não soltar

aquela história nojenta no meio de sua linda loja. Se não fizesse isso, talvez revelasse uma torrente de “A vida é uma merda!” no chão que Helen já havia limpado.

– Você sabe o que dizem. Chorar traz a tristeza para fora. – As palavras leves de Gwynne não escondiam sua preocupação.

– E como se faz para que as merdas de Nathan saiam de você? – perguntou Juliette.

– O que ele fez agora? – Gwynne sabia do caso dele com Tia. Se Juliette não tivesse contado a ela teria explodido.

Ela enfiou o rosto em uma toalha. Tarde demais. Já estava fria e agora teria que ser lavada de novo por um motivo nada bom. Aqui estava ela, acrescentando motivos para que Helen detestasse os americanos.

Gwynne pegou a toalha das mãos de Juliette e a jogou no cesto de roupa suja.

– Pare com isso. Parece que você está se escondendo cobrindo sua boca desse jeito.

Juliette deu tapinhas nos cílios, mas ainda assim as lágrimas escorriam.

– Ele está dormindo com alguém de novo? – perguntou Gwynne.

– Acho que não. – Ela pegou a toalha que Gwynne havia jogado no cesto e limpou os olhos.

Gwynne sentou-se no sofá e deu tapinhas no assento ao seu lado. Este quarto dos fundos onde elas estavam não era nada elegante. Lá ficava a secadora, revistas antigas, os armários dos funcionários e mesas repletas de amostras de cosméticos que haviam sobrado na loja. Cadeiras antigas e travesseiros surrados terminavam sua vida útil nesta sala, onde ninguém se preocupava em entrar.

– Ele tem uma filha.

– Ele tem uma filha – repetiu Gwynne.

– Nathan tem uma menina. De cinco anos. – Juliette inclinou-se para trás, tirando o cabelo do rosto. Ela havia revelado o segredo. Ele havia se tornado uma realidade. Savannah, Honor, o bebê de Tia, a criança de Caroline, a filha de Nathan, não vivia mais apenas em sua mente, e agora ela precisava lidar com isso.



Juliette tentou ser amável no jantar, por Lucas, por Max e por seu plano. Havia conversado com Gwynne e bolado uma estratégia para falar com Nathan. Ela ficaria calma. Tranquila. Daria a ele espaço para demonstrar seus sentimentos e reações antes de falar alguma coisa.

Do contrário, ela enlouqueceria. E ele se afastaria. Isso seria inútil.

Qual poderia ser o momento mais assustador em um casamento do que quando se pega o marido olhando para a mulher sem paixão? Quando ele revelava que não gostava tanto dela naquele momento? Então, Juliette não jogou as almôndegas na mesa. Colocou com calma.

– Almôndegas? – cantarolou Max imaginando o raro deleite da carne real.

– Não seja tonto. São almôndegas de peru, não são, mãe? – Lucas espetou uma com o garfo.

– Espere até que tudo esteja servido. – O queijo parmesão formava um S perfeito de Soros no prato de espaguete que ela havia colocado em um suporte de cobre. – E as almôndegas não são de peru.

– São de carne mesmo? Nossa, obrigado pelo milagre. – Lucas espalhou o S de queijo sobre a massa. Juliette ficou se perguntando se uma filha pelo menos comentaria sua arte com a comida antes de bagunçar tudo daquela maneira.

– Você realmente acha que consegue perceber a diferença? – perguntou Juliette.

Lucas parou antes de morder a almôndega.

– Então não é carne?

Max mordeu a sua.

– Seja lá o que for, está boa.

– Você ia achar almôndegas de cocô gostosas se a mamãe colocasse queijo e farelos de pão no meio delas.

– Lucas, olhe a língua – repreendeu Nathan.



– Talvez sejam almôndegas de soja – sugeriu Juliette.

Lucas cheirou desconfiado.

– Você está brincando, não é?

– Experimente – incentivou Juliette. – Veja se gosta. E então digo do que é feita.

Nathan enrolou o espaguete no garfo e então espetou um pedaço de almôndega.

– É de carne – disse ele depois de mastigar. – Carne orgânica.

– Ah, pai. Como você pode dizer que tipo de carne é? – Como de costume, Lucas colocou sal em todo o prato antes de experimentar qualquer coisa.

– Porque sua mãe não serviria nenhum outro tipo de carne. E ela me ama demais e por isso só cozinhará comida orgânica para mim – disse Nathan.

– Você não quer dizer que ela nos ama demais? – perguntou Max. – Todos nós.

– Claro, ela ama todos nós. – Nathan deu um sorriso preguiçoso para Juliette e piscou. – Mas ela me amou primeiro.

Juliette se serviu de uma bela taça de Cabernet.

Certamente, Nathan havia percebido isso. Juliette bebia raramente.



Por que não esquecer tudo aquilo?

Ela observou Nathan tirando a camisa. O pelo cobria seu peito e alguns fios haviam nascido nas costas. Feio, mas não para ela. Juliette gostava das costas de Nathan. Era a parte do corpo que ele não conseguia ver, e por isso ela sentia como se fosse dela.

Antes que Juliette pudesse ficar mais sentimental enquanto admirava o corpo de Nathan, o ciúme tomou o lugar do prazer. Tia havia visto suas costas.

Por que os homens traem? Aquela música continuava tocando. A ideia de ouvi-la para sempre a aterrorizava.

Gwynne acreditava que o pai e a mãe de Nathan o adoravam demais.

– Tipo o filho único precioso dos imigrantes – disse a sócia. – Primeiro, eles o criam para que se vire bem no mundo, constantemente assegurando-o de que ele é brilhante! Tão lindo! Único! E então ele cresce e eles ficam babando: “Ah, Nathan! Um professor! Tão brilhante! Seus filhos! Tão lindos! Sua esposa! Única!”.

Quem poderia viver assim? Juliette deveria constantemente assegurar um marido que arrotava, riscava tudo e arrastava copos sujos de café de que ele era um presente especial de Deus para o mundo e para ela?

Ainda assim, Juliette temia que seu caso fosse culpa dela. Ela se tornara uma pessoa chata: falava sobre cremes hidratantes e maquiagens e não do conflito palestino-israelense. Talvez houvesse se tornado um robô sexual, sempre seguindo os rastros que Nathan e ela haviam traçado mais cedo: tocar aqui, acariciar ali, esfregar aqui.

Nathan colocou seu roupão.

– Que motivo dei para você fazer isso? – Suas palavras saíram sem cautela, sem a frieza que ela havia planejado. Ela caiu na cama, pegou um travesseiro e segurou-o primeiro sobre o rosto e depois em seu estômago.

Ele se virou para ela, em sua expressão havia uma mistura de preocupação e perplexidade.

– Motivo para quê? – perguntou ele deliberadamente.

– Você sabe. – Ela jogou o travesseiro e trouxe as pernas para junto do peito, abraçando-as. – Ela – disse ela olhando para os joelhos.

*Dê um crédito a Nathan. Ele não fingiu que não sabia.*

Ele se sentou ao lado de Juliette.

– Ela de novo? Ela não existe mais. Cumprir minha palavra. Nunca mais caí em tentação.

Ela levantou o rosto apenas o suficiente para olhar para os cantos de sua boca, onde as mentiras apareciam primeiro.

Ele não estava mentindo.

Grande coisa.

Mas, na verdade, era sim.

Mas eles tinham um problema para enfrentar. Ela não queria fazer isso. Ele tocou sua perna e ela queria puxá-lo e fazer amor com ele de maneira diferente do que estavam acostumados, ou da maneira como estavam acostumados. Mas quem se importava com isso? Porque o ato iria tirar tudo aquilo de sua cabeça. Ela queria ficar imbecil por causa do sexo.

*Bem, dona Juliette, que azar o passado estar cambaleando por aí entre as pernas de Max e usando o cabelo de Nathan.*

– Você tem uma filha, Nathan. – A mão dele ficou paralisada. – Ela tem cinco anos.

Ele tirou a mão da perna dela.

– Talvez você já soubesse disso, não é? – perguntou ela. – Você sabia sobre ela?

– Se eu sabia?

Ele estava ganhando tempo. Ela viu a roleta girando.

– Você sabia sobre Honor? – perguntou Juliette.

– Honor? – Agora ele parecia realmente intrigado.

Tudo bem, ele não sabia o nome estúpido que Tia deu à menina.

– Savannah? – perguntou Juliette. – Você sabe sobre Savannah?

– Savannah? Honor? Sinceramente, não sei do que você está falando.

– Você não conhece os nomes ou o assunto?

– Nenhum dos dois – Nathan respondeu.

Agora, ele estava mentindo. Seus lábios tremeram aquele milímetro que ela bem reconhecia.

– Mentiroso! – disse Juliette. – Eu sei.

– Você sabe o quê?

Ela sabia que ele queria pular pela janela.

– Eu sei que você sabia que Tia estava grávida. Eu sei disso.

Era claro que aquela mulher usara o bebê para pressioná-lo a deixar Juliette. Uma perseguidora obsessiva que enviava cartões românticos faria qualquer coisa.

Nathan se afastou dela e foi para a beirada da cama, segurando a cabeça com as mãos.

– O que você vai fazer? – perguntou Juliette.

– Fazer? Sobre o quê? Eu mal estou entendendo do que você está falando. Como você...

Juliette cruzou os braços.

– Eu abri a carta que ela mandou para você.

– Que carta? – Um pouco de raiva podia ser percebido em suas palavras. – Uma carta para mim?

Dane-se, Nathan. O que foi, agora vamos falar sobre privacidade?

Juliette alcançou a primeira gaveta do seu criado-mudo. O envelope parecia ter sobrevivido a dez tempestades.

– Tome. Leia.

Ele tirou a carta e as fotos do envelope. Olhou primeiro para as fotos. Será que Nathan estava mais curioso sobre a criança do que sobre Tia, e se estivesse, seria isso bom ou ruim?

Ele ficou olhando para a garota por longos minutos. A filha dele. Juliette sabia que ele estava tentando manter seu rosto impassível; ela conseguia enxergar suas emoções, só não tinha muita certeza do que significavam.

Ele abriu a carta. Juliette amassou a colcha e então se inclinou sobre o ombro dele.

Depois de ele ter tido tempo o suficiente para ler a carta quinhentas vezes, Juliette soltou:

– O que você vai fazer?

– Sobre o quê?

– Sobre o quê? – Ela pulou da cama. – O que você está sentindo? O que você sente em relação a essa criança? Em relação a ela?

– Juliette, eu não sabia sobre essa criança até abrir isso. Não falo com... ela desde...

– Desde quando? Desde quando você jurou que tinha acabado? Desde que ela te contou que estava grávida?

Nathan continuou em silêncio.

– Qual é a sua resposta? Qual? Responda!

Ele afundou a cabeça entre as mãos.

– Não se faça de bobo.

– Jules, me dê pelo menos um minuto.

– Você não precisa de tempo nenhum para dizer a verdade. Não precisa de um minuto. Fale!

Ele sacudiu a cabeça.

– Não consigo. Ainda não. Preciso absorver isso.

– Precisamos planejar tudo juntos: como você vai responder a Tia, sobre Savannah, ou isso vai nos separar. Por favor, Nathan.

– Já chega. Você está certa, você está certa. Mas você tem pensado nisso, está obcecada com isso... eu acabei de descobrir. Tem certeza de que você consegue entender isso?

Ela andou pelo quarto. Pegou um colar na cômoda e o colocou na caixa de joias, então, dobrou uma toalha que estava no cesto de roupa suja com movimentos bruscos e rígidos.

– Que merda, fale comigo. Me diga em que você está pensando.

– Ainda não. – Ele sacudiu a cabeça como se ela mal o entendesse. – Preciso entender isso.

Depois de apertar a toalha branca até sua mão começar a doer, ela a jogou nele.

– Como você está se sentindo? – gritou ela. – Você sente que tem uma filha? Isso faz com que você sinta que tem uma conexão com Tia? E quanto a Max e Lucas? Vamos contar a eles?

Ele se levantou e segurou os ombros dela.

– Me dê um tempo – ele pediu com os dentes cerrados. – Estou falando sério. Não posso lidar com você assim. Não agora.

## CAPÍTULO 14

*Caroline*

O saguão do San Diego Marriott estava praticamente vazio. Caroline olhou para os lados sentindo-se culpada, como se fosse uma criança riscando um vidro. Tentava passar a impressão de que era uma médica que havia acabado de receber uma ligação de emergência para sair da palestra que estava assistindo, mas na verdade só queria respirar um pouco de ar puro e despertar por causa da diferença de fuso horário que a deixava grogue.

A palestra “Um novo paradigma para considerar as ramificações dos tratamentos de retinoblastoma” havia dado a ela um novo paradigma para dormir com os olhos abertos. Os palestrantes da conferência “O futuro da pediatria” obviamente eram bons – mais do que bons. Eram pessoas dedicadas que queriam dividir sua experiência. Mas se distribuíssem balas de café na entrada, ela poderia realmente apreciar seus paradigmas.

O saguão do hotel abria-se para uma ampla praça de concreto. O serviço de FedEx ficava à sua direita. Do outro lado, havia uma série de pequenas lojas. Caroline virou-se para a esquerda e ficou feliz ao ver uma Starbucks. Ótimo. Depois de passar uma hora bocejando, precisava de cafeína.

– Um café grande – ela escolheu quando chegou sua vez.

A atendente a olhou sem esconder seu mau humor.

– Então você quer o café Venti? – Por que essa garota pintava os olhos tão forte? Os semicírculos verdes e grossos pareciam um luminoso grotesco anunciando sua falta de atitude.

Caroline olhou para a parede procurando ajuda. Grande parecia maior, mas o que era *venti*? *Tall* também parecia grande, mas era o nome para pequeno, não era? A Starbucks fazia com que ela se sentisse estúpida. Como é que poderia entender o tamanho das suas bebidas? Será que deveria aprender a falar italiano para beber café?

Ela resolveu tentar.

– Acho que quis dizer grande.

O círculo verde sorriu.

– Isso é médio. É isso que você quer?

O homem que estava atrás de Caroline na fila bateu em seu ombro.

– Você quer um café grande, certo?

Ela balançou a cabeça.

– Um *venti* para a senhora e um *tall latte* para mim. Com leite desnatado e pouco gelo, por favor.

– Obrigada – disse Caroline. – Fico perdida aqui. – Ele parecia ser uma pessoa conhecida, com óculos de armação de metal e um olhar de cachorro ansioso.

– Meu caminho para a fama – disse ele. – Falo fluentemente a língua da Starbucks. – Ele estendeu a mão. – Saí da palestra logo depois de você.

Enquanto Caroline apertava a mão dele, percebeu que não havia pago o café para a garota do círculo verde. Ela pegou uma nota de vinte dólares.

– Deixe que eu pago – ofereceu-se seu novo amigo, com o dinheiro já na mão da garota.

– Obrigada. – Caroline guardou os vinte dólares de volta na bolsa sabendo que acabava de dar a ele permissão para fazer alguma coisa. Nada demais. Mas alguma coisa.

Eles se sentaram dentro da loja – ambos com medo do sol, como acabaram descobrindo. Jonah – dr. Jonah Weber – tinha um consultório em Vermont. O reino do Nordeste.

– Parece importante, não é? – disse ele. – O reino do Nordeste.

– É mesmo? – Caroline se afundou ainda mais na cadeira de veludo, inundada de sentimento bom. Estava matando a palestra e estava a quase cinco mil quilômetros longe da gaiola dourada para a qual voltava todas as noites.

– É muito bonito no extremo. E também horrível.

– Como? – perguntou ela.

– É bonito como? Ou é feio como?



– Os dois – disse ela. – Conte-me sobre os dois.

– A paisagem é praticamente mítica. Íngreme e então de repente aparecem as colinas. Minha casa tem uma vista de trezentos e sessenta graus. Por outro lado, a cidade é repleta de pessoas pobres que vivem em condições que você jamais poderia imaginar.

– O seu consultório é pequeno?

– Na verdade, é grande demais. Atendo grande parte do território. Poderia ter mais ajuda. Mas não existem muitos médicos que gostariam de viver em um lugar onde o período da lama dura mais que o verão. Não sou pediatra. Sou o médico da família. Onde moro, isso significa que sou tudo para todos.

– Você cresceu em Vermont?

– Sim. Fugi de lá um pouquinho. – Ele parecia feliz ao se lembrar. – Fiz minha residência aqui em San Diego. E fiquei um pouco mais depois que terminei. Adorava estar em um lugar onde não precisava de dez pares de jeans forrados de flanela ou de cinco pares de botas.

– Então, por que você foi embora?

– Não sei muito bem. – Ele abriu as mãos como se fosse oferecer alguma coisa a ela. – Loucura?

– Você não parece louco.

– Acho que talvez alguns de nós que crescem de uma maneira tão específica, como uma flor cresce em uma estufa, ou, no meu caso, como uma erva daninha cresce na lama, precisam daquele ambiente para funcionar bem. Mesmo não gostando dele.

Caroline pensou na solidão que ela perseguira quando era criança. Passava horas deitada em sua cama bem-arrumada, lendo, desenhando casas angulares durante o período em que se interessou por arquitetura, ou ouvindo Jascha Heifetz durante os anos em que tocou violino. Ela se sentia completa.

– Então, você precisa de lama e neve para funcionar? – perguntou ela.

– Acho que sim. Já faz algum tempo que não penso nisso. Acho que sou feliz morando onde moro.

Caroline o olhou sorratamente. A aliança no dedo de Jonah afastou sua preocupação. Isso era seguro; nem chegava a ser um flerte. Apenas colegas jogando conversa fora. Duas pessoas estranhas revelando histórias uma para a outra.

Jonah dobrava guardanapos em quadrados perfeitos e depois fazia triângulos.

– E você? Do que você precisa para funcionar?

Caroline só conseguia pensar em coisas que não a ajudavam a funcionar, como a demanda constante que Savannah exigia dela e a necessidade de Peter em ter uma família perfeita.

– Paz. Eu preciso de paz.

– Só isso?

– Isso é muito. Sem ela, todo o resto me consome.

– E como o trabalho se relaciona com isso?

Caroline entrelaçou os dedos.

– O trabalho nunca é um problema. Mesmo quando as coisas ficam agitadas, consigo alcançar minha paz interior. Adoro meu trabalho. Desde que eu consiga minha cota de silêncio.

– E o que acontece quando você não consegue? – perguntou Jonah.

Ela não queria responder aquilo e, por isso, não respondeu. Simplesmente deu um sorriso autodepreciativo que ele poderia entender da maneira como quisesse. Aquela era a graça de se conversar com um desconhecido. Baixas expectativas.

– E seu marido? Você tem filhos?

Ele havia percebido sua aliança.

– Meu marido está morto.

O quê?

– Ah, sinto muito. Morreu há pouco tempo?

– Há três anos – disse ela. – Meu marido e minha filha. Morreram em um acidente de carro.

O horror podia ser visto no rosto dele. Ela sentiu o estômago queimar. Será que estava maluca? Como poderia desmentir tudo aquilo sem que ele fosse embora?

– Não gosto de falar sobre isso – ela se apressou em dizer. – De maneira alguma.

– Claro, claro. – Ele segurou a mão dela. Ela deixou para trás o horror de suas palavras. A pele dele carregava a sensação de ter passado o inverno limpando a neve e lascando o gelo. Era áspera, mas ainda assim gostosa. Não como se tivesse sido criado em uma estufa, de maneira alguma.



Caroline chegou em casa. Pagou o táxi, abriu a porta do carro em silêncio, ainda ansiando pela solidão apesar de ter passado quatro dias fora.

Eram sete horas da noite. Talvez Peter tivesse saído com Savannah para jantar. Apenas os dois vivendo a vida louca no McDonald's, como se fossem livres, livres, livres, até a mamãe voltar para casa e impor as leis. Peter gostava de fazer esse tipo de jogo, de colocar Caroline no papel de mãe severa, mas amorosa, enquanto ele assumia o papel de pai divertido, fazendo companhia a Savannah em seu jogo de rebelião doméstica.

O problema é que era só isso. Um jogo.

De onde havia surgido esse Peter? Esse homem que queria transformar Caroline em alguém diferente? Ele se apaixonara por uma médica pesquisadora tranquila, alegando amar sua aura calma. Então, por que estava tentando transformá-la em uma pessoa engraçada, bagunceira e cozinheira?

Quanto ao papel que Peter escolhera para Savannah, a garota era mesmo rebelde. Observava todos os movimentos de Caroline como se estivesse planejando algo que apenas ela sabia.

O portão da garagem estava bem fechado, claro! Peter detestava deixar o portão aberto, enquanto Caroline detestava ter que abri-lo e fechá-lo. Morria de medo de que ele caísse em cima dela.

Ela detestava a garagem deles. Assim como a casa era grande demais apenas para os três, a garagem era ridiculamente enorme para os carros deles. Isso incomodava Caroline, esse consumismo que Peter revelava. Principalmente agora, com tanta gente sofrendo por causa da situação ruim da economia. Peter

adorava lembrar a ela de como ele havia sido esperto em tirar o dinheiro deles das ações e colocá-lo em títulos no momento certo.

Os pais dela haviam lhe proporcionado conforto sem todo aquele estardalhaço de Peter. Ela tinha medo de que Peter a enterrasse no meio das coisas antes que superasse seus traumas de infância. Seu passado parecia perfeitamente aceitável para ela, e sempre que dizia isso ele dava aquela sua risada de foca e dizia: “Apenas os ricos apreciam a beleza da pobreza”.

Peter não havia crescido na pobreza, apenas teve de trabalhar para se manter. Seu pai transportava alimentos, mas tinha seu próprio caminhão e, depois, acabou com três caminhões. “Quase um magnata, o meu pai”, dizia Peter com um sorriso aflito. A mãe dele costurava, mas não passava o tempo todo trabalhando em uma sala gelada, enrolada em panos. Ela era a primeira escolha de qualquer pessoa que quisesse se vestir bem, copiar um modelo ou ter a roupa perfeita para ir a um casamento.

A família de Peter a encantara quando os conheceu. Eram barulhentos e brincalhões, bem diferentes dos pais e das irmãs de Caroline, que eram mudos e só soltavam a voz quando brincavam de algum esporte no gramado; e ela nunca participava.

Caroline colocou a chave na porta e a abriu. O aroma de chocolate a convidou a entrar. Na família de Peter, a comida representava tudo o que havia de divertido na vida, e eles comiam em grandes quantidades. A família de Caroline distribuía a comida como se ela fosse acabar: aqui está seu meio copo de ervilhas e seu peito de frango. Dois quartos de batata assada. Molho só se comia em restaurantes, manteiga disponível apenas em pequenas porções, bolo em casa significava aniversário ou casamento.

Ela seguiu o som de Savannah cantando e encontrou a filha e o marido na cozinha colocando glacê em um prato de brownies. Aperfeiçoando o que já era perfeito. Será que os brownies já não estavam doces o suficiente?

Caroline não queria ser a desmancha prazeres. A mãe que só dizia não, instituindo a zona denominada diversão garantida. O entusiasmo de Peter a deixava para baixo, como se algum mecanismo forçasse os casais a se estabilizar até alcançar o equilíbrio.

– Mamãe! – gritou Savannah ao ver Caroline. – Papai, me ajude a descer.

– Pronto, querida. – Peter tirou Savannah do banco alto da ilha da cozinha, onde ela estava ajoelhada. Havia chocolate no balcão branco, no avental

vermelho que a garota usava e em suas bochechas.

– Estamos colocando balas de goma em cima dos brownies – contou a garota. Ela abraçou Caroline, que tentou não recuar ao ver o chocolate manchando seu casaco bege.

– Uau! Você está doce – disse Caroline.

Savannah se esticou e tirou os braços da cintura de Caroline, que segurava com bastante firmeza. Caroline viu seu rosto despencar.

– Parece delicioso. – Ela tentou fingir que “você está doce” era um elogio e não uma indicação de sua reação verdadeira: de que aquilo era nojento, colocar balas extremamente doces em cima de um brownie já bastante calórico.

– Você está falando sério? – perguntou Savannah. Ela franziu a testa, ficando com o rosto sério novamente. Não fazia nem um minuto que chegara em casa e Caroline já havia conseguido acabar com o sorriso da filha.

– Claro que a mamãe está falando sério – disse Peter. Ele beijou Caroline leve. – Não estava, mamãe? – Ele deu um leve puxão no braço de Caroline, advertindo-a em sua linguagem própria: “Não seja uma desmancha prazeres”.



Caroline arrumou o cobertor em volta de Savannah do jeitinho que ela gostava. *Achatar o cobertor na parte de cima, arrumá-lo em volta de seus pés – parando em cada dedo para dar um apertão – e então arrumar, arrumar, arrumar um lado para cima e o outro para baixo.* Assim como Caroline, Savannah precisava de rotina e repetição.

– Eu te amo, mamãe – disse Savannah.

– Eu te amo, querida.

Savannah apertou os lábios. Ficou olhando para a mãe com aqueles olhos intensos que às vezes assustavam Caroline, normalmente faziam com que ela se contorcesse, e sempre faziam com que ela desejasse que a filha não se machucasse.

– Você me ama tanto quanto você ama o papai? – perguntou Savannah.

– Claro que sim. – Caroline rezava todo dia e toda noite para amá-los mais do que ela realmente amava.

– Você me ama mais do que você ama o papai?

Caroline temia estar enviando mensagens subliminares para Savannah. Talvez ela, como outras crianças, tivesse um sétimo sentido que media o amor verdadeiro.

Caroline achava que os adultos, se estivessem dispostos a ser sinceros, também poderiam ter esse “sétimo” sentido. Mas será que alguém gostaria de ter esse tipo de conhecimento?

Caroline começou a formular a resposta.

– Eu te amo de maneira diferente. – Mas o cansaço fez com que tomasse o caminho mais fácil. – Amo o papai e você exatamente da mesma maneira.

– Você me ama tanto quanto você ama a vovó?

A vovó era a mãe de Caroline. A mãe de Peter era a Nana. Caroline tentou manter a calma.

– Sim, eu amo.

Savannah apertou os olhos, parecendo a adolescente que seria um dia, aquela que analisaria Caroline procurando alguma desgraça.

– Tudo bem – disse ela, finalmente.

Tudo bem. Uma palavrinha estranha vinda de um visitante estranho de algum outro planeta. O coração de Caroline estilhaçou-se por causa daquele amor complicado. Ela se aproximou e deu três beijos na filha: um na testa, um na bochecha direita e outro na bochecha esquerda, assim como Savannah gostava.

Jurou de novo sair daquele círculo vicioso de preocupações sobre seus pensamentos e deixar para trás seus desejos por coisas impossíveis e terríveis.



Ela entrou no quarto.

Peter estava deitado na cama com um sorriso sexy.

Ela pensou em quanto tempo já havia se passado, imaginando se podia reclamar de dor de cabeça, de cansaço por causa do fuso horário ou de dor nas

costas por causa do avião.

Duas semanas.

Ela sempre fora rápida em matemática.

– Senti sua falta, querida – disse ele. – Senti muito sua falta.

Ele enfatizou suas palavras para que ela não deixasse de entender o que queria dizer. Caroline controlou seu gemido interior. Quando começaram a namorar, quando seu amor brilhava no ar e rodeava a cabeça deles como se fosse passarinhos, ela adorava os códigos que tinham. A linguagem secreta Peter-Caroline era romântica. Código de palavras para “Vamos fazer amor” deixavam Caroline arrepiada só de pensar no assunto.

Agora, na maioria das vezes, ela sentia um tremor de medo.

– Espere só eu tomar banho – disse ela. Talvez ele já estivesse dormindo quando voltasse.

– Você não precisa tomar banho.

– Acredite em mim, depois de todas aquelas horas viajando, preciso sim.

Ele implorou com o olhar.

Seu estômago se apertou.

– Volto logo. – Ela não olhou para trás quando entrou no banheiro, com medo de ver que o desejo dele a deixava ainda menos excitada.

Ela abriu o armário de remédios procurando uma aspirina – estava realmente com dor de cabeça – e viu potes e tubos prometendo beleza. Todas aquelas embalagens novinhas, brancas e pretas, sem abrir.

Peter às vezes perguntava o que acontecera com a viagem à ilha da beleza. Ele achou que ela ficara irresistível naquela tarde depois de ter ido a juliette&gwynne – chegou até a chamar Rose, a babá, oferecendo o triplo pela hora extra, para poder levar Caroline a um jantar chique.

E nesse jantar ela não havia dito nada, porque nada do que se passava por sua cabeça poderia ser dito.

Primeiro, Peter preencheu o vazio falando sobre trabalho. Então, começou a

conversar com Caroline sobre Savannah. O que ela achava da creche que a filha frequentaria a partir de setembro? Por acaso, Caroline tinha pensado nisso? Será que deveriam matricular Savannah em uma escola particular? Será que haviam errado ao não colocá-la em uma escola de educação infantil? Eles provavelmente deviam enviá-la a um acampamento no verão, não é? Que tipo de acampamento Caroline achava que seria melhor?

Caroline tirou a tampinha do frasco de aspirina.

Às vezes, quando não conseguia dormir, fantasias espontâneas – pesadelos, ela se lembrou – apareciam em seu subconsciente.

Acidentes de trem.

Acidentes de carro.

Acidentes de avião.

Peter e Savannah eram os passageiros.

Claro que nunca sentiam dor, e nunca havia chamas, era apenas uma saída instantânea do corpo e então uma rápida ascensão ao céu.

E Caroline ficava sozinha.

Depois desses pensamentos, ela não conseguia suportar a si mesma.

Aquelas coisas terríveis que dissera a Jonah Weber não haviam surgido do nada.

Ela tomou dois comprimidos, feliz com o gosto amargo que ficou na boca. Precisava de um castigo.

Na prateleira de cima, longe do alcance de Savannah, ficavam seus frascos de emergência. Ambien. Frontal. Ela os pegou e contou a quantidade de comprimidos em cada um.

Cinco comprimidos de Ambien.

Três de Frontal.

Assim como contava os dias desde que Peter e ela fizeram sexo pela última vez, contava quanto tempo fazia que havia tomado um comprimido.



Uma semana. Tudo bem, podia tomar um. Qual deles?

Se tomasse o Ambien, mal conseguiria terminar de fazer amor.

Sua indiferença – beirando o desgosto – por fazer amor estava piorando. No começo, logo que adotaram Savannah, ela colocara a culpa no cansaço. Mas agora Savannah já tinha cinco anos. Caroline não acordava mais no meio da noite para olhar a filha, então, não podia culpar o cansaço, mas seu desejo de empurrar Peter quando ele a tocava havia aumentado. Às vezes, a vontade de ficar longe dele era tão grande que recorria a medicamentos para esconder sua aversão durante o sexo.

Ela mordeu metade de um Frontal com todo o cuidado possível. Era difícil fazer isso com pequenos comprimidos, mas precisava economizar.

## CAPÍTULO 15

### *Caroline*

O comprimido fez efeito enquanto Peter percorria o caminho entre os lábios e o pescoço de Caroline. Agora seria possível fazer amor, com seu corpo participando enquanto sua mente viajava.

Caroline soltou sons suaves de prazer, fingindo que estava excitada para que ele gozasse logo.

– Agora – murmurou ela.

Ela ficou imaginando se dizer palavrões apressaria o ato. Só de pensar nisso sua garganta se fechou, como se estivesse inalando poeira.

Caroline nunca dizia palavrões.

Peter a apertou com mais força.

Um dia, ela achara isso eletrizante.

A respiração dele esquentava seu pescoço.

Naquela época, ela mal conseguia passar dois dias sem fazer amor.

Ele ficou tenso.

Ela apertou os olhos para não chorar.



No domingo seguinte, Caroline e Savannah observavam três vestidos esticados na cama da garota, as melhores escolhas para o jantar de Páscoa na casa dos pais de Peter. Savannah falava sobre os vestidos com ar de uma exigente especialista em moda. Tocou a bainha de tafetá de um, colocou os sapatos de verniz rosa ao lado de outro, e então segurou o último na altura dos ombros e observou sua imagem no espelho.

– Você gosta deste, mamãe?

Caroline a observou com uma expressão séria.

– O vermelho cai bem em você. – Era verdade, realçava o drama dos olhos e os cabelos escuros.

– Estou parecendo gorda? – perguntou Savannah.

Meu Deus, a criança tinha cinco anos! De onde veio isso?

– Savannah, querida, claro que não. Como você poderia parecer gorda? Você é perfeita. – Caroline pensou nos casos que tinha lido de pré-adolescentes e adolescentes anoréxicas, algumas com apenas oito anos.

Savannah passou a mão na faixa de cetim vermelho de seu vestido favorito.

– Janine disse que eu sou do tipo que incha rápido. – Ela olhou para Caroline. – Isso quer dizer que sou gorda, não é?

Quem era Janine?

– Não é, mamãe? Ela não quis dizer que sou gorda?

Ah, ela se lembrou: a sobrinha de Rose, a babá.

– Querida, você não precisa se preocupar com isso. – Caroline anotou mentalmente que precisava banir Janine da casa.

– Eu sou gorda? – insistia a garota.

Respostas simples nunca a satisfiziam. Quando algo a confundia, ela insistia até que Caroline lhe desse uma explicação completa.

Caroline segurou a mão dela e a levou até a cama. Colocou a garota teimosa no colo e a abraçou.

– Você é perfeita. Forte. – Caroline apertou a parte de cima do braço de Savannah. – Sinta esse músculo!

– Rose, a babá, fala que eu sou carnuda. Isso é bom? – A garota franziu o rosto. – Isso parece uma sopa. Como se eu fosse uma sopa gorda.

Uma sopa gorda inconvenientemente esperta. Havia chegado a hora de ter uma longa conversa com a babá.

– Forte é maravilhoso.

– Carnuda é maravilhoso?

– Claro. É como musculosa, que é sempre bom. – Tentando provar seu ponto, Caroline flexionou o braço até que seus tendões se levantaram, formando o maior músculo que ela conseguiu. – Veja. Eu tenho orgulho disso.

Savannah não parecia convencida com a demonstração. Ela pegou a mão de Caroline e a levou até o pulso.

– Faça um círculo – disse ela.

Caroline hesitou.

– Por favor, mamãe.

Caroline fez um bracelete com seus dedos.

Savannah circulou seu próprio pulso com seus próprios dedos.

– Os meus dedos não se encontram. Rose disse que eles têm que se encontrar para eu ser bonita.

– Duvido que ela tenha dito isso, Savannah. – Caroline não devia ter deixado a babá convencê-la a assinar todas aquelas revistas de moda. As duas passavam horas em cima daquelas revistas. Caroline achava bonitinho elas fazerem bonecas de papel com as páginas da revista, combinando artesanato com fantasia. Ela estava até ensinando Savannah uma maneira de reciclar. Aquilo era tão politicamente correto da parte da babá e dela.

Aparentemente, elas estavam destruindo em silêncio a confiança de sua filha.

– Você é linda! – Talvez devesse dizer que a beleza não importava. Mas isso era uma mentira no mundo de hoje, e Savannah era esperta demais para acreditar nisso. Mesmo aos cinco anos, ela pensaria imediatamente que Caroline estava dizendo que ela não era bonita.

Caroline ajoelhou-se à frente da filha e colocou as mãos nos ombros robustos da menina.

– Você é uma criança ótima, esperta e linda, e eu amo você.



Quando estavam a três quartos da casa dos pais de Peter, Caroline começou a desejar que estivessem indo a qualquer outro lugar. Ao cinema. Ao parque. Até mesmo ao zoológico, embora detestasse zoológicos.

Savannah dormia no banco de trás abraçada ao seu cachorrinho de pelúcia preferido, Pudding. Peter estava concentrado no jogo do Red Sox que ouvia no rádio. Ele adorava os Red Sox. Mais um passatempo fervoroso que Peter extravasava em tempestades torrenciais. Vai Red Sox, vai! Quero um Big Mac agora! Vamos para a Europa na semana que vem!

Que paradigma do amor é esse que, o que primeiro atrai, no fim repele?

Talvez Caroline fosse jovem demais quando se conheceram, e ainda estivesse se recuperando de uma vida escondida por ser a irmã do meio. Aquela cuja ausência apenas era notada quando viam sua cadeira vazia. Ela estava encolhida na cama lendo, pois não tinha ouvido o toque delicado do sino que sua mãe soava quando as refeições estavam prontas.

Peter parou o carro ao lado de outros carros estacionados na beirada do gramado da frente. Essa parte de Chelmsford não tinha calçadas, apesar de as casas serem bastante próximas umas das outras. Os carros enchiam a garagem dos Fitzgerald. Peter ficou sentado por um momento, com a mão parada no botão do rádio, enquanto ouvia a última jogada de alguma coisa. Ela se virou para trás e aproveitou seu último minuto de paz.

Tesouros do passado enchiam a casa dos Fitzgerald. Fotos dos Fitzgerald crianças, usando todos os tipos de roupas possíveis – roupas de formatura, uniformes de futebol, uniformes de marinheiros –, todos pendurados nas paredes. Fotos menores dos netos lotavam a parede ao lado das grandes fotos de casamento.

As irmãs de Peter estavam na cozinha com a senhora Fitzgerald. A sogra havia visto Caroline no momento em que ela entrara na casa, pois a cozinha ficava exatamente em frente à porta de entrada.

– Caroline, mande a Savannah para cá – gritou Faith, a irmã mais nova de Peter. – Estamos pintando os ovos. A mamãe comprou coisinhas da Disney.

O bebê da família, dez anos mais jovem que Peter, Faith exibia a confiança de saber que sempre havia alguém para carregar você.

Savannah ficou ao lado de Caroline.

– Venha comigo.

– Claro, querida. Vamos tirar o seu casaco.

Savannah apertou ainda mais o casaco de lã azul.

– Não. Quero ficar com ele.

– Savannah, você não pode pintar ovos usando o seu casaco.

– Por que não?

– Qual é o problema? – Irene Fitzgerald apareceu limpando as mãos em um avental, no qual pintinhos amarelos circundavam a grama verde impressa em um fundo azul-brilhante. Caroline não fazia a menor ideia de onde a sogra encontrava tecido para fazer essas coisas. Será que existia alguma loja especial? Uma página na internet tipo [www.melhoresmaesdomundo.com](http://www.melhoresmaesdomundo.com)?

– Está tudo bem, Irene. – O nome ficou travado em sua garganta. Peter sempre a lembrava de como a mãe gostaria que ela a chamasse de “mãe”, e por que tinha de fazer disso um problema? “Porque ela não é minha mãe”, Caroline respondia sempre, incomodada com sua imaturidade, mesmo intratabilidade, mas ainda assim querendo dar um passo à frente para ser absorvida pelo clã dos Fitzgerald.

– Eu quero ficar com o meu casaco. – Savannah, normalmente a criança mais obediente da face da terra, quando achava que algo era importante, não mudava de ideia de maneira alguma.

– E qual é o problema? – perguntou Irene. – Deixe que ela fique com o casaco. Quando sentir calor, é só tirar.

– Não acho que seja uma boa ideia pintar os ovos usando o casaco novo. – Caroline forçou um sorriso que nunca alcançaria seus olhos.

– Não fique tão preocupada, Carol. – Irene era a única pessoa que usava o apelido que Peter lhe dera para falar seu nome. – Ela pode usar um avental.

– Eu quero usar um avental, mamãe.

– Que tal um avental com corações? – perguntou Irene. – Estava guardando este aqui para alguém especial.

Caroline não podia explicar para a mãe de Peter porque ela queria que Savannah tirasse o casaco. Não queria que Irene ficasse comentando com todos sobre isso. Savannah já ficava em evidência demais por ali. Os sobrinhos e sobrinhas dos Fitzgerald eram esqueléticos ou magros. Entre os catorze deles, com catorze diferentes tons de cabelo loiro e ruivo, a maioria era magra.

Caroline precisava lidar com a babá e tirar da cabeça de Savannah a ideia de normal e de beleza que ela via nas revistas de moda. Ela ligaria para a babá ainda esta noite, embora receasse a conversa. Sempre que questionava alguma coisa, a mulher falava que ia trabalhar em algum outro lugar. Caroline já queria ter encontrado outra babá, mas como Peter observou, Rose realmente se importava com a menina, e isso era o mais importante.

Por outro lado, forçar a pobre Savannah a tirar o casaco dificilmente ajudaria a sua autoestima. Que ideia ridícula, e ainda assim Caroline queria tirar o tecido azul de cima dela.

Queria ver a garota correndo por todos os cantos como os primos, com o cabelo voando e com os sapatos arranhados e sujos.

Savannah era uma criança tão ansiosa.

Não. Ela era uma garota comportada e obediente.

A não ser algumas vezes, quando insistia em ser teimosa.

Isso era uma boa qualidade. Por acaso, Caroline queria uma garota que concordava com tudo?

– Tudo bem, querida. – Caroline a beijou no topo da cabeça. – Fique com o casaco.

Irene levantou a mão e colocou na frente de Savannah.

– Mas lembre-se que talvez ele fique sujo.

– Mas você vai me dar um avental, não é, vovó?

– Mas nada é perfeito, Savannah. – Irene se abaixou e beijou sua bochecha. – Não se preocupe, querida. Se sujar, é só lavar, certo?

Caroline ficou imaginando se havia outra coisa além de cerveja para beber. Tinha pensado em levar uma garrafa de vinho como presente, mas o maior medo de Caroline ao visitar Joe e Irene era dar um fora.

Caroline entrou na sala vazia. Os bens favoritos de Irene, seus cristais e estatuetas, ficavam trancados atrás de um vidro em uma prateleira na parede. Os livros de mistério de Joe e as revistas de artesanato de Irene ficavam dentro de organizadores de couro nas prateleiras abertas.

Caroline sabia que deveria se juntar a Peter que jogava futebol do lado de fora, ou juntar-se às irmãs dele, que ajudavam Irene na cozinha. Os netos estavam espalhados pela casa. Pelo menos aqueles que já tinham idade o suficiente para ficar no chão ou longe das vistas dos pais. Mas em vez de fazer isso, ela se sentou no sofá.

Bibelôs referentes à estação estavam colocados na mesinha lateral escura e brilhante. Irene trocava-os mensalmente. Caroline passou os dedos sobre o menininho que pintava os ovos e sobre as duas garotas com cicatrizes embaixo do queixo acariciando um ursinho. Árvores e flores na grama escondiam ovos de Páscoa. Os netos disputavam o privilégio de tocar aquelas miniaturas, ninguém se atrevia a chegar perto delas sem pedir permissão. Até a criança mais novinha sabia que não deveria tocá-la. Como Irene conseguia fazer isso? Como ela conseguia fazer com que todas as crianças – jovens, pequenas e bebês – a obedecessem?

Caroline pegou um ovo rosa que estava escondido e girou-o em sua mão.

– É melhor você não perder isso – disse a irmã mais velha de Peter, Sissy, ao entrar na sala. – A não ser que queira que minha mãe te expulse da família.

Caroline abriu a mão para que o ovo ficasse parado em sua palma. Sissy o pegou com dois dedos e o colocou de volta no lugar.

– Por que você está aqui sozinha? Não quer se misturar? – Sissy soltou seu veneno com um grande sorriso, levantando as sobrancelhas enquanto seus olhos azuis zombeteiros brilhavam. Ela puxou o cabelo para trás num rabo de cavalo e então soltou-o para que ficasse novamente com seu cacheado natural.

– Só estou cansada – comentou Caroline.

– E então você pensou em vir brincar com os enfeites?

– Só estou admirando os enfeites. – Caroline tocou a cabeça do menininho que pintava os ovos com seu dedo indicador.

– Certo – respondeu Sissy. Ela não suportava Caroline. Peter negava isso, mas



Caroline sabia que era verdade. Por outro lado, Faith era a preferida de Caroline. Faith admirava Caroline por ela ser médica, por ela falar três línguas e por achar seu estilo de vida elegante. Tudo o que deixava Sissy enciumada.

– Sua mãe tem uma coleção e tanto – disse Caroline.

– Quem você acha que está enganando? Olhe para sua casa. A casa da minha mãe é provavelmente motivo de piada para você. Uma casa de mau gosto, de 1985.

– Eu não acho isso. Acho a casa da sua mãe uma graça.

Caroline disse a verdade. Em 1985, Irene tinha ido a um bota-fora da Laura Ashley, e a decoração ficou no estilo florido de uma cabana inglesa desde aquela época. Pode não ser exatamente o gosto dela, mas ela achava o lugar aconchegante, e o preferia ao frio da enorme casa toda branca na qual Peter e ela moravam.

Sissy olhou para os lados, como se estivesse tentando ver a casa da mãe sob a perspectiva de Caroline.

– Ah, fala sério. Comparada com a sua casa? – Ela pegou um enfeite que remetia à primavera das mãos de Caroline. – Você é uma grande mentirosa.

## CAPÍTULO 16

### *Tia*

– Acorde, David. – Tia empurrou o braço dele e então o cutucou quando ele não respondeu. Sua ressaca era pequena, felizmente, mais ainda assim a fazia ter vontade de tirá-lo de sua cama para que pudesse ficar em paz com sua dor de cabeça e seu estômago enjoado. Havia três semanas que estava em um relacionamento com um homem de quem nem mesmo gostava.

Tia não costumava dormir com todo mundo. Depois de ter perdido sua virgindade com Kevin, havia se trancado por tanto tempo que os garotos zombavam dela chamando-a de Rainha do Gelo.

– Me deixe em paz – murmurou David com o rosto no travesseiro.

– Preciso ir trabalhar – disse ela.

– Não. Vou mais tarde – resmungou ele embaixo das cobertas.

– Não você, eu.

– Tchau. – Ele tirou uma mão debaixo do cobertor e acenou preguiçosamente para ela.

Tia gostaria de poder piscar e fazer com que ele desaparecesse. Ou mexer o nariz. Ou sair voando pela janela.

– Trouxe uma xícara de café para você. Vamos lá. Preciso sair em cinco minutos. Você precisa ir embora.

– Me deixe uma chave. – Ele parecia acordado agora e tentava conseguir uma chave. – Eu tranco a porta. Não quero que você se atrase.

Tia olhou para os copos vazios na mesa de cabeceira. Um deles manchado de marrom por causa do uísque e um vermelho por causa do coquetel de suco de cranberry. Ele tinha falado que aquela era sua bebida da primavera. Talvez um sinal de que a pessoa era alcoólatra era ter bebidas especiais para as estações do ano. Talvez seu pai colocasse rum na gemada no Natal.

Ela nunca teria trazido David para casa se não tivesse ido ao Doyle's.

Boa desculpa. Talvez nunca tivesse ido ao Doyle's se não estivesse procurando um David.

Oh, Deus, por que ela o trouxera para a cama? Ficar marcada por um homem era fácil demais. Dormir com um homem maldito por cinco anos e pronto, você está marcada. Ser desejada, mesmo que seja pelo pior deles, abria uma porta para aquela gratidão idiota que surgia apenas por saber que havia aquele desejo. Junto com isso, existia também o simples prazer de ter um corpo quente ao seu lado e alguém que saberia caso você morresse no meio da noite, e pronto. Você acabava se casando com qualquer um.

Tia o cutucou mais uma vez. E cutucou de novo e outra vez, com mais força.

– Meu Deus, qual é o seu problema? – Ele tirou os lençóis e pulou da cama.

– Ótimo. Você se levantou! – Ela lhe deu a xícara de café, agora morno. – Beba.



A mesa de Tia no trabalho era um reflexo do que sua vida havia se tornado. Uma bagunça, descuidada e requerendo mais energia do que era capaz de juntar. Costumava se orgulhar da organização de seu espaço de trabalho, de seu adorável apartamento e dos tesouros que descobria nas feirinhas de rua e nas liquidações. Minúsculas estrelas de vidro. Candelabros de cobre. Travesseiros feitos à mão.

– Qual é o problema? – perguntou Katie. – Você parece cansada.

– Dormi tarde ontem à noite. – Tia tinha começado a pensar em um plano. Iria dividir toda a papelada em duas pilhas – arquivos e papéis perdidos – e iria organizá-los depois da reunião com a senhora Graham.

Katie levantou as sobrancelhas.

– Por um bom motivo?

– Nada nem um pouco animador. Só insônia.

– O que está acontecendo com David?

Tia se arrependeu por ter deixado que ele desse uma carona para ela até o

trabalho. Katie estava chegando justamente na hora em que David a deixava ali, e ela não teve outra saída a não ser apresentá-los.

– Ele é só um amigo.

– Amigo com benefícios?

– Só um amigo. – Ela pegou seu notebook e a pasta da senhora Graham.

Pegou mais uma bala de gengibre na bolsa, na tentativa de amenizar as náuseas. Já era a terceira vez que fazia isso naquela manhã.

Precisava se livrar de David. Agora. Precisava encontrar alguém normal.

Às vezes, parecia que Nathan havia bebido sua vida inteira, e agora ela não conseguia mais encher o copo. Depois de fazer amor, eles passavam horas conversando. As histórias de Nathan sobre a fuga de seus pais da Hungria mostravam-lhe um mundo que transformava os livros de história em livros de três dimensões, fazendo com que imaginasse possibilidades que nunca pensou em ter. Os sonhos da infância voltavam à sua cabeça.

“Isso vai parecer loucura”, dissera ela um dia, “mas quando eu era pequena, eu queria – não ria – crescer e ser alguém tipo Elizabeth Blackwell. Não que eu pudesse ser a primeira médica, mas queria ser alguém importante. Alguém que pudesse mudar a vida das pessoas.”

Nathan não havia feito nenhuma brincadeira. Apenas disse: “Talvez seja tarde demais”.

“Na verdade, acho que é tarde demais para ser a primeira a fazer qualquer coisa.”

“A questão não é quando, mas se.” Ele se deitou ao lado dela com as mãos atrás da cabeça e ficou olhando para o mapa de Paris pendurado na parede oposta a eles. “Por que Paris?”, ele havia perguntado.

Ela passou uma perna por cima da dele.

“Porque acho que é uma cidade bonita.”

Ele sacudiu a cabeça, discordando suavemente.

“Isso não é verdade. As pessoas escolhem mapas por um motivo. Você quer ir para lá?”

Ela nunca havia contado a ele o medo que tinha de voar. Já havia situações demais nas quais ela era o lado fraco do relacionamento. Acenando para o mapa de Paris com a mão, ela tentou fazer com que seus sonhos parecessem sem importância.

“Há muitos lugares que eu gostaria de visitar. Mas não sei como chegar até eles.”

Ele se virou na cama e a puxou até que ficaram olhando um para o outro.

“Você pode fazer qualquer coisa. Você é uma mulher capaz, inteligente. Mas, e isso é muito importante, você precisa começar a acreditar em você.”

Aquele não era o conselho que ela queria receber. O que queria era uma mão bem grande tirando-a de si mesma.

Tia pegou a mochila e colocou a pasta da senhora Graham dentro dela. Arrumou os papéis e as pastas que estavam em sua mesa em pilhas mais organizadas, colocando até sua lista de coisas a fazer no topo delas. Depois da reunião com a senhora Graham, ela realmente iria organizar aquilo tudo.

– Não se preocupe – disse ela para Katie. – Eu te aviso quando chegar a hora de procurar uma roupa para o meu casamento.

Katie sorriu como se já estivesse pensando no que vestir no casamento de Tia.

Tia, às vezes, se perguntava se realmente conhecia os seus relacionamentos. Seria possível que Katie realmente gostasse dela?

Sorrindo mais do que o normal, ela se voltou e acenou enquanto passava pela porta.

A senhora Graham a esperava pacientemente no banco. Tia desistira de tentar convencê-la a encerrar os atendimentos havia muito tempo, depois que percebeu que ela não tinha nenhum lugar para ir além daquele e dos compromissos médicos. Chegar mais cedo permitia que a senhora Graham tivesse mais um tempo extra para se sentir parte do mundo.

– Bom dia, senhora G. – Tia pendurou a bolsa no ombro e deu um tapinha no braço da velha senhora antes de inserir uma chave na fechadura do escritório. – Marjorie – sussurrou ela.

– Mais um morreu ontem. – A senhora Graham seguiu Tia.

– Ah, sinto muito. – Quem? Como todos os seus pacientes, a senhora G. começava o dia lendo os obituários, embora não fosse uma busca muito interessante nos dias de hoje. Ela tinha mais amigos mortos do que vivos. A pobre praticamente não tinha o nome de mais ninguém para procurar.

– Alma Kelleher. – Suspirou a idosa com tristeza. – Estudamos juntas na Saint Clare's High School. Alma era a coisa mais linda que alguém já tinha visto.

– Sinto muito. Isso é tão triste. – Tia parou enquanto a senhora Graham se acomodava na poltrona em frente à cadeira envelhecida de Tia. – E então, como a senhora está?

– Não muito bem.

– Qual é o problema? – Tia ficava imaginando se conseguiria terminar o relacionamento com David sem drama, sem nem ao menos falar com ele. Será que já estavam envolvidos demais para que terminasse com ele por e-mail? Ou, melhor ainda, será que poderia simplesmente ignorar seus telefonemas, e-mails, mensagens de texto e todas as outras formas que ele usava para entrar em sua vida?

– Sam. Eu mal consigo fazer com que ele se mexa para que eu possa... limpá-lo adequadamente.

Tia redirecionou seu foco para a senhora G. e escreveu “ajuda c/ Sam – enfermeira” em seu bloco.

– Precisamos conversar sobre arrumar alguém para ajudar a cuidar do seu marido. Isso é importante.

– Se vocês realmente quisessem ajudar, me arrumariam uma faxineira. Como é que uma pessoa deve lidar com tudo isso?

– Tudo isso o quê? Diga-me. – Tia a fitou. Pacientes em crise ficavam desganhados, normalmente sujos. A senhora G. usava o mesmo batom vermelho de sempre, seu cabelo estava penteado com seus cachos de sempre, e seu cardigã cor de lavanda parecia limpo e bem passado.

– As louças, as roupas para lavar, os pisos para limpar.. Ah, acredite em mim, querida, a velhice não é a cura para os trabalhos domésticos. – A senhora Graham puxou a bolsa para mais perto de si, acariciando o couro marrom como se fosse um animal de estimação.

– Sinto muito. – Ela se inclinou para a frente e mais uma vez tocou a mão da senhora. Desejou abraçá-la, levá-la a um cruzeiro com homens e mulheres que a tratassem como uma rainha. – Não conseguimos arrumar uma faxineira para a senhora, mas esse é o ponto do auxílio de cuidadores. A senhora não teria de fazer tudo e ainda cuidar de Sam. A pessoa daria banho nele e...

Tia procurou maneiras de se referir aos problemas de Sam – sua dependência cada vez maior da senhora Graham quando precisava usar o banheiro – sem ofender a paciente.

– ... cuidaria para que ele se sentisse confortável.

– Por que todo mundo acha que Sam e eu devemos ser colocados de lado? Por que não nos dão um tiro? Por que não acabam logo conosco?

Tia aproximou sua cadeira, detestando ter feito a pobre mulher ficar tão agitada. Não era para ela ficar tão irritada. Sua mãe tinha razão. Tia devia tomar cuidado com o que falava. Ela respondeu rápido demais.

– Acredite em mim, não quis dizer que a senhora não é capaz. – A senhora Graham precisava de admiração, não de maus-tratos; tinha o direito de reclamar. – Na verdade, a senhora está fazendo um trabalho fantástico. Faz muito mais do que a maioria das pessoas com quem eu trabalho.

Ela elogiou a senhora G. por mais alguns minutos, determinada a terminar a sessão com um reforço positivo, e sua paciente parecia mais calma quando Tia apertou delicadamente seu ombro para se despedir em vez de dar um simples aperto de mão.

Às quatro da tarde, depois de mais três sessões, uma reunião com o Departamento de Crianças e Famílias, uma visita a um paciente em uma clínica de reabilitação, e uma visita domiciliar, Tia estava pronta para sair mais cedo. Jogou as últimas pastas e papéis na primeira gaveta, empurrando um pouco para conseguir fechá-la, para que Katie não comentasse sobre sua mesa bagunçada mais uma vez.

“Ah, Tia, você precisa de ajuda? A sua mesa está uma bagunça.” Foi isso que Katie dissera no outro dia.

“Então, não olhe para ela!” Tia teve vontade de dizer quando Katie reclamou, mas estava envergonhada demais. Sua mesa realmente estava uma bagunça. Não tinha como defender o indefensável.



Tia caminhou na Washington Street até chegar ao Doyle's.

– Café com... – disse ela ao garçom, aquele com o rosto sem expressão que mal tomava conhecimento de sua existência. Ela não se importava. Ele sabia o que ela bebia e colocou no café uma dose caprichada.

O primeiro gole desceu bem. Esquentou a garganta; depois, o coração; e então, o estômago.

Depois do segundo, a imagem da triste senhora Graham e de todos os seus outros pacientes recuou apenas o suficiente para que conseguisse respirar.

David se sentou no banco ao seu lado.

– Que tal um pouco de companhia? – perguntou ele.

Tia o observou. Seu rosto não tinha nenhum sinal de preocupação. Logo ele iria beber e então começaria a falar sobre os males do imposto sobre as vendas, ou sobre o euro que, aparentemente, era um assunto que apenas ele entendia.

Ele se inclinou para beijá-la e ela aceitou o beijo.

– Me leva pra casa? – pediu ela.

Ele pegou o copo dela.

– Posso terminar isso antes de irmos embora?

Tia sorriu, pronta para aceitar David como devia. Ela balançou o braço como se ele estivesse fazendo um favor para ela.

– Fique à vontade.

Ele secou seu copo e então colocou a mão em suas costas.

– Exatamente como eu havia planejado.

Em seu estado dormiente, Tia mal conseguia sentir a mão dele e, naquele momento, achou que seu estado de sensibilidade estava bem próximo do que considerava perfeito.



## CAPÍTULO 17

### *Tia*

– Tia, temos um problema.

Hoje não, por favor. Ela detestava as manhãs em que Richard apontava a cabeça na porta para reclamar de alguma coisa antes mesmo que ela tivesse tirado o casaco. Ainda nem tinha tomado café. Sua cabeça latejava por ter bebido com David na noite passada.

– Você estava me ouvindo? – perguntou Richard.

– Eu ouvi. Ouvi o que você disse. Temos um problema. – Será que ele achou que eles trabalhavam na Nasa? Ela tirou a tampa do copo de café e tomou um gole quente, desesperadamente.

– Nós realmente temos um problema.

– Tudo bem. – Ela encolheu um braço para tirar o casaco. – Eu entendi. Nós realmente temos um problema.

– Não tire o casaco. Precisamos ir.

– Ir? Para onde? – Tia tentou tampar o copo de café de novo enquanto seguia Richard pela porta, passando por um pequeno corredor e depois descendo as escadas.

– Para a casa da sua paciente.

Ela derramou café na camisa. Tentou limpar enquanto ainda segurava o copo e ao mesmo tempo levantou o ombro direito para que a bolsa não caísse.

– De quem? – perguntou atrás de Richard. Seu casaco estava coberto de pelo de cachorro.

– Uma tal de senhora Graham.

Uma rajada de vento quente os atingiu quando Richard abriu a porta que dava para o estacionamento. Tia parou.

- Nós vamos à casa da senhora Graham?
- Rápido, rápido. Os policiais estão esperando.
- Os policiais estão esperando?

Richard virou-se para ela. Sua expressão impaciente era ressaltada pelo tom vermelho forte que tomava conta de seu rosto sempre que ele ficava ansioso ou bravo.

– Será que você pode, por favor, parar de repetir tudo o que eu digo e entrar neste maldito carro?



A senhora Graham puxou o casaco mais para perto. Tia queria tocá-la, confortá-la, mas dois policiais estavam ao seu lado com ar severo.

Nunca tinha visto a senhora Graham sem batom ou usando roupas que não estivessem passadas e em perfeito estado. O cardigã marrom que a cobria agora parecia ter sido tirado da gaveta de Sam.

– Ah, senhora G., a senhora está bem? – perguntou Tia. – A senhora precisa de alguma coisa?

A senhora Graham olhou para cima com uma expressão irritada. Pressionou os lábios e sacudiu a cabeça. O peito de Tia ficou ainda mais pesado. Havia muitas coisas sobre o tapete: cestos de roupa suja, jornais, toalhas com manchas de origem indeterminada, correspondência fechada e, no meio de tudo isso, uma tábua de passar roupas com um ferro apoiado como se fosse um soldado na ativa alerta.

– Um copo de água? – Tia precisava oferecer alguma coisa.

– Isso não é possível, senhora. – A voz da jovem policial não tinha nenhuma entonação. – Ainda não terminamos de coletar as provas.

Pilhas de pratos sujos se amontoavam na mesa de café. Manchas de algo que parecia ser espinafre – talvez creme de espinafre – cobriam o prato de cima.

A senhora Graham havia sido acusada de tentativa de assassinato. Foi isso que Richard contou para Tia enquanto se dirigiam para a casa dela. Parece que ela misturou alguns comprimidos na comida que deu para o marido, e então entrou

em pânico e ligou para a emergência.

Tia remexeu na bolsa até encontrar um pacotinho de balas.

– Quer uma? – perguntou olhando para a mulher idosa, sem saber se deveria oferecer a bala também para a policial.

– Por que você não atendeu ao telefone quando te liguei? – A expressão no rosto da senhora G. era de desespero.

– Eu... – A voz de Tia desapareceu. Ah, meu Deus, ela deve ter ligado depois de Tia ter ido embora. Será que estaria tudo bem se tivesse ficado no trabalho até as cinco? Se tivesse retornado a ligação, será que poderia ter evitado que a senhora Graham esmagasse aqueles comprimidos?

– Eu não tinha mais ninguém, Tia. – A senhora G. levantou as mãos, com as palmas para cima, implorando que Tia a ajudasse. – Eu precisava de você.

– Senhora G., eu... – Tia parou de falar quando Richard colocou a mão nos ombros dela. Ela guardou a bala de volta na bolsa.

– Questões legais aqui – murmurou ele em seu ouvido.

– Por que estamos aqui se não posso falar com ela? – perguntou Tia.

– Ela chamou você. Disse que não tinha nenhum outro parente vivo. Os policiais ligaram. Achei que era melhor vir dar uma olhada.

– Não sou parente dela.

– Ela provavelmente quis dizer que não tinha nenhum outro conhecido. Vou explicar isso a eles.

– Se você tivesse me ligado, tudo estaria bem. – A senhora Graham mexia num buraco de seu casaco.

Tia permaneceu muda, grata por Richard tê-la proibido de falar, engasgando com o luto e a culpa da senhora Graham.

– Posso lavar minhas mãos? – perguntou a senhora Graham à policial a sua direita.

– Sinto muito, senhora, não pode.

– Mas elas estão sujas, estão tão sujas – disse a senhora Graham ao policial a sua esquerda.

– Não vou me demorar – disse ela.

– Tia, você não tem um guardanapo molhado ou algo para me dar?

Tia abriu a bolsa de novo, desesperada por achar algo que lhe oferecesse conforto.

A policial levantou a mão.

– Senhora, por favor, não faça isso.

– Por que estamos aqui, Richard? – sussurrou Tia.

– Eles precisam de informação – respondeu ele.

– O Sam, ele deixou escapar. Eu precisei limpá-lo. Por favor – continuou falando a senhora Graham. – Por favor, deixe-me limpar as mãos. – Soluções suaves tomaram o lugar de suas súplicas.

Tia cruzou os braços.

– Preciso usar o banheiro. – Ela se levantou, esperando ser interrompida.

– Você vai ter que descer a rua. Lá tem uma cafeteria. – A policial apontou como se a parede da sala fosse invisível.

Tia saiu correndo antes que Richard pudesse impedi-la, antes que a senhora Graham pudesse falar de novo, mas suas palavras seguiram Tia pelo corredor.

– Não foi minha culpa, não é? – A voz fina da senhora Graham machucava Tia. – O que eu poderia fazer? Deixar que um estranho o limpasse? Sam não ia gostar disso. Sam é orgulhoso. Provavelmente o homem mais orgulhoso dos Estados Unidos da América.

Tia fechou os olhos por um momento e então virou-se e voltou, parando à porta para que pudesse testemunhar o que a senhora Graham falava.

Ao ver Tia, ela endireitou o corpo. Seus olhos azuis marejados se voltaram para Tia.

– Ele era chefe de cinquenta pessoas em John Hancock Cinquenta. Todos o

respeitavam. Eu não importo com o que vocês dizem. Ele sempre soube o que estava acontecendo. Ele sabia que eu dava comida a ele, que eu o limpava.

– A senhora fez um bom trabalho – disse Tia.

Richard olhou para ela.

– Ele sabia quando as pessoas vinham aqui em casa – disse a senhora Graham.  
– Eu não podia envergonhá-lo, deixando que as pessoas o vissem daquela maneira.

– A senhora o amou todos os dias. Ele sabia disso. – Lágrimas caíram sobre o rosto de Tia. – Me desculpe por não ter ligado.

Tia saiu. Ela parou na entrada da cozinha e olhou o lugar onde Sam havia ficado deitado antes de o levarem dali. Um frasco vazio de comprimidos estava ao lado da tigela de molho de maçã que havia sido comida pela metade. Supostamente, a senhora Graham havia colocado um comprimido de Ativan atrás do outro no prato.

Aquele era o medicamento que Tia havia convencido a senhora G. a pedir ao médico.



Richard explodiu no momento em que bateu a porta do carro.

– Mas que diabos, Tia? Quando foi a última vez que você fez uma visita domiciliar?

– Talvez ele sobreviva – disse Tia. – Quantos comprimidos ela pode ter feito ele engolir?

– Viver, morrer. Estamos fodidos de qualquer maneira. Quando foi a última vez que você entrou naquela casa?

– No caso dela, as visitas domiciliares não eram necessárias. – Tia encostou a cabeça no banco do carro e então imediatamente mudou de posição. Tudo naquele carro tinha o cheiro do cachorro de Richard. – Ela gostava de vir ao escritório. Isso fazia com que saísse de casa. Ela vinha enquanto Sam dormia.

– É. Posso imaginar como ela fazia com que ele dormisse.

– Ela o amava.

– Ela tentou matá-lo.

– Ela fez isso por ele.

– Ela fez isso enquanto cuidávamos dela. – Richard ligou o carro. – Enquanto você cuidava dela.

– Ela não queria que eu viesse até a casa dela.

– E isso não era uma maldita pista? – Ele socou o painel. – Você sabe como isso vai aparecer nos jornais?

– Não havia nenhum sinal de abuso em casa. Nenhum – insistiu Tia.

– Sério? – Ele começou a andar com o carro. – Você viu a casa? Como você pôde deixá-la viver daquela maneira?



– Não é culpa sua. – Bobby se aproximou de Tia na parede de pedra que cercava o Day Boulevard. O oceano parecia calmo sob a noite escura. Ele colocou um braço em volta de seus ombros e a abraçou.

– É claro que é minha culpa. – Tia segurou a mão de Bobby. – Eu devia ter percebido.

– Você mesma disse que ela sempre pareceu perfeita. E que as visitas a domicílio não eram necessárias.

– Necessárias é diferente de fazer a coisa certa.

Tia desejou ter trazido algo para beber como eles costumavam fazer quando eram crianças. Ela havia pedido a Bobby para trazê-la ali porque não queria encarar a multidão do Fianna's. Não ia conseguir encarar brincadeiras nessa noite. Ele a havia levado para comer em um restaurante simples em Dorchester, e então haviam ido até ali.

– Eu devia ter ido à casa dela!

– Você não tinha como saber. Ela escondeu direitinho.

Ela encostou a cabeça nele.

– Eu devia ter percebido por causa de sua negação. – Seus ombros pareciam

fortes o suficiente para não se quebrarem. Ela deu a mão para ele. Ela precisava de um amigo.



Depois do incidente na casa da senhora Graham, Tia foi caminhando para o trabalho todos os dias. Não foi mais ao Doyle's. Não bebeu mais. Não dormiu mais com David. Terminou com ele com uma conversa cara a cara, e sóbria.

Havia se encontrado com Bobby três vezes naquela semana. Encontros castos e puros. Duas vezes eles haviam saído para jantar, e uma vez foram ao cinema, e Bobby sempre a tranquilizava. Nada era ruim no mundo de Bobby. Ou você estava certo ou errado. Lembranças de escolhas ruins não atrapalhavam sua moral.

Ela desejava andar por aí com esse senso de justiça. Sam iria viver, mas a confusão sobre se isso era uma coisa boa ou ruim complicava a reação de Tia. Certamente para ela, para a agência, ele ter sobrevivido era bom. Os jornais acabaram não publicando nada sobre a tragédia que quase ocorrera.

A quem ela estava enganando? A tragédia havia sim acontecido, e ela não ajudara em nada. O que aconteceria com a senhora G. agora? E com Sam?

Bobby ficava dizendo para ela não se cobrar tanto. Ela era amiga da senhora G., certo? Afinal, não foi Tia quem a senhora G. chamou? Como Tia poderia salvar as pessoas se o sistema inteiro era tão ruim? Ele insistia em lembrá-la que a senhora G. havia recusado sua ajuda. Tia não podia fazer tudo sozinha, certo?

Sua conversa a acalmava, mas ela sabia a verdade. Havia se atrapalhado. Talvez se tivesse obedecido a lei, mas havia sido negligente ao não observar sua paciente com mais cuidado.

Tia pegou o iPod e tentou seguir o conselho de Bobby andando cada vez mais rápido. Ar fresco! Exercício! Endorfinas! Não se culpe!

Ela acelerou o passo, andando tão rapidamente que chegou à cafeteria que ficava ao lado do escritório na metade do tempo em que costumava chegar. A fila não parecia tão assustadora quanto costumava ser. Sem dor de cabeça e ressaca, as coisas quase fluíam.

Agora, ela só precisava achar Bobby tão excitante quanto o achava reconfortante. Queria que o toque da sua pele, o tom da sua voz e a textura de seu cabelo entre seus dedos a eletrizassem como acontecia com Nathan.

Afastou seus pensamentos obsessivos sobre Nathan, usando uma técnica de visualização que Bobby havia lhe ensinado, embora ele não soubesse que ela a usava para esse propósito. Nathan tornara-se uma pedra pesada que ela tentava empurrar de um penhasco.

Adiós, Nathan.

– Duas tortas de mirtilo – disse Tia para a jovem que estava atrás do balcão quando chegou sua vez – E um bolinho de milho. – Richard gostava de bolos, Katie e ela eram viciadas nas tortas. Tia iria agradecer a todos.

Aja de maneira positiva e você será positiva.

Ela descobriria uma maneira de visitar a senhora Graham na Penitenciária de Suffolk County. Richard insistia em dizer que não. Ele queria consultar o conselho da agência primeiro, mas tudo acontecia tão devagar que ela temia que os dois Graham já estivessem mortos quando recebesse autorização para visitá-la.



Richard e Katie estavam esperando por ela quando entrou no escritório. Que pena. Queria fazer uma surpresa para eles deixando os “agrados” em suas mesas.

Ela nem estava atrasada. Por que estavam ali parados daquela maneira? Pareciam policiais, em pé à frente de sua mesa com os braços cruzados.

– O que aconteceu? – Tia segurou a bolsa contra o peito. – Sam morreu?

Era vergonhoso admitir, mas Tia havia rezado para que o velho sobrevivesse, assim ela poderia escapar com as mãos um pouco menos sujas, quando, na verdade, sabia que a morte era a sua melhor opção.

– Bom dia. – Richard lançou um olhar para Tia que mais parecia um tapa na cara. – Pergunta: será que você não está se esquecendo de alguma coisa?

Katie olhou para ela como se ela estivesse com o rosto sujo de lama. Será que eles haviam descoberto sobre alguns relatórios que ela não havia arquivado?

– Do que você está falando? – Ela avançou em direção a sua mesa. Katie entrou em sua frente. Richard segurava uma pasta.

– O que está acontecendo? – perguntou Tia.



– Nós descobrimos. – Katie inclinou o queixo. – Não adianta mais esconder.

– Descobriram o quê?

– Você faz ideia de quanto isso vai nos custar? – Richard jogou a pasta na mesa dela.

Sua mesa estava estranha. Tudo estava arrumado diferente de como ela normalmente deixava. Pilhas estranhas enfileiradas pela mesa.

– Como você pôde fazer isso? – Katie sacudiu a cabeça, como se estivesse magoada com Tia. – Nossos pacientes é que vão sofrer, você sabe disso.

– Não estou entendendo do que vocês estão falando.

Se aquilo tudo fosse verdade. A ansiedade da qual Tia estava tentando se livrar por semanas voltou com tudo em sua barriga. Pronto. Em um instante, seu estômago estava cheio de ácido.

A doação da Walker.

Richard olhou para ela.

– Ah, você se lembrou. O fato de que você talvez tenha nos tirado do mercado finalmente veio à sua cabeça.

Será que ela estava muito atrasada? Tia vinha tentando tirar a doação da Walker da cabeça por tantas semanas que o prazo havia ficado meio confuso para ela se lembrar.

– Como você pôde fazer isso, Tia? – Os olhos de Katie estavam vermelhos e inchados. – Você sabe o que você fez conosco?

O café começou a escorrer. Ela sentiu as mãos molhadas, mas, com Katie e Richard bloqueando a mesa, ela não conseguia apoiar o copo nela. E com a bolsa ameaçando cair, ela esticou o café para eles. – Eu trouxe café para nós. Tortas. E bolo para você, Richard.

– Não é hora para brincadeiras. – Ele massageou a testa com a palma da mão. – Estou falando sério.

– Só achei que você ia gostar de comer um bolo. – As mãos de Tia tremiam.

– Teremos sorte se tivermos mesas para comer quando isso terminar. O dinheiro da Walker equivale a sessenta por cento do nosso orçamento! – A voz de Richard ficou mais alta. – Sessenta por cento!

Tia mordeu os lábios para não perguntar a ele quando havia sido a última vez que ele supervisionara alguma coisa na agência.

– Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. As pessoas se atrasam com as doações o tempo todo, não é?

– Não por dois meses! – disse Katie. – Eles ligaram ontem, antes de você chegar aqui, porque queriam saber se ainda estávamos trabalhando com isso. Eles estão realocando nosso dinheiro e querem destiná-lo a outra agência em JP.

Provavelmente, Daphne Morrow havia ligado. Daphne teria tido a ideia de falar com outra pessoa que não fosse Tia. Talvez Tia devesse ligar para a chefe de Daphne e dizer para ela como era difícil trabalhar com Daphne.

– Você não está entendendo – disse Richard. – Pode ser que a gente não consiga recuperar esses recursos.

– A Fundação Walker está enfurecida – disse Katie. – Você fez parecer que nós não os respeitamos.

– Disseram que tentaram nos contatar repetidas vezes. E que você ignorou os e-mails. – Richard se aproximou. – Você acha que apagou os e-mails? Você não sabe que eles ainda estão no seu computador?

Eles haviam mexido no seu computador! Céus! Estavam procurando uma maneira de se livrar dela. Richard não podia fazer isso baseado no acontecido com a senhora Graham. Não podia fazer isso porque ele mal a havia supervisionado desde que contratara Tia.

A sacola de café ia arrebentar. Por fim, sem saber mais o que fazer e sentindo-se uma tola, ela pegou um jornal dentro do cesto de lixo, colocou-o em um armário de arquivos próximo à porta, e colocou a sacola ali.

– Apenas me diga o que fazer. Sinto muito, certo? Isso foi um erro. Eu me atrapalhei com as datas.

– Não, você não se atrapalhou – disse Katie. – Eu vi as datas marcadas no calendário que fica na sua mesa. Você sabia.

– Você mexeu nas minhas coisas?

– Eu pedi a ela que fizesse isso – disse Richard.

– Você mandou que ela bisbilhotasse as minhas coisas?

– Não são suas coisas. Pertencem à agência. Pedi a Katie. Eu precisava saber a verdade – continuou ele.

– Você podia ter me perguntado.

– Como eu disse... – Ele se calou por um momento. – Eu queria a verdade.

– Eu descobri tudo – disse Katie. – Os relatórios que você nunca fez. As visitas domiciliares. Você não preencheu nenhuma ficha. Não me surpreende a senhora Graham...

Richard levantou uma mão para que Katie parasse.

– Isso tudo está na carta formal do conselho. – Ele pegou um envelope no bolso de sua camisa e entregou para Tia. – Sinto muito, Tia. Você não me deixa escolher. Está demitida.

## CAPÍTULO 18

### *Juliette*

Juliette achou que não conseguiria viver sem Nathan, mas, nas duas últimas semanas, senti o gostinho de viver sem ele. Apesar de estarem na mesma cama, os dois dormiram bem afastado um do outro. E então, em seus sonhos, haviam se tornado um só de novo. Ela acordara encostada nele, e os dois se aqueciam. Suas costas e seus glúteos a confortavam. Ela havia voltado das profundezas e eles eram um só de novo, e ele se curvava para ela. E, por um momento, dançaram seu balé noturno de sempre. E então ela se lembrou de tudo e tirou o braço dele de cima dela, e se afastou para o outro lado da cama.

Ele jurou que não sabia da criança, mas ele sabia de alguma coisa. Mas o que seria? Era impossível saber com tanto silêncio. Ele não queria falar, e ela não insistiu, dando a ele tempo e espaço, enquanto pensava em maneiras de se agarrar à frágil ilusão de que as coisas não mudariam.

Juliette estava feliz por ir trabalhar no sábado, um dia que normalmente detestava sair de casa. Fez rapidamente as tarefas da casa de última hora. Encheu a máquina de lavar louças. Organizou a pilha de correspondência em sua mesa. Passou mais uma camada de brilho nos lábios.

Adorou a oportunidade de sair de casa. A oportunidade de deixar o ninho de Nathan e suas promessas de que falaria logo. Ouviu passos na escada enquanto pendurava as capas de chuva e os casacos que se acumulavam no corrimão.

– Para onde vamos no verão? – Max tinha nas mãos uma revista em quadrinhos. Lucas vinha atrás do irmão. Ultimamente, eles a seguiam como crianças nervosas.

Antes de responder, Juliette colocou na bolsa, já bastante cheia, a última edição da *Allure*, que elogia o rimel natural da juliettegwynne dizendo que aquela era a escolha da editora. Claro que a edição havia chegado à loja, na verdade, três revistas haviam chegado lá, mas elas normalmente perdiam pelo menos duas para clientes que rasgavam páginas ou até mesmo levavam a revista inteira. A cópia de Juliette era imaculada e perfeita para ser emoldurada.

A menção de seus produtos na *Allure* viria seguida de milhões de pedidos.

Juliette devia estar muito feliz.

– Mal terminamos o mês de abril e você já está preocupado com o verão? – Juliette fechou o zíper da bolsa. Sempre comprava uma bolsa maior, e depois, aquela bolsa ficava pequena demais.

– Veja de outra maneira – disse Lucas. – Em apenas dois meses, já estaremos no verão. O papai chamaria isso de um exemplo da teoria da relatividade.

– Então, nós vamos para Rhinebeck? – Os pijamas de Max estavam curtos nos braços. Juliette colocou em sua lista mental um lembrete para comprar pijamas novos.

– Meninos, podemos conversar sobre isso mais tarde? Vamos precisar de um plano de emergência para o verão? Sempre vamos para Rhinebeck.

Gwynne e ela alternavam os sábados na loja, mas quando tinham um dia da noiva ou temporada de férias as duas iam juntas. Talvez ela cobrisse os próximos sábados para Gwynne.

– O papai vai também? – Lucas tentou parecer natural, mas ela conseguiu sentir sua tensão. Até mesmo medo. Nathan e Juliette passavam um pelo outro como se fossem colegas de quarto bem distantes, e se suportavam até deixarem as crianças na escola. Como os garotos poderiam não perceber a tensão?

– Olhem só, prometo que falaremos sobre o verão hoje à noite, sobre quando iremos para Rhinebeck, trabalhos de verão, acampamento, sobre tudo, certo? Mas, mais tarde. Preciso abrir a loja antes que as mulheres façam fila na rua.

– Claro – concordou Lucas. – É melhor você ir, mãe. Rugas em emergência!

– Pele seca em alerta! – Max pulou e acenou como se estivesse fazendo sinais para o pessoal do resgate. Lucas entrou no clima.

– Crise de espinhas em Wellesley... mais notícias às onze.

Suas brincadeiras pareciam forçadas, embora os dois precisassem provar que estava tudo bem. *Veja, conseguimos fazer brincadeiras, mamãe, como sempre fizemos!* Juliette sentiu um aperto na garganta.

– Amo vocês dois. Peçam ao papai para levar vocês para cortar o cabelo.

Max lhe deu um abraço apertado inesperado.

– Eu te amo. Mãe!

– Eu te amo – Lucas se encostou e deu um tapinha estranho em suas costas.

Juliette retribuiu o abraço de Max com força e deu um beijo no rosto de Lucas.

– Cortem o cabelo.



Juliette abriu a loja, trancou a porta até que todos os funcionários chegassem, e levou o café para seu escritório, nos fundos. Chegar mais cedo significava que ela poderia... fazer o quê? Ela não sabia o que precisava fazer. O que as pessoas faziam quando sua vida era desvendada?

Ela tirou tudo de sua mesa e empilhou em um armário longo e baixo que ficava ao lado. O lustre móveis que passou no móvel, agora vazio, enchia o ar com o aroma artificial de laranja. Pegou uma toalha de papel e limpou a mesa. Uma toalha para espalhar o lustre móveis. Dane-se! Outra para limpar a mesa. Dane-se, Nathan. E outra para secá-la. Que se danasse ela também.

Juliette limpou o telefone e o recolocou sobre a mesa, usando uma outra toalha de papel. Alinhou o grampeador, a fita adesiva e a caixa de entrada e saída, mexendo em tudo até que ficassem em perfeita ordem. Por último, pegou o porta-retrato de prata que havia ganhado da mãe de Nathan no dia em que inauguraram a loja.

– A família em primeiro lugar – dissera Gizi para Juliette. – Nunca deixe o trabalho obscurecer isso.

Obscurecer! A mãe de Nathan usava palavras sofisticadas um pouco erradas gramaticalmente, mas seu inglês era um tanto poético.

*A família em primeiro lugar:*

*Nunca deixe*

*Seu trabalho*

*Obscurecer*

*Isso*

A foto da família estava bem desatualizada. Nathan segurava Max, ainda bebê, como se tivesse acabado de ganhar o Oscar. Ele havia sido um pai maravilhoso

desde o início. No começo, quando Juliette morria de medo de cortar as unhas de Lucas, ainda bebê, certa de que cortaria também a ponta de seu dedo, Nathan cortava as unhas do bebê sem dizer uma palavra, e fez isso até que Juliette se sentiu à vontade para fazê-lo.

Ela começou a pensar na lista de coisas boas sobre Nathan.

Ele era apaixonado e gentil. Na maioria das vezes.

Era inteligente.

Era interessante.

O lado físico de seu relacionamento sempre havia sido incrível, embora esse pensamento abrisse a porta para perguntas insuportáveis.

Ele entendia porque os pais dele a enlouqueciam.

Sabia o quanto ela os amava.

Era o pai de Max e de Lucas.

Ela o amava.

E não queria ficar sem ele.

Juliette colocou o porta-retrato de volta no lugar e pegou o telefone, agora limpo. Olhou para a mesa em ordem, em paz com a precisão. Quanto mais limpo estivesse seu local de trabalho, mais espertas seriam suas decisões. Nem sempre decisões corretas, mas rápidas. Decisões a ponto de bala.

Então, ligou o computador. Clicou na lista de contatos e desceu até encontrar a letra F de Fitzgerald.



Juliette foi a primeira a chegar no sábado seguinte para seu encontro com Caroline. A simplicidade do pequeno Café Newton a acalmou. Poltronas estofadas e mesas antigas de madeira combinavam com a iluminação fraca.

Apesar de já ser hora do almoço, Juliette estava nervosa demais para comer. Ao telefone, dissera para Caroline apenas que tinha algo importante para conversar com ela sobre Savannah. E tranquilizara Caroline ao demonstrar que tinha boas intenções enquanto escondia a verdade. Sua conversa estava em uma

corda bamba. Juliette havia continuado a mentira ao mencionar que tinha informações sobre os filhos adotivos de sua amiga.

Agora, percebia que apesar de ter conseguido convencer Caroline a encontrá-la, não havia pensado direito num plano para esse encontro.

Caroline entrou, olhando para os lados com uma expressão vazia. Quando viu Juliette acenando, levantou a mão acenando hesitante.

– Oi. Que bom ver você de novo. – Caroline colocou um jornal na mesa e apontou para a xícara de café de Juliette. – Vou pegar um café para mim. Você quer outro?

– Estou bem.

Juliette a observou se afastar. Caroline estava sem maquiagem. Não havia passado nem o rímel marrom que Juliette dissera a ela que já faria a diferença em seu visual.

Será que era esse o problema dela? Estar pensando em rímel quando sua vida desmoronava? Será que Nathan tinha ido atrás de Tia porque ele precisava de uma mulher que não fosse tão banal?

Caroline voltou com um café bem escuro.

– Preciso admitir que estou bastante ansiosa por ouvir o que você tem para me falar. Você parecia nervosa.

Juliette tentou organizar seus pensamentos. Como se contava uma história como essa? Ela simplesmente começou a falar. Caroline ouviu, tensa e imóvel, sem fazer nenhum comentário, enquanto Juliette contava a história de como elas estavam ligadas uma à outra. Quando terminou, Caroline continuou em silêncio por um tempo longo e angustiante. Por fim, ao falar, sua voz soou fina e aguda.

– Isso é loucura!

– Sei que deve parecer loucura.

– Então, foi por isso que você me mandou aquele convite. – Caroline apertou o guardanapo trançado que segurava. – Fui bastante ingênua. Você deve ter me achado uma boba.

Caroline voltou a ficar em silêncio. Juliette tentou entender o que estava por trás de suas palavras. Naquele momento, não dava para saber se Caroline queria



matá-la, matar sua curiosidade ou simplesmente ir embora dali. Se estivesse em seu lugar, também não conseguiria manter a calma.

“Fique longe de minha família e de mim”, Juliette teria gritado. “O que você quer? Se tem alguma coisa a dizer, diga para o meu advogado.”

– Alguma coisa do que você disse é verdade? – perguntou Caroline. – Quando eu estava na sua loja, você estava me falando a verdade sobre ter uma amiga que adotou os filhos?

– Isso é verdade. Tenho uma amiga cujos filhos são adotados, e ela teve dificuldade para admitir que não amava a maternidade.

Quando Caroline balançou a cabeça para a resposta de Juliette ela pareceu em dúvida.

– O que você está querendo? – perguntou Caroline. – Foi seu marido quem a mandou atrás de mim?

Juliette tentou imaginar Nathan enviando-a em uma missão como essa.

– Não. Quando você veio à minha loja, ele nem sabia sobre a sua filha.

– Mas agora ele sabe?

– Sim, agora ele sabe.

– E ele não sabia nada sobre Savannah?

– Ele sabia da gravidez, nada mais. Pelo menos, foi o que me disse.

– Quando ele disse isso?

Juliette sentiu um alívio bizarro em conversar com Caroline. Havia segredos demais pressionando sua cabeça. Ela contou quase tudo, deixando de fora apenas as partes que a faziam parecer maluca. Como quando ela perseguia a Tia e levava a foto de Savannah para todos os lugares.

– E você não falou com seu marido sobre isso desde que o confrontou? – perguntou Caroline quando Juliette finalmente parou de falar.

– Não.

– Por que você está aqui? O que quer de mim?

– Isso vai soar falso, dissimulado, mas, sinceramente, eu não sei.

– Sempre pensei que, quando alguém diz “sinceramente” em uma frase, a pessoa está mentindo, ou, pelo menos, desconfiando. Você está?

– Mentindo ou desconfiando? – perguntou Juliette.

– Tanto faz.

– Não estou mentindo. Não sei o que eu quero. Mas talvez esteja desconfiando, porque existem coisas na minha cabeça que acho que talvez você não goste.

– Como o quê?

– Coisas como achar que Savannah deveria conhecer a minha família. Ela tem avós maravilhosos que dariam tudo para segurá-la. Nathan é filho único, e eles sempre fizeram de tudo pelos nossos filhos desde que eles nasceram. Penso nisso sempre que olho para a foto dela.

Caroline sentava tão reta que parecia ter tábuas inseridas em suas costas.

– Savannah já tem avós maravilhosos que a amam.

– Claro. – Juliette percebeu que havia falado demais. – Por favor, por favor, não pense que estou sugerindo que espero alguma coisa de você ou dê sua família.

Caroline entrelaçou os dedos e levou punhos atados ao peito.

– Algo trouxe você até aqui. Assim como algo fez com que quisesse nos conhecer. Ou não sabe ao certo o que é ou você não está me falando a verdade. Qual é a resposta?

Juliette estava arrependida por ter ido até lá.

– Você está tentando pegar Savannah para você? – Caroline se inclinou para a frente como se fosse um falcão analisando um beija-flor. – Seu marido e você?

– Ah, meu Deus, não! Nathan ficaria maluco se soubesse que estou aqui.

– Então, o que quer?

– Eu... – Juliette ficou pensando no que dizer. Qual era a verdade? – Eu amo meu marido – foi o que conseguiu dizer.

– E veio aqui por amor? – Caroline cruzou os braços.

– Não, claro que não. Isso parece loucura.

– Você quer se ligar a ela. – Ela falou devagar, estudando Juliette de uma maneira que a deixava com vontade de sair correndo dali. – O que você está querendo?

A exaustão tomou conta de Juliette. Precisava voltar para casa. E deitar na cama.

– Sinceramente? Eu não sei.

## CAPÍTULO 19

### *Juliette*

Juliette andava de um lado para outro na calçada em frente ao restaurante, batendo firme o sapato na calçada, enquanto procurava pelo carro de Nathan. Cada passo era outra demanda impaciente para vê-lo chegar.

Depois de se encontrar com Caroline, ela havia voltado para a loja e tinha praticamente se escondido para não precisar contar a Gwynne o que acontecera. A dramática Gwynne estaria alerta para todos os possíveis problemas que Juliette poderia ter criado com sua visita. Ações judiciais! Mandado de distanciamento! Fim do casamento! Gwynne vivia cada dia esperando que algo ruim acontecesse. Juliette podia jurar que a amiga mantinha um vestido preto pronto para usar em um funeral inesperado!

Juliette não mentiu quando disse a Caroline que não sabia o que queria. Sabia que não era certo a filha de Nathan estar por aí e eles não a conhecerem, e mesmo assim ficava louca só em pensar que talvez Nathan viesse a conhecê-la.

E se Nathan tivesse lhe contado que Tia estava grávida? Será que ela teria aberto seu coração para o bebê?

Juliette havia escolhido este restaurante por causa de seu ambiente abafado, torcendo para que as paredes de mogno e os tapetes abafassem a explosão de Nathan que ela esperava que acontecesse. Ele chegou visivelmente nervoso, parecendo esperançoso e vestido para uma ocasião importante. Como se talvez esse fosse um recomeço para eles. O recomeço que ele vinha pedindo há tempos.



– Você ficou maluca? – Nathan soltou o garfo no prato, o barulho foi suficiente para atrair a atenção dos clientes da mesa ao lado. – Você foi atrás da mãe da criança?

– Nathan, não podemos fechar os olhos para essa situação.

– Não existe uma situação. A criança tem uma mãe e um pai. E pelo que você me disse, pais muito bons.

– Não. Alguma coisa está errada, eu sinto isso.

– Uma médica e um executivo que moram em Dover? Dinheiro? Educação? Qual é o pecado deles? Eles são molestadores de crianças?

– Nem brinque com isso.

O garçom veio retirar os pratos de salada. Os dois fizeram papel de pessoas civilizadas enquanto o jovem rapaz limpava os farelos da toalha de mesa branca.

O garçom, com bastante gel no cabelo, colocou um pedaço de carne na frente de Nathan e deu o salmão a Juliette. Ela recusou as batatas, torcendo para que o sacrifício a trouxesse sorte.

Se pegasse apenas uma batata frita de Nathan, será que o feitiço daria errado? Será que a fada da sorte se importava com uma batata?

O garçom se afastou. Juliette mexeu em suas vagens.

– Me desculpe – disse Nathan. – Você está certa. Eu não deveria brincar com isso.

Ela nunca mais comeria batatas.

– É que estou confuso. Muito confuso, não dá para você ter a menor ideia de como estou me sentindo. – Nathan abriu as mãos em um gesto que implorava a ela que o escutasse. – Eu te amo. Eu amo os meninos. Eu amo a nossa família.

– Eu sei. Mesmo que eu me pergunte como você pôde fazer o que fez, eu sei que nos ama. – Juliette cortou um pedaço do salmão com o garfo. – Mas eu simplesmente não sei se posso confiar em você. Não depois de você ter escondido de mim algo tão importante como... uma criança. – Como alguém consegue descrever um relacionamento como o que ele nunca tinha compartilhado? Uma gravidez? Uma filha?

– Quero reconquistar a sua confiança.

– Você pode começar me falando sobre Savannah.

– E como isso ajudaria? – Nathan mergulhou um pedaço de carne no molho. – O assunto é sobre nós.

– E ela está relacionada a nós.

– Não entendo como.

De novo, ele levantou as mãos implorando, mas desta vez tinha uma batata na mão. Juliette pegou essa batata e enfiou na boca.

Esse homem a estava assustando.

– Pegue o que você quiser. – Nathan empurrou o prato na direção dela.

– Está vendo, está vendo, é isso que eu quero dizer.

– O quê? Você queria, não é?

– Você está sempre oferecendo a coisa errada.

Nathan parecia confuso. Sentido.

Imbecil.

– Como é que chegamos aqui? – perguntou Juliette.

– Eu nos trouxe até aqui.

– Forcei você? Forcei você a se afastar?

– Obrigado pela saída, mas não posso colocar em você a culpa por isso.

– Então, por quê? – Juliette empurrou o prato.

– Talvez eu fosse ganancioso, só isso.

Juliette pensou em como Nathan engolia os livros, e a carne, e até mesmo as séries de TV. Eles pegavam um DVD de alguma série que nunca haviam assistido, e ele a fazia assistir a dois, três, quatro – à série inteira – até as duas da manhã. Era isso o que ele queria com as mulheres? Seria Tia um episódio que Nathan devorara?

– E como posso saber que você não vai ficar ganancioso de novo?

– Estou pedindo que acredite. Nunca menti para você desde aquele caso. Você acredita em mim quando digo que sei o quanto te machuquei?

Ele a conhecia. Ele sabia que ela queria acreditar.

– Quero ser a primeira no seu coração – disse Juliette.

– E você não sabe que sempre é e sempre foi?

– A primeira e a única. Sem substitutas.

– Claro.

Juliette sorriu sem alegria.

– Não olhe para mim como se tivesse acabado de ganhar a guerra.

– Mas nós estamos em guerra? – perguntou ele.

– Estamos em uma batalha pelo nosso casamento. Ou não. Não podemos fingir que a criança não existe. – Juliette viu seus olhos se abrirem, parecendo ter deixado Savannah entrar por um momento. – Os seus pais. E se eles descobrissem um dia que escondemos isso deles?

Nathan pegou o vinho em um balde na mesa ao lado e encheu sua taça, o garçom veio correndo ao vê-lo fazer isso. Mas ele ergueu a mão fazendo um sinal para que não se aproximasse da mesa.

– Como você pode permitir que uma criança pense que seu pai biológico não a queria? – Juliette pegou sua taça. – Como pode não querer a criança?

– Só não sei responder isso ainda. Isso tudo é novo para mim.

– Ela te contou, não foi? Ela te contou que estava grávida. Então, isso não é realmente novo.

– Sim. Mas eu fiquei mais preocupado conosco do que com qualquer outra coisa.

Juliette sacudiu a cabeça.

– Então esqueça. Fale sobre o agora.

– O que você quer que eu faça?

Juliette abriu a bolsa e pegou a foto de Savannah. E a empurrou para o outro lado da mesa.

– Olhe para ela. Olhe de verdade.

Nathan pegou a foto que Juliette havia plastificado. A mão de Nathan tremia. Ele mordeu o lábio inferior.

– Ela se parece com você. Ela se parece com Max. – Juliette viu em seu rosto um desejo. Nathan havia crescido venerando uma família que Juliette herdou pelo casamento.

E se eles pudessem levar Savannah para visitá-los e ter um tipo de relacionamento familiar aberto? Isso acontecia o tempo todo. Eles não a arrancariam de casa, mas aumentariam o relacionamento – dariam a ela mais calor, mais amor. As crianças sempre estavam abertas a aceitar mais pessoas que as amassem. No começo Max e Lucas ficariam chocados, mas depois tudo daria certo.

E Juliette não teria vergonha. Ficaria orgulhosa por terem resolvido a situação pensando no que era melhor para a criança. Imaginava a sensação do cabelo sedoso da menina em sua mão.

Juliette e Caroline se tornariam amigas.

– É verdade – concordou Nathan. – Ela lembra um pouco o Max. Mas, meu Deus, ela é muito parecida com a mãe dela.



Juliette bateu a porta do carro. Ela devia ter ido com o seu.

– Você não viu seu rosto, Nathan. É por isso que você pensa que não é nada demais – disse Juliette quando ele ligou o carro.

Nathan encostou os cotovelos no volante e colocou os dedos entre os olhos.

– Tudo o que eu disse foi que a menina se parece com a mãe. Isso é tão surpreendente assim? Tão horrível?

– Você não viu seu rosto – repetiu Juliette. – Era como se você estivesse vendo um fantasma. Um fantasma que você ama.

Nathan tentou segurar sua mão. Ela a afastou. Já havia visto aquela delicadeza nele quando ele falava sobre Tia.

– Você me viu olhando para a criança – disse ele. – Pelo amor de Deus, eu estava olhando para uma filha de cinco anos que nunca tinha visto antes.



Juliette ofegava, puxando o ar para recuperar o fôlego.

– É sua filha com ela, e por isso é especial, certo?

– Achei que era isso que você queria, que eu visse a criança, que eu me envolvesse, que eu tentasse me envolver emocionalmente.

– Com a criança, Nathan, não com ela – sussurrou Juliette.

## CAPÍTULO 20

### *Caroline*

O céu escurecia enquanto Caroline ouvia Savannah reclamar ao telefone. Ela acendeu o abajur e observava a luz refletida em sua mesa.

– Mamãe – chamou Savannah. Sua voz era metálica ao celular. – Quando você vem para casa?

Caroline segurava o telefone com tanta força que seus dedos doíam. Uma dor de cabeça latejava sobre seu olho esquerdo. Quando retirou os óculos de leitura, o artigo “Algumas descobertas clínicas podem predizer as características da patologia de alto risco no retinoblastoma unilateral!” tornou-se um borrão de letras. Deveria conduzir uma discussão sobre o artigo na reunião da equipe na manhã do dia seguinte e mal tinha passado os olhos em suas vinte e seis densas páginas.

– Adivinhe o que a Rose vai fazer para você jantar, querida? – disse Caroline. – Espaguete!

Na casa em que os jantares não custavam menos do que cem dólares, as besteiras eram a maneira de conquistar Savannah.

– Mas quando você vem para casa? – perguntou Savannah.

Caroline olhou para todo o trabalho que tinha à sua frente.

– Vou dar um beijo em você quando chegar em casa. Mesmo que já esteja dormindo.

– Você não vai chegar antes de eu dormir. – O tom de voz da menina era mais seco do que acusador. Caroline desejou que a filha parecesse mais brava, mais surpresa. Não queria que ela aceitasse tudo.

– Eu disse para ela caprichar no queijo. – Caroline trocou a mão que segurava o telefone e começou a mexer nos memorandos em sua mesa.

– Tudo bem.

– Como estão as gêmeas? – cantarolou Caroline com entusiasmo excessivo. – Por que Rose e você não fazem uma festa para as Bitty Twins no jardim? – Embora ainda fosse final de abril, a temperatura estava na casa dos vinte e sete graus. Caroline havia pesquisado a temperatura na noite anterior para pensar nas roupas de verão que iria vestir.

– Mamãe! Já é noite.

– Ah, como sua mãe é boba. Amo você, nariz de coelho.

Ela realmente a amava.

– E eu amo você, mamãe.

Só não queria ficar com ela o tempo todo.

– Promete que vai me dar um beijo quando chegar em casa?

Caroline fechou os olhos.

– Claro.



Caroline abriu a porta que dava para a garagem.

Esperando do outro lado, na sala de estudo que eles mal usavam, Peter estava sentado em uma cadeira. Ela combinava com um sofá de couro vermelho, parte da mobília que haviam comprado pensando que aquele quarto seria o lugar usado por Savannah para fazer lições de casa no futuro. Os pés de Peter, plantados no chão de madeira brilhante, pareciam estar posicionados para que se levantasse rapidamente. Nada no quarto estava fora do lugar, a não ser as calças de pijama dele.

– Você sabe que horas são? – perguntou ele.

– Desculpe. – Caroline passou as mãos no cabelo e sentiu o cheiro de hospital e laboratório. Segurava uma sacola da loja de presentes Cabot. A pequena loja de hospital ficava aberta até tarde e ela conseguiu passar por lá quando deu uma escapadinha para tomar um café.

Mostrou a sacola como se estivesse pedindo paz.

– Comprei um presente para Savannah.

Peter desligou a televisão e colocou o controle remoto na mesinha lateral.

– Pelo amor de Deus, Carol. Savannah tem milhões de brinquedos. Parece que o que falta para ela é um tempo com você.

– Isso não é justo. Você sabe o que eu estava fazendo hoje à noite?

– Tenho certeza de que era alguma coisa importante. Esse é o problema. Tudo no seu trabalho é importante. Quando vamos conseguir ser mais importantes do que o seu trabalho?

*Por favor, Peter, cale a boca.*

Caroline queria olhar para a miniatura do Johnny Town-Mouse na sacola, do tamanho exato para ser guardado em um bolso. Savannah adorava miniaturas. Caroline pensou em colocar o bichinho ao lado dos chinelos da filha para que ela tivesse uma surpresa pela manhã. A caminho de casa, havia pensado em como seria acordar Savannah na manhã seguinte e ver sua alegria ao enxergar o ratinho, usando um blazer azul minúsculo, exatamente como ele usava nos livros de Beatrix Potter que a garota adorava. Talvez se não estivesse tão cansada, Caroline até montaria uma pequena cama de rato.

– Você vai me responder?

– Desculpe, pensei que era uma pergunta retórica.

– O sarcasmo não ajuda, sabia?

– Não sabia que eu precisava de ajuda – disse Caroline. – Que nós precisávamos de ajuda.

– Viu? Já vai começar! – suspirou Peter.

– Vou começar o quê? O quê? O quê?

– Estamos afundando aqui. Sinto que nossa família está afundando com o peso de seu trabalho.

Ela jogou a pequena sacola na mesa e caiu no sofá, cansada demais para ficar em pé, e exausta demais para continuar com a discussão.

– Talvez eu deva olhar a minha agenda e tentar descobrir uma maneira melhor de lidar com isso. – Caroline balançou a mão como se “isso” fossem as paredes.

Peter sentou-se ao seu lado e colocou uma mão no joelho dela.

– Você já pensou que talvez pudesse parar de trabalhar? Por um tempo?

Ela sacudiu a mão e se virou para ele. Será que seu marido a conhecia?

– Acho que talvez seja melhor para Savannah – continuou Peter. – Não tenho certeza se essa história com a babá está dando certo. Savannah parece...

História com a babá? Rose estava com eles desde que Savannah tinha três semanas de vida.

– Acho que a maneira como fui criado, com minha mãe sempre lá, sempre disponível, foi uma maneira boa de crescer. Gostaria que Savannah tivesse isso. Acho que ela deveria ter isso. – Peter limpou a garganta. – Sua mãe sempre esteve em casa. Isso não significou muito para você?

– Não tive outra opção – Caroline mal conseguia falar.

– Você tinha segurança. Nunca precisou se preocupar com nada.

Era assim que se acabava com um casamento. Um marido trazia um assunto terrível para a mulher que poderia arruinar com a vida dos dois, e ele apresentava o assunto como sendo realmente uma opção.

– Talvez você devesse parar de trabalhar – retrucou Caroline com a voz seca. Havia se tornado uma pessoa tão estranha naquele momento que nem se importava com sua resposta.

– Eu sei que você adora o seu trabalho. – Ele apertou o joelho dela. Ela tentou controlar sua vontade de dar um tapa na mão dele. – Mas eu também gosto do meu, e precisamos ser sinceros aqui. Eu ganho... dez vezes mais do que você?

– Eu podia ter um trabalho diferente – respondeu ela, como se essa discussão ridícula devesse ser levada em consideração. Sabe o que ele havia feito? Ele havia espalhado o lixo na mesa e ela estava fingindo que aquilo poderia ser o jantar.

– Mesmo que você conseguisse encontrar um emprego pagando algo parecido com o meu salário, sem mencionar que hoje sou o dono da empresa, você consegue me imaginar em casa o dia todo?

– Não, Peter. Não consigo. – Caroline se levantou. – O que me assusta é você

imaginar que eu consigo.



Caroline subiu para o quarto da filha com o brinquedinho na mão. A garota dormia enrolada no cobertor, com o dedo perto dos lábios.

Depois de arrumar os cobertores em volta dela, Caroline se sentou no chão. Enquanto estava sentada de pernas cruzadas ao lado da cama, observando o peito da filha subir e descer, pensou na ideia de Peter. Talvez não fosse o caso de pular em sua garganta. Talvez devesse pelo menos pensar na possibilidade.

Talvez tudo ficasse melhor para eles, para a família toda, se ela ficasse em casa. Ela voltaria a se apaixonar por Peter e pararia de segurar a respiração cada vez que ele a tocasse. Cairia de amor por Savannah, como acontecia com Peter, em vez de ficar tentando enfrentar a maternidade.

– Mamãe? – Uma surpresa sonolenta podia ser percebida nas palavras de Savannah. – O que você está fazendo?

– Eu disse que viria te dar um beijo quando chegasse em casa, não foi? – Caroline pressionou os lábios na bochecha macia de Savannah.

– Me abraça?

Caroline soltou o rato no tapete e subiu na cama dela. A menina se aproximou o máximo que conseguiu, toda quentinha e robusta no pijama de flanela.

– Que gostoso, mamãe.

– Também acho, querida.

Um torpor gostoso tomou conta de Caroline. Ela fechou os olhos.

– Você vai ficar aqui comigo?

– Vou, princesa.

– A noite toda?

– A noite toda. – Caroline mal conseguia falar.

– Você é minha madrinha. – Savannah acariciou o braço de Caroline. –

Igualzinho à fada madrinha na história da Cinderela.

## CAPÍTULO 21

*Caroline*

Um despertador interno tocou na cabeça de Caroline às quatro e quarenta e cinco da manhã seguinte, lembrando-a de sua consulta às oito da manhã para o caso de suspeita de enterocolite necrosante. Se fosse uma inflamação intestinal aguda, teriam de fazer um diagnóstico rápido para que o tratamento fosse iniciado.

Cuidadosamente, se soltou dos braços da filha, grata por seu sono pesado. Saiu de casa antes das seis da manhã e deixou um bilhete para Peter dizendo que não poderia faltar a esse compromisso. Tomou banho no quarto de hóspedes e vestiu-se sem fazer barulho.

Felizmente, as ruas estavam tranquilas em comparação a outros dias e ao tempo que normalmente costumava levar para chegar ao trabalho. Cerca de quarenta e cinco minutos depois de ter saído de casa, já tinha comprado café e iogurte na cafeteria, estava sentada em sua mesa, ligando o computador.

Olhou sua correspondência, separando-as por: Atenção, Lixo e Arquivo.

Seu telefone celular piscou. Caroline havia tirado o som. O aviso de mensagem de texto apareceu logo depois. Tentou ignorá-la, mas teve medo que estivesse acontecendo alguma coisa; teve medo de ter se esquecido de algo terrível.

“Cadê você?”, era a mensagem de Peter.

“Emergência”, respondeu Caroline. Ela realmente havia escrito aquilo no bilhete: “Emergência no laboratório”.

“Precisamos conversar à noite”, respondeu ele.

Um e-mail chegou em seu computador.

Misturado a mensagens de colegas, mensagens de laboratórios e pedidos de escolas e hospitais, um e-mail de Jonah se destacava.

Eles haviam trocado inúmeros e-mails desde a conferência em San Diego. Eram mensagens inocentes sobre a estação da lama em Vermont, o jogo do Red



Sox em Boston, mas a maioria deles era sobre trabalho. Tinham um relacionamento parecido com aquele dos alunos de faculdade no intervalo das aulas. Nas semanas depois de tê-lo conhecido, ela soube que uma jovem que trabalhava com ele sofria de anorexia, mas não aceitava o diagnóstico. Jonah se preocupava com a vida dela, e isso fez com que Caroline lhe escrevesse sobre um caso com o qual ela havia se deparado recentemente – infelizmente estavam fazendo a autópsia na pessoa.

Disse a Jonah que passava a maior parte de sua vida solitária de viúva rodeada por livros, o que fez com que ele confessasse que passava a maior parte das horas em que não estava trabalhando lendo em frente à lareira. Livros de mistério e suspense eram seus preferidos, ele havia escrito em tom envergonhado. Ao responder, ela admitiu sua queda por biografias de celebridades quando precisava se isolar do mundo.

Caroline clicou no e-mail de Jonah com uma expectativa maior do que achava que deveria sentir. Passou os olhos rapidamente pelo e-mail e depois releu com mais atenção. Ele estava em Boston, e queria vê-la. Excitação e medo tomaram conta dela em uma mistura letal.

Não havia a menor dúvida de que Jonah queria mais do que simplesmente conversar e de que Caroline deveria se afastar. Mesmo assim, ela continuou lendo o e-mail. A ideia de passar um tempinho com alguém que não a via como mãe, esposa e como um fracasso a seduzia, embora pensar em uma outra pessoa esperando por sua atenção não fosse nada tentador. O que desejava eram horas perdidas em seus slides e periódicos, descobrindo lentamente as respostas até que tudo se cristalizasse ficando bem próximo à imutabilidade. Em seu trabalho, até a pior das verdades era clara. A vida doméstica era obscura, e aquilo ameaçava carregá-la para baixo permanentemente. Todas as manhãs, ela acordava para desempenhar um papel mal resolvido até que chegasse ao hospital.

Rose, a babá, ligara durante uma conferência on-line para dizer que precisava de um dia de folga dali a três semanas e, por falar nisso, será que Caroline achava normal uma mulher da idade dela ter um compromisso? Será que ela devia começar a tomar aquela pílula anticoncepcional para não engravidar?

Peter ligou para dizer outra vez que precisavam conversar e para enfatizar que Caroline deveria pelo menos considerar a ideia que ele havia mencionado. “Apenas pense na ideia”, disse ele.

Sua mãe deixou uma mensagem lembrando-a do vestido para o casamento da irmã de Caroline. A costureira esperava todos no sábado pela manhã, às oito em

ponto.

Sua cunhada, Faith, escreveu pedindo ajuda para preparar a ficha de inscrição para a faculdade.

Sua secretária sussurrou dizendo que seus relatórios de horas estavam atrasados. Dois dias haviam se passado sem que ninguém soubesse o número de horas que Caroline investira em cada projeto. Ela ficou chocada por não se importar com isso.

E, o pior de tudo, ela precisou ir ao banheiro depois do almoço porque olhou para seus pés e começou a chorar. Seus sapatos estavam desgastados e feios. A bacia de sua calça estava surrada. Seus joelhos pareciam esqueléticos e envelhecidos. Ela nunca se importara com a aparência antes, pois sabia que não era bonita, mas que estava bem. Perfeitamente bem. Isso nunca importara muito porque ela sempre teve uma cabeça mais do que boa. Agora sua psique parecia um cobertor com furos, permitindo que fatos e ideias entrassem por ali.

Quando chegou em casa – na hora certa – tudo o que queria era tomar um banho e deitar na cama para ler um livro. O dia não havia sido difícil, cheio de coisas normais, mas o normal havia se tornado uma confusão constante: situação normal, tudo arruinado.

Não tomou o banho nem foi para a cama. Fez um sanduíche de queijo, colocou ervilhas e chamou aquilo de refeição balanceada.

Deu um banho demorado em Savannah – permitindo que as gêmeas a acompanhassem, e até assoprou seus cabelos para secá-los, para a alegria da menina.

Em vez de conversar com Peter sobre sua ideia, ela o beijou fingindo paixão, serviu uma taça de vinho para cada um e começou a fazer amor, colocando-o para dormir com a mesma eficiência que havia colocado Savannah na cama.



Pesquisar pornografia parecia menos ameaçador do que os sites que Caroline visitava quando a porta de seu escritório, em casa, estava fechada. Às três da manhã, a solidão havia se tornado um isolamento total, aquela que permitia que ela visitasse páginas da internet como a Insight, página de adoção aberta. Os encontros de Juliette e as ideias insanas de Peter mantinham-na acordada. A ideia de tomar mais uma pílula de dormir a aterrorizava; estava cansada de encarar a vida drogando-se. Havia chegado a hora de pesquisar a sua

vida.

Depois de pesquisar diversas páginas sobre adoção no Google, Caroline voltou para a Insight. Abriu um link chamado “Adoption Psych” e começou a tomar notas e a destacar a informação com a qual tinha alguma afinidade. Passagens inteiras precisavam ser recortadas e coladas em um documento do Word.

“Não importa onde vocês tenham adotado a sua criança, como pais adotivos, vocês vão precisar lidar com a família biológica de seu filho tendo ou não conhecimento dela. Essa família biológica é parte de quem seu filho é.”

Ela pensou em Juliette falando sobre os avós que Savannah nunca conheceria.

“Muitos profissionais que trabalham com adoção incentivam pais biológicos potenciais e pais adotivos, durante o processo de seleção, a escolher o nível de contato ‘que se sentem mais confortáveis em ter’. A filosofia do conforto não leva em consideração vários fatores importantes, sendo um deles o fato de que a adoção aberta não deve se preocupar com que os adultos envolvidos se sintam confortáveis, mas sim em atender às necessidades da criança.”

Caroline ficou pensando nisso por um tempo. Não era esquisito, e até mesmo injusto, que Peter e ela, Tia, Juliette e o marido, que todos eles soubessem mais sobre Savannah do que ela sabia sobre eles? Isso não seria limitar o conhecimento da filha a contos de fadas e a histórias infantis com temas “nós escolhemos você”, ou seria apenas confortável para Peter e ela?

“Grande parte da experiência da adoção aberta é desconfortável e estranha, principalmente no começo.” Patricia Martinez Dorner, autora de *Crianças da adoção aberta e Falando com seu filho sobre adoção*, nos incentiva a enxergar a adoção aberta apenas como mais uma forma de mistura familiar. “A criança adotada também é capaz de conhecer seus pais biológicos da maneira como eles são, sem criar uma fantasia sobre eles. Em vez de passar muitas horas construindo a imagem de uma pessoa que não conhece, pode gastar essa energia com outras coisas. Além disso, dá à criança um sentimento de plenitude.”

Caroline copiou essas palavras em um documento que havia criado e então comprou o livro. Era antigo – talvez estivesse desatualizado –, mas era um começo.

## CAPÍTULO 22

### Tia

O telefone podia muito bem estar tocando no telhado, pois seu som parecia muito abafado, competindo com um episódio bem alto sobre câncer de pele exibido no *The Doctors*. Tia, esticada no sofá com o controle remoto na mão, mexeu-se apenas para puxar o cobertor e ajustá-lo em suas pernas. O tecido de lã havia ficado pendurado na cama de sua mãe por anos até que Tia o herdara. Não que fosse alguma herança de família. A mãe provavelmente o comprara por cinco dólares na Old Navy depois do Natal. Mas o fato de um dia ele ter aquecido sua mãe dava a ela um pouco de paz.

Os dias de Tia consistiam em assistir televisão e pensar na sua falta de emprego. Katie – quem diria? – convenceu Richard a não demiti-la por justa causa. Ela até havia ligado para Tia para lhe contar que parecia que Sam realmente iria sobreviver. A senhora G. não iria para a cadeia, e sim para um asilo, com apoio psicológico garantido. Claro que, para a senhora G., aquilo era o mesmo que ir para a cadeia.

Tia olhou para o relógio e desejou que ele pulasse para as três, quando ela se permitiria colocar Kahlúa no café. Depois disso, tomaria banho e ficaria pronta esperando que Bobby chegasse no fim do dia.

Tia deixou que a ligação caísse na caixa postal. Bobby era a única pessoa com quem queria conversar, e ele ligaria de novo. Ou ela poderia ligar para ele. A paciência de Bobby parecia ser infinita, até mesmo na cama, e que homem tinha paciência com isso? Algumas vezes, ela mal conseguia suportar o seu toque; outras vezes, se agarrava a ele como se fosse sua única fonte de sustentação no planeta.

Em questão de semanas, dias – Tia mal conseguia se lembrar – depois de ter sido despedida, Bobby tornara-se seu namorado sempre paciente. Se ela tivesse seu casaco velho de futebol, ela se enrolaria nele. Tia queria estar de volta na escola, mas desta vez sairia com Bobby durante o Sugar Bowl. Teria dormido com ele, teria casado com ele e teria tido filhos. Quando seus bebês tivessem se tornado crianças, ela os mandaria para a escola com lanches nutritivos embalados cuidadosamente. E então voltaria para a faculdade e se tornaria professora, ou médica, ou advogada.

Cinco toques foram ouvidos, e então a voz de Nathan enche a sala como se fosse um tiro em seu sistema nervoso central.

“Tia, aqui é o Nathan.”

Como se houvesse alguma chance de ela não reconhecer sua voz.

“Precisamos conversar.”

Agora? Ela havia enviado a carta havia tanto tempo.

“É sobre... a criança.”

Ela agarrou o cobertor.

“Eu... minha mulher. Pelo amor de Deus, Tia, como é que você foi enviar aquilo para a minha casa daquela maneira? Por acaso pensou no que poderia acontecer?”

Tia se encolheu com a acusação. A culpa a envergonhava. Em seguida, veio a raiva.

*Por acaso, você pensou no que aconteceu comigo depois que dei à luz à sua filha? Você pensou no bebê pelo menos uma vez?*

Como era levar a vida sem saber ao menos que é pai de um menino ou de uma menina?

“Ligue para mim. No meu celular. O número é novo”, anunciou a voz.

Tia já sabia disso. Seu número antigo não funcionava mais. Ela se perguntara se ele havia mudado o número para que ela não ligasse. Nathan disse o número duas vezes, e Tia os escreveu em um papel. Então, salvou a mensagem caso tivesse escrito o número errado.

Caso ela quisesse ouvir a mensagem de novo.

Idiota! Ela se lembrou que ele havia ligado para repreendê-la, não para amá-la.

Mesmo assim, ele havia ligado. A última vez que tinha ouvido a voz dele estava com cinco meses de gravidez, quando tentou pela última vez convencê-lo a incluí-la em sua vida, suplicando: “Mas você me ama! Eu sei que me ama!”

Várias vezes as coisas com Nathan foram dessa maneira. Ela planejava falas longas, racionais, e acabava dizendo apenas “Eu sei que você me ama”. Eu sei. Eu sei. Eu sei.

Por fim, forçou-se a enxergar a probabilidade de ela ter projetado em Nathan sua própria loucura obsessiva. Por tempo demais, havia acreditado que seu amor era sincero, assim como as palavras que ele usava para descrever seus sentimentos. “Ah, Tia, você é tão diferente de todo mundo – tão real, tão autêntica. Eu te amo.”

Talvez o “Eu te amo” de Nathan na verdade fosse um “Gosto de você, querida!” Ou talvez um “Quero transar com você, querida, mas sou educado demais para dizer isso”.

Será que ele poderia amá-la e também amar a esposa?

Será que ele poderia amá-la e virar as costas para tudo o que ela sabia sobre a filha deles?

Tia rezou para que um filme fantasmagórico sobre a presença dela o aterrorizasse, assim como acontecia com ela. Ela queria assombrá-lo.

Sempre que algo horrível acontecia, o desenrolar era o mesmo. Sua necessidade desesperada por conforto não era um motivo para ir atrás dele? Agora ela não podia ligar para Nathan? O relacionamento que tiveram não dava a ela esse direito? Depois que sua mãe morreu ela achou que podia ligar para Nathan! Quando ela caiu e quebrou três costelas, pensou que Nathan poderia ajudá-la! Mesmo depois de ter sido demitida, seu primeiro pensamento foi ligar para ele.

Mas nunca ligou. Momentos de sinceridade permitiam reconhecer que ela era uma presença pouco frequente na cabeça dele, enquanto ele era bastante frequente em seus pensamentos. Ela sempre ligava para Robin para pedir ajuda, permitindo-se fantasiar sobre a ajuda que Nathan lhe daria apenas enquanto tentava dormir.

Tia jogou água fria no rosto. Pensou em tomar um banho, querendo estar bem acordada e preparada para o que quer que Nathan dissesse, mas teve medo de que se perdesse mais alguns minutos ele desaparecesse para sempre. Só o tempinho que levaria para pegar uma xícara de café já poderia ser perigoso. E se, naqueles minutos, ele mudasse de ideia sobre falar com ela? E se, no exato momento em que Tia observava o café caindo na xícara, sua mulher usasse sua

pureza e beleza para tirá-lo de perto do telefone?

Primeiro ela leu o número que havia escrito, depois escreveu-o em letra maior. Só então ela ligou para Nathan.

– Tia?

– O identificador de chamadas acaba com as surpresas, não é? – disse ela.

A voz dele, ah, maldição, a voz dele tomou conta dela.

– Surpresa nenhuma, considerando que liguei para você há alguns minutos – afirmou ele.

Ela forçou a se concentrar, tentando entender seu estado de espírito. Ler os pensamentos de Nathan já havia sido seu talento um dia. O tom de sua voz dizia-lhe o quanto poderia brincar com ele. Quando o relacionamento deles havia chegado ao final, Tia se encontrou adaptando cada palavra que dizia ao senso de humor de Nathan. Hoje ele parecia cauteloso.

Ainda assim, ela detectou um sinal – um pequeno sinal, mas ainda assim um sinal – de curiosidade. Tia, a estudiosa sobre Nathan, podia identificar interesse em sua voz, mesmo que fosse um interesse bem pequeno.

– Fiquei surpresa com a sua ligação – disse Tia.

– Isso não faz muito sentido, depois do que você me enviou.

– Enviei aquelas fotos há quase dois meses.

– Só as recebi recentemente. – A voz de Nathan era sincera. – Juliette interceptou-as.

– Como assim, interceptou-as?

– Bom, você sabe, eu me mudei – disse ele.

Nathan adorava mudar de assunto.

– Não, não sabia. Como eu poderia saber?

Houve um momento de silêncio.

– Boa pergunta – respondeu ele. – Como você poderia saber? De qualquer maneira, isso não é importante. Ouça. Sinceramente, só soube das fotos há pouco

tempo. Juliette abriu o envelope, mas não me contou até pouco tempo atrás.

Suas palavras desencadearam milhões de perguntas. Tia ficou paralisada, sem saber ao certo a que parte de sua fala deveria se referir primeiro.

– Ela se parece com nós dois – disse ele no meio do silêncio. – A criança.

Tia agarrou o telefone. Nós. Ainda existia um “nós”. Ela abriu a gaveta de cima e pegou a foto de Honor. Sim, Nathan estava certo. Eles finalmente haviam se unido. Em sua filha.

– Ela é surpreendente – disse Nathan.

– O que isso quer dizer?

– Incomum. Sua aparência é meio...

– Eu sei o que a palavra significa. – Nathan, o eterno professor. – Mas o que você quer dizer com isso? Você está dizendo que ela não é bonita? Não é engraçadinha?

Será que sua esposa, uma princesa linda e loira, havia dito aquilo? “Ah, ela não é muito bonita, mas é surpreendente, Nathan.”

– Não, disse surpreendente porque ela me impressionou. Me desconcertou, na verdade.

– Como?

– Ela parece muito com Max, meu filho mais novo. Juliette diz isso o tempo todo.

Tia sentiu o estômago revirar ao imaginar Juliette analisando a foto de Honor. Pensando nela. Comentando sobre ela.

– O que mais a Juliette disse? – Tia tentou não colocar ênfase no nome da mulher dele.

– Tia, isso é difícil para todos nós.

– Só é difícil para você porque abriu seus olhos. Se eu não tivesse enviado aquelas fotos, você teria passado a vida toda sem saber se sua filha era surpreendente ou não.



Ele ficou em silêncio.

– Você alguma vez se importou com isso? Você se perguntou se tinha um filho ou uma filha? Você ia me ligar?

– Você está perguntando se eu me importei com a criança ou com você?

– Isso não importa. – Tia concentrou seus pensamentos em Bobby. Ele havia ficado ao lado dela quando fora despedida, mesmo quando estava tão bêbada a ponto de vomitar em seus próprios sapatos. Ela não deixaria que Nathan a confundisse com seu discurso. – Por que você nunca ligou, não é?

– Juliette acha que eu devo conhecê-la.



Tia e Nathan se encontraram na manhã seguinte em uma cafeteria no Quincy, uma cidade perto mas ao mesmo tempo distante tanto de Jamaica Plain quanto de Wellesley. Lugar escolhido por Nathan, claro, que se ofereceu para pagar o táxi.

Tia pegou o trem da linha vermelha.

Ele já a esperava no bar. Tia tentou esconder a intensidade de sua reação, sua falta de fôlego e o sangue que fervia em suas veias. Ele estava bem. Mais velho, mas ainda assim, charmoso. Talvez um pouco mais pesado. Sólido. Ela teve vontade de passar o dedo em sua mão.

– A sua esposa sabe que estamos nos encontrando? – A voz dela tremia.

– Na verdade, não. – Nathan segurou a mão dela e a apertou. Ela reconheceu a sensação do toque de sua pele bem demais. – Pedi café e uma torta para você.

Relutante, ela puxou a mão para longe da dele. E mudou de lado no banco. Os bancos eram altos demais. Tia detestava ficar com as pernas penduradas; detestava não conseguir sentir o chão sob seus pés. Ela usava saltos e um vestido com um cardigã sobre os ombros. “Roupas de Nathan”: o tipo de roupa de garotinha que ele gostava.

Nathan empurrou uma torta na direção dela.

– Experimente. Meu bolo está muito bom!

– Por que a surpresa? Existem coisas decentes fora da Starbucks e da Whole

Foods – disse Tia.

Nathan colocou o bolo no prato e sorriu.

– Você adora me rotular. As coisas não mudam, não é? Você ainda é a minha menina.

– Quem está rotulando agora? E eu não sou mais a sua menina, não é? – Tia quebrou sua torta em pedaços. Ela ficou se perguntando como parecer mais inteligente e menos menina. Isso já a incomodava no passado, e continuava incomodando agora. Ela brincava de ser a menina malvada dele, e ele era o homem bom. – Vou concluir que a resposta é não, ela não sabe que você está aqui.

– Preciso saber o que você quer, Tia. Por que enviou aquelas fotos. Juliette, bem, você não pode imaginar como isso a afetou. Foi assustador quando ela descobriu.

Juliette. Juliette. Tia sussurrou em sua cabeça.

Ela detestava ouvir o nome “Juliette” na boca de Nathan: a doce, pura e elegante. Logo ela detestaria todas as palavras que começavam com a letra J.

Je t’aime.

Júbilo.

Tia parecia uma palavra tão dura, começando com T. Trem. Trabalhoso. Trançar.

– Juliette quer saber sobre essas pessoas... a família adotiva – disse Nathan. – E eu também quero. Agora que você revelou o segredo, queremos saber de tudo.

Nathan usava uma camisa azul tão bem passada que Tia ficava se perguntando como alguém conseguia fazer aquilo. Jamais conseguiria deixar uma camisa daquele jeito. Será que as pessoas tinham ferros melhores do que os que ela encontrava para comprar? Talvez mulheres como Juliette tivessem acesso a ferramentas que apenas quem era da classe alta podia ter. Armas de beleza vendidas em sites secretos e ferros que exigiam uma senha para serem comprados.

– Por que Juliette – Tia quase gaguejou ao falar o nome dela – quer saber alguma coisa? Por que ela quer saber tudo?

– Ela se sente parte disso. Afinal, a garota é minha filha.

– Sua filha? – Tia segurou a beirada da mesa. – Ela pode ter o seu material biológico, mas ela não é sua filha. E, como é que posso deixar isso bem claro, ela não é nada, nada, para a sua esposa.

– Você diz esposa como se estivesse falando de algo terrível – disse Nathan. Esta foi a vez mais direta que ele já havia falado com ela sobre Juliette. As palavras de Tia eram as mais diretas que ele já ouvira dela. – Por que você está brava com ela? Você não deveria estar brava comigo?

Tia não sabia o que responder. Ele estava certo.

– Juliette também fica da mesma maneira quando fala de você.

– Talvez esse seja o nosso problema. Nós ainda não descobrimos como realmente detestar você, por isso acabamos nos voltando uma contra a outra.

Nathan se levantou e deu a volta na mesa. Antes eles estavam de frente um para o outro. Agora, ele se sentou ao lado dela. Tia sentiu o calor que emanava dele. Suas pernas se tocaram, e ela ficou se perguntando se aquilo tinha sido por acaso.

Ele colocou um braço em volta de seus ombros e a puxou mais para perto. E deu nela o beijo que ainda não tinha dado. Foi rápido, seus lábios mal se tocaram. Mas foi um beijo.

Ela tentou se livrar da sensação boa de sentir seu braço, algo que achou que nunca mais sentiria. Por que se sentiria confortável e segura ao lado dele? Ela tentou afastar aquela boabeira da cabeça.

– Vamos resolver isso – disse ele. – Prometo.

Até aquela manhã, Tia não sabia que eles tinham que resolver alguma coisa, ou que Nathan e ela eram um “nós”. Agora, de repente, eles eram pais.

– Juliette quer ir comigo conhecê-la.

Tia respirou tentando se acalmar. Ela traçou o detalhe de mármore branco no balcão preto.

– Nós dois é que devemos ir conhecê-la. Nós dois é que devemos nos preocupar em saber como ela está.

Nathan segurou sua mão.

– Talvez você esteja certa.

Ela não podia confiar na sinceridade de Nathan.

– É. Talvez você esteja certa – repetiu ele. – Vou manter contato com você.

## CAPÍTULO 23

### *Tia*

Tia estava cheia de energia ao voltar para casa depois de ter ido a Quincy. Mesmo antes de entrar em seu apartamento, começou a limpar o guarda-chuva, os sapatos, a correspondência em cima da mesa e nas prateleiras do corredor. Luvas sem pares, sacolas de supermercado de tecido e um raspador de gelo quebrado foram imediatamente colocados na pilha de coisas a descartar.

Ela achava que aquele raspador de gelo era do inquilino antigo, um item perdido que ela tinha esquecido de jogar fora ao se mudar. Talvez houvesse sonhado e então achou que um dia compraria um carro e poderia usar a ferramenta.

Depois de pegar sacos de lixo e o aspirador de pó, Tia voltou para o corredor. Colocou tudo dentro das sacolas sem olhar, passou rapidamente o aspirador pelo corredor e então levou as sacolas para as latas de lixo que ficavam do lado de fora.

Bagunça, ela havia feito uma bagunça humilhante. Apesar de não ter nada para fazer depois de ter sido demitida, mal pegava em uma vassoura ou em um pano para tirar o pó. Antes, costumava arrumar a casa todas as manhãs antes de sair para o trabalho. Fazia uma boa faxina toda semana, mesmo que apenas ela vivesse ali. “Não há desculpa para a sujeira”, dizia sua mãe sempre que colocava uma flanela nas mãos de Tia. Estas palavras surgiram quando elas moraram no conjunto habitacional. A mãe de Tia sentia desprezo por aqueles que preferiam a cerveja ao detergente.

Tia podia ouvir exatamente o que sua mãe diria se visse o apartamento da filha neste exato momento:

“Não há desculpa, Tia. Não há desculpa para viver desta maneira.”

E por que ela estava fazendo isso agora? Tentou fingir que aquela onda de energia que tomava conta dela não era porque achava que Nathan poderia visitá-la.

Tudo bem, não iria mentir para si mesma, mas este lugar precisava de uma

faxina, não importava o motivo. Como Bobby conseguia entrar aqui sem ter vontade de sair correndo? Sua tolerância e compaixão a deixavam com vontade de gritar. Por que ele se sentava no meio do pó e das louças sujas sem nem ao menos dizer alguma coisa como: “Ei, você já pensou em passar um aspirador por aqui?”

O que Nathan diria? “Qual é o problema, Tia? Você acha que sua casa reflete seu estado de espírito?”

Podia ouvir Nathan dizendo algo desse tipo, e queria mostrar a ele como seu estado de espírito estava bem.

Não que estivesse esperando que ele viesse ao seu apartamento.

Certo.

Mas ele podia vir.



– Uau! – Bobby respirou fundo. Ela havia aberto todas as janelas para deixar o ar da primavera invadir o apartamento.

– Uau, o quê? – perguntou Tia.

– Uau, está tudo maravilhoso. Isso é ruim de dizer? Não fique irritada comigo. – Ele a puxou mais para perto. – E você está linda. Como sempre.

Na verdade, embora tenha limpad o apartamento e arrumado cuidadosamente seus melhores enfeites – colocando sua coleção de vidro de cobalto no lugar em que a luz do sol da tarde refletisse neles, os pesos de papel mais bonitos no topo dos papéis soltos e escondendo os vasos de copo de leite que pareceriam brega para Nathan –, ela não havia feito nada para sua aparência, além de ter tomado um banho. Ao contrário de gastar seu tempo passando delineador e blush, havia se envolvido com seus livros, procurando aqueles que fariam com que ela parecesse mais inteligente e pensativa. Escondeu os livros de suspense baratos em uma caixa embaixo da cama e deixou à mostra apenas aqueles que Nathan acharia interessantes, como romances escritos por noruegueses e africanos.

– O apartamento está lindo, não eu.

– Querida, você não precisa de maquiagem para ficar bonita. Você está cheia de energia, e isso faz com que pareça ainda mais bonita do que normalmente é.

Veja, trouxe uma coisa para você. – Bobby foi até o corredor e voltou com um vaso de jacintos rosa e brancos. – Vi estas flores e pensei no quanto você gosta delas.

Tia pegou o vaso e cheirou as flores. Jacintos e junquinhos eram suas flores preferidas. O vaso roxo escuro deixava a flor ainda mais pálida.

– Você gosta de jacintos, não é? – Bobby fechou a porta e a trancou, sempre cuidadoso.

– As pessoas roubam essas flores, você sabe – disse Tia.

– As pessoas roubam as flores?

– Direto do chão – disse ela. – Porque elas são famosas. E caras.

Tia colocou o vaso na mesa da cozinha, virando-o para a direita, depois para a esquerda, até que ficou satisfeita. Colocou o dedo na terra para ver se as flores precisavam de água. E olhou para Bobby.

– Adoro jacintos. E adorei você ter se lembrado disso.

Tia admirou sua pia branca enquanto lavava as mãos sujas de terra. Havia esfregado o mármore até quase todas as marcas pretas terem desaparecido. Até tentara técnicas melhores, fazendo a mistura sugerida por um programa de limpeza: “Misture detergente em pó com água até formar uma pasta, e então esfregue sobre a área. Deixe a solução agir por cinco minutos.”

Não deveria se sentir tão orgulhosa. Pasta, era só uma pasta.

– Faça amor comigo. – Tia colocou os braços em volta da cintura de Bobby.



Tia ficou em cima. Estava pronta antes de Bobby começar. Suas sinapses estavam disparadas.

Nathan. Nathan. Nathan.

Ela transou com Bobby com o som do nome de Nathan na cabeça. O canto a levou às alturas.

– Ah, meu Deus – murmurou ela.

– Ah, meu Deus – respondeu Bobby enquanto a penetrava.

Depois, Tia se aninhou nos braços de Bobby e acariciou o peito avermelhado que não era de Nathan. Tudo em Nathan era denso e escuro.

Seus dedos queriam tocar Nathan. Ela se acomodou para descansar a cabeça no ombro de Bobby que, como o de Nathan, era largo e musculoso.

– Caramba! – Ele beijou a cabeça dela. – De agora em diante, vou trazer jacintos sempre que vier aqui.

– Você está com fome? – perguntou ela.

– Você cozinhou e limpou a casa? – A voz dele era de brincadeira, mas havia uma esperança em seus olhos. Ele sabia que Tia não cozinhava. Na verdade, ela detestava cozinhar. Se cozinhasse para Bobby, ele acharia que aquilo era amor de verdade.

– Tem alguns ovos na geladeira – disse ela. – Mas não sei há quanto tempo estão lá.

Bobby se sentou.

– Vou preparar uma omelete para nós. Sair para comer é trabalhoso demais. – Seu beijo foi delicado. – Você mandou algum currículo hoje?

– Eu limpei a casa hoje.

Ele segurou suas duas mãos.

– Não estou tentando pressionar você. Só quero fazer parte de sua vida. Quero tornar sua vida melhor.

O peito de Tia se apertou.

– Você é bom demais para mim. – Ela riu para não chorar. – Sou boa demais para você?

Ele acariciou os cabelos dela como se estivesse acariciando um gatinho.

– Claro que é, gatinha.

Nathan não viria nunca. Ela agira como uma garota apaixonada, limpando a casa para ele. O próprio Deus deve ter olhado para baixo enquanto ela limpava a



casa e deve ter caído na risada.

Nathan ligou porque a mulher mandou que conversasse com Tia, só isso. Eles tinham um plano secreto, algo relacionado a Honor, e Tia precisava encarar a verdade.



A sala limpa dava a Tia uma sensação de purificação. Sua vida lhe oferecia possibilidades. Ela podia se desprender de Nathan. Encontrar com ele não lhe trouxera nada mais além de uma necessidade de limpar a casa e de fazer com que Bobby se sentisse o herói e ser envolvida por seus braços. Nada de ruim havia acontecido.

Amanhã, ela mexeria no currículo.

Bobby colocou a bandeja na mesa limpa e organizada, pegou dois pratos e os levou para a mesa.

– O jantar está servido.

O queijo borbulhava nas omeletes perfeitas, rodeadas por pedaços de maçã. Maçãs velhas, mas ainda assim maçãs. E bolinhos ingleses, embora ele tenha recuperado os bolinhos das profundezas do freezer e provavelmente tenha precisado raspar o gelo deles. Milagrosamente, os bolinhos pareciam bons, perfeitamente torrados com manteiga derretendo por todos os lados.

– Abri uma garrafa de Charles Lafitte e coloquei na geladeira na semana passada – disse ele e lhe entregou uma taça com champanhe.

Ninguém além de Bobby jamais havia trazido champanhe para ela apenas porque ela gostava.

– Um brinde – sugeriu ele.

– A quê?

– A estar aqui. Já faz tempo que tenho vontade de estar aqui.

– E acabou sendo como você gostaria? – Tia mordeu o bolinho.

– Você me faz feliz. Talvez seja como costumam dizer: toda panela tem sua tampa. Sempre achei que você me completava. – Ele beijou seus lábios com farelos e manteiga. – Quero fazer você feliz.

– Eu não quero fazer você infeliz.

Ele recuou um pouco.

– Com o que você está preocupada?

Com Nathan de volta a sua vida. Não importava que fosse apenas uma ligação tênue, um passo em falso e ela desapareceria com ele de novo. Ela podia muito bem passar a vida dançando na ponta de uma faca.

– Eu tive um bebê. – Suas palavras saíram repentinas e distorcidas.

Ele ficou olhando para ela, perplexo.

– Quando? – perguntou, por fim.

– Cinco anos atrás, em março.

Bobby se sentou ao lado dela e segurou-lhe a mão.

– O que aconteceu?

– Amei um homem que não me amava – disse Tia. – Ou, que não me amava o suficiente.

Ela colocou os dedos trêmulos em seus joelhos.

– Ele era casado. Eu pequei com ele. Não podia pecar de novo, por isso não me livrei dela. Mas a entreguei para a adoção.

Ela contou a Bobby tudo o que conseguiu.

Eles ficaram sentados por um tempo.

Em silêncio.

Ele entregou a ela um lenço, mas não encostou nela.

– Você ainda o ama?

Tia pressionou os lábios para não responder a pergunta dele.

Será que ainda o amava? Será que contava o fato de seu sangue estar bombeando mais rapidamente desde que o vira? O fato de o nome dele ser a

única coisa que ela tinha vontade de dizer, e que ela ainda podia sentir o seu toque em sua pele?

– Não! Claro que não – disse ela.

– E a bebê?

– O que tem ela?

– Você a ama?

– Por que isso importa?

– É que dar um bebê parece ser uma coisa tão triste. – Ele segurou sua mão. – Odeio pensar em você passando por isso. Por isso tudo. Não estou julgando. Ele é quem deveria ser julgado. Ele é quem era casado. Foi ele quem deixou você.

Ela só conseguia pensar em dizer uma verdade bem simples: palavras que os manteriam a certa distância para não discutir sobre Nathan e Honor.

– Acho que é “água embaixo da ponte”.

– Não acredito em você – disse Bobby. – Você parece triste demais. Meu Deus, isso explica muita coisa sobre você. Talvez até sobre nós.

– Nós?

– Você precisava manter todo mundo a distância, não é? Inclusive eu. Acho que saber a verdade vai fazer toda a diferença.

– Acho que sim. – Talvez Bobby estivesse certo. Ela podia confiar nele. Ele seria seu refúgio seguro.

– Parece que você estava sob pressão para abrir mão dela.

– Sob pressão de quem?

– Dele. Ele se afastou e afastou o bebê. Você não estava pensando direito. E sua mãe estava morrendo. Meu Deus, Tee! Você não tinha como pensar direito.

A sinceridade nunca podia ser completa. Não entre um homem e uma mulher. Como ela diria a ele que Honor a faria se lembrar de Nathan o tempo todo? Que ela tinha sido pior do que uma covarde? Que tinha sido tão estúpida com o amor... ou o que achou que tinha sido? No fim, havia alguma diferença?

– É tudo culpa dele. Isso é tão errado. – O rosto de Bobby ficou tomado pela raiva. – Merda, ela é sua filha. Ela pertence a você.

– É tarde demais para isso. Ela tem cinco anos. Eu assinei os papéis da adoção. Meu Deus, ainda me lembro daquelas palavras: fim e não pode ser revogado.

– Podemos pelo menos falar com um advogado, não é? Pode ser dolorido. Sempre ficam lacunas.

Lacunas. Faladas como um verdadeiro filho do Southie. Mais do que qualquer coisa, ela sabia que devia dizer não. Mais do que qualquer coisa, ele tentou fazer com que ela dissesse sim.

## CAPÍTULO 24

### *Juliette*

A loja estava fria. Ou talvez Juliette estivesse com frio. De qualquer maneira, ela tremia sentada na cadeira. Talvez alguém tivesse andado sobre seu túmulo. Isso era o que a mãe de Nathan dizia quando alguém tremia.

Os judeus conseguiam ser tão sombrios. Será que o pai de Juliette seria tão lúgubre se sua mãe não estivesse por perto para iluminá-lo? A alma de sua mãe era alegre. Juliette tinha medo de também ter uma alma alegre. Se fosse mais melancólica, talvez Nathan não tivesse perdido o interesse por ela e ido atrás de mulheres mais complicadas.

Naquele momento, sentia-se muito melancólica, capaz de deprimir um circo inteiro. Esperava que finalmente contar tudo a Nathan faria com que se sentisse melhor, mas, em vez disso, parecia que tinha dado a ele as chaves da loja de doces. Agora, ele tinha um motivo para ir atrás de Tia. Nas semanas seguintes a ela ter lhe contado sobre a filha, ele lhe dera apenas respostas rápidas sobre o que havia feito ou estava planejando fazer.

– Nathan – implorara ela repetidas vezes –, não me deixe de fora, por favor.

Ele lançou a ela um olhar torturante.

– Estou meio perdido, Jules. Me dê um tempo, tá?

Juliette perdeu seu poder de fogo após confrontar Nathan. Quando ele se afastou, levou a raiva dela junto. Talvez tenha levado seu amor também. Sem fogo, ela temia que morressem.

– Juliette? – Gwynne apareceu na porta com uma expressão de preocupação.  
– Tem uma pessoa aqui que quer vê-la.

Juliette levou as mãos à cabeça. Era cedo demais para encarar uma cliente desesperada com um problema na sobancelha ou implorando por um batom que garantisse que ganharia um anel de três quilates de noivado, ou um representante de uma empresa que não havia feito seu trabalho direito e que não sabia que juliette&gwynne vendiam apenas seus próprios produtos.

– Você não tem como se livrar dessa pessoa? – Juliette colocou os dedos na testa. – Por favor, não estou em condições de atender ninguém agora.

– Acho que não consigo fazer essa pessoa desaparecer. – Gwynne colocou as mãos na beirada da mesa de Juliette e se inclinou até chegar tão perto que Juliette foi forçada a olhar para cima.

– Quem está aí? – Juliette ficou ansiosa, esperando que aquele não fosse o dia que ela sempre havia temido, o dia em que uma cliente brava apareceria cheia de alergias e desfigurada por causa de um produto da juliette&gwynne. Confiava em seus ingredientes, em sua mercadoria, mas quem sabia que toxina uma mulher poderia misturar ali e depois culpá-las.

– Não é uma cliente. – Gwynne segurou a mão de Juliette. – É a Tia.



Juliette tentou controlar sua tremedeira enquanto se dirigia para a frente da loja. Madge, a recepcionista de sessenta e três anos que elas haviam escolhido como uma propaganda sobre a beleza da idade, empurrou os papéis enquanto observava o drama.

Faíscas podiam ser sentidas no ar.

Juliette olhou para Tia como se estivesse se preparando para um duelo. Elas nunca estiveram tão perto assim. Juliette agarrou seus próprios braços com tanta força que chegava a doer. Tia parecia tão jovem, parecia ter menos de vinte e nove anos. Era doze anos mais nova do que Juliette. Arrancar aquela informação de Nathan foi como tirar água de pedra.

“Por que isso importa?”, perguntara ele.

“Importa”, respondera Juliette.

Parecia ser uma geração de diferença.

As roupas de Tia pareciam baratas. Sua camiseta preta era decotada demais, quase mostrando o sutiã. Seus jeans estavam fora de moda.

E ela era bonita, apesar de seu visual esquisito. Bonita no estilo “não estou nem aí”. Seus enormes olhos castanhos, da cor do solo úmido, eram profundos. Aqueles eram os olhos nos quais Nathan havia se perdido.

Uma cintura tão fina! Um bebê havia crescido ali dentro?

Tia também a observava. A julgar pelos olhares intensos das clientes que estavam na sala de espera, a tensão entre as duas parecia evidente. Madge continuou a fingir que não estava olhando, embora memorizasse cada movimento para contar tudo aos outros funcionários mais tarde. Podia não saber exatamente o que estava acontecendo, mas havia tensão suficiente no ar para deixar a recepcionista alerta e assumir seu posto de colunista de revista de fofoca.

Finalmente, Gwynne chegou.

– Juliette. Talvez você devesse levar sua... a pessoa que está te esperando para o seu escritório. – Ela apertou delicadamente o cotovelo de Juliette. – Eu levo café para vocês.

Gwynne queria deixar claro para Juliette que iria ver como estavam. Será que achou que elas iam acabar no chão, puxando o cabelo uma da outra e se estapeando?

Juliette balançou a cabeça.

– Por que você não vem comigo? – Ela se virou de costas, querendo morder as palavras.

As duas andaram em silêncio pelo corredor até chegar ao escritório de Juliette. Ela fez um gesto para Tia entrar e então a seguiu. Indicou a cadeira à frente de sua mesa. Juliette não tinha planos de se sentar no mesmo sofá que ela, ou nas duas poltronas acolchoadas que ficavam perto da janela. Não. Ela colocaria Tia sentada na cadeira de madeira reservada para funcionários problemáticos.

– Como posso te ajudar? – perguntou Juliette com uma expressão cadavérica.

– Acho que a pergunta é diferente – devolveu Tia. – O que é que você acha que eu posso fazer por você?

– Não sei o que você quer dizer. – A voz do sogro de Juliette martelava em sua cabeça. Nos negócios, faça o oponente dar o preço antes. E assim era o seu casamento.

– Ah, por favor. – A risada nervosa de Tia deixou Juliette com vontade de jogar a caixa de clips diretamente na cabeça dela. – Tenho certeza de que você sabe o que eu quero dizer.

Juliette pegou a xícara de café vazia e fingiu dar um gole.

– Na verdade, não sei.

– Honor – disse Tia. – Minha filha. Qual é o seu interesse nela? Por que você mandou Nathan falar comigo?

– Mandeí Nathan?

– Você sabe que ele veio atrás de mim, não é?

Juliette torceu para que a alça da caneca não quebrasse em sua mão.

– Claro que sei – mentiu ela. – Mas por que você acha que fui eu que mandei ele atrás de você?

– Juliette quer vê-la. Foi isso o que Nathan disse, que você queria ver minha filha. Por quê?

Aquele imbecil. Ele não havia contado a ela que tinha falado com Tia, muito menos que tinha ido se encontrar com ela. Por que guardou esse segredo?

Juliette imaginou o motivo.

– Na verdade, não devo nenhuma explicação a você – disse Juliette. – Não faço a menor ideia do motivo de você vir até aqui ou do que você esperava.

– Quero que você fique longe da minha filha. – Tia cruzou as mãos no colo como se estivesse na escola.

– Quero que você fique longe do meu marido.

– Não estou planejando ficar com Nathan. – Tia segurou os braços da cadeira, parecia que ela estava prestes a se levantar. – Vim até aqui para lhe dizer que você não tem nenhum direito em relação à minha filha. Você não tem nada a ver com isso. Nenhum de vocês tem nada a ver com isso. Deixe-a em paz.

– Você a deu para adoção.

– Encontrei bons pais para ela – disse Tia. – Ótimos pais. Penso nela todos os dias. Nathan nunca fez nada por ela. Ele nem sequer a conheceu.

Juliette fechou os olhos pedindo que Tia desaparecesse.

– Você achou que poderia simplesmente ir atrás da minha filha sem ao menos me contar? Deixe-a em paz!



Juliette abriu os olhos.

– Sua filha? Você sabe qual é sua comida preferida, que livro ela gosta de ler antes de dormir? Você sabe de que cor ela gosta?

Tia mordeu os lábios, parecia que ia cair no choro.

– Você acha que me conhece, não é?

Juliette não queria sentir a tristeza de Tia tomando conta dela.

– Ela é filha de Nathan. Isso faz com que eu esteja relacionada a ela.

– Por favor, deixe-a em paz.

Tia parecia tão amedrontada. Juliette tentou manter sua invulnerabilidade. Esta era a mulher que havia acabado com sua vida.

– Não posso prometer isso.

Tia levantou-se para ir embora. Caminhou, mas quando chegou à porta, com a mão na fechadura, virou-se para Juliette mais uma vez.

– Sabe, ele me beijou. Nathan me beijou. Por que você acha que ele fez isso?



Juliette ligou para Nathan assim que Tia foi embora. Segundos mais tarde os dois começaram a brigar. Era uma guerra de um lado só. Enquanto Juliette gritava, Nathan apenas murmurava “uh-huh” ao telefone, supostamente porque estava andando pelo *campus* e não queria que alguém ouvisse o que tinha a dizer. Juliette acreditava naquela desculpa tanto quanto acreditava em qualquer outra coisa que ele dissesse.

– Juro por Deus, Jules, fiz isso por nós. Para a nossa proteção.

– Não podemos ter segredos.

– Você acha que eu não sei disso? Mas eu precisava descobrir os fatos. Eu pretendia te contar. Juro que pretendia.

Quando Juliette chegou em casa, Nathan estava lá, mas, claro, os meninos também estavam.

Eles jantaram. Depois, Nathan abriu a correspondência e pagou contas. Juliette respondeu e-mails e limpou a cozinha. E então os dois colocaram os meninos para dormir. Finalmente, se encontraram sozinhos na sala de TV. Nathan sentado na poltrona, Juliette no sofá. Ela deixou de lado a revista que segurava e virou-se para Nathan. Ele segurava o controle remoto, pronto para ligar a televisão.

– Você a beijou. – A TV continuou desligada. – Eu não acredito que você a beijou.

– Beije? Dei um beijinho na bochecha dela, Jules. – Ele se inclinou e encostou em sua mão. – Não significou nada. Foi apenas um cumprimento.

Juliette se afastou.

– Por que você não me contou que tinha ido visitá-la?

– Não fui à casa dela; nós nos encontramos em uma cafeteria.

– Onde?

– Que diferença isso faz?

– Que diferença faz me contar? Por que você não pode simplesmente me responder em vez de repetir minhas perguntas?

– Quincy, fomos para o Quincy.

– Por que você não queria que ninguém te visse?

– Querida, fale baixo. Você quer que os garotos escutem?

Juliette pegou uma almofada e colocou-a sobre o estômago, apertando-o com muita força.

– Você é um idiota – sussurrou ela. – Quincy? É o oposto de conveniente.

Nathan continuou em silêncio. Ele parecia doente.

– Por acaso o Quincy era um de seus redutos antigos?

Ele colocou o controle remoto de lado.

– Querida, você me disse que devíamos conhecer Honor.

– Savannah. Este é o nome dela. – Juliette controlou-se para não gritar, para

não chorar. – Eu disse que devíamos nos encontrar com a criança, não com aquela mulher.

– E eu deveria ir até Dover e pedir para ver a menina? Nunca tive nenhum contato com eles.

– Não foi você quem deu a criança, foi ela.

– Na verdade, eu dei. – Nathan parecia miserável, e aquilo deixava o coração de Juliette apertado. – Quando me afastei de Tia sem dizer uma palavra, eu me afastei do bebê.

Juliette fechou os olhos ao ouvi-lo dizer o nome dela. E continuou com a cabeça abaixada para que Nathan não pudesse ver seu rosto.

– Eu pedi a ela que se livrasse do bebê – contou Nathan.

O rosto de Savannah, tão parecido com o de Max, apareceu na frente dela.

– Pedi a ela que fizesse um aborto – acrescentou Nathan, como se suas palavras já não tivessem sido bem claras.

Não parecia possível ter dois pensamentos tão diferentes em sua cabeça: horror à ideia de que aquela garotinha simplesmente poderia não existir e um desejo retroativo e desesperançoso de que o aborto tivesse sido feito.

– Não podia ir atrás da criança, embora você achasse que isso devia acontecer, sem dizer nada a Tia. Não teria sido justo. Você consegue entender isso, não é?

– Você mal consegue ouvir o que está dizendo, não é? Quem você pensa que eu sou? – Ela se levantou e ficou andando em círculos. – Não sou sua mãe, cheia de amor e simpatia.

– Você é uma boa mulher. Eu sei disso. Se não por que você teria tido a ideia de conhecer Honor?

– Savannah! – murmurou Juliette. – Savannah, Savannah, Savannah.

– Savannah – repetiu ele. – Eu amo você, Jules.

– Prometa que você nunca mais vai vê-la. Nunca mais.

– Como posso prometer isso e também conhecer Hon... Savannah, como você

quer?

– Ela deu a menina. – Juliette pronunciou uma sílaba de cada vez. – Ela não tem nenhum direito legal. As únicas pessoas com quem precisamos falar são os pais de Savannah. Seus pais adotivos.

– Querer uma coisa não a torna verdadeira. Goste disso ou não, Tia deu à luz a ela.

– E então a entregou para a adoção. Você não entende?

– Você não entende? – O tom paciente de Nathan havia desaparecido. – Ela deu a criança para adoção por minha causa, porque eu a abandonei.

– É isso o que você pensa? Que sua namorada frágil foi forçada a fazer isso? Por acaso você tirou a criança dos braços dela?

Juliette aproximou-se de Nathan, inclinou-se e segurou os braços da cadeira onde ele estava sentado.

– O que você acha que eu teria feito se estivesse grávida e você me mandasse tirar o bebê? Se você me dissesse: “Eu não quero nada com você”? Acha que eu teria abortado o Max? Teria dado o Lucas para adoção?

– Isso é tão diferente. Você está comparando duas circunstâncias totalmente diferentes.

– Não, Nathan. Existem princípios, e esse é o meu. Nada, nada teria me levado a desistir dos meus filhos.

Nathan olhou para cima. Ele sacudiu a cabeça.

– Com ela é diferente.

– Não acredito que você está do lado dela.

– Não existem lados. É uma situação simples – disse Nathan, o racional. – Uma situação horrível.

– Aparentemente é uma situação na qual você pode ir para qualquer lugar, enquanto eu só posso ter acesso a você. Ah, a não ser quando a sua namorada apareça no meu escritório.

– Ela está assustada. Acha que estamos tramando contra ela.

– E por que não deveríamos fazer isso? – Juliette cerrou os pulsos. – Ela dormiu com um homem casado. Deu seu bebê para adoção. Eu não devo nada a ela.

– Sinto muito. Acho que eu não penso assim – retrucou Nathan. – Isso não parece justo. Sei que fui péssimo. Fiz uma coisa terrível com você. Mas, Jules, também fiz uma coisa terrível com ela.

Nathan ficou em pé e ela viu arrependimento e ânsia em seus olhos. Uma tristeza melancólica por alguém que não era Juliette.

## CAPÍTULO 25

### *Nathan*

Nathan ficou olhando para a esposa, esperando e desejando que ela se acalmasse, sabendo que estava pedindo um milagre, uma segunda rodada de absolvição.

– Saia daqui. – Juliette falou tão baixo que Nathan quase não percebeu que ela estava falando. – Quero que você saia daqui. Vá embora.

– Vá embora? – Nathan fingiu não entender. As coisas estavam acontecendo rápido demais para ele entender, para ele poder cuidar das necessidades de todos. Sentiu como se fosse um João-bobo, pendendo para um lado e para o outro enquanto todos desejavam derrubá-lo no chão.

Juliette inclinou a cabeça para o lado e o observou. Seus olhos estavam cheios de mágoa e raiva. Ele desejou, pela milionésima vez, poder apagar tudo o que havia feito de errado.

– Nathan, é tarde demais para joguinhos.

– Eu amo você, Jules. Você sabe disso.

Ela olhou para os olhos dele.

– Você me ama, você me ama. Eu sei que você me ama. Mas essa não é a questão. Eu não sei o que pensar sobre você. Você a está defendendo e pedindo que eu entenda. Será que você consegue entender o que está me machucando? Mesmo depois de tudo, você fez de novo. Você... a sua omissão está me deixando de lado. Mais uma vez, eu sou a estranha.

Ele observou a mulher tremendo à sua frente. Sem dizer uma palavra, ela andou em direção ao quarto, e Nathan a seguiu. Ainda em silêncio, ela olhou para os lados como se estivesse procurando a resposta em algum lugar. E então foi até a porta e a fechou em silêncio, mas com raiva, fazendo Nathan entender que a vontade dela era bater a porta com tanta força que fizesse o teto tremer.

– Não quero que as crianças escutem.

Ele se levantou e chegou perto dela quando ela soltou a maçaneta.

– Jules, escute. Você não é a estranha. Ah, céus, nunca foi. Mas preciso fazer as coisas da maneira certa com ela antes de resolvermos isso.

Nathan chegou perto dela e tocou em seu ombro.

Ela o afastou.

– Não.

– Achei que estivéssemos juntos nisso.

– Se estivéssemos juntos nisso, você não teria ido até lá sem me contar. Você tem um relacionamento com ela e o que fez acabou de provar isso. – Juliette pegou uma camisola e abriu a porta do banheiro.

– Por favor, não faça isso. – Ele ficou imaginando o que ele mesmo quis dizer com aquelas palavras. Não fazer o quê? Será que ele quis dizer “Não me deixe? Não se afaste?”. Parecia haver um milhão de coisas que Nathan não queria que ela fizesse. Juliette nunca se trocava no banheiro, sempre permitindo que ele a observasse se vestir, um prazer silencioso.

Ela não fingia não entender.

– Não posso mais dividir você.

– Por favor, Jules. Não vamos exagerar no drama. Um beijo? Meu Deus, nem foi um beijo. Estávamos falando de amizade, do passado. Ela só passou para você o ponto de vista dela.

– Não me fale sobre exagerar no drama. Dela? Ela? Por que não dizer o nome da sua amada? – Juliette trouxe a camisola para perto do peito. – Tia Adagio. A madre Teresa dos amantes.

– Ela não é minha amante, Juliette.

– Ouça o que você está falando! Tão indignado.

– Isso aconteceu há milhões de anos.

– Seis. Seis anos atrás. – Juliette apertou a camisola entre as mãos. – Se vocês tivessem terminado... se você e aquela garota... aquela mulher... se vocês realmente tivessem terminado, não mentiria para mim sobre ter se encontrado

com ela.

– Eu não menti.

– Mas você não me contou, Nathan. – Ela começou a chorar. – Você não me contou!

Ele não sabia o que dizer. Suas lágrimas, tão raras, o silenciaram. Ela estava certa. Ele não havia contado.

Juliette se jogou na cama. As lágrimas escorriam de seus olhos e molhavam a colcha. Nathan deitou-se ao seu lado. Ele tocou sua cintura e, desta vez, ela não o afastou, então, ele se inclinou e a beijou para tentar fazê-la parar de chorar.

Nathan amava Juliette. E detestava magoá-la.

Sua pele estava, como sempre, macia, quente e gostosa sob seus dedos. Não havia um momento que não a desejasse. Era isso que ela não entendia. Ele precisava fazê-la entender que eles eram dois lados da mesma moeda. Tinham uma ligação por causa dos filhos, do amor e dos anos que passaram juntos.

Ele havia visto essa mulher dar à luz aos seus filhos.

Ele beijou seus lábios salgados.

E desabotoou a camisa.

O calor cresceu, o amor cresceu, esta mulher que ele amava. Da melhor maneira. Da maneira certa.

Ele beijou seu pescoço.

Ela o empurrou.

– Não me toque. Vá dormir no quarto de hóspedes. No seu escritório. Na grama! Não me importo onde você durma, desde que não seja aqui. – Ela dobrou as pernas e abraçou os joelhos. – Quero você fora daqui amanhã.



Nathan tossiu enquanto se preparava para arruinar a vida dos filhos. Os meninos estavam sentados à frente dele na mesa rosa e laranja do Dunkin Donuts. Ele havia implorado para Juliette reconsiderar.



“Como podemos fazer isso com os meninos?”, havia perguntado para ela.

“Não fiz isso com os meninos”, respondeu ela. “Você fez.”

– Max, Lucas, vou precisar ficar longe por um tempo. – Nathan já havia ensaiado essa conversa, tentando encontrar as melhores palavras, mas, no fim, não podia fazer mais nada além de simplesmente dizer tudo de uma vez.

Max arregalou os olhos. Lucas apertou o bolinho com mais força até que ele se espatifou entre seus dedos.

– Você vai embora? – A voz de Max falhou. – Você vai nos deixar? Vai deixar a mamãe? Vocês vão se divorciar?

Por que Nathan havia escolhido este lugar ridículo? Não podia ter escolhido um lugar pior? As pessoas se apertavam por todos os lados, e, mesmo que não conhecesse ninguém, eles reconheciam os meninos ou ele. Futebol. Liga mirim. Cidade. A notícia se espalharia. E se Max chorasse?

Droga!

Nathan ainda não conseguia acreditar que Juliette realmente havia feito aquilo, que o havia mandado sair de casa.

“Você deve contar a eles”, dissera ela. “Foi você quem provocou isso.”

Nathan olhou para a fileira de besteiras à frente deles. Grandes bebidas com creme, chocolate e cafeína competiam por espaço com donuts açucarados e bolos gigantes encharcados de manteiga. Ou gordura. Sem Juliette cuidando dele, provavelmente morreria de ataque cardíaco em um ano.

– Não, não, não estamos nos divorciando. É só um tempo – disse Nathan. – Só um tempo.

– Besteira. Desde quando as famílias dão um tempo? – perguntou Lucas.

– Por que você precisa de um tempo? De quanto tempo? – Max roía as unhas.  
– Para onde você vai? Por quê, papai?

Nathan sentiu o peito apertado ao ouvir Max chamá-lo de papai, uma palavra que ele não usava há anos.

– A mamãe está mandando você sair, não é? – perguntou Lucas. – Ela está parecendo uma louca ultimamente.

“E não se atreva a me culpar por isso”, Juliette tinha avisado. “Se você quiser mentir, minta. Você faz isso muito bem.”

– O problema não é a mamãe. Às vezes, precisamos de um pouco de espaço. É, Lucas, é besteira. Não tenho mais nada a dizer.

– Espaço? – soltou Lucas. – É esse o problema? Espaço? Você é um idiota!

Nathan pensou em falar com Lucas sobre palavrões; nenhum dos meninos jamais havia usado uma palavra daquela contra ele.

– Eu sei que você está bravo, Lucas, mas isso não lhe dá o direito de me xingar.

– Idiota! – repetiu Lucas.

– Não estou entendendo – disse Max.

– Então, se Max e eu dissermos que precisamos de espaço, é só irmos embora? – Lucas bateu a palma da mão em cima da mesa. O casal de idosos ao lado olhou para eles. Nathan sorriu, desculpando-se. Seu sorriso dizia: “Vocês sabem como são os meninos”.

– Sua mãe e eu estamos casados há bastante tempo. Às vezes, em situações como essas, as pessoas precisam de um tempo para respirar.

– Você precisa de um “tempo” longe da mamãe? – Lucas fez um sinal de aspas no ar. – Isso só está ficando melhor.

– Não preciso de um tempo longe da mamãe.

– Então, precisa ficar um tempo longe de quem? De nós? – Lucas tirou o cabelo dos olhos. Nathan percebeu o quanto Lucas estava forte, quase um homem. Ele não queria deixar os filhos.

– Não, não. Nunca vou precisar de um tempo longe de vocês – disse ele.

– O que sobrou? A casa? Você quer ficar um tempo longe da casa? Do quintal? Do carro? Da garagem? Que merda é essa, pai? – Lucas estava chorando. Ele havia se preocupado com a reação de Max, mas não com a de Lucas. Como podia ter feito isso com o seu garoto?

– Vamos lá, meninos. Vamos embora. – Nathan se levantou. Ele se inclinou na direção de Lucas, colocando um braço em volta de seus ombros. Lucas se

levantou, afastando-se de Nathan e encolhendo os ombros com desprezo. Max ficou perto do irmão.

Nathan levou os filhos para o lado de fora. Ao sentir o ar quente, ele não fazia a menor ideia de onde ir, do que dizer. É, meninos, preciso ficar longe daquela velha garagem. O quintal e eu precisamos de um tempo.

Lucas estava certo. Ele era um idiota.



Uma semana depois e Nathan estava morando em um hotel. Detestava isso. Sentia como se todos os funcionários do hotel o julgassem sempre que entrava ou saía dali. Como se soubessem que estava hospedado no Royal Sonesta porque havia fracassado com a esposa.

Sentindo como se os olhos da mãe estivessem observando-o, ele limpou o quarto para a faxineira, para que ela não pensasse que era um bobão folgado. Não queria dificultar ainda mais o trabalho dela deixando pasta de dente na pia. Agora, mesmo sendo noite, quando nenhuma faxineira viria, Nathan andava por todos os lados colocando sua roupa suja em uma sacola. Tarefas que ele fazia para ter menos um minuto sem fazer nada.

Já passava das sete. Tia esperava por ele às sete e meia e o hotel Cambridge ficava a pelo menos meia hora do apartamento dela. Ele pegou as chaves do carro no armário de vidro na recepção.

Na última vez em que esteve em um hotel sem Juliette, tinha estado com Tia. Foi a primeira vez em que dormiram juntos. Nathan e Tia saíram de Waltham e viajaram de carro por uma hora para ficar o mais longe possível de olhos curiosos. Foram a um hotel anônimo construído para executivos e turistas.

Eles se agarraram assim que a porta se fechou. Quem dissesse que a primeira vez não foi boa, não tinha mencionado as partes que foram ótimas. Talvez ele tivesse sido rápido demais, e talvez tivessem sido desajeitados, seus corpos batiam um contra o outro, mas o desejo frenético ofuscava os momentos estranhos.

O corpo de Tia o havia impressionado, todo musculoso. Ter tudo aquilo e depois ir para casa e encontrar a exuberância de Juliette era uma confusão de riquezas.

Não havia nada que justificasse o seu caso com Tia, mas ele tinha sido bom,

ótimo, e ele havia decidido não negar isso. Quando conheceu Tia, há seis anos, Lucas tinha nove e Max quatro. A vida havia se tornado uma sessão de tarefas se acumulando sobre tarefas, em casa, no trabalho. Até mesmo as visitas à casa de seus pais eram cheias de malas capazes de abastecer dois países pequenos, e seus pais gostavam de mostrar seu entusiasmo em forma de adoração, dando mais coisas a eles – brinquedos, livros, roupas. E Juliette e ele voltavam para casa espremidos dentro do carro.

Não que ele tenha dormido com Tia porque seus pais davam muitas coisas para as crianças. Esse pensamento o fez parecer terrível. Mas ele tinha a sensação de que estava à beira de conquistar o mundo: casado com a deslumbrante Juliette, professor prestigiado, publicava seus trabalhos, mas, ao mesmo tempo, passava os fins de semana lavando roupa e seguindo Max e Lucas pelo parquinho enquanto Juliette tentava colocar em ordem o trabalho que não conseguia fazer durante a semana.

Não que a culpasse por isso. Mas seu pai continuou sendo o centro do mundo para sua mãe, mesmo depois de ela ter aberto espaço no pedestal para Nathan, e ele achava que seu casamento seria assim.

Com Tia, ele não era o papai que, secretamente, estava cansado de ler livros infantis premiados para Max e Harry Potter para Lucas, e também não era o marido cansado de lavar louça depois dos jantares preparados por Juliette. Havia se tornado bonito, inteligente e excitante. A adoração da jovem tornou-se um vício. Ele se apaixonou pela paixão que ela sentia por ele.

Isso o deixava doente, mas se Nathan pensasse no passado de maneira verdadeira, perceberia que as duas eram apaixonadas por ele.

Agora, depois de trabalhar o máximo de horas possível, passava o tempo no shopping em frente ao hotel. Vagava de uma loja para outra: da Sears para a Yankee Candle, para a Swarovski, procurando por uma loja que vendesse algo que fizesse Juliette ficar feliz. Que fizesse com que ela falasse com ele. Se comprasse para ela um frasco de cristal, será que um gênio sairia dele e lhe daria o perdão?

Então, voltava para o quarto do hotel e ligava para Juliette implorando que o deixasse voltar para casa. E todas as noites ela lhe dava um ultimato.

- Acerte as coisas com Tia para que nunca mais precisemos ter notícia dela.
- Descubra se você a ama.

– Me convença, Nathan. Me convença de que realmente acabou.

Mas ela não lhe dava nenhuma pista do que ele deveria fazer para que essas coisas acontecessem.

Por fim, ele ligou para Tia.



– Você aqui. – As duas palavras que Tia usou para cumprimentá-lo pareciam cautelosas. Ela estava na porta do apartamento com os braços cruzados sobre seu pequeno peito.

– Vai me deixar entrar? – perguntou Nathan.

Ela deu um meio sorriso torto e um passo para o lado, apenas o suficiente para que ele passasse. Ele sentiu o cheiro fresco do banho, mas não conhecia aquele perfume. Um sabonete diferente, algo que lembrava o limão, não o perfume floral no qual ele uma vez se perdera.

Seu cabelo espetado, mais curto do que antes. Quando estavam juntos, o cabelo dela quase preto deixava seu pescoço vulnerável. Ela usava apenas batom vermelho, e nada mais. Agora, as cores preta e azul rodeavam seus olhos. Seu corpo firme, antes envolvido em seda, parecia magro com uma blusa preta e jeans.

– Por que você está aqui? – perguntou ela.

– Podemos nos sentar?

– Não sei. Você veio aqui porque ela mandou?

– Não.

Ela deu um passo para o lado. Ele entrou na sala e se sentou em uma cadeira. Tia o seguiu, sua ansiedade era evidente na maneira como punha os ombros para a frente.

– Podemos só conversar? – perguntou ele. – Sem papo furado?

Ela se sentou no sofá e cruzou as pernas.

– Estou esperando alguém – disse Tia. – Não temos muito tempo.

– Quem? – Nathan se arrependeu imediatamente de seu tom enciumado.

– Quem? – Seu doce sorriso o fez se lembrar como ele se importava com ela; uma vulnerabilidade que ele não podia ter.

– Não tenho nada com isso, me desculpe.

Tia deveria odiá-lo. Isso facilitaria tudo para os dois. Ele não podia fazer nada pior do que cuidar dela.

– Admito que fui um covarde. – Nathan escolheu as palavras com cuidado, tentando não mencionar Juliette e ainda assim incluir tudo o que a mulher havia exigido para que ele pudesse voltar para ela. – Não mereço nada, nem a menor consideração. Tendo dito isso, precisamos conversar sobre... tudo.

Ele formou suas perguntas cuidadosamente para não deixar Tia irritada. E respirou fundo, tentando falar como uma pessoa normal.

– O que está acontecendo com você?

– Conheci uma pessoa. – Ela se inclinou para a frente. – Acho que é sério. Contei a ele sobre Honor.

– Você contou a ele sobre nós?

– Contei a ele sobre você. Não existe “nós”...

– O que você falou sobre mim?

Ela se encostou no sofá.

– Pelo amor de Deus, para que você quer saber? De qualquer maneira, ele queria saber sobre Honor, não sobre você.

– Como ele é?

– É um homem bom.

– Que bom. Fico feliz. – Ele estava feliz – O que ele acha sobre você ter uma filha?

– Não vê nada de errado com relação a isso.

E claramente Tia quis acrescentar: “diferentemente de você”.

– Eu quero vê-la – disse ele.

– Acho que não me importo mais com o que você quer – disse ela, apertando os lábios com muita força para que ele acreditasse nela.

– O meu nome está na sua certidão de nascimento? – perguntou ele.

Ela não disse nada.

– Está? – perguntou ele de novo.

– Cuide disso para mim, Tia. Isso foi tudo o que você me ofereceu. E agora você precisa de mim? Não tenho nada para te oferecer.

– Então, por que você me deixou vir até aqui?

– Não sei. – Ela o olhou com aquele olhar investigativo que ele detestava quando estavam juntos, um olhar que significava: “E nós? Você me ama o suficiente? Você me deseja o suficiente? Você vai cuidar de mim?”

Nathan não desviou o olhar. Não deveria descobrir isso? Afinal, Juliette havia feito a pergunta: “Você a ama? Ela ama você?”.

Será que ele a tinha amado um dia? Ela havia aparecido na vida dele, vinte e quatro anos de idade e de um mundo diferente, exótica, sexy e entusiasmada para trabalhar em sua pesquisa. Nunca pensou em dormir com ela. Quando dormiu, sua única desculpa tinha sido o desejo. Ela o deixava louco. Quando Tia se apaixonou por ele, ele tentou se convencer de que estava apaixonado por ela, não apenas louco pela luxúria. Isso fazia com que se sentisse menos desgostoso por suas escolhas.

– Como faço para encontrar minha filha? – perguntou Nathan. – Por favor, como faço para encontrar os pais?

“Vá atrás dela”, tinha falado Juliette.

“Como?”, ele perguntara.

“Descubra como convencê-la sem contar com a minha ajuda.” Juliette insistira para que ele encontrasse a filha, mas se recusara a dar a ele a informação para que completasse sua missão.

Nathan não sabia por onde começar. Será que deveria descobrir o número do telefone deles, ligar do nada, ir até lá e exigir conhecer a filha?

– Pergunte para a sua esposa – disse Tia.

Nathan não conseguia entender o que ela queria dizer com aquilo. Ela parecia chateada. Ele foi até o sofá, sentou-se ao lado dela e segurou sua mão.

– Por favor, não vamos mais fazer joguinhos.

Ela tirou a mão das dele.

– Acho que você deve ir embora. – Ela virou a cabeça, mas ele ouviu a tristeza em suas palavras.

– Tia, sinto muito. – Nathan se aproximou. – Sinto muito por tudo.



## CAPÍTULO 26

### *Caroline*

Caroline fechou a maleta, empurrando-a para baixo para conseguir travá-la. Tinha uns dez periódicos para ler quando chegasse em casa, além de um arquivo cheio de memorandos e, mais importante de tudo, precisava olhar suas anotações para a apresentação que faria: “Os efeitos de quimioterapia combinada com a terapia focal no retinoblastoma intraocular para evitar a enucleação e a radioterapia.” Só o título já fazia com que se sentisse exausta. Poderia se sentar no escritório e fechar os olhos, mas prometera a Savannah que chegaria em casa no horário e queria cumprir a promessa.

Seu telefone tocou no momento em que terminou de arrumar a pilha de papéis para o dia seguinte. O nome de Jonah apareceu no identificador de chamadas, uma ligação indesejável. Depois de um momento de hesitação, ela atendeu ao telefone. Não tinha respondido o e-mail dele. E nem se lembrava de ter dado a ele o número de seu telefone, mas sabia que encontrá-la no hospital não era uma missão difícil.

– Jonah – cumprimentou-o Caroline falando seu nome.

– Surpresa? – Jonah ficou em silêncio. Caroline ouviu-o engolir.

– Estou.

– Gostaria de ver você.

– Você está bebendo? – perguntou Caroline.

– Um pouco. Apenas o suficiente.

– O suficiente para quê?

– Apenas o suficiente para ligar para você e dizer o quanto tenho pensado em você – murmurou ele.

Caroline pensou em desligar o telefone.

– Jonah? Isso nunca vai acontecer.

– Percebo que você está infeliz. Assim como eu. Talvez possamos ajudar um ao outro.

– Jonah, vá atrás da sua mulher.



Caroline chegou em casa com um estado de espírito positivo, sua exaustão havia se dispersado, estava determinada que Peter e ela conseguiriam resolver as coisas. O estresse trazia aquelas ideias malucas, como a ideia de deixar o emprego. Talvez precisassem tirar férias em família.

A casa cheirava a limão e ao que Rose e Savannah haviam passado a tarde cozinhando. Biscoitos de aveia?

A casa silenciosa não dava nenhuma pista do paradeiro de sua filha. Olhou na sala de brinquedos, na cozinha – já limpa, e ela estava certa sobre os biscoitos de aveia –, no quarto da garota. Todos vazios. Mastigando um biscoito que havia pego no prato florido em cima do balcão, ela foi para o quintal.

– Mamãe! – Savannah saiu correndo da caixa de areia. – Você encontrou os biscoitos! Fomos nós que fizemos.

Caroline se afastou das mãos sujas de areia de Savannah, beijando seu cabelo suado, preso num rabo de cavalo, mas quase todo já solto.

– Estão deliciosos. Bom trabalho.

– O que vamos ter para o jantar? – perguntou Savannah.

– Biscoitos e leite?

– Sério? – Os olhos da menina brilharam com a ideia.

Brincando, Caroline beliscou o nariz dela.

– Não. Vou lá dentro me trocar. Rose, o Peter ligou? – perguntou ela

Rose olhou para cima com um olhar irritante que vinha usando ultimamente de quem sabia o que estava acontecendo entre Caroline e Peter.

– Ele vai chegar logo – respondeu a babá. Talvez ela tenha sentido a presença de Jonah.

Caroline olhou para ela. *Pare de sorrir. Não aconteceu nada.* Mas algo tinha acontecido. Ela quase considerou a ideia de encontrar Jonah. Quanta culpa alguém deve carregar por quase encontrar outra pessoa! Imaginou Peter falando com outra mulher. Enviando e-mails. Contando coisas sobre sua vida. Indo tão longe e depois parando.

Será que ela iria se orgulhar dele por ele parar ou iria condená-lo por ter se atrevido a dar um minúsculo passo?

Iria condená-lo.

– Savannah, por que não pensamos em alguma bobagem para o jantar? – disse Caroline.

– Sim, mãe! – Savannah a abraçou apertado. Caroline colocou o pequeno rosto da filha em suas mãos, virou-o e o encheu de beijos. A garota adorava aqueles beijinhos.

Uma hora depois, Caroline já estava arrependida amargamente por ter pensado em fazer graça no jantar. Cozinhar nunca era engraçado. Talvez ela simplesmente não fosse uma pessoa engraçada, ponto final.

Enquanto enrolava outra almôndega, ela se lembrou da mãe ensinando a ela e às irmãs como preparar jantares. Até Caroline sair daquele time, havia sido forçada a participar das agonizantes aulas de culinária uma vez por semana.

– Podemos fazer carinhas sorridentes nas almôndegas? Como o papai faz? – As mãos de Savannah estavam escorregadias por causa da gordura da carne crua, assim como as dela. Caroline controlou a vontade de lavar a mão da menina, jogar toda aquela sujeira no lixo e comer apenas uma salada. Eis o que queria de verdade nesta noite: salada verde, com fatias de maçã, salpicada com uvas passas e nozes.

Caroline arrumou a última almôndega que se sentiu capaz de enrolar e correu para a pia. Jogou detergente de limão nas mãos e então as colocou sob a água quente – muito quente.

– Venha aqui, Savannah. Vamos lavar suas mãos.

– Ainda não, mãe. Quero fazer cobrinhas com as almôndegas.

– Não. Está na hora de colocar tudo no forno. Papai vai chegar logo. Precisamos assar as almôndegas antes de colocá-las na tigela do espaguete.

– Não. Quero colocar cobrinhas na tigela. – Savannah fez um bico para expressar sua teimosia. – O espaguete vai ser as minhocas, e as almôndegas vão ser as cobras. Menos as redondas, que vão ser as larvas.

– Querida, por que quer colocar larvas na sua comida?

Savannah se encolheu.

– Você disse que podíamos fazer uma besteira para o jantar, mamãe.

– Mas não disse para fazermos nada nojento. Larvas são coisas desagradáveis.

– Mas são engraçadas. Estavam em um livro.

– Não, não são engraçadas. São feias – reforçou Caroline. – E não vamos fazê-las. Deixe a carne aí e venha até aqui para eu lavar as suas mãos. Agora.

– Não. Vou fazer as larvas. Você prometeu.

Caroline bateu o pote na beirada da pia.

– Meu Deus, Savannah. Não prometi que você poderia fazer larvas.

– Você prometeu que ia ser divertido!

– Venha até aqui, já!

– Não!

– Eu disse já!

Savannah levantou o prato cheio de almôndegas e segurou-o perto de seu peito como se Caroline estivesse prestes a tirá-lo dela.

– Isso é nojento, Savannah. Coloque o prato no balcão.

– Não. Não é nojento. – Savannah agarrou o prato mais perto do peito, voltando para a cadeira em que estava em pé, até que tropeçou nela. Caiu, ainda segurando a tigela, e as almôndegas se espalharam pelo chão de madeira. – Eu quero as bobagens do jantar – soluçou ela.

– Mas que diabos? – Peter entrou, colocou a pasta no chão e correu até o lugar em que Savannah estava deitada. – Querida, o que aconteceu?

– A mamãe não queria que eu fizesse larvas com as almôndegas.

Peter parecia estar se segurando para não rir. Caroline queria matá-lo.

– Venha aqui, princesa. – Ele pegou a filha no colo, sem se importar com o terno, a camisa branca e a gravata de seda, e beijou suas bochechas sujas. – Que tal limpamos você e então pedirmos uma pizza?



Peter entrou na sala de estudos sorrindo e parecendo contente.

– Ela está dormindo. Precisei ler três livros, mas finalmente adormeceu.

– Sou uma péssima mãe – disse Caroline.

– Do que você está falando? – Peter se sentou ao lado dela no sofá, tirando o jornal de suas mãos. – Querida, toda mãe briga com as crianças de vez em quando. Não sei como os assistentes sociais nunca apareceram na minha casa quando eu era criança. Você devia ter visto o pobre do meu pai tentando interferir quando minha mãe ficava louca.

– Não. Isso é diferente. Não estou falando sobre perder a paciência. Não sou uma boa mãe. – Caroline enfatizou cada palavra que disse. – Sempre, não só hoje à noite.

Peter colocou as mãos em seus ombros e apertou-os.

– Do que você está falando? Você é uma ótima mãe.

– Ouça o que eu digo. Essa sou eu. Essa é a mulher que você pediu que ficasse em casa com sua filha o tempo todo. – Caroline se afastou. – Olhe para mim. Não suporto me sujar. Acho tão chato brincar com ela que eu poderia jogar uma das bonecas dela na parede. Não quero fazer biscoitos. Não quero levá-la para brincar, e não suporto ler “Adoção é para sempre” mais uma vez.

– Carol, se você passasse um tempo com outras mães veria que isso é normal. Você devia ouvir minhas irmãs.

Caroline tentou conter as palavras que já saíam de sua boca, prontas para estrangular Peter e Savannah, mas não conseguiu. Não as conteve.

– Peter, eu me sinto como se estivesse ficando louca quando estou com ela. Ela me chateia. Você está ouvindo o que eu estou dizendo? Ser mãe me

enlouquece. Não tenho como mudar isso. Estou falhando. Ela merece coisa melhor.

– Você só precisa se acalmar. Essa idade não é fácil, certo? “Brinca comigo, brinca comigo.” Ela só precisa de mais amigos. Vamos colocá-la num curso para crianças nesse verão. Agora, vou pegar uma taça de vinho para você.

– Você não está me escutando. – Caroline pressionou os dedos na testa. Ela balançou o corpo para frente e para trás e então cobriu a boca com as mãos. – Não sei se consigo fazer isso.

– Fazer o quê? Do que você está falando?

O último tijolo que segurava sua parede de rejeição caiu no chão. Caroline jogou a cabeça para trás no sofá, fechou os olhos e então falou.

– Tomei café com a esposa do pai de Savannah.

– Pai de Savannah? Esposa dele? Do que você está falando? Tia não sabia quem era o pai dela. – Peter parecia muito espantado. – Quem é essa mulher? Por que você está falando com ela? O que diabos está acontecendo?

– Ela me ligou. – Caroline cruzou os braços e respirou fundo. – Parece que Tia mentiu. Ela teve um caso com o marido dessa mulher. Eles moram em Wellesley.

Peter ficou em pé. E começou a andar de um lado para o outro na sala de estudos, respirando fundo.

– Está conversando com uma pessoa que diz que o marido é o pai de Savannah? O que é isso? Você está ouvindo o que está dizendo? Está parecendo maluca.

– Não estou maluca, e ela não é maluca...

– Uma mulher liga para você e diz que o marido teve um caso com a Tia e que a criança é dele, e você nem se pergunta se ela está mentindo? E não me conta nada? O que está acontecendo?

Caroline pensou em contar a ele sobre Juliette & Gwynne, onde e como se encontraram, e então percebeu que Juliette pareceria mais maluca ainda se contasse aquela história. Talvez ele estivesse certo. Talvez Juliette fosse maluca. Uma fadiga dolorosa tomou conta dela.

– Esqueça – disse ela.

– Esqueça? Você só pode estar brincando, não é? – Peter passou os dedos pelo cabelo. – Não podemos esquecer isso.



Caroline ainda não sabia por que havia concordado com a insistência de Peter de que se encontrasse com Tia. Precisava pesquisar mais, ler mais. Ela agarrou o volante, ligou o rádio na NPR e então desligou quando as vozes começaram a incomodá-la. Não, Peter não era do tipo que esperaria que ela fizesse pesquisas.

Ele ia direto ao ponto: “O que isso significa? O que eles querem? Onde Tia entra nessa história?”. E então, sendo Peter, ele precisava de ação.

– Vamos começar do começo – disse Peter. – Você falou com a esposa do suposto pai biológico. O que isso significa, além do fato de que eles têm problemas no casamento? Eles não têm nenhum direito legal.

E aqui estava Caroline, em uma missão de reconhecimento, algo que não tinha nada a ver com ela, mas Peter estava convencido de que, se ele fosse, Tia ficaria assustada. E só Deus sabe o que ela podia fazer se ficasse assustada. Tia podia não ter direitos legais, mas podia atrapalhar bastante a vida deles.

O trânsito estava parado na Center Street em Jamaica Plain enquanto Caroline olhava para o nome dos restaurantes e das lojas que Tia havia mencionado ao lhe explicar como chegar em seu apartamento: Fire & Opal Gifts. Purple Cactus. Boing.

Peter sugeriu que ela simplesmente aparecesse na porta de Tia, mas Caroline achou que não tinha esse direito. Aparecer na porta da casa de alguém sem ter sido convidada era a maior das grosserias. Sua mãe havia ensinado boas maneiras a todas as filhas, e visitas inesperadas estavam no topo da sua lista de mau comportamento.

A conversa dela havia sido breve. Caroline pediu para vê-la, Tia perguntou por quê, e Caroline disse que preferia conversar com ela pessoalmente. Como poderia explicar que queria conversar com Tia e saber se ela conhecia Juliette?

– Veja se tem algo acontecendo, Carol – pediu Peter. – Vai saber. De repente, Tia e esse idiota estão se encontrando. Talvez tenham alguma ideia maluca de vir atrás de Savannah. – Peter havia batido uma mão na outra como se fosse a cabeça do imbecil. – Só vão chegar perto da minha família se eu estiver morto.

Caroline se oferecera para ir ao apartamento de Tia, facilitando para ela, mas a oferta foi respondida com silêncio. Por fim, Tia havia dito: “Vamos nos encontrar no City Feed. Fica no fim da rua. Podemos tomar um café lá”.

Caroline parou o carro no local permitido para estacionar por uma hora. Não achou que iam conversar por mais tempo do que isso.

City Feed and Supply, meio que uma lanchonete de sanduíches de granola, meio que um mercado, parecia novo, todo brilhante com janelas de vidro e chão limpo.

Tia esperava por ela a algumas mesas à sua direita, com as duas mãos em volta de uma caneca branca grossa. Caroline colocou a bolsa na cadeira vazia, sorriu e estendeu a mão.

– Obrigada por vir.

– Sem problemas. – A mão de Tia estava fria. A aparência dela era praticamente a mesma. Claro que não estava grávida, mas mesmo grávida, ela parecia uma pessoa delicada, bastante diferente de Savannah. Mas vejam só aqueles olhos. Os olhos da filha olhavam para Caroline. Os lábios carnudos e rosados de Savannah que lhe davam beijos de boa noite eram os mesmos lábios de Tia.

– Posso pegar um café? – perguntou Caroline. – Você quer alguma coisa?

Tia sacudiu a cabeça e então apontou para a ponta do balcão, indicando onde Caroline devia ir.

A ideia de mentir já a deixava fora do eixo. A história inventada por Peter, sobre precisar de informação sobre o histórico de saúde da família de Savannah, parecia fraca e óbvia.

Sua missão era julgar Tia, e Caroline sentia-se péssima com isso. Se ela e Peter chegassem a considerar a ideia de Juliette de que Savannah deveria conhecer o pai, Caroline se sentia obrigada a informar Tia, mas Peter ficaria maluco se ela fizesse algo além de investigar.

Caroline tentou não deixar o café esparramar ao colocá-lo na mesa. Tinha colocado leite demais no café, na esperança de não irritar o estômago.

Ela se sentou e tomou um gole.



– Como ela está? – perguntou Tia.

Agora Caroline viu as mãos trêmulas, as unhas roídas, e sentiu vontade de proteger Tia, que era mais de dez anos mais nova do que ela.

– Ela está bem – respondeu Caroline.

Tia deu um sorriso seco.

– Você pode me contar um pouco mais?

– Desculpe. – Caroline colocou suas próprias mãos trêmulas e frias em volta da caneca. – É só que... ver você. É incômodo. Não que você esteja me incomodando... mas é estranho.

Tia circulou os dedos formando um oito, deixando marcas leves na mesa.

– Ela se parece comigo?

– Sim. De certa forma. Você deve saber disso pelas fotos, não é?

– Acho que sim.

Os olhos famintos de Tia desmentiam suas palavras tímidas. Parecia tão ávida por notícias de Savannah que Caroline sentiu-se ainda mais envergonhada em esconder a verdadeira razão de sua visita.

– O que ela gosta de fazer?

– Ela adora brincar de bonecas. Embora tenhamos tentado fazer com que ela gostasse de jogos de montar e caminhões, bonecas e bichos de pelúcia são seus brinquedos preferidos. – Caroline levou a xícara aos lábios, para ganhar tempo e então tomou um gole. – Savannah adora cantar. E cozinhar. É uma garotinha bastante esperta. Já sabe ler. Vai para a escola no ano que vem.

– Ela gosta da escola? – perguntou Tia.

Caroline percebeu como havia sido mesquinha em suas cartas anuais. Junto com as fotos, mandava uma nota; ah Deus, ela havia usado os cartões com seu nome gravado, que sua mãe lhe dava todos os anos no Natal, e escrevia algumas míseras palavras: “Savannah adora plantar flores!” “A autora preferida dela é Rosemary Wells”.

– Ela não foi para a escola ainda. – A culpa tomou conta de Caroline quando

percebeu o quanto ela havia errado ao não matricular a garota na escola. Deixá-la com Rose era mais fácil. Havia convencido a Peter e a si mesma de que as brincadeiras que a babá organizava eram suficientes.

– Quando ela encontra outras crianças? – perguntou Tia.

– Duas vezes por semana ela participa de um grupo de brincadeiras com outras crianças. Na biblioteca. – Caroline não mencionou que era a babá quem levava a criança. – Provavelmente vamos procurar alguma coisa mais regular agora que já estamos praticamente no verão. Mas, como eu disse, ela tem um grupo na biblioteca. E chamamos as crianças do grupo para brincar com ela em casa.

Um grupo para brincar, de verdade. Ouvir histórias. E a babá convidava as outras garotinhas para virem em casa, não Caroline. Em apenas alguns minutos Tia havia demonstrado como ela seria melhor mãe do que Caroline. Caroline se satisfazia oferecendo pouco para Savannah. Havia transformado a filha em uma garota solitária que só tinha a babá e as bonecas gêmeas como companhia. Prometeu a si mesma que a colocaria em um programa de verão.

– Ela brinca com outras crianças, certo? – perguntou Tia. – Quando eu era criança, as mães sempre combinavam para as crianças brincarem juntas.

– Bom, nosso bairro não é muito convidativo para... ir na casa um dos outros.

– Certo. – Tia riu. – A menos que crianças de cinco anos de idade comecem a dirigir.

– O que mais você quer saber? – O que havia passado pela cabeça de Caroline durante todos esses anos? Nunca havia pensado em Tia. Será que ela havia realmente se convencido de que entregar Savannah para adoção havia sido um grande alívio para Tia?

– Ela é feliz? – Tia analisou Caroline. – Como é o temperamento dela?

– Ela é estudiosa. Não, essa não é a palavra certa. Ela é solene.

– Você quer dizer que ela é triste?

Caroline viu a tristeza no rosto de Tia e tentou corrigir rapidamente a impressão que passara.

– Não, não, não é triste. Ela é pensativa. Não acho que ela seja despreocupada. Não geneticamente. Como era o pai dela?

Tia se encostou na cadeira.

– Eu te disse. Não sei quem é o pai dela.

Caroline segurou a beirada da mesa. Detestava mentir. Peter devia ter vindo. Ela se aproximou o máximo para não precisar falar alto. – Sinto muito, Tia, mas eu sei que você sabe quem ele é.

– O que é isso, Caroline? Por que você está aqui?

– A esposa do cara... – Que palavras ela devia usar para dizer isso? – O pai de Savannah, a esposa dele entrou em contato comigo.

– A mulher de Nathan mandou você aqui? – Tia parecia horrorizada. – Juliette? Juliette mandou você aqui?

## CAPÍTULO 27

### *Tia*

– A história prova que a lei da adoção favorece os pais biológicos. – disse o advogado.

Bobby havia dado a ela o número do telefone do advogado, um cliente para quem vendera um apartamento no ano anterior. Essa era a beleza do Southie. Todo mundo ajudava todo mundo. Eles nunca estavam ocupados demais ganhando rios de dinheiro que não podiam ajudar ao outro.

Quem diabos Caroline pensava que era? Deixar a filha dela trancada em casa o dia todo com uma maldita babá. Ela não tinha nem se organizado para mandar Honor para a escolinha. No Southie, até a mais imbecil das mães sabia que era importante as crianças conviverem umas com as outras.

– Por outro lado – disse o advogado –, já faz bastante tempo. A chance de um juiz reverter uma adoção depois de cinco anos é praticamente zero. O caso só seria levado em consideração se houvesse circunstâncias extraordinárias. Se alguém mentisse, ou se o consentimento não houvesse sido dado.

Tia passou a mão sobre o álbum de Honor que estava em seu colo.

– E se o pai não soubesse, não tivesse dado permissão para a adoção? – Ela segurou o telefone com força. – Isso seria levado em conta?

– Seria uma briga complicada, muito difícil de ganhar. Mas se isso for verdade, eu até consideraria levar seu caso adiante. O pai teria que se envolver também, claro. Mas acima de tudo, seria necessário haver uma prova convincente do porque seria melhor para a criança ser tirada dos pais que ela conhece desde que nasceu.

A ideia de falar com Nathan sobre isso deixava Tia enjoada. A ideia de desapontar Bobby a deixava com vontade de chorar. A raiva pela mulher de Nathan ter entrado em contato com Caroline a deixava valente.

– Vou pensar e volto a falar com você – disse ela.



– Venha até aqui – pediu Tia. – Hoje à noite.

Ela se recusou a falar mais alguma coisa para Nathan. Ao ser questionada, simplesmente repetiu as palavras, desligou o telefone e então, por e-mail, cancelou os planos com Bobby.

“Preciso resolver algumas coisas do antigo trabalho hoje à noite”, escreveu. “Nenhum problema, não se preocupe. Ligo para você amanhã.”

Ela andou de um lado para o outro no apartamento enquanto esperava as horas passarem até que Nathan chegou. Havia ligado e desligado a TV, fora de um site para outro no computador, e até chegou a fazer polichinelos a certa altura. Mas nenhuma dessas atividades a acalmou.

Da última vez em que se encontrara com Nathan, havia se maquiado e tinha escolhido uma roupa bonita. Desta vez, não estava nem aí. Que ele se danasse! Ela já havia gastado tempo demais usando vestidos bonitos e se maquiando. Agora, queria se vestir com uma calça de guerra e desenhar linhas vermelhas no rosto. E cumprimentá-lo com um grito de guerra.

No entanto, o impulso a fez tomar um banho, abrir as janelas e deixar o ar fresco entrar. Passou aspirador no tapete. Tia disse a si mesma que era para sua própria autoestima, como se tirar a poeira lhe ajudasse a melhorar o humor.

Logo, mas não tão logo assim, a campainha tocou.

Ela respirou fundo e olhou para o espelho que ficava ao lado da porta. A raiva iluminava seus olhos.

Tia abriu a porta. Nathan estava em pé e em silêncio.

Ela detestava o fato de ainda sentir desejo por ele.

– Adivinha quem eu encontrei na semana passada? – perguntou Tia.

– Por acaso, perdi o começo da conversa? – Nathan foi na direção dela. – Posso entrar?

Tia queria dizer “Não. Podemos conversar aqui mesmo”.

Ela se afastou e ele entrou.

– E se eu for até lá, pode ser? – Nathan apontou para a sala.

– Vamos nos sentar na cozinha. – Tia se virou e Nathan a seguiu.

Ele se sentou à mesa.

– Você quer beber alguma coisa? – Ela se forçou a dizer estas palavras, determinada a não parecer uma boba.

– O que você tem? – perguntou ele.

– O que eu tenho é a sensação de que todos estão me fazendo de palhaça, inclusive sua esposa e você. Ela quer conhecer Honor. Você quer conhecer Honor. E vocês esperam que eu ajude vocês nisso?

Nathan levantou as mãos como se quisesse impedir que ela se aproximasse.

– Uau! Posso beber alguma coisa? Pelo menos um copo de água?

Tia abriu a geladeira, pegou uma cerveja e a colocou com força na mesa. Depois colocou um pouco de Jameson em um copo.

– O que está acontecendo? – Nathan parecia nervoso.

Tia tomou seu uísque.

– Caroline, a mulher que adotou Honor, veio atrás de mim. Sabe por quê? Adivinha quem foi atrás dela!

– Meu Deus! – exclamou Nathan.

– Exatamente! Parece que sua esposa está bastante interessada na minha filha. Agora, por que ela tem tanto interesse?

– O que essa tal de Caroline disse?

– Essa tal de Caroline, Nathan? É assim que você chama a pessoa? Essa tal de Caroline é a mulher que cuida da sua filha.

Nathan olhou para baixo. Ele apertou os lábios enquanto traçava um desenho circular com o pé.

– O que foi? – perguntou Tia. – O que você não quer falar?

– Minha filha. A Juliette fala isso e você fala isso, mas eu não consigo sentir isso. Meus filhos, eles são minhas crianças. Não conheço essa garotinha, então,

como posso chamá-la de filha? – Nathan levantou a mão para ela. – Não venha me atacar. É verdade.

– Não. Não é verdade. O seu sentimento não determina se a criança é ou não sua filha. Ela é sua filha. Esse problema é seu. A conversa é sobre você.

Ele apertou os dedos na testa até que sua pele ficou marcada.

– O que foi agora?

– Preciso saber por que Juliette foi atrás de Caroline. – Ela foi até o balcão e mexeu na correspondência para controlar sua vontade de sacudi-lo, de encostar nele. – Por favor, me fale a verdade, Nathan.

Nathan passou os dedos na garrafa de cerveja.

– Ela me disse que tinha procurado informações sobre essas pessoas. Sobre Caroline e o marido. Sinceramente, não sei por que se encontrou com ela ou o que disse. Tudo o que eu disser é apenas uma suposição.

– Então, suponha. Preciso saber.

– Provavelmente, tem alguma coisa a ver com o fato de ter me obrigado a sair de casa. Não te falei antes. Me desculpe. – Ele apontou para a cadeira ao lado dele. – Sente-se. Vamos conversar como duas pessoas que têm uma criança em comum, não importa o mal que tenhamos feito para ela ou um para o outro.

Tia voltou para a mesa, suas pernas de repente começaram a tremer.

– Você saiu de casa?

O mundo de Tia voltava a ser o de Nathan mais uma vez. Ele balançou a cabeça confirmando suas palavras, um gesto pequeno demais para tamanha novidade. Ele ficou um tempo sem falar.

– Não faço a menor ideia do que ela disse para a mulher. Para Caroline.

– Por que ela se importa? – perguntou ela de novo. – Seja honesto.

– Juliette acha que a criança é parte da nossa família – disse Nathan. – As fotos surtiram efeitos diversos nela.

– Nossa família? Sua e dela?

– E de nossos filhos.

Tia mal conseguia pronunciar as palavras.

– Seus filhos! – Sua garganta parecia doer. Suas palavras mal podiam ser ouvidas. – Ela acha que Honor tem alguma ligação com os seus filhos?

– E com meus pais.

Tia estava atordoada ao imaginar a esposa de Nathan querendo se relacionar com Honor, incluindo-a na família de Juliette, aproximando-se cada vez mais dela, fazendo de Honor o recheio de uma torta, até que as partes de Tia desaparecessem para sempre.

– Abrir a sua carta e ver a foto de Savannah foi um choque para ela. Você consegue entender isso?

Tia agarrou seus braços. Encontrar-se com aquele advogado fora a coisa mais inteligente que ela havia feito. Não contar a Nathan sobre isso seria a segunda coisa mais inteligente a fazer. Meu Deus, como ela ainda era vulnerável a ele.

Nathan colocou uma mão no joelho dela.

– Está tudo bem. De verdade.

– Vai ficar tudo bem.

Ela se balançou na cadeira de madeira de cozinha. Nada combinava no apartamento dela. Tudo era instável em sua vida. Cadeiras bambas desencontradas rodeavam a mesa de madeira marcada pelos proprietários anteriores.

Ela se inclinou, prendendo a mão de Nathan entre seu peito e suas pernas, e deixou as lágrimas caírem em sua pele. Sentiu o cheiro e o toque de sua pele, tão familiar.

Ele a puxou da cadeira e a levou para o sofá. Seu toque firme em suas costas não deixava parecer que havia se passado tanto tempo, era como voltar para casa. Ao passar os braços em volta de sua cintura, ela sentiu o couro de seu cinto e o toque áspero de sua calça. Sua barriga estava um pouco mais macia, mas ainda era a barriga de Nathan.

O desejo por Nathan tomou conta dela rapidamente. Todos aqueles anos de esperança e necessidade surgiram com força total e quase a derrubaram. Todo



sangue e sensação a invadiam. Ela amava e queria a esse homem como a nenhum outro.

Ela puxou o cinto dele.

Ele colocou a mão sobre a dela, apertou, e então se afastou, empurrando-a delicadamente até que ela ficou em pé. Com as pernas tremendo, Tia voltou para a cozinha, para a cadeira de onde tinha saído.

– Não podemos fazer isso – disse ele.

Fria o suficiente para fazê-la tremer, a humilhação roubou suas palavras. Então, concentrou todos os seus esforços em não chorar. O horror de ter sido empurrada, rejeitada, deixou-a sem chão.

– Me desculpe – disse ele. – Por tudo. Não sei se você acredita nisso, de verdade, só quero que você seja feliz. Mas não posso te dar essa felicidade.

– E se tivéssemos nos conhecido em outra época, em uma época em que você não fosse casado? Será que você ia me querer? Será? – perguntou ela.

Ele a olhou. Ela percebeu a dificuldade dele para responder.

– Não sei. – disse ele. – Simplesmente não sei.



O telefone acordou Tia de um sono pesado.

– Acordei você? – perguntou Robin quando ela atendeu ao telefone.

Tia se virou para olhar para o relógio. Uma dor de cabeça imbecil causada pelo uísque a acompanhou.

– São três horas da manhã. Sim, você me acordou. – Ela sentiu o cheiro de Nathan em seu braço. Ele havia ido embora o mais rápido que pôde, sem olhar em seus olhos, depois de abraçá-la ao se despedir.

– Desculpe. Aqui ainda é meia-noite. – A voz de Robin soava agradavelmente rouca. Não demais. Elas conseguiam instantaneamente identificar a quantidade de álcool que a outra havia ingerido.

– Meia-noite já é bem tarde. – disse Tia. – O que aconteceu?

– Estou apaixonada.

– Como você sabe?

– Porque não consigo pensar em nenhuma outra coisa além dela.

– Às vezes, me sinto assim com Oreó. Será que eu devia me casar com as bolachas?

– Veja bem, você está em Massachusetts. Pode se casar com qualquer coisa. Já eu, não posso nem me casar com o amor da minha vida.

– Então, volte para cá.

– Você está brincando comigo? Adoro a Califórnia. Eles só precisam mudar as leis.

– Quase transei com Nathan – confessou Tia.

– Ah, meu Deus, não! Por quê?

– Porque ele estava aqui. Não posso nem dizer que eu estava bêbada.

– Por que ele estava aí?

– Ela o expulsou de casa.

– Por quê?

– Não tenho certeza, mas acho que tem a ver com aquelas fotos que mandei. Ela descobriu sobre Honor.

– Você devia estar procurando um emprego, Tee, e não transando com aquele imbecil.

– Não transei com ele. Eu disse quase.

– Bom, então, estou orgulhosa de você.

– Dane-se! Você deve ficar orgulhosa dele. Ele não quis transar comigo. O santo foi ele, não eu.

– Pare com isso – disse Robin. – Não se atreva a se culpar por nada. Ele não quis transar? Isso significa que ele chegou perto o suficiente para tentar. Ele que se dane. Quem se importa se ele teve uma crise de consciência?

– Ele não se importa mais. Provavelmente, nunca se importou. Agora, nem sente mais atração por mim. – Tia puxou os cobertores e colocou os lençóis entre as pernas. – Qual é o meu problema?

– Você acreditou nele. Acreditou que ele era algum tipo de santo salvador, mas, me desculpe, ele achou que você era apenas uma mulher excitante. Nada mudou, Tee.

– Na verdade, algo muito importante aconteceu. Antes de ele ir embora, consegui convencê-lo a ir comigo encontrar Honor.

– Você está brincando? Isso é uma boa ideia? Eles... os pais adotivos ou seja lá como você os chama, eles concordaram?

– Eles vão concordar. Sei que vão. – Um desejo incontrolável por um cigarro tomou conta de Tia. – Conte-me sobre o seu amor.

– Venha me ver – pediu Robin. – Tee, acho que isso não é uma boa ideia. Encontrar Honor. O que pode haver de bom nisso?

– O simples fato de encontrar a minha filha já não é bom o suficiente? Sou a mãe dela. Ninguém pode tirar isso de mim.

Fez-se um grande silêncio do outro lado do país.

– O que foi? – perguntou Tia. – No que você está pensando?

– Só não tenho certeza de que esse seja um motivo bom o suficiente – disse Robin.

– Você não acha que é certo eu dar uma olhada nas pessoas para quem eu a entreguei? Eles escreveram um cartão e então é isso? Tome, leve a minha filha? Isso estava certo?

– Essa foi a decisão que você tomou, Tee. Você precisa parar de se torturar por causa disso.

– Bom, se você não gostou de saber que eu vou vê-la, então não vai gostar nem um pouco do que eu vou falar agora. Liguei para um advogado. – Tia apertou o cobertor com mais força em volta dos ombros. – Para saber sobre a adoção.

– Para saber o que sobre a adoção?

– Talvez eu tenha cometido um erro. Talvez ela devesse estar comigo.

– Isso é um erro muito, muito grande.

– Você acha que tudo o que eu faço é errado. Acho que minha mãe teria orgulho de mim. – Tia gostaria de poder ver o rosto da amiga. – Tenho certeza disso.

## CAPÍTULO 28

### *Juliette*

A solidão tomou conta de Juliette de tal forma à medida que o fim de semana se aproximava, que ela decidiu levar os meninos para Rhinebeck, apesar de saber que eles estariam lá no Memorial Day, dali algumas semanas, como faziam todos os anos. A ideia de os três ficarem sozinhos em casa mais um dia a fazia querer sair de casa de qualquer jeito. Ou os meninos a observavam como se ela fosse um ser frágil capaz de desmoronar a qualquer momento, olhando imóveis enquanto ela colocava o café da manhã no lugar vazio de Nathan, ou executavam todos os pensamentos raivosos que se passavam em sua cabeça de adolescentes.

Na semana anterior, Max desabou porque se atrasaram para o treino da Pequena Liga.

– O papai teria chegado aqui comigo a tempo! – ele tinha gritado antes de se afastar dela.

Três dias depois ela ouviu Lucas dizer a Max que ele era um imbecil por ficar do lado de Nathan.

Lado? Pior ainda, Juliette estava tão cansada que fingiu não ter escutado nada.

Ela saiu na Mass Pike, agarrada ao volante enquanto entrava no Taconic State Parkway, uma rodovia onde os veados muitas vezes apareciam, saindo da floresta. Não estava mais acostumada a dirigir e prestar atenção aos animais, assim como não sabia ser pai e mãe ao mesmo tempo.

Nathan via os garotos com frequência, o que era bom para eles, mas as visitas dele a deixavam muito mal. O fato de ele tocar a campainha em vez de abrir a porta com sua própria chave quase chegava a matá-la. Max ia para o carro com o cabelo bem penteado, enquanto Lucas se arrumava de maneira cada vez pior a cada semana.

Sempre que Juliette via Nathan, procurava por sinais que lhe dissessem o que fazer.

Será que ele tinha ido atrás dela?

Será que ele a amava?

Caso ele e aquela mulher ficassem juntos, será que pegariam Savannah de volta e formariam sua própria família?

Não que Juliette achasse que funcionasse daquela maneira. Adotar uma criança não era a mesma coisa que emprestar um ventilador. “Ah, nós gostaríamos que você nos devolvesse ela agora, por favor.”

– Mãe, já chegamos? – perguntou Max.

– Se estivéssemos lá, ainda estaríamos na Taconic? – respondeu ela.

– Você não precisa falar com ele dessa maneira – interferiu Lucas.

Depois que Nathan foi embora, Lucas havia se colocado na posição de juiz de Juliette ao tentar suprir o papel do pai. Ela olhou no espelho retrovisor. Lucas estava com uma nova leva de manchas. O cabelo de Max estava tão curto que ele parecia estar chegando da guerra. Seu último corte de cabelo havia sido um desastre.

Ela sacudiu a cabeça ao ver os filhos com os olhos críticos de uma mãe. Juliette nunca se sentia pior do que quando se pegava adotando a vista dura de sua mãe.

– Que tal irmos à feira hoje à noite? – Juliette queria desculpar-se com eles por estar triste e sem paciência. – Vamos chegar em Rhinebeck até as três.

– Você só pode estar brincando, não é? Você acha que eu quero ver ovelhinhas? – perguntou Lucas.

– Eu quero ir – disse Max.

– Então vá, rolha.

– Não fale assim – Juliette o repreendeu. – Vamos todos ou não vai ninguém.

– Todos? Todos somos nós três? – O tom sarcástico de Lucas iria deixá-la maluca ou tirá-la da estrada em um ataque de raiva.

– Vovô e Mamie talvez queiram ir também. – Juliette segurou o volante com uma mão e colocou a outra mão para trás. – M&M's, por favor.

– Sim, certo. A Mamie vai adorar essa ideia. – Lucas pressionou os pés com tanta força no assento que Juliette podia jurar ter sentido a ponta de seus tênis.

– Max? – Juliette sacudiu a mão impaciente e então olhou rapidamente no espelho retrovisor. Max segurava um saco gigante de M&M's e colocou algumas na mão dela. Eles a tinham comprado também um saco de batatas, queijo e três tipos de refrigerantes que ela já havia colocado na cesta de compras. Nada do que havia trazido para a viagem era orgânico, nutritivo ou caseiro, fazendo parecer que o carro pertencia a uma família totalmente diferente.

Juliette colocou as balinhas na boca. As cascas se racharam, o chocolate cobriu sua língua e ela teve um momento de alívio.



Parou na calçada ao lado da perfeita casa vitoriana azul-acinzentada de seus pais.

Ainda sentia como se competisse com essa casa pela atenção de seus pais. Cada vez que a casa ganhava uma nova demão de tinta, ela tinha vontade de cravar suas iniciais na madeira brilhante.

Ela se irritava com a maneira como seus pais haviam confiado em cada uma de suas ações e escolhas desde que era pequena. Havia apenas algumas coisas que fazia que seus pais consideravam importantes observar. Seu pai certificou-se de que suas primeiras bicicletas, e depois carros, estavam em ordem, e a mãe cuidava de sua beleza. E deixava sempre bem claro que considerava Juliette uma extensão de sua própria beleza.

O fato de apresentar um espírito um pouco rebelde, pelo menos o suficiente para preocupar os pais, talvez a trouxesse algum alívio, mas ela parecia destinada a ser a responsável na família. Seus pais saíam trançando as pernas depois de beberem demais. Foram eles que experimentaram maconha quando Juliette tinha dezessete anos e o normal seria ela ficar chapada. Ela havia ficado de estômago virado ao observá-los enquanto iam para o quarto dando risadinhas.

– Lucas, pegue a mala grande no porta-malas – ordenou Juliette.

Lucas teve dificuldade para tirar sua mala supercarregada do porta-malas.

– Meu Deus, mãe, o que foi que você colocou aqui dentro?

Juliette começou a repreendê-lo mentalmente e então parou. Se ia pedir a ele

que fizesse o que Nathan faria – carregar malas pesadas, conferir os pneus antes de pegar a estrada –, então também devia deixar que ele reclamasse de Nathan.

– Max, traga a sua mochila e a de Lucas. – Juliette se ajoelhou no banco de trás, limpando as migalhas do lanche que caíram no carro e guardando o que sobrou nas sacolas plásticas amassadas. Então, colocou as sacolas nas latas de lixo.



Juliette enxergou a preocupação de seus pais por Nathan não estar ali quando se ofereceram para levá-los à feira. Seus pais costumavam levá-la à exposição de antiguidades que acontecia no parque de exposições quando ela era criança, mas nunca a haviam levado à feira agropecuária.

– Por que vou querer ver vacas? – Aquele era o ponto de vista de sua mãe.

– Você vai com a escola, certo? – Aquele era a maneira de seu pai aliviar sua culpa.

– Vovô – disse Max puxando o braço de seu pai –, podemos comer massa frita?

– Querido, por que você quer comer aquilo? Vovô e eu estávamos planejando ir ao Gigi hoje à noite. – A mãe de Juliette virou-se para ela e lhe deu uma olhadela familiar. – A comida é maravilhosa, mas é simples. Não há necessidade de vocês se prontarem para ir até lá.

Sua mãe usava o mesmo estilo de roupa desde que Juliette era criança. Talvez até fossem as mesmas roupas. Sua mãe continuava do mesmo tamanho. Se uma camisa ou saia quisesse fazer parte do armário de Sondra, era melhor que complementasse seu corpo de dançarina e remetesse à Audrey Hepburn.

– Um pouquinho de massa frita de vez em quando não vai fazer mal para os meninos – disse o pai de Juliette.

– Mas talvez faça mal para você. – Sua mãe deu um olhar insinuante para sua cara metade e então beijou-o nos lábios. – Preciso de você vivo mais do que você precisa do colesterol. – Ela deu um tapinha nele com um sorriso safado, e Juliette pensou que iria vomitar por testemunhar mais uma vez – e ainda com os meninos – a troca de afetos constante de seus pais.

– Eca! – exclamou Max.

Lucas se afastou, fingindo estar fascinado por um grande cavalo branco que



estava virado para eles.

O pai de Juliette riu e então sussurrou:

– Vou te contar uma coisa, Max. O que acontece entre avô e neto fica entre avô e neto, certo, meninos?

– Isso quer dizer sim? – perguntou Max.

– Isso quer dizer que está na hora de partirmos. – Ele colocou um braço em volta do pescoço de Max. – Vamos lá, Lucas.

Lucas olhou para Juliette e então deu de ombros, andando como se tivesse escolhido a menos ruim das duas versões do inferno. Ela os observou com uma confusão de sentimentos. Os meninos receberiam mais atenção por terem saído sozinhos com o avô. E, infelizmente, ela também.

– Massa frita. Meu Deus, no que ele pensa? Você vai ver como seu pai vai sofrer mais tarde. E, claro, como eu vou sofrer com ele. – Ela colocou o braço no meio do braço de Juliette. – Venha. Vamos ver se encontramos alguma coisa que não tenha cheiro nem ofenda ninguém.

Juliette detestava o repúdio casual de sua mãe a um evento cultural. E mais do que isso, Juliette detestava essa feira.

– Então, sem Nathan. – Sondra caminhava para longe dos currais, que eram divididos em seções horripilantes de porcos, vacas, coelhos e cabras. O lugar era uma cadeia de animais.

– Você está com ótima aparência, mãe – disse Juliette. – E o papai também. – Isso era verdade. Aos setenta e sessenta, os dois pareciam ser dez anos mais jovens.

– Não mude de assunto. No entanto, obrigada. Tentamos manter a forma, embora eu tenha que vigiá-lo a cada segundo. – Sua mãe soltou o sorriso carinhoso que reservava para o pai de Juliette.

– Uso sua foto como modelo de bom cuidado da pele com todas as minhas clientes – disse Juliette. Aquilo era mentira. A última coisa que ela precisava era da foto da mãe olhando para ela o dia todo, mas Juliette sabia muito bem a arte de desviar a mãe de tópicos que queria evitar. Falar sobre a juventude da mãe talvez a fizesse se esquecer de falar de Nathan.

– Isso é adorável, querida. Você também está com boa aparência. Embora,

pareça que você ganhou alguns quilos. Você está naquela idade, você sabe.

A mãe de Juliette suspirou quando a filha não respondeu.

– Querida, sei que é por causa de Nathan. As mulheres vão para uma ou para outra extremidade quando o marido vai embora. A maioria das minhas amigas ficou magra como um pau, mas algumas começaram a se entupir de comida e não pararam mais. Qual foi o caminho que você tomou?

O caminho que ela havia tomado! Como se Juliette tivesse escolhido despreocupadamente entre ficar magra ou ganhar peso. Gorda ou magra, gorda ou magra? Ah, por que eu simplesmente não fico gorda como uma porca? Seria engraçado!

O cheiro de algodão-doce passou por elas.

– Ele não foi embora – disse Juliette. – Eu o mandei embora.

A mãe parecia chocada, como se Nathan fosse um prêmio que apenas a mulher mais tola deixava escapar.

– Por que...

– Estou com fome! – Juliette soltou o braço da mãe. – Vou comer um hambúrguer. Bem ali. – Ela apontou para um barraco onde adolescentes devoravam hambúrgueres e sacudiam cestos de batatas fritas. Juliette desejava a gordura, a carne salgada, o pão ensopado de sangue.

– Ah, não. Aquilo não, Juliette. Talvez haja uma salada em algum lugar por aqui. – A mãe colocou as mãos na cintura fina, bem diferente da de Juliette, que tinha gordura saltando pelos dois lados.

– Não quero uma salada. Quero alguma coisa com sustância.

– Vamos esperar para comer à noite, no Gigi, onde pelo menos as calorias vão valer a pena, pode ser? – A mãe lhe deu um sorriso maroto, piscando e tirando a franja loira dos olhos.

– Mãe, não seja tão clichê! Você não é assim. – Esse intenso escrutínio era curioso para sua mãe. Normalmente, depois de algumas considerações pontuais, ela simplesmente continuava falando sobre si mesma e sobre o pai de Juliette: “Gordon disse isso.” “Nós fomos lá.”

A expressão de sua mãe mudou.

– Clichê? Tudo bem, talvez eu seja clichê, mas você precisa de direção. Você precisa cuidar de si mesma. Me desculpe ser tão franca, mas, querida, ficar bonita faz parte do seu negócio. O que você tem feito, só tem comido besteiras desde que ele foi embora?

– Você não me ouviu dizer que eu o mandei embora?

– Nem sempre a questão é quem mandou o outro sair. A questão é por que você o mandou embora. – A mãe parou de andar e segurou as mãos de Juliette, forçando-a a olhar diretamente para ela. – Talvez eu não tenha sido a melhor das mães, mas eu me importo com você.

– Não duvido disso. – Mas duvidava disso, sim.

– Pense seriamente no meu conselho. A vida não é fácil sem um homem.

– A vida também não é fácil com um homem, mãe.

– Por quê? Ele dormiu com outra pessoa?

– Mãe!

– Não fique tão surpresa. O que foi? Você acha que isso nunca aconteceu com as minhas amigas? Mas isso nunca aconteceu comigo. Você quer saber por quê?

– Não!

– Porque sempre mantive seu pai no centro e na frente. Ele é a minha vida, e ele sabe disso.

– Todos nós sabemos disso.

– Não seja tão infantil.

– Já fui criança, mãe.

– Mas não é mais. Essa conversa não é sobre a pobre e solitária bebê Juliette. Cresça. Você quer cuidar dos seus filhos melhor do que eu cuidei de você? Então, traga o pai deles de volta.

– Você não conhece a história toda.

– Então, me conte. Mas tente me ouvir como mulher, não como filha.

– E isso por acaso é possível?

– Sim, se você se concentrar. – A mãe a puxou para baixo das tendas de comida. As pessoas estavam sentadas em mesas de madeira compridas comendo todo tipo de comida proibitiva. As crianças mordiam milho encharcado com manteiga. Os homens deitavam-se sobre pratos cheios de carne assada com molho. As mulheres agarravam burritos do tamanho de pequenos animais de estimação.

Ao lado de Juliette, uma mulher bronzeada passava a língua em uma montanha de sorvete em uma casquinha. Juliette percebeu a gordura da mulher embaixo de seu jeans e sentiu-se superior, e depois envergonhada. Ela era como sua mãe, com uma aparência mais jovem.

A mãe procurou na bolsa de palha e pegou duas garrafas de água, oferecendo uma para Juliette.

A mulher bronzeada tinha quase a mesma idade de Juliette. Estava sentada com um companheiro que tinha uns 13 quilos de protetor solar, e cuja pele estava cheia de açúcar e uísque.

Ela aceitou a água, feliz.

– Ele me traiu.

– Imaginei. Foi isso que eu disse para o seu pai, embora ele tenha tentado defender Nathan.

– Papai defendeu Nathan?

A mãe tocou o braço de Juliette.

– Ah, Juliette, não se preocupe com isso. Seu pai está preocupado por você ficar sozinha, por isso, fica um pouco bravo.

– Papai não acreditou que Nathan poderia me trair?

– O papai não gosta de pensar mal das pessoas. Venha, vamos andar. Não suporto o cheiro desse lugar.

A mãe passou a mão em uma gota de água que tinha caído em sua calça amarelo de linho. Ela revelava sua idade de maneiras estranhas, como sua recusa a usar branco na véspera do Memorial Day. Ainda assim, mesmo com a mãe perto dos setenta, e com Juliette administrando um negócio em que as

mulheres pagavam caro para obter seus segredos de beleza, ela se sentia feia ao lado da mãe.

A mãe tirou o cabelo de Juliette do rosto.

– Você lembra seu pai. Sempre pensando o melhor, sempre tentando me convencer de como o mundo é maravilhoso. Talvez tenha sido por isso que Nathan continuou traindo você pelo tempo que deixou que ele fizesse isso. Você pensava bem demais dele. Nem passou pela sua cabeça que ele podia estar fazendo aquilo.

Quando Juliette não respondeu, a mãe forçou um pouco mais as palavras.

– Olhe para você, chorosa e engordando, esperando que Nathan recobre os sentidos. Esperando que ele tome sua decisão.

– Não estou fazendo isso! – Será que sua mãe estava certa? Ela não o tinha mandado descobrir se amava aquela mulher? Não o tinha mandado conhecer a criança?

– Tudo bem. Você está certa, mãe. Você está certa em tudo o que disse. Mas tem um pequeno detalhe que não sabe. Ele tem uma criança.

A mãe parou.

– A mulher teve um filho com ele?

– Ela deu a criança para adoção.

– Meu Deus! Bom, essa sua história está ficando mais interessante, Juliette.

Juliette não sabia se ria ou chorava, por isso, riu, e então a mãe riu junto com ela. Riram tanto que o rimel escorreu de seus olhos e elas precisaram encontrar um banheiro. Depois de terem secado as mãos e passado batom, a mãe fez um resumo.

– Você já pensou que talvez a resposta não seja “Ame a mim ou ame a ela”? Vivemos em um mundo imperfeito, Juliette. Você precisa decidir se prefere um casamento com falhas ou casamento nenhum. O casamento está abalado demais para conseguir viver com isso?

Juliette ficou se perguntando se conseguiria viver com Nathan sabendo que ele ainda se importava com Tia, mesmo que se importasse com ela apenas por ser a mãe de sua filha.

Ele queria voltar para casa. Dizia isso a ela sempre que vinha ver os meninos. Juliette detestava o espaço vazio ao seu lado na cama. Detestava voltar para casa e saber que Nathan não estaria lá. No jantar, quando estavam apenas os três, ela sentia como se estivessem sentados em um banco bambo. Mas não sabia se se sentiria melhor com ele deitado ao seu lado.

Talvez fosse um tipo completamente novo de solidão.

## CAPÍTULO 29

*Nathan*

– Estou esperando na frente da sua casa. – Nathan desligou o celular ao terminar de falar com Tia. Havia se preparado a manhã toda para conhecer a filha como se estivesse se preparando para um encontro. Certificou-se de que sua roupa estava bem passada e a barba bem-feita.

Ele ainda queria impressioná-la, queria mostrar a Caroline e Peter Fitzgerald que não era um perdedor, e precisava exigir coragem de si mesmo.

“Precisamos fazer isso”, Tia havia falado. “Essa é a nossa oportunidade. A Juliette não pode mais ficar brava com você, não é? Foi ela quem mandou você sair de casa.”

Ele não falou para Tia que havia contado a Juliette que iam atrás de Savannah. Tia já ligara para ele parecendo um pouco histérica quando disse: “A Caroline veio me procurar por algum motivo. Precisamos descobrir qual é. Precisamos ver se Honor está bem.”

Não existe nenhuma Honor.

Ela é Savannah.

Eu estou preocupado é com Lucas e com Max. Como é que eles podem ficar bem sem que eu esteja por perto?

“Precisamos agir. Por favor, venha comigo”, Tia havia implorado. “Quem sabe o que está acontecendo? Precisamos ver onde Honor está e como ela é, e quem...”

Na noite anterior, Juliette e Nathan haviam conversado rapidamente. A conversa deles era sobre as crianças, o treino de futebol, o horário do acampamento de verão e em quais noites ele os levaria para jantar. E então Nathan lançou a pergunta:

– Posso voltar para casa? – Talvez fosse sua imaginação, mas achou que havia uma brecha em sua armadura quando ela hesitou em responder. E então, depois de dizer “Não” ela acrescentou, “ainda não, vamos ver”, ele sabia que ela estava

balançada.

Enquanto a ouvia falar sobre o custo do acampamento de Max, sem prestar muita atenção, Nathan pensou em lhe contar sobre a visita a Savannah, e então, rapidamente, reconsiderou a ideia. E mudou de ideia mais uma vez, percebendo que precisava lhe contar a verdade.

Quando terminou de falar, Juliette estava em silêncio. Ele, então, ouviu os soluços abafados. Por que ela estava chorando? Não era isso o que queria? Não tinha falado para ele resolver as coisas direto com Tia? Não disse para ir atrás da filha? Ir atrás de Tia e convencê-la de que tudo havia terminado. Era isso o que ele estava tentando fazer, mas que diabos! Ela fez com que ele se sentisse como se a estivesse torturando. Era como se aquela conversa anterior nunca tivesse acontecido.

“Eu só não posso falar com você agora.” Ela disse isso tão devagar que parecia que mal conseguia soltar as palavras.

O que aquilo queria dizer? Não posso falar com você agora? Nesta semana? Nunca mais?

Ele sentia tanta falta da esposa e dos filhos que carregava um peso no peito. Manchas de seu velho inimigo – eczema – apareceram atrás de seus joelhos. O estômago se contorcia de dor. Dormir parecia um sonho impossível, e as olheiras ficavam mais escuras a cada dia.

Tia entrou no carro em um silêncio inusitado.

– Você sabe como chegar até lá? – perguntou ela.

– Já coloquei o endereço no GPS.

– Como você sabe onde eles moram? – Tia lançava as perguntas como se fossem desafios. Ela o deixava exausto, mas devia isso a ela e sabia disso.

Ele queria fingir que a outra noite nunca tinha acontecido. Queria enterrá-la embaixo de uma pilha de bom comportamento. Chegar tão perto assim de Tia tinha sido como brincar com fogo.

– Uma coisinha chamada internet – disse Nathan.

– Havia me esquecido de como você é cuidadoso.

Ele se virou um pouco e sorriu.



– Você já gostou disso um dia.

– Você já gostou de mim um dia.

– Nunca deixei de gostar de você, Tia.

– Mas deixou de me amar – disse ela. – Se é que um dia você me amou.

Ele continuou com os olhos grudados no trânsito.

– Você me amou? – perguntou ela.

– Claro que sim. Eu sempre vou amar você.

– Como assim sempre vai me amar? Como se fosse um tio distante? Um irmão? Um primo que me beijou um dia?

Ele segurou a mão dela e a apertou.

– Você não acha que sempre vamos nos importar um com o outro de alguma maneira, por causa do que vivemos juntos?

Ela se afastou.

– Passei os últimos seis anos tentando parar de amar você.

Ele não sabia o que dizer. O fato de ela ter passado anos apaixonada enquanto ele mal pensava nela era muito triste.

– Você partiu meu coração, Nathan – ela murmurou. – Tudo o que eu fiz, foi por sua causa.

– Acho que eu não sabia disso – disse Nathan. – Sinto muito.

– Fui uma imbecil. – Tia sacudiu a cabeça. – Robin diz que eu nunca fui real para você.

A verdade doía.

Às vezes, Nathan admirava a maneira como as mulheres analisavam os relacionamentos umas das outras, mas, na maior parte do tempo, aquilo deixava-o maluco. Assim como acontecia com Juliette e Gwynne. Nathan tinha certeza de que Gwynne sabia de tudo o que ele havia feito, principalmente as coisas ruins. Algumas vezes, ele se sentia desconfortável quando estava com Gwynne,

pois sabia que ela sabia de tudo; desde o seu caso até como arrumava o cabelo todas as manhãs.

Nathan olhou no espelho retrovisor, viu um caminhão se aproximando rapidamente e mudou para a faixa da direita.

– Robin diz que eu era a puta e a sua esposa a virgem. – Ela deu um tapinha na perna dele como fazia quando eram amantes. – Sabe, o complexo da prostituta e da virgem.

– Sei o que o complexo da prostituta e da virgem significa.

– Desculpe, por um momento, eu me esqueci do gênio que você é.

Ela tinha essa língua afiada quando estavam juntos? Deus sabe que ele pode ter ignorado qualquer coisa, pois estava muito envolvido com ela sexualmente.

Manter os votos do matrimônio havia sido fácil depois de ter se livrado de Tia. Era como um pacifista que adotou a não violência depois de enfrentar tiroteios.

Nathan havia se enganado. Ele trabalhara horas extras na tarefa. Com exceção de alguns momentos em que uma lembrança sexual o excitava, ele simplesmente havia tirado Tia da cabeça. Sim, tivera uma curiosidade incômoda sobre o bebê, mas como nunca ouviu mais nada sobre ela, se convencera de que ela tinha feito um aborto. Havia conseguido acreditar que Tia estava fora de sua vida para sempre, e que Juliette e ele viveriam felizes. Era tão grato ao seu perdão que havia perdoado a si mesmo, e então se absolvera da memória de Tia.

Nathan nunca tentou descobrir o que tinha acontecido com a gravidez dela. Lutar pelo perdão de Juliette era tudo o que importava em sua vida. Então, bloqueou os pensamentos sobre Tia. E se convenceu de que sua devoção renovada a Juliette e aos meninos o tornavam um marido bom e fiel, e um pai acima de qualquer suspeita. O passado desaparecera. Abracadabra! Seu caso havia sido apagado graças às suas boas ações.

Obviamente, isso era negação, mas foi assim que seguiu em frente. Sua capacidade de raciocinar, de entender as coisas – de assegurar-se de que era um homem bom – agora pareciam ser as habilidades de um homem falso.

Juliette nunca deixou de se perguntar o que o levava a traí-la, e isso parecia incomodá-la mais do que tudo. Ela procurava uma razão que a ajudasse a entender sua infidelidade, e assim evitar que acontecesse de novo. Como se quando ele contasse a verdade, ela então entendesse como impedir que ele se

afastasse.

Por que diabos ele havia sido infiel? A resposta verdadeira o fazia parecer um nada. Dividir a verdade sobre sua fome, seu desejo de se ver através dos olhos de uma mulher apaixonada, o fariam sentir-se como... exatamente como o homem que havia sido.

Juliette nunca havia sido menos do que uma amante satisfatória. Nenhuma mulher nunca fora tão próxima ou tão correta, embora, verdade seja dita, algumas tenham parecido mais excitantes, mas apenas da maneira como alguém ocasionalmente quer comer uma pimenta para sentir algo mais picante.

Agora, Tia lhe causava agitação, não eletricidade. Transar com ela havia sido uma ideia estúpida. Será que ele realmente acreditou que podia sair ileso daquela situação?

Ele aprendera a viver sem os raios, mas agora eles haviam voltado para lhe dar um chute no traseiro.



Caroline e Peter Fitzgerald estavam na porta, a criança entre eles, cada um com uma mão em seu ombro. Ele observou o casal olhando para a garota, com medo de enxergá-la.

Tia aproximou-se dele, ele se afastou.

A boca neutra de Caroline Fitzgerald, sem sorriso nem carranca, cedeu um pouco. Ela não tinha uma aparência ameaçadora, era esbelta e saudável.

Nada na expressão de Peter Fitzgerald era neutro. Seus lábios estavam cerrados, talvez para não deixar escapar nenhuma palavra. A julgar pela expressão do homem, suas primeiras palavras podiam ser uma exigência para que fossem embora dali. Nathan achou que Peter não ganharia uma luta contra ele. Nathan era maior e mais durão, mas podia estar enganado. Apesar do tamanho médio de Peter, ele tinha o ar de uma criança de rua que sabia brigar pelo que queria. Nathan não apostaria em si mesmo se estivessem lutando pela segurança da criança. Não depois de ter visto como o homem agarrou Savannah e o encarou.

Nathan olhou para a garota.

Sua filha!

As palavras mal faziam sentido, mas ao vê-la sentiu um golpe no estômago.

Ela era adorável. Bochechas rosadas. Tinha o cabelo tão escuro que ele a chamaria de Branca de Neve se fosse sua filha. Sua princesa. Ele sorriu. Ela olhou para ele com olhos desconfiados. Segurou a mão do pai. Peter inclinou-se.

– Está tudo bem, princesa – disse ele.

– Por que não entramos? – sugeriu Caroline.

Tia e Nathan seguiram a família. Savannah segurava a mão de Caroline e Peter enquanto percorriam o corredor que levava à sala. Ao contrário da casa de Nathan, toda calorosa, com madeira, almofadas e tons coloridos, esta casa brilhava com tanto alumínio e polimento. O sol se refletia nas superfícies lustradas, causando em todos uma sensação desconfortável por causa da claridade. Tia parecia cansada, Peter enfurecido, Caroline ansiosa, e Savannah, a pobre menina, parecia confusa e aterrorizada.

– Quer pegar os biscoitos que fizemos? – perguntou Peter à filha.

A garota moveu a cabeça afirmativamente.

– Tudo bem.

Ouvir a voz da menina pela primeira vez deixou Nathan com as pernas bambas. Ela parecia tão pequena – uma garotinha. De certa forma, ele havia pensado nela como uma presença enorme e incômoda. Agora, o som de sua voz fina levava embora todo o seu ressentimento.

Savannah olhou para trás enquanto caminhava, olhando para Tia e também para Nathan. Ele tentou ficar olhando para ela sem parecer severo. Vê-la em três dimensões o deixava confuso, e ele oscilava entre a curiosidade, o medo e alguma influência atávica. Queria pegar o telefone e tirar uma foto dela. Para mostrar a sua mãe. Para olhar para ela depois.

– O que vocês disseram a ela? – perguntou Tia no momento em que Savannah não podia mais ser vista.

– A verdade – respondeu Caroline bastante seca. – Por que vocês quiseram vir aqui?

– Porque ela é minha filha – disse Tia.

– Ela é sua filha biológica desde que nasceu.

– Mas você nunca foi atrás de mim antes – revidou Tia. – Eu precisava saber o que havia mudado e o que estava acontecendo. Precisava ver se estava tudo bem com a minha filha.

A tensão era aparente nos ombros de Caroline enquanto ela arrumava as revistas na mesa, primeiro, endireitando-as e depois colocando-as em uma ordem mais decorativa. Caroline o fazia se lembrar mais de Juliette do que Tia. A solidariedade pela rigidez de Caroline parecia uma faca penetrando em Nathan. Caroline e Peter certamente não concordaram com uma visita como essa quando adotaram Savannah.

– Acho que ainda não fomos apresentados – disse ele. – Sou Nathan Soros.

Caroline examinou-o.

– É, eu sei. A sua esposa sabe que você está aqui?

– Pergunta justa. Ela sabe. – Nathan ouviu Tia respirar fundo.

– Então, qual é a sua real intenção em visitar Savannah? – perguntou Caroline. – Será que algum de vocês entende as possíveis ramificações disso? Isso pode dar muito certo, ou muito errado. Vocês... todos vocês, incluindo a sua esposa, Nathan, vocês aos menos pensaram nela?

– Por que você concordou que viéssemos visitá-la? – perguntou Nathan. Ele realmente queria saber. Esta não era uma pergunta truculenta, e ele rezou para que Caroline entendesse isso em seu tom de voz.

## CAPÍTULO 30

*Caroline*

Caroline percebeu que deveria descer de seus saltos. Ostentar uma postura tão dura não ajudava a ninguém, muito menos a Savannah. Se Tia apertasse um pouco mais o rosto, ele poderia se quebrar. As mãos da pobre mulher tremiam mesmo com ela dobrando os braços em volta de seu próprio corpo. Savannah devia estar aterrorizada com aquele medo. O que ela havia feito?

Deixar Tia e Nathan virem visitá-la devia ter sido a pior decisão que eles já haviam tomado como pais.

Meu Deus, ela esperava que isso não traumatizasse sua menina. Como podia ter sido tão convincente ao implorar a Peter que permitisse que eles viessem?

– É melhor enfrentar a verdade – disse ela. – Eles são seus pais biológicos. Ela vai querer descobrir mais coisas sobre eles mais cedo ou mais tarde. Talvez essa seja a hora certa.

E então ela lera para ele o que tinha achado durante suas pesquisas na internet: “A filosofia do conforto não leva em consideração vários fatores importantes, sendo um deles o fato de que a adoção aberta não deve se preocupar com que os adultos envolvidos se sintam confortáveis, mas sim em atender às necessidades da criança”.

Mas talvez ela tenha se enganado. Ou eles tenham se enganado.

Caroline respirou fundo e forçou-se a adotar uma postura mais descontrada.

– Permitimos que vocês viessem porque achamos que pode ser saudável para Savannah viver uma adoção mais aberta. Mesmo tendo os melhores lares, as crianças adotadas sempre criam fantasias a respeito de seus pais biológicos. Não importa o que aconteça, ela sempre vai pensar em vocês. Ela já pensa em vocês. Peter e eu concordamos que seria melhor deixá-la saciar essa curiosidade.

Antes que Tia ou Nathan pudessem fazer algum comentário, Peter e Savannah voltaram. Peter carregava uma grande bandeja coberta com biscoitos, copos e uma jarra de chá gelado. Savannah, que recentemente entrara em uma fase rosa, segurava o açucareiro rosa que ela havia escolhido para a ocasião. Sem ter

ideia de como se preparar para este encontro, Caroline havia levado a menina ao Target para comprar um aparelho de chá.

Peter colocou a bandeja na mesa e a garota colocou o açucareiro ao lado da bandeja. Assim que Peter se sentou, Savannah entrou no meio de seus joelhos e ficou olhando para Nathan e Tia.

– Preciso ir embora com vocês? – A garota segurava o tecido da calça de Peter, olhando para Tia e Nathan com uma expressão que era um misto de medo e admiração.

– Ah, querida, claro que não – disse Tia.

Nathan inclinou-se na direção de Savannah.

– Nós só queremos conhecer você. Só isso.

Savannah balançou a cabeça.

– Você é meu pai verdadeiro?

Nathan sacudiu a cabeça.

– Não, querida. Peter é o seu pai verdadeiro. Eu sou o homem que fez você junto com Tia.

Caroline começou a entender por que as mulheres ficavam tão atraídas por esse homem. Sua concentração em Savannah não vacilou enquanto ele pensava na resposta que daria.

– Essa moça é minha mãe verdadeira? – perguntou Savannah a ele.

Tia olhou para a criança e então para Nathan, como se não soubesse ao certo quem absorver primeiro. Seu desejo fazia Caroline tremer. Ninguém devia olhar para Savannah com aquele olhar. Como a criança conseguiria respirar sob tanta pressão?

– Não, Savannah – respondeu Nathan. – Ela é a mulher que fez você junto comigo. Caroline é sua mãe verdadeira.

Savannah se virou para Tia, aproximando-se um pouco mais dela e de Nathan, mas ainda com a mão no joelho de Peter.

– Mas era eu o bebê na sua barriga, não é?

Tia balançou a cabeça. Ela olhou para Savannah.

– Sim. Você cresceu na minha barriga. Tenho uma foto aqui.

Tia pegou a grande bolsa de couro que estava em seus pés.

Caroline e Peter se olharam. Ela telegrafou para ele: “Isso está certo?”.

Espero que sim, responderam seus olhos. Ele parecia tão incapaz como Caroline de parar ou até mesmo diminuir o ritmo daquele trem maluco.

Tia procurou na bolsa e pegou um grande envelope marrom.

– O que é isso? – Peter levantou a mão pedindo para que ela parasse.

– São algumas fotos. Achei que Hon... Savannah gostaria de ver. São fotos de antes de ela nascer.

– Fotos? – Caroline queria arrancar o envelope das mãos de Tia e olhá-lo, decidir o que mostrar ou não, mesmo quando Savannah esticou a mão para pegá-lo.

– Apenas uma, tá? – A pergunta de Peter não era uma pergunta. – Não vamos sobrecarregar ninguém.

– Certo. – Tia abriu o envelope no colo e olhou até pegar uma foto bem desgastada. – Eu devia ter feito uma cópia para deixar com você.

Tia segurou a foto para Savannah pegar, mas Caroline a interceptou. Ela olhou e viu Tia grávida sentada à sombra. A menina deixou Peter e aproximou-se de Caroline, que estava mais perto de Tia. Caroline sentiu o peso da mão de Savannah em seu braço.

– Essa sou eu? – Savannah bateu na foto de Tia. – Antes de eu nascer?

– Sim, querida, essa é você antes de nascer. – Caroline colocou a garota no colo. – E então, logo depois de você ter nascido, você veio para casa comigo e com o papai.

– Como no livro *Conte de novo*?

– Isso mesmo, querida, como no livro.

Savannah pedia para ouvir a história do livro *Conte de novo como foi a noite em*



*que nasci* pelo menos duas vezes por semana, sempre fazendo Caroline repetir suas partes preferidas, e então, de novo, pedia que ela contasse a história de Peter e Caroline trazendo Savannah para casa:

“Conte de novo que você me carregou como se eu fosse uma boneca de porcelana durante todo o caminho até em casa e como você olhava para as pessoas que espirravam.”

Savannah apertou os olhos para Tia. Ela saiu do colo de Caroline e deu alguns passos em direção a Tia, tomando bastante cuidado.

– Você não parece tão nova – disse ela.

– Tão nova para quê? – perguntou Tia.

– Tão nova para cuidar de mim.

– Isso está escrito no livro dela – disse Caroline. – A grávida é jovem demais para ser mãe, e por isso ela dá o bebê para a mãe adotiva.

Por que Tia havia dado a sua filha? Todas aquelas mentiras que Tia havia contado sobre não saber a identidade do pai, suas insinuações sobre ter sofrido abuso de alguns homens, seu estado emocional frágil. Tudo aquilo era mentira. Peter não tinha deixado a mulher perguntar nada a Tia. Ele estava emocionado demais por terem sido escolhidos como pais de Savannah para correr o risco de deixá-la irritada.

– Acho que eu era jovem demais de uma forma que você não consegue ver – disse Tia.

– Como assim? – perguntou Savannah.

Tia piscou rapidamente. Nathan colocou um braço em volta de seu ombro.

– É que eu não era casada e não tinha emprego e nem um bom lugar para morar – disse ela.

– Foi por isso que você me entregou para adoção? – perguntou Savannah.

Ah, Jesus, por favor, passe para mim a dor dessa criança. Era isso que Caroline deveria pesquisar. Como remover cirurgicamente a dor de uma criança e transplantá-la no corpo de sua mãe.

– Sabíamos que sua mamãe e seu papai cuidariam melhor de você – disse

Nathan.

– E então vocês me entregaram, não foi? – Os lábios de Savannah tremeram.

As lágrimas de Tia começaram a cair e ela esticou os braços e pegou Savannah no colo.

Caroline cruzou os braços, abraçando a si mesma enquanto observava Tia entrelaçar seus braços em volta de Savannah.

– Eu simplesmente não conseguia cuidar de você direito, querida – respondeu Tia. – Não conseguia. Me desculpe.

Savannah inclinou-se para Tia.

– Está tudo bem – disse a criança com a voz trêmula. Ela acariciou as costas da mãe biológica com hesitação. Tia respondeu inclinando a cabeça sobre a cabeça de Savannah, e seus cabelos escuros se misturaram.

Era difícil perceber quem confrontava quem. Por alguns minutos, elas se encaixaram de tal forma que a cena partiu o coração de Caroline. E, então, Savannah se soltou e voltou correndo para o pai.

Ela olhou para Peter, as lágrimas se misturavam com o pânico em seu rosto.

– Vou continuar aqui, não é, papai?



Caroline passou uma hora com Savannah antes que ela dormisse, lendo *A adoção é para sempre* três vezes e então escreveu repetidas vezes palavras como “amor” e “especial” em suas costas antes que a menina finalmente caísse no sono. Depois de Caroline tê-la acalmado, Savannah declarou-se sortuda, porque, diferente da menina no livro, ela tinha a oportunidade de conhecer seus pais biológicos. Caroline sentia-se feliz porque, não importava o que acontecesse, essa verdade parecia correta. Savannah não passaria sua vida imaginando quem Tia e Nathan eram. Caroline agradeceu o fato de que, de certa forma, a tarde quase desastrosa havia sido boa para a filha.

Depois de sua gratidão inicial por ter conseguido acalmar Savannah, e pela filha parecer ter superado o drama, o tempo que passou escrevendo letras em suas costas foi tão chato quanto havia sido no dia anterior. Ainda assim, apesar da chatices do momento de colocá-la na cama – a longa hora que passou afirmando o quanto eles a amavam, que ninguém a levaria embora e que ela seria a

garotinha deles para sempre –, depois que Savannah dormiu, Caroline continuou em seu quarto. Ela se sentou no tapete rosa ao lado da cama da filha, com as pernas cruzadas, e ficou ouvindo sua respiração suave.

Depois de todas as lágrimas e abraços, Savannah havia feito uma última pergunta a Caroline.

– Posso ver a outra mãe e o outro pai quando eu quiser? Não por muito tempo, só um pouquinho. Só para vê-los.

– Só para ver o quê? – perguntou Caroline.

Savannah deu de ombros e, diferente de uma criança que não queria dizer a verdade, aquele gesto dela realmente significava que ela não sabia por quê.

– Apenas para ver como eles são.



Caroline encontrou Peter na sala íntima, ajoelhado em uma toalha plástica que a mãe havia dado a eles depois de um de seus surtos de limpeza. Caroline lembrava-se de sua necessidade de dar aquilo a eles depois de um jantar num domingo. “Vocês vão se surpreender. Vai ser útil um dia. Fiquem com isso. Eu tenho três.”

Caroline não perguntou por que ela tinha três toalhas plásticas vermelhas. Ela não fazia a menor ideia de como a mãe de Peter achava que talvez eles pudessem usar aquilo, mas ali estava Peter, ajoelhado naquele pano escorregadio, com a caixa de ferramentas aberta, e uma fileira de ferramentas organizadas ao seu lado.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

Ele olhou para cima, com uma chave na mão e um par de guidão rosa na outra.

– Comprei uma bicicleta para Savannah.

– Você não me disse nada.

– Esqueci. Deixei no porta-malas.

Caroline não achou que ele se esqueceria disso. Comprar brinquedos para Savannah era como se fosse um calmante para Peter. Ela se ajoelhou ao lado

dele e pegou uma peça da bicicleta.

– Um veículo de duas rodas. Você acha que ela está pronta?

– Talvez eu esteja indo rápido demais. – Peter parecia esgotado e cansado, apesar de seu valente sorriso. – Talvez eu é que esteja pronto.

As peças da bicicleta estavam espalhadas de qualquer jeito. Caroline tinha certeza de que ele havia aberto tudo para colocar na ordem em que mexeria com elas depois. Ele era sempre bastante cauteloso. Os dois eram diferentes nesse ponto.

– Sinto muito, Peter.

– Já brigamos o suficiente. Vamos deixar para lá por enquanto. – Ele levantou a mão. – Chave Phillips, por favor.

Caroline começou a chorar.

– Eu não queria magoar você. Não queria magoar Savannah.

Peter passou uma flanela em um pedaço de metal.

– Não quero magoar nenhum de nós – repetiu Caroline quando ele continuou em silêncio. – Queria poder cuidar melhor dela. De verdade. Queria poder ser a esposa que você quer. Ser a mãe que Savannah precisa.

Peter se inclinou sobre o guidão enquanto o prendia no corpo da bicicleta.

– Você deve me odiar. – Caroline caiu de joelhos ao lado da toalha plástica. – Eu faria qualquer coisa para retirar o que disse. Para me sentir diferente.

Finalmente ele a encarou.

– Só não sei o que dizer. Não acredito que fizemos Savannah passar pelo que ela passou hoje.

– Já devia ter te contado há algum tempo como eu me sentia. Não nasci para isso. Não é uma coisa natural para mim, como é para a sua mãe ou para a minha. Eu não consigo ser como elas.

Peter jogou a flanela no chão e se levantou.

– Bom, então, que diabos vamos fazer? Você pode me responder isso? Você

sabe o que fazer? Já ignoramos o que é óbvio por tempo demais. Savannah merece mais do que estamos dando para ela hoje. Isso está me deixando louco. Está me deixando maluco.

Ele pegou a bicicleta que estava montando e, por um momento, Caroline temeu que ele a jogasse pela sala. Ele levantou a bicicleta e esticou o braço. E então, devagar, abaixou-a.

– Agora você é mãe. – Ele cuspiu cada palavra como se quisesse machucar.

Ela não respondeu.

– Tem algumas escolhas que não pode mais fazer – acrescentou ele.

Tudo o que estava preso dentro de Caroline se soltou. Uma tristeza insuportável e um sentimento de fracasso tomaram conta dela.

– O que você está dizendo não faz sentido para mim. Talvez simplesmente não esteja funcionando. Talvez nós não estejamos dando certo.

– Você precisa chegar a esse ponto? Acha que é disso que eu estou falando? Só estou tentando...

– Sei o que está tentando fazer. Está me dizendo que as coisas não são da maneira que quero. Mas, de certa maneira, você tem, Peter. Você queria uma criança, e então temos uma. E eu a amo. Realmente amo. Eu amo você. Mas estou desmoronando. Vejo o quanto estou falhando com Savannah, e isso está me matando. Mas não sei o que fazer.

Peter continuou em silêncio.

Caroline não queria brigar.

– Às vezes, preciso tomar remédios para conseguir fazer as coisas – ela quase sussurrou. – É assim que tento fazer, Peter. E não está funcionando. Quero fazer você feliz. Quero fazer Savannah feliz. Mas talvez eu não tenha os instrumentos necessários. Talvez vocês dois fiquem melhor longe de mim.

Ela saiu da sala.

– Aonde você vai? – Ele correu até a garagem. – Responda a minha pergunta.

– Vou sair – disse ela. – Só vou sair.



Já passava da uma da manhã quando Caroline voltou para casa. Peter estava sentado na sala íntima com uma revista fechada no colo. A sala não tinha mais ferramentas nem toalha de plástico.

– Onde você foi? – perguntou ele. – Você não atendeu o telefone.

– Sinto muito. Não pude atender. – Ela ficou em pé na frente dele.

– Onde você foi? – perguntou ele de novo.

– Fui pensar. Fui para o meu escritório. Não tenho outro lugar para onde ir. Não somos o tipo de pessoa que vai a bares.

– Mas somos o tipo de pessoa que toma pílulas?

– Eu me tornei uma – respondeu Caroline. – Não sabia de que outra maneira podia ficar quieta.

– Você achou que tinha que ficar quieta? Você tem medo de mim, Carol?

– Tenho medo de nós. De quem nós... eu estou me tornando. Nossa vida parece deixar você feliz, não importa como a gente se sintam mal.

– Também odeio isso, Carol. – Ele pegou sua mão e a puxou para baixo. – Mas é verdade. Quero que você mude. Como é que chegamos aqui?

– Eu não podia admitir o quanto as coisas estavam ruins... estão ruins para mim – disse ela. – Não consigo mais. Tudo dá errado.

– E aqui estamos nós. Você está infeliz. Savannah está uma pilha de nervos. E eu saio por aí como se fosse um touro furioso, como se pudesse fazer tudo da maneira como quero, sendo obstinado.

– Você é o único que está tentando formar uma família.

Ele levantou os ombros, como se quisesse indicar que aquilo não era problema.

– O que vamos fazer? – Caroline encostou a cabeça no ombro do marido. – Não quero perder o nosso relacionamento, mas não sei o que fazer. Sinceramente, não consigo continuar vivendo dessa maneira.

– Você vai embora? Você quer que eu vá embora? – perguntou ele.

Ela não podia responder, porque o que quer que decidisse, ela não via a vida da maneira como queria que fosse.

– Carol? Responda a minha pergunta. – Ele colocou uma mão embaixo do seu queixo, forçando-a a olhar para cima. Seus olhos estavam molhados. – Por favor, não me peça para escolher entre uma vida com você e com Savannah e uma vida sem vocês, eu simplesmente não consigo.

Ela nunca o havia visto chorar antes. Sentiu o coração apertado ao vê-lo franzir e fechar os lábios. Savannah fazia a mesma coisa quando tudo dava errado. Ela fizera isso quando Tia a abraçou.

Caroline esteve pronta para tirar Savannah dali naquele momento.

Agora, sabia a verdade. Sabia que podia não adorar passar o tempo com Savannah, mas que a amava tão profundamente como qualquer mãe ama seu filho. E ficaria feliz em machucar seu próprio corpo para evitar que ela se machucasse.

Ela era a mãe de Savannah – talvez não fosse uma mãe muito boa; talvez até uma mãe relutante –, mas nunca abriria mão de sua filha. Talvez tenha sido a coisa certa para Tia fazer, mas Caroline não conseguia se imaginar fazendo isso.

Ah, quem vai saber? Aqui estava ela praticamente fugindo da filha, julgando a mulher que pelo menos havia sido sincera sobre o que não conseguiria fazer. Como se chega a esse tipo de verdade? Provavelmente, Juliette era a única mãe verdadeira entre eles.

Será que Peter fazia ideia de quem Caroline era? Nunca poderia contar a ele sobre a tentação de Jonah. Guardar aquele segredo horrível seria sua punição. O mesmo Peter que nunca negaria a existência de sua filha era o homem que nunca trairia ou nem mesmo pensaria em fazer algo assim.

Caroline provavelmente não seria uma excelente mãe, mas e se ela fosse a melhor mãe disponível? Será que conseguiria fugir disso?

## CAPÍTULO 31

### *Tia*

– Agora, perdi vocês dois.

No caminho de volta da casa de Caroline e Peter, eles passavam por casas maravilhosas e jardins impecáveis.

– Você perdeu nós dois há muitos anos – disse Nathan de maneira delicada.

Tia queria conseguir odiá-lo, mas ele tinha se saído tão bem com Savannah, e ela tinha se saído tão mal! Havia dito coisas terríveis, imbecis. Seu corpo todo doía ao se lembrar de segurar a criança no colo.

A mãe de Tia teria adorado a neta. Ela parecia ser uma garotinha tão especial. Será que Peter e Caroline sabiam disso? Será que se importavam com ela?

– Você não acha que ela é especial? – perguntou Tia.

Nathan não respondeu, mas Tia percebeu que ele estava pensando e não evitando a pergunta. Provavelmente, fosse um bom pai para seus filhos, meninos que, pela primeira vez, eram tão reais para Tia.

O corpo robusto de Savannah agradava Tia. Ela ficou feliz em ver que a filha parecia bem nutrida e segura. Tia parecia um palito quando tinha a idade dela. Seu pai era forte e poderoso. Parecia que ia decolar como um jatinho a qualquer minuto. Tudo na mãe de Tia parecia duradouro e prático, exceto seus cachos, arrepiados em todas as direções.

O rosto de Savannah era uma mistura de Nathan e dela de uma maneira que ela nunca se cansava de olhar. Seria aquilo maternidade? Será que se Caroline passava o tempo olhando para Savannah todas as suas características ficariam marcadas em sua mente?

– Sua pergunta não precisa de resposta.

– Obrigada, Buda. – Tia se aproximou da porta o máximo que conseguiu e então encostou-se no vidro gelado. Como seria acordar e ver Savannah todas as manhãs?



– Na verdade, acho que você quis dizer Roshi. Ele é um professor Zen.

– Na verdade, eu quis dizer Buda, Professor. Um Buda silencioso.

Ele riu. Uma coisa precisava ser dita a respeito de Nathan: ele sempre estava disposto a rir de si mesmo.

– Sim. Savannah me pareceu muito especial, mas a questão de ser pai é que o seu filho sempre parece ser especial.

Tia virou-se para ele. Levantou uma perna e a esticou, tocando o braço dele.

– Então, você a vê como filha?

– Não sei como descrever isso.

– Você se sentiu da mesma maneira como se sente com seus filhos?

– Ah, Tia, claro que não. Eu estava lá quando eles nasceram. Passei a vida toda ao lado deles, e sempre estarei com eles.

– Então, ela é café com leite. Assim como eu.

– Você está sendo redutiva. Está reduzindo um problema complicado a uma coisa simples.

– Sei o que redutiva significa. – Que diabos ele pensava dela?

Talvez a melhor coisa em ter Nathan de volta em sua vida, embora rapidamente, tenha sido perceber como eles não combinavam. Tenha cuidado com o que você deseja. Robin havia jurado que a pior coisa que poderia acontecer a Tia seria Nathan separar-se da esposa para ficar com ela.

Robin também havia dito que encontrar Savannah era um erro. Mas Tia não achou que foi, com exceção do desejo que ficou de encontrá-la mais vezes.



Tia passou o Memorial Day procurando um tailleur nas araras de promoção de uma loja de departamento. Nada em seu guarda-roupas era remotamente apropriado para se usar em uma entrevista. Achava que havia usado algo decente quando foi entrevistada por Richard, mas qualquer que tenha sido a roupa usada na época, já não existia mais.

Agora, cambaleando um pouco em seus saltos novos, ela subiu os degraus de concreto do Merciful Sisters Senior Center, localizado também em uma igreja. Esta igreja era católica, e o escritório ficava no porão. O local provocou remorso pelos anos que ela havia passado longe das missas e pela raiva que sentia pela culpa que sempre a perseguia.

Tia chegou a um grande espaço aberto dividido por móveis e não por paredes. Três mesas estavam alinhadas em um canto. Uma mulher alta e esguia, usando calças pretas e uma camisa branca masculina, ocupava a primeira mesa. O cabelo branco grosso, preso em um coque no alto da cabeça, acentuava o azul-claro de seus olhos. A mesa vazia ao seu lado tinha o ar de atividade recente: uma pasta aberta, uma caneta, um jornal pronto para ser lido depois do almoço.

A terceira mesa estava vazia. Um papelão cobria o carvalho desgastado. Talvez aquela mesa esperasse por ela. Será que deveria iluminá-la com bugigangas e colocar ali o peso de papel de vidro que Bobby comprara para lhe dar sorte? Ela tentou sorrir quando viu o globo do mundo colorido colocado embaixo de um pano branco, escondido em uma caixa forrada de cetim, acolchoada com espuma – nossa, aquilo podia ter sobrevivido a um ataque de Marte – com o nome da loja em letras douradas, mas seu sorriso parecia uma careta. Eles estavam passando para o estágio do relacionamento em que se davam presentes por motivo nenhum. Bobby continuava agindo como se estivessem predestinados a ficar juntos.

Ele falava sobre a guarda da criança de maneira que parecia que adoraria discutir o assunto sempre. Ela ficava dizendo a si mesma que essa era apenas uma exploração do assunto, embora o fato de ter deixado Bobby pagar os custos do processo criasse nele certa expectativa.

Ultimamente, temia que houvesse um preço a pagar. Ela oscilava entre o otimismo de Bobby e os avisos de Robin, e ficava olhando para a foto de Savannah em sua carteira.

Qualquer possibilidade de ter a guarda da filha dependia de ter um emprego. O advogado dizia que era um fato imutável. Ele até havia falado alguma coisa sobre seu relacionamento com Bobby de uma maneira que fez Tia achar que estar casada seria uma grande ajuda.

Não que fosse ficar com Bobby por causa disso, mas isso não poderia ser um benefício a mais sem se tornar uma acusação por suas intenções?

– Você deve ser Tia. – A mulher de camisa branca se levantou e

cumprimentou Tia, estendendo a mão. – Eu sou a irmã Patrice. – Tia sentiu a força da mulher e viu gentileza em seus olhos. Os idosos mereciam alguém como ela como chefe do centro de idosos. Talvez ao trabalhar com ela Tia aprendesse a se sentir bem ao fazer bons trabalhos. Talvez ansiasse por menos coisas, e aprendesse a estar presente por meio da devoção.

O cheiro de maçãs e açúcar caramelizado podia ser sentido no ar, como se houvessem acabado de tirar tortas do forno. Materiais de artesanato enchem caixas de plástico. Pilhas de antigos cartões de cumprimento esperavam para ser colados em caixas de papelão. Os cartões e as caixas eram usados para decoupage, organizados em fileiras, como aqueles que ela havia visto na entrada.

Tia já podia se imaginar na Fianna's, em dezembro, implorando para seus amigos guardarem os cartões de Natal que recebessem. Eles trariam sacolas cheias de cartões. Ano após ano, ela havia ido atrás da Hallmark, aproveitando-se do desejo das pessoas de fazer caridade com um mínimo de esforço.

No outro lado da sala, uma mulher pálida dava tapinhas em um computador. Tia não sabia dizer se ela trabalhava ali ou se era uma paciente. Fotos de soldados ocupavam meia parede.

– Estes são os soldados que adotamos. – A irmã Patrice apontou as fotos. – Um para cada paciente.

– Certamente vocês têm muitos pacientes.

– Temos sim. – O sorriso da Irmã Patrice revelou dentes perfeitos. A freira devia ter por volta de setenta anos, por isso, provavelmente tinha dentaduras, mas eram muito boas. Apenas algumas rugas eram vistas na pele rosada da mulher, mas ainda assim Tia conseguiu perceber sua idade. Ela já havia trabalhado com idosos tempo o suficiente para conseguir identificar a idade das pessoas. Todo o Botox do mundo não era capaz de esconder o peso da idade.

– Venha. Sente-se. – A freira colocou a mão no braço de Tia e levou-a até algumas cadeiras de frente uma para a outra. – Você gostaria de tomar um chá? Café? Obrigada por vir cedo. Achei que era melhor nos encontrarmos antes que o pessoal começasse a chegar.

– Estou bem, obrigada. – Tia imaginou os idosos descendo as escadas, usando suas bengalas para abrir caminho até chegar ao redor do velho piano para cantar. Seu estômago se contraiu ao imaginar a senhora Graham cantarolando e sorrindo. Tia devia ter se ligado a um grupo como esse. A senhora Graham gostava de música.

O fracasso da senhora Graham era grande demais para prolongá-lo por mais do que alguns minutos. Mais uma vez, ela espantou aquela lembrança.

– Você parece mais do que qualificada para o emprego. – A irmã Patrice olhou por cima de uma pasta de papel pardo, que provavelmente tinha o currículo de Tia e a carta de apresentação. – Mas não vejo nenhuma carta de referência. – Por quê?

A necessidade de não mentir tornou-se maior do que o desejo de impressionar a boa mulher.

– Eu fiz uma burrada imensa no meu último emprego. Desculpe meu palavreado, Irmã.

O rosto da irmã Patrice se enrugou formando um outro sorriso.

– Palavras bastante verdadeiras para uma entrevista.

Tia inclinou a cabeça.

– Isso é bom ou ruim? Só consegui ser sincera quando você me perguntou.

– Por mim ou por você?

– Provavelmente, por nós duas – disse Tia. – Mas acho que mais por mim mesma.

– Por que você não me conta o que aconteceu? – disse a irmã.



– Um brinde a Tia! – Michael Dwyer levantou seu copo. – De novo, uma escrava do trabalho como o resto de nós.

Todos que estavam à mesa gritaram: “A Tia!” Moira, Deidre e Michael já estavam no Fianna’s quando Tia e Bobby chegaram.

– Eu teria ficado desempregada até receber o último cheque – disse Moira. – Você me impressiona.

A irmã de Moira inclinou sua caneca de cerveja na direção de Tia.

– De verdade, querida. Bom trabalho. E por falar nisso, se quem toma conta do lugar são as Irmãs de Notre Dame, é um lugar de primeira linha. A que te

contratou, ela tem boa reputação. Minha tia me contou.

Moira e Deidre acreditavam que seus lugares no céu estavam garantidos porque tinham uma tia que era freira. Elas a mencionavam pelo menos uma vez durante a noite, talvez uma lembrança para Deus. Ainda assim, era bom ouvir.

– Diferente do imbecil que te despediu. – Bobby abraçou Tia com propriedade. – Estou orgulhoso de você. Além disso, fica num excelente bairro.

– Já trabalhei em um bairro bom antes – disse Tia.

– É, verdade. Nada como ter um tribunal, um cemitério e uma parada de trem como vizinhos. – Bobby piscou para Michael, o que deixou Tia com vontade de ir embora dali e nunca mais voltar.

Ele iria negar até a morte, mas ela sentia seu preconceito. Tia sabia que ele detestava o fato de ela morar em um bairro onde as culturas e raças eram tão misturadas que não havia nem uma maioria evidente. Bobby não dava a mínima para as misturas raciais, desde que a corda arrebentasse do lado mais fraco.

– Aquele cemitério é um tesouro. – Tia duvidava que Bobby já tivesse ido lá. Khalil Gibran, E. E. Cummings e Anne Sexton estavam entre os escritores enterrados ali. Sinos, árvores que pareciam vestidas, e estátuas construídas há décadas decoravam o caminho, junto com criptas tão pomposas e majestosas que morrer nem parecia ser ruim.

– Você está certa. O lugar é incrível – concordou Michael. Ele gostava de mostrar a todos o quanto havia se tornado sofisticado depois que começou a trabalhar na prefeitura. Sua aprovação significava que agora a opinião de Tia podia ser aceita.

– Tudo bem, mas a parada de trem é um buraco – insistiu Bobby.

– O que você quer dizer com um buraco, Bobby? – perguntou Tia. – Não tem brancos o suficiente?

– Não coloque palavras em minha boca. – Bobby a abraçou. – Você está colocando as garras de fora.

Ele estava brincando, só isso. Sob pressão, ele sempre fazia a coisa certa. Ela acreditava nisso. A bondade de Bobby não era do tipo que pode ser expressa em palavras, mas sim em atos. Diferente de Nathan, que podia falar exaustivamente sobre suas crenças, mas que nunca havia ido a seu socorro.

Moira e Deidre sorriram afetuosamente ao ver Tia e Bobby. De certa forma, sem que Tia tivesse percebido, eles haviam se tornado o Chandler e a Monica de seu grupo, apaixonando-se depois de anos de amizade.

– Bobby, peça mais um drinque para mim, por favor. – Tia forçou um sorriso.

– Nós vamos tomar o próximo drinque no jantar – disse ele. O “nós” de Bobby souu irritante e alto demais.

– Por que não vamos todos jantar? – sugeriu Michael.

Bobby levantou a mão.

– Hoje, seremos só nós dois. Sem ofensas.

– Sem ofensas, cara. Namoros recentes precisam de espaço, certo?

Mesmo quando eram crianças, Michael agia como se fosse o padrinho de todos ali. Bobby ficava falando para Tia não deixar Michael irritá-la. Ele não faz por mal, é boa pessoa, dizia Bobby, sempre precisando defendê-lo – para defender a todos do grupo.

Bobby olhou para ela como se fosse ganhar o grande prêmio do Campeonato.

– Como é que isso pode ser recente, hein? – respondeu ele a Michael. – Eu a conheço desde sempre. Agora só preciso me certificar de que continue assim.



Eles foram a um restaurante à beira-mar. As mesas tinham velas, toalha de linho branco e três tipos diferentes de pães nas cestas. Tia tentou não comparar o lugar a outros em que tinha ido com Nathan, mesmo que esse a lembrasse do Helmand, um restaurante afegão em Cambridge, onde a comida era servida em louças pintadas à mão. Nathan tinha pedido o menu degustação, oferecendo a ela pedaços de quibe de abóbora e pão torrado embebido em molhos exóticos.

– Que lugar bonito. – Tia se sentou na cadeira que Bobby puxou para ela.

– Você está bonita vestida assim. – Ele se inclinou e beijou sua cabeça.

– Você acha? – perguntou Tia. – Achei que eu parecia executiva demais para um emprego em um porão de uma igreja.

– Deve ter funcionado. Você conseguiu o emprego, não foi?

– Acho que sim. Ela achou que eu me encaixaria bem no lugar. Embora eu não saiba por quê.

Bobby balançou a cabeça quando o garçom colocou copos de água em frente a eles e deixou o cardápio com capa de couro ao lado de seus pratos de pão.

– Você se desvaloriza. Foi por isso que acabou na cama com aquele imbecil.

De fato, ela se desvalorizava. Como se fosse uma propriedade. Talvez Bobby pensasse que Tia fosse uma barganha no mercado. Tia procurou pelo garçom.

– Acho que sim – disse ela de novo.

– Por que você ficou com ele?

Tia ficou imaginando o que Bobby queria ouvir. Que havia ficado perdida de amor? Que era tudo por causa do sexo? Ela duvidava que aquela fosse a resposta que ele queria ouvir. Que Nathan a havia drogado e depois a amarrara? Isso transformaria Nathan em um maquiavélico homem mais velho, e ela, em uma ingênua inocente.

Na verdade, Tia achava que ela tinha sido uma idiota. Havia se apaixonado por um homem que não estava disponível. E agora tinha de conviver com mais uma transgressão: ela queria, de novo, transar com Nathan. E havia traído Bobby intencionalmente, se não de fato.

– Acho que um psiquiatra diria que eu estava perseguindo um homem indisponível. Revivendo cenas da minha infância.

Os olhos de Bobby demonstravam mais bondade do que Tia merecia.

– Minha pobre garota. Você entende o quanto eu quero tomar conta de você?

– Acho que estou começando a entender.

– E você acredita que nunca vou te abandonar?

– Acredito.

– Me dê suas mãos – pediu Bobby.

Tia levantou as mãos. Ele as segurou e as acariciou. Suas mãos grossas

envolveram as dela.

– Eu te amo. – Essa era a primeira vez que ele dizia estas palavras. – Podemos ter uma vida juntos. Você pode redecorar a minha casa da maneira como quiser.

Tia se imaginou morando no amplo apartamento de Bobby, com aquela grande vista do oceano, andando naquele chão de madeira brilhante pela manhã para fazer café, e vendo a luz azul em vez de homens idosos do outro lado do quintal tossindo e cuspiendo em seus lenços.

– Podemos ser uma família – continuou Bobby. – Sei que é cedo demais para um anel. Mas estamos caminhando para lá, não é? Podemos atravessar todo o caminho. Vamos conseguir a sua menina de volta. Eu juro. Vou fazer de tudo para que você a veja.

E ali estava. A última oportunidade para Tia contar a Bobby que havia se encontrado com Savannah e com Nathan.

Ela pegou um pão e o partiu ao meio, e então ao meio de novo.

– Você quer tomar vinho ou champanhe? – perguntou Bobby. – Para comemorar.

– Comemorar?

– Seu emprego! – Ele se inclinou, pegou um pedaço do pão e enfiou na boca. – Seu emprego! Nós. Honor.

Savannah. Ela precisava contar a ele. O nome dela era Savannah.



## CAPÍTULO 32

### *Juliette*

Juliette e Nathan assistiram ao desfile do Dia da Bandeira no meio-fio, o equivalente às fileiras da frente, amassados no canto da maior esquina de Rhinebeck: Mains Street e East Market. Os pais de Juliette estavam sentados em cadeiras dobráveis, o pai dela segurava uma garrafa de limonada, e a mãe, copos descartáveis. Ela acreditava que havia garrafas de água escondidas na grande bolsa de palha da mãe.

Juliette abraçou os joelhos ao observar Nathan sorrir e impulsionar o punho enquanto Max pulava em cima de seu skate. O fato de Juliette e Nathan estarem no mesmo lugar havia levado Max a um grande estado de alegria. Ele agia como criança de novo. Mesmo depois de Juliette ter dito várias vezes a ele que o pai estava ali apenas como visita, Max pulava por todos os lados como se fosse Roo e como se Juliette fosse sua querida mãe, Kanga.

Juliette desejou voltar ao tempo em que lia livros infantis para os filhos. Ao tempo em que Nathan e ela arrumavam os garotos para dormir todas as noites e faziam aquelas coisas maravilhosas que mamãe e papai costumam fazer, quando simplesmente olhavam porque a visão dos filhos já os satisfazia.

Mas era o filho mais fácil. Na noite anterior, quando Juliette tentou conversar com Lucas sobre a visita de Nathan, ele pediu a ela que o deixasse sozinho e não falasse mais sobre isso. Quem se importava com a presença dele? Mas quando Nathan chegou, Lucas parecia ficar um pouco mais aliviado a cada minuto que passava.

As palavras da mãe ecoavam. Talvez ninguém melhor do que Nathan esperasse por Juliette. Certamente, não havia ninguém mais que também tivesse Max e Lucas, ninguém mais que quisesse morrer ao ouvir notícias ruins a respeito dos garotos. A adolescência a aterrorizava. Acidentes de carro, drogas, namoradas grávidas. Ela imaginava o pior. Apenas Nathan podia compartilhar com ela aquele estado de espírito.

Um caminhão de bombeiros antigo desceu a rua, seguido por um caminhão de lixo enfeitado de bandeiras que carregava um Elmo vermelho.

Uma menina vestida de escoteira passou marchando, seu sorriso formava uma covinha. Ela carregava dois cata-ventos e dava pulinhos a cada metro, lembrando Juliette de sua época de desfiles. Anos atrás, ela havia sido escolhida para carregar a bandeira. Treinara durante semanas, subindo e descendo o caminho.

No dia do desfile, depois de ter marchado por vários quarteirões na expectativa de ver os pais, quando finalmente chegou ao local onde eles estavam sentados, em vez de olhar para ela, eles estavam conversando com amigos. E o pai estava com o braço em volta da mãe. Ela fechou os olhos por um minuto e enviou mensagens telepáticas. “Olhem para mim! Olhem para mim! Olhem para mim!”

Finalmente, o pai olhou para ela, levantou o queixo e sorriu. Então, a mãe bateu palmas, com a mão para cima, mas aquilo não fora suficiente para Juliette. Ela queria que eles estivessem esperando que ela passasse, e não apenas olhando para ela por acaso.

Nathan tocou o joelho dela com o dele.

– Obrigado por me deixar vir. – Pela aparência dele, parecia que ela tinha lido a lua e as estrelas.

A mãe havia avisado a ela para não deixar tão evidente o seu amor por Nathan. “Não o idolatre tanto”, dissera ela. Se não ele não irá idolatrar você.

Agora, sentindo seu desejo desesperado – veja, mãe, ele me idolatra –, ela não queria nada mais do que o normal. O normal deles. Antes dessa confusão. Queria de volta a época em que faziam juntos coisas como jantar, ler o jornal e tudo o que os adultos fazem juntos.

– Os meninos estavam sentindo a sua falta – disse ela. – Não estão acostumados a vir aqui sem você. Não gostam disso.

– Não tem ninguém para jogar basquete com eles – disse Nathan.

– Meu pai os levou para pescar – ela contou. Nathan pareceu desfigurado. Ela ficou se perguntando se sua falta de sono era causada por preocupação ou por algo mais. Tipo ficar acordado até tarde.

– Seu pai pesca? – Nathan sorriu. – Gordon? Achei que ele nem soubesse o significado da palavra esporte.

Juliette deu de ombros. Nathan adorava fazer brincadeiras sobre seu pai. Talvez as semelhanças entre eles – professores – forçasse Nathan a querer rebaixar o pai dela para mostrar que era melhor que ele. Um lado alfa.

– Minha mãe diz que é bom para o coração dele. – Juliette protegeu os olhos e procurou pelos meninos. Percebeu Lucas tentando ficar mais alto e empinando o peito quando as líderes de torcida se aproximaram. Que tipo de lições sobre mulheres seus filhos aprenderiam com Nathan? Ela temia que a separação pudesse estragar a visão deles sobre o amor.

Antes de Nathan sair de casa, os meninos adoravam o pai. Agora Lucas o seguia em círculos cautelosos, e Max implorava por carinho e aprovação como se fosse um animal de estimação.

– Que tal sairmos para jantar hoje à noite? – perguntou ele para Juliette. – Só nós dois. – Nathan batia os dedos no meio-fio. Nathan e Max tinham mãos grossas. Lucas tinha os mesmos dedos longos e articulados de artista que Juliette herdara do pai.

– Você acabou de chegar – disse Juliette. – Não devemos deixar os meninos.

Eles não haviam conversado sobre onde ele iria dormir. A casa de seus pais tinha muitos quartos, mas ela o queria em sua cama. O que não queria, porém, era ter esse desejo. O desejo que ela sentia por Nathan a enfraquecia.

– Então vou levar todo mundo para jantar. – Os ombros de Nathan tocaram os dela por um segundo. – A não ser que você prefira que sejamos apenas os meninos e nós.

– Vamos ficar em casa. Você pode comprar o jantar. Acho que os garotos vão gostar disso. Estaremos juntos sem pressão.

– E depois? Depois do jantar, vamos poder passar um tempo sozinhos? – Nathan começou a pegar a mão dela, afastando-se no último momento, deixando-a apenas com um leve toque de sua pele na dela.

– Vamos ver. – Ela voltou a olhar para o desfile para não ceder ao seu desejo de tocar o rosto de Nathan. Homens idosos marchavam carregando rifles nos ombros, usando uniformes que pendiam sobre o peito e ficam apertados na barriga.

Havia passado, de longe, uma vida toda.



Juliette ficou se perguntando se deviam ter saído, Nathan e ela. As expectativas palpáveis de todos estavam pesadas demais. Ela achou que chegaria a gritar se seu pai tentasse deixar ainda mais claro que ele estava se divertindo, e mais ainda certificar-se de que os garotos percebiam o que ele estava fazendo. “Vejam como estou cordialmente acolhendo o pai de vocês de volta!”

A alegria não combinava com sua mãe, mas ela tinha charme, e hoje estava usando o máximo de charme possível. Fez brincadeiras sem graça com todos depois de manipular os lugares à mesa para que Juliette e Nathan se sentassem lado a lado. A sala de jantar estava repleta de velas acesas por sua mãe, de rosas amontoadas em muitos vasos e da tensão causada pela esperança dos meninos.

Nathan pressionou sua perna contra a de Juliette – provavelmente o que sua mãe havia torcido para que acontecesse quando os colocou sentados juntos. Ele não tirou a perna, e ela também não se afastou.

– Essa comida é maravilhosa, pai. – Max colocou mais uma fatia de carne em seu prato. – E eu adorei essa base giratória, Mamie. Devíamos comprar uma para nossa casa. – Ele girou a base no centro da mesa até que Nathan interrompeu o movimento com a mão.

– Era só o que faltava – disse ele. – Mais movimento perpétuo para nos deixar loucos.

– A comida está ótima – disse Juliette. – Gostaria que tivesse comida chinesa por aqui quando eu era pequena. – Ela não se importava a mínima com a comida, mas queria acabar com aquela sensação de conforto da palavra “nós” que Nathan usara antes que Max e Lucas começassem a pensar: “Ah, papai voltou para casa”.

Nathan, o pai dela, a mãe dela, as crianças – todos queriam envolvê-la em um bom e apertado fato consumado. Ainda assim, era um alívio ver os filhos agindo naturalmente. Lucas amassou uma embalagem de palha e jogou em Max, que jogou arroz nele. Max não estava tentando ser a criança perfeita. A boca de Lucas havia relaxado.

– Chega, meninos – disse Nathan. – A Mamie não quer que vocês decorem a casa dela com comida. Se já terminaram de comer, podemos limpar a mesa.

– Não! – Max protegeu seu prato. – Ainda estou morrendo de fome.

– É. Parece mesmo que você está morrendo de fome – disse Lucas.

– Comporte-se, Lucas. Tome. Experimente um pouco disso. – Nathan colocou uma porção de camarão com molho de lagosta no prato de Lucas.

Uma quantidade cada vez menor de comida chinesa cobria a base giratória. Nathan comprara o suficiente para alimentar três famílias, mas eles haviam comido como se fossem dez pessoas e não seis. Até mesmo sua mãe beliscou um pedaço de frango.



Juliette e Nathan finalmente subiram as escadas que levavam ao segundo andar bem depois da meia-noite.

O restante da família havia ido para a cama horas antes, obviamente conspirando para dar a eles um pouco de privacidade. Lucas deixou a sala íntima especialmente cedo, fingindo que preferia ler a assistir TV, dando um bocejo teatral depois de dizer boa-noite, às nove horas. Ele segurava um exemplar antigo de *Tubarão* que encontrou na sala de estudos do avô, como se seus pais quisessem prova de sua intenção.

Juliette, por sua vez, permaneceu lendo no sofá por hora. Pelo menos, parecia estar lendo. Na verdade, segurava um livro e virava as páginas, mas não registrava nada do que lia. Em vez de ler, pesava os prós e contras até que achou que talvez estivesse ficando maluca. Ela havia se esticado em direção ao marido emocionada, querendo nada mais do que a segurança daquela ilha privada criada por um marido e por uma esposa.

Ela queria segurar aquela xícara de café reconfortante.

Agora, estavam sozinhos no quarto. Juliette se encostou na porta como se tivesse deixado alguma coisa do lado de fora.

– Você está bem? – perguntou Nathan.

– Na verdade, não.

– Estamos bem?

– Não faço ideia – disse ela. – Podemos deixar para lá? Só por enquanto.

– Não sei se consigo. – Nathan colocou as mãos ao lado de Juliette, deixando as palmas de suas mãos se apoiarem na porta. – Preciso falar com você, Jules.

Tenho muita coisa a dizer.

– É. Eu sei. – Mas, se eles conversassem, provavelmente não chegassem a esse ponto. Ela encostou a cabeça em seu peito. Ou a esse ponto. Ela o tocou. – Não sei se estou pronta.

Essa era a questão de fazer amor com seu marido. Você podia simplesmente tocá-lo. Não precisava usar batom ou pesar os prós e contras.

Ele a levou para a cama. Ela o segurou por um momento enquanto tirava a colcha de patchwork.

Eles se deitaram nos lençóis brancos de algodão. Juliette respirou fundo.

– Vamos tirar nossas roupas – sussurrou ele.

– Não. Espere. – Decisões e escolhas passaram pela cabeça dela rapidamente. Em um segundo, o queria mais do que tudo e, então, no momento seguinte, não estava pronta para senti-lo sem uma barreira.

O desejo dele era evidente, e ela se sentiu brutalmente superconsciente de tudo.

– Como foi vê-la? – perguntou ela.

– Quem?

– Qualquer uma das duas. As duas.

– Já falamos sobre isso. – O ombro dela abafou suas palavras.

– É. Verdade. Mas eu não sei exatamente o que aconteceu.

Ele se esforçou e se afastou de Juliette.

– O que aconteceu com o deixar para depois? – No momento em que soltou essas palavras, ele forçou um sorriso. – Desculpe.

Juliette permaneceu deitada de costas. O teto era perfeito. Nenhuma rachadura. Nenhuma mancha de água.

– Achei que eu pudesse deixar para depois, mas estava enganada.

Nathan parecia bem para ela. Ela detestava isso.

Ele se mexeu para abraçá-la.

– Não.

– Eu não a amo, Jules. Acho que nem gosto mais dela.

– Você transou com ela?

– Claro que não.

– Não pareça ofendido. Você não tem esse direito.

– Você está certa. É só que eu odeio o fato de você pensar que eu seria capaz disso. – Ele se deitou ao lado dela. E colocou uma mão em seu rosto, tentando fazer com que olhasse para ele, mas ela continuou parada, olhando para o teto perfeito.

Ela não sabia dizer se ele estava mentindo ou sendo sincero, mas ela não tinha como saber se era verdade a menos que o submetesse a um detector de mentiras. Havia lido que era possível perceber pelos olhos. Algo sobre a pessoa olhar para cima para pensar na resposta ou então olhar para baixo para contar uma mentira, mas não conseguia se lembrar; podia muito bem ser o contrário.

– E a Savannah? – Juliette não iria chorar. Não importava o que ele dissesse. Ela havia prometido para si mesma que se não chorasse poderia comer panquecas encharcadas de xarope no café da manhã. Ia pedir ao pai que as preparasse. Max gostaria disso. Ela derreteria a manteiga e esquentaria o xarope. E as colocaria nas tigelas floridas da mãe.

– Ela é uma bela criança.

– O que isso quer dizer, “uma bela criança”? Por quê?

Ele caiu para trás. Agora os dois estavam olhando para o teto.

– Ela é uma garota sincera. Estava com medo. Achou que talvez nós tivéssemos querendo levá-la embora. Deve ter sido horrível para ela. Pelo menos, foi horrível para mim.

– Por que vocês foram juntos?

– Sério, Jules? Nem eu sei. Primeiro, a Caroline foi atrás da Tia... não me pergunte por que, não faço a menor ideia, e então a Tia ficou maluca e me ligou logo em seguida. Disse que não confiava nos motivos de Caroline e que

precisávamos ter certeza de que Savannah estava segura com ela.

Juliette bufou.

– Claro. Eu acredito nisso.

Nathan virou para o lado. Ele colocou uma mão em sua cintura.

– O que você acha? Por que você acha que Caroline foi atrás de Tia?

– Acho que Caroline estava sondando a Tia. Ela havia dito a Caroline que não sabia quem era o pai da menina – disse Juliette. – E, sinceramente, tenho certeza de que não ajudou eu não ter sido sincera no meu encontro com ela. Se estivesse no lugar de Caroline, gostaria de saber o que estava acontecendo.

Juliette percebeu como tinha agido mal. Caroline devia pensar que ela era uma maluca.

E ela tinha sido. Não importavam seus motivos, havia ficado um pouco maluca, embora, ainda, ela não pudesse imaginar como eles poderiam deixar para trás a lembrança, a realidade, de Savannah agora na vida deles. A caixa de Pandora não poderia mais ser fechada.

– Caroline parece ser uma boa pessoa. E Peter também. O marido dela. Pessoas sólidas. Bons pais.

– Como você se sentiu ao ver Savannah?

– Eu me senti protetor. Quero que ela fique bem. Senti uma ligação, claro, mas não senti que ela era minha. Não como me sinto em relação a Max e Lucas.

Juliette não sabia se deveria se sentir feliz ou triste com isso.

– Me abraça? – Juliette achava que ele sentia um pouco de cada coisa.

– Sinto sua falta. – Ele a pegou nos braços. – Quero voltar para casa, Juliette.

O cansaço tomou conta dela.

– Vamos só dormir, Nathan.

Nathan puxou a colcha sobre ela, que se deitou vestida. A água escorria enquanto ele escovava os dentes. Juliette nunca conseguiria livrá-lo daquele mau hábito. Ela pensou em tomar um banho, mas o cansaço a manteve esparramada



embaixo dos lençóis.

– Tome. – Nathan segurava um copo cheio de água. – A comida chinesa sempre te deixa com sede.

Ele se sentou na beirada da cama e levou o copo até seus lábios. Ela não percebeu que estava com sede até ele lhe dar a água.

Ela limpou os lábios molhados.

– Eu não sei. Eu simplesmente não sei se você pode ficar.

– Agora?

– Não. Você pode ficar agora, mas depois. – Juliette segurou sua mão. – Eu preciso ter certeza.

– Você não me ama mais? – perguntou Nathan.

– Eu te amo. A questão é: será que eu consigo te perdoar? Se eu não conseguir, nós não teremos uma vida juntos.

– Não tome essa decisão agora. Não dessa maneira. Está tudo muito recente.

– Você está certo. Mas tem algumas coisas que estou sentindo que talvez nunca mudem.

– Posso te dizer isso com total confiança. Nunca dormirei com outra mulher que não seja você. Nunca! Eu sei disso. Não sei por que fiz aquilo, mas sei que não tinha nada a ver com você.

– Eu posso aceitar isso, e posso até escolher acreditar nisso. Mas aqui está o problema. Mesmo que eu possa perdoar o seu caso com a Tia, não sei se consigo perdoar o fato de você ter a Savannah.

– A Savannah? – Nathan pareceu confuso. – Não tive nenhuma responsabilidade nisso. Não queria que Tia engravidasse. Meu Deus, era a última coisa que eu queria. Sinceramente, acho que ela quis usar isso para que eu ficasse com ela. Para que eu deixasse você. Mas eu nunca deixaria.

– Você ficou comigo. Mas você não confiou em mim.

– Como assim?

Juliette se sentou na cama. Ela cruzou as pernas e apoiou os pulsos nos joelhos, tentando não chorar.

– Você negou a sua filha. O que no mundo é capaz de fazer um homem negar o seu filho?

– Foi por sua causa, Jules! Sua e dos meninos. Não podia perder vocês.

– Viu, essa é a segunda questão. Você devia ter confiado em mim, Nathan. Devia ter me contado. Talvez se tivesse sido sincero, nós teríamos tido uma chance.

Nathan permaneceu em silêncio por um longo tempo. A luz fraca do abajur lançava sombras que sugeriam como ele seria aos cinquenta, sessenta e depois.

– Não acabe com o que temos – implorou ele. – Eu sei que você está decepcionada comigo. Eu me sinto da mesma maneira. Por favor. Nos dê uma chance.

Juliette virou para o outro lado. Precisava não ver Nathan. Sabia que ele queria consertar as coisas, e sabia que Lucas e Max precisavam do pai em casa.

Sua mãe, seu pai, todos a empurravam de volta para Nathan.

Não podia tomar uma decisão por causa dessa pressão.

Mas fazer sua família feliz também a faria feliz. Isso não valia a pena?

Será que seria capaz de perdoá-lo?

Gandhi disse que o perdão é uma das características do forte. Ela só não sabia se tinha esse tipo de força.

## CAPÍTULO 33

### *Caroline*

– Feliz dia dos pais, papai! – Savannah pulou na cama, conseguindo cair exatamente entre Caroline e Peter.

Caroline ficou se perguntando por que só agora havia percebido que Savannah se movimentava com tremenda graça.

Savannah se inclinou sobre Peter e deu-lhe um beijo que estalou alto.

– Ai, você está espetando, papai.

– Você acha? – perguntou Peter. Ele passou o rosto no braço de Savannah. – Arranhando tanto quanto a lixa de unha da mamãe?

– Pior do que a lixa do livro *Pat the Bunny*. – Savannah virou-se e acariciou o rosto de Caroline. – A mamãe é macia.

– Que tal como presente de dia dos pais, eu voltar a dormir? – perguntou Peter.

Caroline puxou Savannah torcendo para que todos eles pudessem dormir por mais uns cinco minutos.

– Hora do aconchego?

Savannah ficou parada, com as mãos para os lados, obviamente tentando agradar os pais apesar de sua impaciência para se levantar.

– Nós não vamos trazer café na cama para o papai? – sussurrou ela. – Como fizemos para você no dia das mães?

Caroline se virou para olhar a garota.

– Talvez devêssemos fazer algo diferente, princesa. Talvez pudéssemos levar o papai para tomar café em algum lugar.

– Mas é dia dos pais! – Savannah falou sem o miado esperado de uma criança de cinco anos de idade quando alguém solicita que ela deixe a tradição de lado. As crianças gostam do convencional. Mais uma vez Caroline temia que a garota

fosse boa demais.

– Eu sei – disse Caroline. – Eles fazem café da manhã especial para os pais nos restaurantes.

– Mas nós devemos cozinhar para ele.

Onde é que ela aprendia essas convenções familiares tão rígidas? Na Disney Channel?

Peter se afundou ainda mais no travesseiro.

Fazer um supercafé da manhã parecia uma ideia péssima.

– Tudo bem, querida. Já vamos – disse ela.

Savannah se aproximou de Caroline, segurando a ponta do cobertor e envolvendo-a em volta de seu pulso.

– Mamãe?

Caroline ouviu a pontinha de medo que ela detestava. O som lembrava Caroline de sua própria falha, raramente tendo coragem para dizer o que pensava ou sentia.

– O que foi, querida?

– O que você acha que o outro pai vai fazer hoje?

Caroline pensou em todas as respostas possíveis, e então escolheu a sinceridade.

– Eu diria que ele está com os filhos dele, princesa. – Peter e ela haviam contado a Savannah sobre a família de Nathan com toda a franqueza que acharam que ela conseguiria suportar. Não tinha sido fácil, mas esconder as coisas só deixava tudo pior no fim.

– Seus filhos verdadeiros – Savannah disse isso como se fosse um fato consumado, e, embora Caroline tivesse vontade de contradizê-la, ela não conseguiu encontrar palavras que pudessem se tornar uma verdade aceitável. Por fim, ela simplesmente abraçou a filha bem forte.

– Papai e eu amamos muito você.

Será que haveria alguma outra coisa a dizer?



Depois de comer rabanadas, eles tomaram banho e se vestiram para visitar os pais de Peter. Durante o caminho, continuaram com aquele sentimento mágico de serem só os três. Então, Peter estacionou o carro e Caroline ficou tensa.

– Não estou muito animada com esse encontro – confessou ela.

– Não se preocupe – disse Peter. – Eu cuido deles.

– Cuida do que, papai? – perguntou Savannah no banco de trás.

– Da vovó e do vovô. Às vezes, eles acham que o que a mamãe e eu fazemos é bobagem.

– Como assim?

*Como o que estamos prestes a fazer.* Caroline entrelaçou os dedos e apertou-os.

– Bom, como comer panqueca no jantar. Sabe, como fazemos algumas vezes? A vovó e o vovô acham que devemos comer panquecas apenas no café da manhã. – Peter abriu a porta do carro e saiu. Mas voltou. – Acho que devíamos todos tirar um dia de folga... do trabalho, da babá, de tudo... na semana que vem e ir passar o dia na praia. Devíamos comprar pipas e empiná-las até chegarem nas nuvens. E isso seria uma bobagem, não é?

Savannah arregalou os olhos de uma maneira que Caroline nunca havia visto antes.

– Ah, papai, podemos fazer isso? – perguntou ela.

– Por que não?

– Mamãe? O papai está falando sério?

– Está, querida. Esse seu pai é bastante flexível. – Caroline continuou sentada, esperando que Savannah perguntasse o que flexível significava. Caroline queria dar uma explicação para a filha. Ela era muito boa nisso.



– Enfim, sei que tudo isso parece repentino, mas queremos já estar instalados em um novo lugar antes do início das aulas.

As palavras de Peter meio que desapareceram enquanto ele olhava para a mãe. Se Caroline tivesse pensado mais sobre o assunto, nunca teria deixado seu próprio entusiasmo no caminho do fato óbvio de que a sogra iria pirar quando ouvisse seus planos. Falar sobre suas decisões assim, com Savannah e o resto da família à mesa, era um grande erro.

– Você terminou? – A sogra, que tinha ouvido tudo com os lábios fechados mostrando desaprovação, finalmente soltou. – Você ficou louco? Porque isso vai acabar com você. Deixar sua empresa, Peter! – Caroline se encolheu quando a sogra bateu na torta de cereja que estava na mesa. Era a torta preferida do sogro, e a mãe de Peter a fazia sempre naquele dia. – Vocês dois ficaram malucos. – A sogra continuou falando mesmo depois de se virar para trás para pegar uma pilha de pratos de sobremesa em cima do aparador.

O assado de domingo havia sido devorado pelas irmãs, irmãos, cônjuges, sobrinhos e sobrinhas de Peter. Tudo o que sobrou fora colocado na longa mesa de mogno, e então uma mesa de cartas havia sido encaixada nas duas pontas da mesa. Peter e Caroline se sentaram com Savannah no meio deles.

Irene Fitzgerald colocou com força um prato de borda dourada na frente de Caroline.

– Aposto que isso é coisa sua, não é?

– Irene, acalme-se! – pediu o pai de Peter numa tentativa frustrada de acalmar a esposa.

– Boa demais para cuidar da própria filha – murmurou a mãe de Peter, ignorando o pai.

– A mamãe cuida de mim, vovó. – Savannah segurou a mão de Caroline embaixo da mesa e a apertou. – Não é, mamãe?

Caroline balançou a cabeça.

– Sim, querida.

Savannah olhou para Peter.

– E a Rose só ajuda, não é?

– Babás! – A mãe de Peter praticamente cuspiu a palavra. – Pessoas normais ficariam bem satisfeitas com uma babá que viesse só de vez em quando.

– Pare com isso – Peter se dirigiu à mãe, falando com uma força que Caroline reconhecia bem. Então, ele se virou para a filha. – Rose, a babá, tem nos ajudado muito desde que você era pequenininha. Mas logo não precisaremos mais tanto dela. Você vai estar na escola, e então eu vou buscar você ou você vai fazer algum curso depois da aula. A Rose vai cuidar do bebê de outra pessoa, e você e eu vamos passar mais tempo juntos. Parece uma boa ideia?

– Ah, eu vou adorar isso. – Ela olhou para Caroline. – Não é, mamãe?

– Sim. Você vai adorar. E talvez neste verão, depois de encontrarmos nossa casa nova, você conheça algumas das garotas que estarão na sua classe na escola.

– E onde isso vai ser? Em Jamaica Plain? Ou em Dorchester? – A mãe de Peter nomeava os bairros de Boston como se Caroline e Peter estivessem planejando enviar a filha para a escola em uma vila devastada pela guerra, onde ela ficaria fugindo das balas.

– Estamos procurando um lugar bom, mãe – disse Peter.

– Você já mora em um lugar bom. No melhor dos lugares. Como pode tirar essa oportunidade de sua filha? Você lutou tanto para isso. – Ela fungou na direção de Caroline. – Olhe para você, desistindo de tudo.

– Caroline e eu temos o melhor para nossa família em primeiro lugar e acima de tudo. – Peter colocou uma mão protetora sobre o braço de Caroline. Com um sorriso que ela sabia que tinha a intenção de acalmar a filha, enquanto também passava para a mãe a mensagem de que ele estava falando sério, disse: – Agora, sente-se e coma um pedaço de torta conosco, antes que tenhamos que enfiar um remédio de pressão na sua boca.

A mãe dele provavelmente percebeu que o que Peter realmente queria dizer era: “Pare, ou vamos embora daqui agora”. Caroline fechou os olhos momentaneamente em agradecimento. Peter tinha dificuldade para enfrentar a mãe. Ele adorava ser aquele que tinha obtido sucesso na família. Aquele de quem a mãe falava na vizinhança, na igreja, no supermercado. Ela raramente deixava passar uma oportunidade de falar sobre o sucesso do negócio de Peter, e ele se deliciava com o orgulho da mãe.

E ali estava Caroline, levando tudo isso embora.

Tudo na vida deles estava prestes a mudar. Peter havia planejado diminuir suas horas de trabalho e contratar um gerente. Viveriam com menos dinheiro até que Savannah fosse mais velha e ele pudesse voltar a trabalhar com força total.

Sua brilhante casa branca? “Vendemos”, disse Peter. “Quero Savannah e você muito mais do que quero aquele pedaço de terra.”

E os carros? “Vamos trocá-los. Um Corolla leva você aos lugares do mesmo jeito.”

A mãe de Peter sacudiu a cabeça enojada.

– Que desperdício. Você construiu um negócio maravilhoso e agora vai deixar que ele desapareça? Por que vocês estão sendo tão bobos?

– Mãe, deixe isso pra lá – disse Joe Junior, o irmão mais velho. – Quem se importa se venderem a maldita casa ou se ele está usando um maldito avental?

Joe era o irmão mais quieto, mas quando era preciso encerrar um assunto, era ele quem assumia o posto.

– Joe! – exclamou a mãe.

– Com licença, mãe – disse Joe. – Quem se importa se eles venderem a casa? Ela é mesmo grande demais para apenas três pessoas. Só serve para mostrar que têm dinheiro.

A filha adolescente de Joe, Heather, gritou da outra ponta da mesa:

– Eu fico com a casa!

– A sua casa está bem boa, senhorita – disse a avó. – Seu pai providencia tudo o que você precisa.

– Não estava dizendo isso, vovó.

– E não se atreva a dizer. Não quero ninguém se exibindo nesta casa.

– O que você está falando nem faz sentido, mãe – disse Faith. – Primeiro, você fica chateada porque Peter e Caroline estão vendendo a casa deles, e então você diz a Heather para não desejar a casa deles.

Com os dedos trêmulos, Caroline colocou uma colher de sorvete em cima do



pedaço de torta que estava na frente de Savannah. E depois colocou o sorvete na sua própria torta.

– Você não está entendendo – continuou a mãe de Peter. – Eles já têm a casa. Por que abrir mão dela?

– Meu Deus, mãe. Não vamos abrir mão. Vamos vender a casa – disse Peter.

– Quem faz uma loucura dessas? – Ela colocou as mãos na cintura. – Seu pai e eu lutamos para dar a vocês tudo o que podíamos, para que vocês terminassem com mais do que tínhamos. Como você pode voltar atrás dessa maneira? Por que não se muda exatamente para a mesma rua de Dorchester onde eu cresci? Você ficaria feliz com isso? Talvez possa alugar o mesmo lixo de apartamento.

– Você precisa parar com essa loucura – interveio Sissy.

Caroline ficou tensa imaginando o que a irmã de Peter iria dizer para apimentar ainda mais a discussão.

– Exatamente! – disse a senhora Fitzgerald. – Isso tudo é loucura.

– Não, Mãe. – disse Sissy. – Você está totalmente errada. É você quem está errada. Sabe, o dinheiro não é tudo no mundo.

– Nunca disse que era. – A senhora Fitzgerald alisava os guardanapos.

– Você meio que disse isso, Reenie – o pai de Peter entrou na conversa.

– Só quero o melhor para os meus filhos – disse ela. – Mais do que eu tive... é isso o que eu quero para vocês.

– E nós agradecemos por isso, Mãe. – Peter abraçou Caroline. – Mas Caroline e eu também queremos dar o melhor para Savannah. Mãe, você fez um excelente trabalho. Também quero fazer. Não quero que Savannah anseie por coisa alguma, incluindo nossa empresa. Um de nós precisa trabalhar um pouco menos, e eu escolhi fazer isso.

A mãe de Peter colocou as mãos no rosto, cobrindo a boca por um tempo. Ela piscou os olhos.

– Tudo bem, tudo bem. Faça como você quiser.

O pai de Peter batia na cadeira vazia à sua direita.

– Vamos mudar de assunto, pode ser? Todos aqui na mesa estão com saúde, ninguém está morrendo de fome, e todos têm um emprego. Então, não tem nada aqui para chatear ninguém, certo? Teremos problemas suficientes quando não estivermos procurando por eles.

A senhora Fitzgerald lançou seus braços no ar.

– Eu desisto. Vamos comer. – Ela se sentou à direita do marido e pegou um garfo, sacudindo-o na direção de Caroline antes de colocá-lo na sobremesa. – É melhor você descobrir a cura para o câncer de olho para esse sacrifício de Peter valer a pena.

– Pode deixar, mãe – concordou Caroline. – É o que estou tentando.

Caroline sorriu para a sogra. Ela deu uma grande mordida na torta, curtindo a mistura doce e cremosa na boca. Então, se virou para Savannah e abraçou-a, fechando os olhos e respirando o cheiro de xampu de bebê misturado ao talco de lavanda de Caroline. Sua garota estava começando a usar as suas coisas.

Os cinco primeiros anos de Savannah não foram esplêndidos. Caroline sabia disso. E sabia que tinha muita culpa nisso. A culpa não era toda dela, mas boa parte era. Agora, precisava descobrir como mudar as coisas.

## CAPÍTULO 34

### Tia

A paciência da irmã Patrice impressionava Tia.

O calor escaldante de agosto – que o antigo ar-condicionado da igreja mal dava conta de aliviar –, pacientes ex-viciados puxando seu braço sempre que ela passava, banheiros precisando de limpeza dez vezes ao dia; nada disso a incomodava. A irmã conseguia encontrar coisas boas em todos – até mesmo em Ed Parker, que tentava levantar a saia de toda mulher que passava por ele.

– Pelo menos ele ainda tem fogo – dizia a irmã Patrice repetidas vezes, normalmente depois de colocar um prato de biscoitos à frente dele para manter suas mãos ocupadas. Ed se recusava a usar sua dentadura e, por isso, levava um bom e longo tempo comendo.

Durante o dia, a bondade de sua nova chefe acalmava Tia por saber que estava no emprego errado. Em seu primeiro mês de trabalho, ela havia aprendido uma coisa sobre si mesma: trabalhar com idosos sofrendo de demência precoce era emprego para uma pessoa serena ou alegre. E Tia não se encaixava em nenhuma dessas duas categorias.

No Merciful Sisters, Tia estava disponível o tempo todo. Os funcionários tinham quinze minutos para se arrumar antes que os pacientes chegassem e quinze minutos para limpar tudo depois que eles iam embora. As outras sete horas e meia eram destinadas a entreter os homens e mulheres idosos para quem esse porão era tudo o que tinham na vida.

Merciful Sisters era um lugar bom. Comparado a algumas instalações para idosos, era o paraíso na Terra. Os biscoitos da irmã Harmony eram tão deliciosos que Tia podia jurar estar adquirindo sua primeira barriguiinha.

O padre Gerard vinha da reitoria toda semana carregando um livro clássico diferente, com capa de couro. Eles se sentavam e trocavam ideias alegremente – era o que ele chamava de hora da leitura – e então ouviam enquanto ele lia a história com seu sotaque carregado. O livro desta semana era *Ivanhoé*.

Tinham aula de pintura, e adotavam soldados, e cantavam, e formavam

excursões para ir a shows. Na semana passada, Tia acompanhou duas idosas trêmulas, uma de cada lado, que a seguravam com força enquanto ela lhes ajudava a percorrer o corredor do Colonial Theatre para ver uma refilmagem de *Eles e Elas*.

Tia detestava isso tudo. Cuidar com alegria de idosos dia sim, dia não, não era para ela. Sabia que o lugar era maravilhoso, mas mal conseguia chegar ao fim do dia, e estava aterrorizada com o seu futuro. Talvez precisasse se animar e aceitar que aquela era sua vida.

– Aqui está. – A irmã Harmony entregou a ela um prato de suspiros. – Um agrado. Passe para todos, querida.

Tia pegou o prato. Naquela manhã, a irmã Harmony havia explicado que estava esperando por um dia seco para fazer estes suspiros – beijos de anjos, era assim que ela os chamava. Aparentemente, a humidade fazia os beijos de anjos chorarem.

Seus pacientes faziam Tia chorar ultimamente. Queria gostar de passar o tempo com eles, mas detestava ter de fingir isso. Eles mereciam mais do que biscoitos, e Tia percebeu que queria encontrar maneiras de melhorar aquilo. Talvez se voltasse para a escola. Para dar aulas.

Ela ficou bem distante de Ed ao oferecer o prato a ele.

– Só dois, Ed – advertiu ela. – É para todo mundo.

– Cuidado para ele não trapacear – disse Alice Gomez. – Ele acha que tudo é para ele. Não sei por que a irmã o recompensa por ser uma pessoa má.

Tia deu um tapinha no braço de Alice enquanto segurava o prato longe de Ed.

– Vou te falar uma coisa: vou levar você para um passeio amanhã. Só você e eu. – Ela se inclinou e sussurrou no ouvido de Alice: – Vamos tomar sorvete.

Alice sorriu, e suas dentaduras estavam um pouco mais para baixo. Tia precisava levar Alice ao banheiro.

Se sentia-se cansada no JP Senior Advocate Center, aqui começou a morrer de tristeza. Ela se perguntava se Deus a estava castigando por ter dado Savannah para adoção, por ter dormido com Nathan e agora por desejá-lo. Por ter fracassado com os Graham. A ideia de brigar com Deus a aterrorizava.

– Jogos para a memória em quinze minutos, pessoal! – gritou a irmã Patrice.

Ela segurava uma grande caixa impressa com contornos azuis brilhantes de idosos animados.

– Ah, vejam! – Alice Gomez sorriu. – Tia, o seu namorado está aqui – disse ela cantarolando.

Bobby sorriu enquanto descia as escadas. Eles o adoravam.

– Senhora Gomez – Bobby apertou os ombros da idosa frágil. – A senhora está adorável, como sempre.

– Você chegou cedo, Bobby – disse Tia. – Ainda são três e meia.

Ele deu um último afago na senhora Gomes e virou-se para Tia.

– Boas-novas. Adivinhe o que finalmente aconteceu com o seu amor hoje?

A sala inteira ficou em silêncio, esperando para ouvir a novidade de Bobby. Até a irmã Patrice tirou os olhos da papelada eterna que, em suas próprias palavras, a condenavam ao inferno ainda na terra.

O estômago de Tia se apertou. Ela tinha um mau pressentimento de que sabia exatamente o que era a boa notícia.

– Eu vendi! Consegui, Tia! – Bobby fez uma dancinha da vitória, sacudindo os ombros para frente e para trás. E quase sufocou Tia ao abraçá-la com força. – Easy Street, querida. É para lá que nós vamos – sussurrou ele. – Easy Street.



– Você ganhou na loteria, querida – disse Bobby.

Ele colocou a mão em suas costas e a levou-a para a ponte do Jardim Público. Tudo nesse oásis de árvores bem cuidadas, arbustos e flores evocava o romance. Era um Renoir ganhando vida.

– Não é que ela tenha me dado a chave da cidade, ela apenas me deixou sair uma hora mais cedo.

– Mas, ainda assim, ela é sempre boa com você.

– E eu não sou boa com ela? – perguntou Tia.

– Por que você está falando assim comigo, gata?

Ah, essa certamente era a questão. Se estivesse conversando com qualquer outra pessoa, Tia iria balançar a cabeça para concordar com o fato de a irmã Patrice ser maravilhosa com ela desde que começou a trabalhar lá. Tia parou no começo da ponte.

– Por favor, não me chame de gata, tá? – pediu ela. – Já te falei que não gosto disso.

O rosto de Bobby ficou pálido, e Tia se detestou por isso.

– Porque eu me lembro que meu pai chamava minha mãe assim. A lembrança é dolorosa.

A mentira trouxe Bobby de volta à vida. Ele endireitou o corpo e deu-lhe um beijo no rosto.

– Desculpe, ga... oops. Última vez. Palavra de escoteiro. – Ele ergueu três dedos no ar.

Ela balançou a cabeça e sorriu de leve. Chegaram ao meio da ponte e pararam, olhando para a calma lagoa. Os famosos pedalinhos de Boston descansavam na água.

– Isso é lindo – disse Tia. Ela levantou a mão formando um círculo, mostrando a vegetação exuberante, as famílias felizes esperando na fila, as flores por toda parte.

– Você é linda.

Bobby a amava demais. Ela temia que no momento em que ela finalmente derretesse, ele endurecesse. Temia ser seu sonho inatingível. A adoração nunca durava.

– Olhe – Tia mudou o assunto. – Os cisnes.

– Você sabe qual é o nome deles? – Bobby respondeu sua própria pergunta antes que ela pudesse falar. – Romeu e Julieta.

Ela apertou os lábios. Havia lido que os famosos cisnes do Jardim Público eram, na verdade, duas fêmeas, apesar do seu legado shakespeariano.

– As coisas realmente podem seguir em frente para nós agora. – Bobby levantou o rosto dela e a beijou. – Esse negócio vai mudar tudo.

– Vai mudar tudo para você, Bobby. – Tia tirou um chapéu imaginário da cabeça numa reverência. – O rei dos condomínios! E do mercado imobiliário!

– Eu sei, eu sei. – Ele sorriu. – Mal posso acreditar que finalmente consegui todo o financiamento.

Tia tentou imaginar o Bobby corretor. Será que ele mantinha sua expressão de “Que ninharia” ou será que havia um tubarão dentro dele. Um tubarão que dava grandes mordidas antes mesmo que seu cliente percebesse? Ou seria a sua paciência que fazia com que os negócios acabassem dando certo?

– Esse negócio estava para acontecer há séculos, mas eu acreditei nele, querida.

– Eu sei. – Tia segurou na grade de ferro.

– Você sabe o que isso significa, não é?

– Que você vai ser um partidão com o bolso cheio de dinheiro?

Bobby sorriu. Ele era um cara bom. Um cara verdadeiro.

– Isso também – ele concordou. – Mas não foi isso o que eu quis dizer. Vai custar bem caro para brigar pela guarda.

Ele bateu no peito como se tivesse um cheque de um milhão de dólares no bolso; como se o dinheiro já estivesse no banco.

– E agora eu tenho o dinheiro.

Tia imaginou o condomínio onde morariam nessa nova fase. Bobby escolheria o melhor. Acordariam todas as manhãs com a vista do oceano bem abaixo deles. No verão, Savannah e ela só teriam que atravessar a rua para chegar ao mar.

Era um sonho tão lindo. Ela havia pensado nisso sempre que Bobby falava no assunto, o que ele fazia repetidas vezes, mesmo quando ela tentava evitar o tema. Loucura. Isso seria simplesmente insano. Ainda assim, ela se imaginava segurando a mão quente de Savannah enquanto compravam uniforme escolar. A imagem da menina balançando entre Bobby e ela, segurando as mãos dos dois, era a coisa mais doce que conseguia imaginar. Assim como era doce a ideia de levar a filha para conhecer os pais de Bobby. Eles moravam na mesma casa na K Street, onde ele havia crescido. Eles provavelmente haviam guardado todos os seus brinquedos.

Bobby e ela podiam arrumar uma irmã para Savannah. Duas irmãs. Uma dúzia. Tia ainda sentia a solidão por ser filha única. Se não fosse Robin, a quem ela pediria ajuda?

Se pudesse consertar tudo, fazer tudo de novo. Nunca teria dado a filha para adoção.

Ainda não havia contado a Bobby sobre o dia em que Nathan e ela foram conhecer Savannah. Ele ainda não fazia ideia de que Nathan havia voltado para a vida dela, embora por via tortas.

Em vez de ser transparente, estava construindo uma nova leva de segredos.

– Não que eu esteja dizendo que a gente já deve ir ao tribunal de cara. – Ele a observou. – Mas quanto antes melhor, não é? Veja bem, agora temos opções. Isso é o que importa na vida. Saber que você pode. O que você achar que é o certo a fazer, nós faremos. Mas ela não vai parar de crescer. Quanto mais rápido isso acontecer, mais fácil será para ela.

– Ainda não estou pronta para entrar nessa – disse ela. – Mas o fato de você se importar com isso... Isso é a coisa mais importante que já aconteceu na minha vida.

Tia olhou para a esquerda e viu crianças brincando com as estátuas de bronze da pata e dos patinhos que homenageavam seu amado livro infantil *Make Way for Ducklings*. Mães e pais observavam com adoração.

– Tia? – Ela olhou para trás. Bobby estava com a mão fechada. – Será que isso também pode ser importante para você? – Ele abriu a mão e mostrou uma caixa de veludo preta. Usou o dedo para abri-la, como se tivesse passado um tempo treinando para fazer aquilo. – De hoje em diante, quero tomar decisões junto com você.

Um grande diamante cercado de pequenos diamantes brilhava tanto a ponto de conseguir até refletir a luz suave do dia nublado. Ela queria muito usá-lo. Mulheres com diamantes mostravam o mundo ao qual pertenciam. Mostravam o quanto alguém as amava.

Bobby segurou sua mão. E colocou o anel em seu dedo. O anel serviu. O metal frio beijou sua pele. Ela olhou para sua mão esquerda. Abriu os dedos, tentando ver o anel deslumbrante e não suas unhas roídas.



– O que você me diz? Quer casar comigo? – perguntou Bobby. – Quer ser minha família? Quer deixar que eu seja a sua família? Vamos trazer sua pequena para casa?

Ele inclinou a cabeça para o lado na expectativa e mordeu os lábios enquanto esperava a resposta dela. Depois de um tempo, ele falou por ela.

– Não diga nada. Apenas use o anel por alguns dias, por uma semana. – Ele sorriu. – Talvez por um mês. Experimente. Talvez você se sinta melhor do que acha que vai sentir.

Tia sentiu o peso do anel, provavelmente valia mais do que tudo o que ela tinha na vida. Um raio de sol refletiu-se no diamante formando um arco-íris.

Ela moveu a mão para a direita para pegar mais luz do sol. Sua mãe teria adorado aquele anel. Teria adorado saber que Tia tinha Savannah de volta. E ela teria amado Bobby.



Depois que Bobby adormeceu, ela foi para a sala. E se tivesse Savannah aqui neste momento? E se fizesse o que Bobby queria? E o que aconteceria quando ele não estivesse com elas? Será que ela seria uma prisioneira da casa?

Quantos anos as crianças tinham que ter antes que alguém pudesse deixá-las sozinhas por alguns minutos? Com que idade não era mais necessário ter babá? Ela provavelmente teria de parar de trabalhar. Embora tivesse que ter um emprego para provar ao tribunal que era capaz.

Mas e depois disso? Será que Bobby esperava que ela parasse de trabalhar? Tia se lembrou de estar sentada em uma sala escura, depois da escola, assistindo à televisão. Quando Robin entrou em sua vida, ela pelo menos tinha alguém com quem assistir aos programas, mas ainda se sentia sozinha em casa. Apenas as duas.

Não que elas fossem apenas duas. Ela teria Bobby.



- Você vai se casar com ele? Vai voltar para o Southie? Você ficou louca?
- Por que você não pode apenas ficar feliz por mim, Robin?
- Ah, tudo bem. Veja, estou feliz!

– O que você está bebendo? – perguntou Tia. Pelo Skype, podia ver Robin segurando um copo, brindando pelo computador.

– Vinho branco.

– Em um copo de geleia?

– Não tenho um jogo de cristal como você vai ter. Sinto muito.

– Que horas são aí? – sussurrou Tia. Era meia-noite em Jamaica Plain. Bobby havia adormecido há horas, depois de fazer amor para comemorar, o que quase tinha feito Tia chorar. Bobby tinha sido tão carinhoso, tratando-a como uma estatueta de cristal.

– Nove. Você nunca consegue se lembrar da diferença de horário?

– Na verdade não. – Tia terminou seu copo de uísque puro.

– É isso o que você quer fazer? – perguntou Robin.

Tia apertou os lábios e se concentrou na imagem dela atravessando o Day Boulevard com Savannah para ver a batida delicada da água calma da baía de Dorchester. Sentiu a pequena mão de Savannah entre as suas. Imaginou a filha usando um maiô azul com estrelas brancas, o maiô que a irmã de Bobby, agora a tia Eileen, compraria para a sobrinha.

– Tia, Tia – chamou Robin.

Tia fechou os olhos.

– Você está chorando?

Tia sacudiu a cabeça.

– Está sim. Eu estou vendo.

Tia deu de ombros.

– Você está sozinha?

– Não – sussurrou Tia. – Sim.

## CAPÍTULO 35

### *Juliette*

Juliette segurou o volante com força enquanto dirigia pela sinuosa Jamaica Way. A ampla via pública de quatro pistas não conseguia ter mais do que apenas uma pista de trânsito livre em cada direção. O menor erro poderia resultar em uma batida. Havia apenas centímetros de distância entre as pistas, os semáforos apareciam com frequência obrigando os motoristas a frear bruscamente, e ciclistas saíam da pista destinada a eles como se o conceito de ciclovia fosse ser o lugar para os ciclistas descansarem rapidamente de sua missão de torturar motoristas.

Na última vez em que ela havia passado por essa estrada, tinha ido espionar Tia. A lembrança não era boa.

Pelo menos hoje, Nathan sabia o destino dela. O fato de não esconder seu encontro com Caroline oferecia pelo menos um pequeno alívio a seus nervos abalados. Sempre que tentava formular uma desculpa adequada por ter aparecido na vida de Caroline, a opção parecia insana ou sem graça.

*Eu bati a cabeça?*

*Minhas sinceras desculpas?*

*Fiquei desequilibrada?*

A raiva tinha dado lugar à tristeza e agora, mais calma, e talvez mais triste, Juliette conseguia enxergar o que havia feito com Caroline, manipulando-a como se fosse um personagem de uma versão barata de *Atração Fatal*. Sentiu o rosto ficar quente com a lembrança.

Convidar Caroline para uma sessão de cortesia na Juliette & Gwynne. Oferecer uma simpatia exagerada e manipular sua preocupação maternal? Que diabos Juliette queria ou esperava? Era um milagre Caroline ter concordado em se encontrar com ela hoje.

“Vamos lá. Relaxe um pouco.” Nathan havia dito isso para ela quando se falaram ao telefone na noite anterior. Nos últimos tempos, conversavam durante a noite. Isso a fazia se lembrar de quando começaram a namorar. Ela morava

em Boston e ele, em Rhinebeck “Talvez o milagre não seja ela se encontrar com você, mas você querer ir para se desculpar. Você sabe que a maioria das pessoas faria isso por e-mail, não é?”

A genialidade de Nathan para animá-la tornara-se ainda maior agora que ela não o tinha ao seu lado. Não conseguia manter o equilíbrio sem ele por perto. As pessoas falavam dos maridos e das esposas como se fossem seus melhores amigos, mas com Nathan, era mais uma questão de ser essencial. Sem ele, sabia que não tinha estabilidade. Os amigos diziam ter se sentido assim quando seus pais morreram, mas Juliette nunca encontrou conforto ou constância com sua mãe ou seu pai. Somente com Nathan encontrava estabilidade emocional.

Mais uma vez ela estava lendo sobre casamento, divórcio, adultério e crianças. Os últimos anos haviam trazido à tona uma nova safra de livros desse tipo. A essa altura, Juliette detestava qualquer frase contendo as palavras reconhecer e reparar. Queria jogar os livros cansativos pela janela. Por que eles não ofereciam algo útil, como instruções de como lavar para sempre as digitais de outra mulher do corpo de seu marido?

No final, tudo se resumia a duas sentenças:

1. *Ela amava e sentia falta de Nathan.*
2. *Ela não sabia se seria capaz de perdoar para poder seguir em frente.*

O dia dos pais já havia passado. Ela havia prometido a si mesma tomar uma decisão antes dessa data, mas quebrou a promessa. Em vez disso, fez uma lista atrás da outra. Gwynne repetia incansavelmente que Juliette deveria levar o tempo que precisasse. Sua mãe insistia que já havia passado tempo demais e que ela deveria “parar com esse absurdo e trazer o marido de volta para casa”, enquanto seu pai pedia a ela que usasse a lógica para tomar uma decisão.

E lógica significava seguir seu coração ou sua lista de prós e contras? No dia anterior, havia feito o que um livro sugerira: marcou três minutos no relógio e começou a escrever sua lista de prós e contras sem pensar ou julgar o que colocava no papel.

**Contras**

***Havia***

**Prós**

***Amor***

*confiança?*

*Não havia  
clareza sobre  
Savannah*

*Filhos*

*Liberdade de  
sentimento*

*Família*

*Preocupação  
com o futuro*

*Segurança*

*Ele mentiu*

*Sinto falta  
dele*

*Ele  
escondeu coisas  
importantes*

*Ainda  
sinto a falta  
dele*

*E se ele me  
deixar?*

*Não  
existem  
garantias na*

# *vida*

Juliette parou o carro em uma rua lateral repleta de casas vitorianas, feliz por ter alguns minutos para se acalmar antes de encontrar Caroline. Passou pelo antigo Boston Children's Museum, hoje um condomínio, e pelo velho convento, hoje também um condomínio, e então apertou o botão do farol para pedestre e esperou para atravessar a movimentada Jamaica Way.

A Jamaica Pond, uma lagoa de Boston, em agosto parecia um cartão-postal de 1895 – até que fossem observados as bolinhas brancas dos iPods nos ouvidos dos corredores, cachorros puxando as coleiras, carrinhos de bebê feitos especialmente para que seus pais pudessem se exercitar enquanto empurravam os filhos e camisetas com vários textos, de Red Sox Nation a Save Nine Inch Nails.

Ela colocou a mão sobre os olhos para protegê-los do sol da tarde e procurar por Caroline. Apertando os olhos, a viu acenando de um grande mirante acima da água. Uma casa de barcos desgastada à esquerda completava a paisagem perfeita.

Depois de respirar fundo para encontrar coragem, Juliette subiu os degraus em direção ao lugar em que Caroline estava.

– Obrigada por se encontrar comigo. – Juliette estendeu a mão e ficou grata quando Caroline segurou sua mão por mais do que um simples segundo.

– Você quer andar ou se sentar? – perguntou Caroline. – Tem sombra aqui, mas eu também gostaria de fazer um pouco de exercício enquanto conversamos.

– Você escolhe – disse Juliette.

– Gostaria de esticar as pernas. – Caroline deu um pequeno sorriso. – Não precisamos andar nem dois quilômetros para dar a volta. Acho que conseguimos, independente do que você tenha para me falar.

Juliette sorriu de volta.

– Parece uma boa ideia. Teremos o quê? Um encontro de vinte minutos?

Caroline colocou um boné de beisebol na cabeça e os óculos escuros que estavam no bolso de sua camisa branca.

– Vamos lá.

Parecia ridículo puxar conversa naquele momento, mas Juliette, com o desconforto fazendo pressão, fez uma tentativa.

– O que você achou do lugar?

Elas haviam se encontrado ali porque era perto de uma casa que o corretor imobiliário estava mostrando para Caroline. Mudar-se de Dover para Jamaica Plain? Isso com certeza era uma longa história, mas Juliette não sentia que tinha o direito de querer saber mais além do que a conversa educada que já estava realizando.

– Bom. – O rosto de Caroline ficou animado, e o “bom” parecia significar muito mais do que a palavra queria dizer. Então ela pressionou os lábios como se não quisesse dizer o que quase saía de sua boca. – Não quero ser pé frio.

– Entendo. – Na verdade, não entendia, mas Juliette não queria que Caroline se sentisse obrigada a levar a conversa adiante. Esta era a responsabilidade dela. Olhou para os lados tentando ganhar tempo enquanto observava um cavalo cercado por crianças encantadas com ele. Um garotinho estendeu a mão hesitante em direção ao peito marrom do animal.

– Vim para me desculpar. – Juliette soltou as palavras rapidamente. Poderia muito bem ter dito de uma vez. – Minha... Minha necessidade para obter informação fez com que eu agisse de maneira incredivelmente inapropriada.

Caroline parou de andar. Ela se virou para Juliette e inclinou a cabeça.

– Essa é uma maneira de explicar a situação. – Os cantos da boca de Caroline suavizaram suas palavras de gozação. – Inapropriado. Isso é o que minha mãe diria para descrever o fato de ter servido chocolate no verão.

– Isso não parece tão inapropriado – disse Juliette. – Adoro chocolate. Mesmo que esteja derretido.

Caroline estremeceu.

– Eca! Estou imaginando uma barra de Hershey cobrindo meus dedos.

– E eu estou imaginando a barra escorrendo pelos meus dedos. Nós somos diferentes.

– Somos. – Caroline começou a andar de novo. Juliette acertou o passo para acompanhá-la.

– Mas é verdade. – Juliette olhava para a frente enquanto falava. – Sinto muito. Fui uma lunática. Só de pensar no que fiz já tenho vontade de me matar.

– Posso imaginar – disse Caroline.

Juliette gostou da resposta sarcástica. A última coisa que queria era uma resposta educada.

– Não que isso seja uma desculpa – disse ela. – Mas quando descobri sobre Savannah, quando abri a carta de Tia, meu mundo ficou de ponta-cabeça e eu senti como se minha família, meu casamento, como se tudo estivesse prestes a despencar da face da Terra.

Caroline balançou a cabeça sem comentar.

– Veja bem, não estou pedindo perdão. Pelo menos, essa não é minha intenção. Você não me deve nada. Fui péssima com você. Com a Savannah. Com seu marido. Enganar você daquela maneira... – Juliette deixou suas palavras pairando no ar.

– Você já trabalhou na CIA ou em algum lugar parecido? – perguntou Caroline.  
– Fez um trabalho muito bom num curto espaço de tempo.

– Não sei de onde veio aquilo.

– Preciso me lembrar de nunca cruzar o seu caminho – disse Caroline. – Ficar no meio do fogo cruzado já foi ruim o bastante. Mas seus filhos são bastante sortudos.

– Por quê?

– Bom, digamos apenas que tenho pena de quem se meter no caminho deles.

Elas riram ao mesmo tempo.

– Estou chocada com o quanto eu gosto de você – disse Caroline.

Juliette piscou para afastar as lágrimas estúpidas que encheram seus olhos ao ouvir as palavras de Caroline.

– Que surpresa boa! – disse depois de limpar a garganta.



– Mas é verdade. Você foi uma maluca – concordou Caroline. – Se eu não tivesse conseguido acalmar o Peter, acho que ele teria ligado para a polícia.

Juliette estremeceu ao imaginar o que poderia acontecer se ele tivesse feito aquilo. Os detetives interrogando-a. Nathan pagando sua fiança. Advogados. A péssima manchete no jornal: “Mulher persegue a filha secreta do marido”.

– Obrigada – agradeceu Juliette. – Por não ter ligado para eles. Por tê-lo acalmado. Estou feliz por não ter feito um estrago maior do que eu provavelmente causei. Você está bem? A Savannah está bem? Sei que Nathan e Tia foram visitá-la. Juntos.

– Eles foram. Nós resistimos a tudo. E você? Você está bem?

Elas viraram na marca da metade que circulava a lagoa. A partir daquele ponto, a casa de barcos e o mirante pareciam bem distantes.

– O assunto aqui não é sobre mim.

– O assunto aqui pode ser sobre o que quisermos. Já passamos das sutilezas, não é?

– Acho que você está certa.

A conversa com Caroline foi impressionantemente calma. Havia pouca coisa a esconder dela. Embora não houvesse nenhum nome para a conexão delas – talvez *mishpoche*, uma palavra iídiche que os pais de Nathan usavam para descrever alguém vagamente conectado por laços familiares. Juliette sentia como se fosse prima de Caroline; um tipo de parente.

– Nathan e eu nos separamos – admitiu Juliette.

– Sinto muito. Por causa de... tudo isso?

– Porque ele mentiu. Quando me contou sobre o caso, na época em que parou de se encontrar com ela, provavelmente quando Tia engravidou, eu achei que sabia de tudo. Se ele escondeu Savannah, então, quem era ele?

– Você já pensou que talvez ele não a estivesse escondendo de você, mas dele mesmo? – Caroline alcançou o braço de Juliette. – Nem tudo é sobre nós. E pensar ou sentir alguma coisa não torna as coisas verdadeiras.

– Não sei. Talvez você esteja certa, mas não quero negar a realidade.

Caroline puxou Juliette para um banco.

– Sente-se. Se vamos conversar, então, vamos conversar.

Juliette se sentou, chocada, e mais do que um pouco impressionada com Caroline. Aparentemente, quieta não significava tímida.

– Veja bem, eu não era o seu objetivo e nem estava na sua cabeça, mas você pode ter salvado a nossa família. – Caroline colocou os pés em cima do banco e circulou seus joelhos com seus longos braços. Olhava para os gansos bamboleando pelo caminho enquanto falava.

– Eu tinha muitas incertezas com relação a Savannah – continuou ela. – Achava que meus sentimentos eram verdadeiros. Se você não tivesse entrado na nossa vida como fez, dando movimento aos fatos, não sei onde eu estaria neste momento. Certamente, não estaria feliz.

– Ou eu podia ter arruinado a vida de vocês.

– Juliette! – Caroline falou bruscamente. – Não seja tão melodramática. Você precisa enxergar as coisas por uma perspectiva diferente da sua. O mundo é tridimensional. Se quer se divorciar de Nathan, você tem esse direito. Mas se acha que deve se divorciar dele por causa de Savannah, tenha certeza se sua decisão foi muito bem pensada.

– Você acha que devo aceitá-lo de volta?

– Como é que eu poderia opinar sobre isso? Mal conheço vocês. – Caroline colocou os pés com firmeza no chão e virou-se para Juliette. – Mas eu vi Nathan com Savannah. Ele não é um monstro. Certamente, a julgar pelos seus atos, em relação a você e à Tia, ele está longe de ser perfeito. Sei que ele mentiu, e foi uma grande mentira, mas se você for embora, pode colocar a culpa de tudo nessa mentira?

Caroline levantou um dedo para impedir que Juliette respondesse.

– Não vou conseguir dizer isso se eu não disser agora. Tive alguns sentimentos horrorosos sobre ser mãe. Talvez se Peter soubesse disso, ele não quisesse ficar comigo. Não é verdade que todos nós passamos por momentos que preferimos esquecer, e pensamentos que desejamos que nunca tivessem passado por nossa cabeça? Falamos coisas ruins demais para nos lembrarmos delas. – Caroline tirou o cabelo da testa. – Quando temos sorte, as pessoas que realmente importam

nunca saberão o que dissemos. O que pensamos, ou o que fizemos. Nathan não teve tanta sorte assim.



A campainha tocou.

– Lucas. Max. Um de vocês, abra a porta! – gritou Juliette da cozinha.

– Eu abro! – gritou Max. – Eu abro!

– Tanto faz! – gritou Lucas de volta.

Juliette driblava a massa de panqueca na frigideira. Ela formou uma letra Z com cuidado e então ficou observando as beiradas borbulharem. A parte mais difícil de se fazer panquecas era ter a paciência para esperar a massa se assentar na frigideira. Cedo demais, e fazia-se uma bagunça, com a panqueca grudando por todos os cantos até ter que soltar o negócio todo. Tarde demais, e o fundo queimava.

Fora isso que ela percebeu depois de se despedir de Caroline na quinta-feira. Estava esperando pelo lugar certo e o momento certo quando podia se soltar da dor e da decepção que havia sofrido com Nathan. Tinha precisado de um tempo sem ver seu rosto e sem se lembrar de que ele havia estragado tudo. Nathan, o homem que tomou decisões que lhe causaram tamanha decepção.

Mas, se esperasse tempo demais, seu casamento talvez não pudesse mais ser reparado. Ela acreditava nisso. Eles haviam perdido o ritmo. Tudo de bom entre eles estava naquela sensação de pertencerem um ao outro. Coisas maravilhosas dançavam naquela conexão. Os meninos. Suas famílias. O conforto, o apoio, o desejo – tudo isso embrulhado nesse fio vivo entre Nathan e ela.

Ela não queria apagar aquela chama.

Temia que já tivessem ido longe demais.

Caroline parecia tão perfeita que Juliette não acreditava que podia competir com ela no mesmo nível de bondade. Como era possível ela enxergar a vida em tantas camadas? Será que era porque Peter não a havia decepcionado, ou porque Caroline havia feito coisas terríveis?

Inimaginável! Juliette não conseguia pensar em Caroline sendo má.

Ou talvez Juliette tenha colocado Caroline no mesmo tipo de pedestal em que

havia colocado Nathan.

Juliette colocou a panqueca em formato de letra no prato que estava ao lado do fogão. Pegou a panela com as panquecas que estava no forno e começou a soletrar a palavra FELIZ em letras de panqueca.

Lucas entrou quando ela colocou a letra L no prato.

– Papai está aqui.

– Eu percebi – disse Juliette. Na ponta dos pés, ela deu um beijo no filho.

Ele apontou para o prato com o queixo.

– Isso significa que ele vai voltar para casa?

Juliette colocou a espátula ao lado do fogão.

– Na verdade, não falamos sobre isso. Não, totalmente. Mas, sim, é sobre isso que vamos conversar hoje. É isso o que você quer, não é?

– Acho que sim. Se você quiser. – Lucas alcançou um pedaço queimado que ela tinha deixado separado. – Isso não deveria ser sua decisão? E do papai?

Juliette passou a espátula embaixo da letra E e levantou-a.

– Nós estamos ligados um ao outro se estivermos morando juntos ou não. Quando temos filhos, não importa onde um de nós esteja, sempre seremos parte da mesma família. – Ela parou de falar por um momento para engolir. – Gostaria que estivéssemos na mesma família aqui. Juntos.

Juliette estava dizendo mais do que Lucas podia imaginar. Max e ele precisavam saber sobre Savannah. E isso significava saber sobre Tia. Seria bem difícil contar tudo isso para as crianças, mas separar a família era muito pior. Quanto à mentira, bem, ela havia entendido muito bem como isso funcionava.

Hoje Nathan e ela estariam vivendo na verdade.

– Pegue ali – disse ela. – Pegue o açúcar para mim.

– Mãe, parece que está bom assim. Você não precisa exagerar sempre.

Ela colocou a espátula para baixo e olhou para o filho.

– Lucas, eu sou assim. Às vezes, vou exagerar por causa de algo ruim, e você

vai me ouvir chorando no banheiro. E outras vezes, simplesmente porque estou feliz, vou exagerar bastante. Eu causo comoções. Mas sou sua mãe, amo você e sempre vou cuidar de você. Agora, pegue o açúcar.

Ele virou os olhos, o que, naquele momento particular, parecia bom e normal e não era nem um pouco irritante.

– Aqui – disse ele, entregando para ela o pote de açúcar.

– Obrigada. Chame seu pai e seu irmão para tomar o café da manhã.

Ela arrumou as letras até que a frase DIA DA FAMÍLIA FELIZ ficou perfeita, pelo menos nesse momento em especial.

Sim, ela estava sendo um pouco idiota e estava exagerando. Mas que diabos! Pelo menos eles comeriam panquecas que não estavam queimadas nem despedaçadas. A única coisa que podia ter dado errado é que talvez ela tivesse colocado um pouco de açúcar demais.

## CAPÍTULO 36

### *Caroline*

Caroline se sentia desconfortável. Voltar para o escritório não fazia sentido depois que saiu do lago, mas ficar em casa sozinha em um dia de semana também era muito estranho. A babá havia levado Savannah para o parque e provavelmente ainda levariam uma hora para voltar para casa. Peter estava trabalhando. O silêncio e a perfeição a cercavam.

Ela colocou a pasta na mesa lateral e tentou imaginar como seria andar na casa de Jamaica Plain. Tirou os sapatos, abriu a pasta, pegou o folheto com informações do corretor e o colocou sobre a mesa da cozinha. Então, abriu as páginas formando um retângulo, pegou um copo de água e sentou-se para analisar o material.

A casa vermelha parecia maior nas fotos – isso era óbvio, as fotos feitas pelos corretores eram para fazer com que tudo parecesse ser dez vezes maior do que era – mas tinha espaço mais do que suficiente para os três. No andar de baixo, havia quatro cômodos e um pequeno banheiro. Ela passou pelos cômodos, seguindo com os olhos enquanto passava pela sala de estar, parava na adorável sala da lareira, e então na pequena sala – onde as janelas davam para um enorme jardim, com algumas árvores – e então parou na cozinha mesclada de branco e madeira. Ali, podia se imaginar cozinhando alguma coisa. Nada incrível, mas ainda assim, alguma coisa. A sala íntima descomunal e arejada recebia luz do quintal por todos os lados. As casas dos vizinhos, longe e perto, pontilhavam a vista.

Caroline olhou para a janela da cozinha e lá para fora, para o bosque azul-petróleo. Junto com os canteiros de rosas, do qual Peter ou ela nunca cuidaram, ele seria um pano de fundo para os balanços de Savannah. Mesmo que estivessem em uma escada alta, seria difícil enxergarem outra casa. Na casa de Jamaica Plain, podiam praticamente cuspir na garagem do vizinho. E enquanto a rua distante formava um círculo com casas residenciais, a um quarteirão dali estava uma das maiores estações de trem da cidade, localizada em uma rua onde bares desmantelados e lojas de bebidas que ficavam abertas vinte e quatro horas se misturavam a restaurantes finos e cafeterias.

Sua sogra teria um ataque do coração. E quanto aos seus pais, bom, talvez

fosse melhor cobrir os olhos deles antes de chegarem na casa.

O quintal da casa de Jamaica Plain implorava para ser arrumado, mas, diferente daqui, Caroline queria colocar as mãos na terra. Podia imaginar Savannah e ela mexendo na terra. Se sujando. No andar de cima, nenhum dos quatro quartos, indo do menor para o médio, se comparava aos quartos nos quais dormiam hoje – embora o quarto maior pudesse se tornar um escritório mais decente para Peter. O chão de carvalho dourado refletia a luz que inundava o local por causa das duas paredes de vidros.

Ela olhou para os lados. Ali tudo era organizado, perfeito e brilhando com dinheiro e gosto. Caroline só não sabia quem tinha aquele gosto.

Olhou para o folheto em cima da mesa e viu uma casa aconchegante e convidativa. Uma casa para sofás confortáveis e estantes de livros.

A casa deles. Não uma réplica da Architectural Digest.

Levaria Peter para conhecer a casa no sábado, mas já sabia que ele ia adorar. Um corretor havia falado que era possível ver nos olhos das pessoas quando elas encontram a sua casa, e neste momento ela enxergava a casa de Jamaica Plain com olhos de amor. Talvez a mãe de Peter achasse que eles estavam se rebaixando, mas Caroline preferia pensar que estavam finalmente encontrando o tamanho ideal. Se seu apartamento em Cambridge era pequeno demais, então essa mansão em Dover sempre fora grande demais. Eles ficaram ofuscados pelo tamanho e bombardeados pela precisão. Como uma criança podia sair pulando em um lugar tão perfeito?

Ela levantou a folha brilhante que mostrava a sala íntima em Jamaica Plain, repleta de janelas e portas de vidros. Em sua cabeça, iria decorá-la com tapetes orientais vermelhos, abajures com luzes aconchegantes e sofás com braços curvos que sustentavam a cabeça enquanto se lia o jornal de domingo.

Nem pequena demais. Nem grande demais. Do tamanho certo.



– Peter, você vai amar esse lugar – insistiu Caroline mais tarde naquela noite.  
– Acredite em mim.

Ela chegou mais perto dele, sentindo o sofá de couro agarrar seu jeans enquanto se movia.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não sei. Será que queremos morar tão perto assim da Forest Hills Station? Você sabe como é a vida por lá? Não tenho certeza de que lá seja o lugar onde queremos que Savannah cresça.

Acalme-se. Deixe que ele encontre seu próprio caminho para chegar lá.

– Vá só conhecer. É só isso que estou pedindo.

Peter colocou os óculos de leitura e pegou os papéis que havia jogado na mesa lateral.

– Quando falei em economizarmos, não foi isso o que pensei.

– O que você pensou?

– Acho que pensei em algo um pouco mais... alto nível? – Ele leu as especificações de novo. – Esse lugar é duas vezes menor do que a nossa casa. Você realmente quer um lugar tão pequeno?

– Eu gostaria que conseguíssemos nos encontrar. Não quero ter de trabalhar para pagar a hipoteca. E gosto da ideia de ter vizinhos; da ideia de Savannah poder brincar com outras crianças. Vi bicicletas nas gramas.

– Você a deixaria andar de bicicleta lá?

– Pelo amor de Deus, muitas crianças crescem na cidade. – Caroline segurou a mão dele e a apertou. – Esse não precisa ser o lugar. Mas quero que você venha conhecê-lo. Ande pela rua. Veja como todos são legais. Na casa ao lado, mora um casal de médicos, e na frente, um diretor de escola. Não vamos nos mudar para uma zona de guerra. Só não é um lugar tão rebuscado quanto aqui.

– Não me faça parecer esnobe. – Peter se inclinou para a frente. – Eu gostaria de ter amigos entre os vizinhos, mas também quero uma vida boa para todos nós. Quero dar a Savannah mais do que eu tive.

– E “mais” é medido em dólares? – Caroline pegou sua taça de vinho. – Amor? Diversão? Você e eu tivemos uma ótima infância. Eu tinha muito dinheiro. Você nunca quis nada. Você sempre teve muito, uma família grande. Eu tinha minhas irmãs. Nossas mães estavam sempre lá. E nós dois sabíamos de onde vínhamos.

Os olhos de Caroline se encheram de lágrimas.



– Não podemos dar a Savannah o que tivemos. Não é possível. Não temos uma casa cheia de crianças ou irmãs para ela. Ela nunca teve uma mãe em casa. Quer gostemos disso ou não, não somos uma família convencional.

– O assunto aqui não é só a casa, não é mesmo? – Peter colocou a mão no joelho dela.

Ela secou os olhos com a manga da camisa e tremeu. Apesar da temperatura abafada, estava frio e seco na sala de jantar.

– Não. Eu gosto da casa, mas não é por isso que estou triste. Precisamos descobrir qual é a coisa certa a fazer por nossa filha e não podemos decidir isso estando de lados opostos. Não quero convencer você ou vice-versa.

– Você acha que estamos em lados diferentes?

Caroline olhou para o outro lado. Não podia aceitar que haviam escapado de uma separação por um fio.

– Por acaso você pensa em como Savannah se sente? – perguntou ela.

– Como assim?

– Ela é adotada, e quer ela goste ou não, sempre vai ter perguntas sobre isso. Talvez estejamos sendo egoístas. Estamos tentando fazer a coisa certa para ela, como foi para nós, mas talvez estejamos ignorando o que ela realmente precisa.

– E o que ela precisa? – perguntou ele.

Peter parecia desconfortável, mas continuou. O medo da verdade já havia levado Caroline a um enterro imaginário do marido e da filha.

– Savannah sabe sobre Tia e Nathan agora, e sabe que tem irmãos. Não podemos fingir que eles não existem.

– O que isso significa para você, Carol?

Ela entrelaçou os dedos.

– Isso significa deixar nosso medo distante. Não podemos deixá-los longe de nossa cabeça ou de nossa vida. Esta é uma fantasia para nossa própria segurança psíquica. Viver como se eles nunca tivessem se encontrado, não é apenas impossível, é errado.

– Nunca sugeri que devíamos mentir. Ou manipular a verdade. – Peter começou a andar. – Mas será que devemos deixar que ela conviva com eles? O que você propõe? Que os convidemos para um churrasco no Dia do Trabalho? Talvez eles possam vir para o Dia de Ação de Graças na casa da minha mãe.

– Você é o pai dela. Eu sou a mãe dela. Ninguém está questionando isso. Sabe, não tenho as respostas; só sei que não podemos ser bons pais sem fazer as perguntas. Nossa menina não deveria ter que se esconder de nós. Não quero que ela se sinta culpada se um dia quiser conhecer os irmãos. E precisamos pensar no que “um dia” significa antes de ela vir pedir.

Caroline levantou-se do sofá e foi ao encontro do marido. Colocou os braços em volta de sua cintura e encostou a cabeça em seu ombro.

– Você não fica assustada? – perguntou Peter. – Você não tem medo de perdê-la?

– Não acho que você perde uma pessoa por amá-la da maneira certa. – Ela pressionou as mãos em suas costas. – Somos uma família. Nos tornamos uma família no dia em que seguramos Savannah em nossos braços. Esse milagre nunca vai acabar. Talvez agora tenhamos mais um pouco de mágica para agradecer. Finalmente, está tudo esclarecido, e podemos ser uma família sem precisarmos nos apoiar na força das mentiras.

Peter tocou o folheto. Ele traçou o desenho da casa vermelha em Jamaica Plain e então pegou o papel.

– Mas que mal tem darmos uma olhada nisso? Vamos lá – disse ele.

## CAPÍTULO 37

### *Tia*

Tia acordou de ressaca de novo. Não era um ataque mortal. Não estava com uma náusea miserável, por isso, felizmente, não vomitou. Tinha apenas uma dor de cabeça que a fazia se lembrar da noite anterior. Pegou o café que Bobby havia deixado para ela. Desde que ficaram noivos, no mês anterior, eles estavam passando mais tempo na casa dele. Ele já havia pedido para ela escolher móveis e tapetes para o apartamento para onde se mudariam quando ficasse pronto.

Na semana passada, ele havia guardado catálogos da Pottery Barn Kids junto com os da Crate & Barrel e da Restoration Hardware.

– Não são só essas pessoas que podem dar uma vida maravilhosa para a sua filha – ele tinha falado. – Ela pode ter a mãe verdadeira e todo o bem material de que precise. Você não precisa mais se sacrificar, amor. Por falar nisso, ligue para o advogado?

Ela olhou para o outro lado quando ele fez a pergunta temida, e que vinha fazendo com mais frequência com o passar do tempo, sempre usando aquele tom de voz casual. Bobby estava obcecado por trazer Savannah para eles.

Isso não podia acontecer.

Ter ido atrás de Savannah se transformaria na história que ligaria as coisas que ela havia feito de errado desde que se encontrara com Nathan, mas sempre que pensava em contar tudo a Bobby, acabava tomando outra bebida.

Na noite anterior, ela havia tomado cerveja, uísque escocês e doses de Sambuca. Podia ter precisado de um balde ao lado da cama pela manhã, mas o café e duas aspirinas tomariam conta dela. Aquilo era um mau sinal. Conseguir beber tanto sem ficar enjoada mostrava que seu corpo estava se acostumando a ingerir grandes quantidades de álcool. As idas à Fianna's estavam passando de visitas aos fins de semana para muitas noites durante a semana. Quanto tempo levaria para que começasse a frequentar o bar todas as noites?

Ainda grogue, Tia cambaleou pela sala escorregadia e então foi até o banheiro, necessitando de um belo banho.

A água quente batia em sua cabeça e em seus ombros. Ela se abaixou, encostando as mãos no azulejo branco, tentando encontrar coragem no vapor.

Tomando um cuidado especial com as roupas que escolheu, ela abotoou a blusa de seda branca e arrumou-a por dentro de uma saia preta, olhando para as fotos de Savannah que Bobby tinha colocado em porta-retratos.

Então, sentou-se na cama para fazer a ligação dizendo que estava doente. Detestava mentir para a irmã Patrice, mas não conseguia pensar em como ser sincera sobre a verdade complicada que estava enfrentando.



A casa de repouso Marine Gardens, no sul de Boston, ficava perto da calçada do Sugar Bowl, um lugar que Tia costumava frequentar quando criança. O amplo prédio azul com janelas mais azuis ainda viradas para o oceano possibilitava uma visão limpa. Havia apenas uma rodovia e o tráfego se concentrava entre a Marine Gardens e a praia.

A senhora Graham esperava na entrada, com as mãos cruzadas no colo. Tia havia ligado para os funcionários para avisá-los de que iria até lá.

– Oi, Marjorie. – Tia se sentou ao lado dela e afundou no sofá macio e florido. Odores de ambientes, desinfetantes e lustra-móveis eram odores que se misturavam nas casas de repouso. Uma grande mesa de mogno coberta por uma toalha de seda com estampas de flores preenchia a sala minuciosamente limpa.

– Você chegou na hora certa. – A senhora Graham dava tapinhas em sua carteira de couro em um ritmo nervoso enquanto falava.

– E a senhora está pronta como sempre. Isso é uma ótima qualidade. – Tia segurou a mão dela. – Marjorie, sinto muito por não ter vindo antes.

Os olhos azuis da senhora Graham se arregalaram.

– Ah, não, querida. Nunca esperei que você viesse aqui. Por que ia querer me ver depois do que eu fiz? Meu Deus, não é você que precisa se desculpar. Eu a coloquei numa situação terrível.

Tia mordeu os lábios para não se desculpar por todas as maneiras como havia fracassado com eles. A senhora Graham não precisava tomar conta dela providenciando absolvição, e Tia não tinha o direito de querer isso dela.

– Foi preciso coragem para fazer o que você fez, Marjorie, e eu já devia ter vindo aqui há muito tempo.

A senhora Graham sacudiu a cabeça, mesmo quando um brilho de esperança iluminou seu rosto.

– Ah. Isso é adorável de se dizer, mas ninguém acreditaria nisso.

– Eu acredito.

– Sério? – A senhora Graham apertou a mão de Tia. – A maioria das pessoas acha que sou uma criminoso. Não sou uma pessoa muito popular por aqui. É muito difícil alguém me convidar para jogar cartas, ou para sentar com eles para assistir a filmes.

– Isso é cruel. E desnecessário. – Tia também apertou a mão da velha senhora. Delicadamente. Ela respirou fundo. – Tenho inveja de você. Tenho inveja do senhor Graham.

O sol de setembro iluminou a sala. Todas as linhas de expressão do rosto da senhora Graham transpareceram em um grande alívio. A insegurança e descrença encobriam sua expressão.

– Por que você teria inveja de um de nós?

– Tenho inveja de você por amar tanto alguém a ponto de colocar sua liberdade em jogo por causa dele. Tenho inveja do seu marido por ele ter alguém que o ama tanto. Seus últimos anos foram difíceis, muito difíceis. A senhora foi boa demais para ele.

As lágrimas escorriam no rosto da senhora Graham enquanto Tia falava.

– A senhora fez o melhor que podia – continuou Tia. – Ninguém a ajudou. A senhora cuidou de Sam, assim como ele sempre cuidou da senhora. E então fez o que pode para aliviá-lo de sua dor e confusão.

A senhora Graham abriu a bolsa, pegou um lenço branco e limpou a pele fina debaixo de seus olhos.

– Sinto a falta dele todos os dias. Ele não me reconheceria, mas eu saberia que era ele. Mas não posso vê-lo. Esse é o meu castigo.

– Deve ser terrível não poder vê-lo. – Tia se abaixou para pegar a grande mochila que havia trazido. Tirou de lá uma lata grande decorada com imagens

de agulha e linha em alto-relevo. – Tome. Trouxe isso para a senhora. É um pequeno conforto, mas acho que é algo de que vai gostar.

A senhora Graham pegou a lata.

– Obrigada, querida. Gostaria que meus olhos fossem melhores para que eu pudesse costurar da maneira como fazia antes.

Tia sacudiu a cabeça e então colocou o dedo nos lábios para indicar que a descrição era necessária. Ela olhou para os lados para ver se ninguém estava observando, e então levantou a tampa para mostrar uma variedade de alçaçuz vermelho e preto.

– Achei que a senhora podia estar enfrentando dificuldade para conseguir isso por aqui.

A senhora Graham sorriu como se Tia tivesse lhe trazido as estrelas do céu.

– Ah. Obrigada, querida. Você não faz ideia de quanto sinto falta do meu alçaçuz.

– Não quero lhe causar problemas. – Tia se aproximou e falou mais baixo. – Foi por isso que coloquei nessa lata de costura.

– Não se preocupe quanto a me causar problemas. Não acho que as coisas possam piorar, não é?

Tia riu.

– Provavelmente não.

– Foi muito bom você ter vindo, Tia.

– Eu vou voltar. Prometo. Mas talvez vá viajar logo, e quando eu for, vou escrever para você. Quero continuar na sua vida. E vou sempre trazer alçaçuz para a senhora. Prometo.

– Estou feliz por você finalmente me chamar de Marjorie.

Tia pegou uma bala na lata e colocou na bolsa.

– Eu também.



Tia trocou os sapatos por tênis e então caminhou da casa de idosos da senhora Graham até o Sugar Bowl. Fez o circuito duas vezes, olhando através da névoa para enxergar a Thompson Island ao longe, observando as gaivotas, e balançando a cabeça para pessoas que pareciam familiares e que estavam correndo, andando com o cachorro ou de bicicleta.

Tia e seus amigos beberam pela primeira vez no Sugar Bowl. Fumaram seus primeiros cigarros, beberam conhaque extremamente doce e brincaram de encenar musicais. Tia perdeu a virgindade no Sugar Bowl.

Naquela sexta-feira à noite em particular, Tia já havia bebido quatro latinhas de cerveja quando Kevin apareceu com cocaína. Eles trocaram beijos dormentes. Ele a levou para baixo onde conseguiam pisar nas pedras, procurando por uma pedra reta que Kevin jurava que existia. Quando encontraram a pedra, Kevin, sem dizer nada, cobriu a superfície fria com seu casaco. Aos dezesseis anos, Tia não conseguia imaginar nada mais doce.

Agora, precisava encontrar uma maneira de cobrir aquela superfície fria de maneira melhor. Não podia confiar em cobrir a pedra com o casaco de um cara qualquer, e aquele também não podia ser o seu sonho de salvação.

O relacionamento entre Bobby e ela não iria durar. Estava na hora de tirar da tomada.

Apesar das nuvens, ela colocou os óculos escuros para esconder seu rosto cheio de lágrimas. Estava se enganando, e sabia fazer bem isso.

Ah, Deus, ela o queria como um irmão, não como marido, era assim que o amava. Com o passar do tempo, ele tiraria dela as suas piores qualidades.

Com Nathan, mesmo que o amor dele não tenha sido verdadeiro, o dela era. Ela se sentia totalmente aberta quando estava com ele, e queria sentir isso de novo. Mas, desta vez, queria sentir isso por alguém que a amasse, e alguém que ela também amasse.

Não era Bobby. No fundo, sempre soube que, mesmo que ele a fizesse se sentir segura, ela sempre se sentiria pequena naquele conforto.

Tia apertou os olhos na multidão em volta do Sullivan's na Castle Island enquanto se aproximava do estacionamento do restaurante. O cheiro de fritura tomava conta do ambiente. Bobby acenou com um largo sorriso e levantando os braços. Ela havia ligado para ele. Chegara a hora de tomar uma decisão. Podia

deixar que ele lhe pagasse um hot dog, ou podia cortar o coração dele e um pedacinho do dela também.

Se ficasse com Bobby, acabaria ligando para o advogado para falar de Savannah, não importava o quanto a escolha desse caminho fosse errada. A tentação era grande demais, e Tia não conseguiria resistir mais por muito tempo. Bobby havia começado a tomar conta de sua vida, e contratar o advogado era parte de seu plano.

Mas era tarde demais. Não queria ninguém escolhendo o seu caminho. Ou o de Savannah.

Algumas coisas você nunca vai saber, mas ela tinha certeza de uma coisa: sua menininha já vivia com a mãe e com o pai. Pequena demais, tarde demais. Era isso que significava ir atrás de um advogado. Não era apenas um sonho, Tia nem chegara a pensar naquilo como seu sonho. Não daquela maneira.

Uma batalha judicial só iria machucar Savannah. Não seria pela filha, seria por ela mesma. Se desistir de seu bebê havia sido um ato egoísta, ir atrás dela seria pior ainda.

Ficar com Bobby também seria assim. Ir embora agora o magoaria, mas casar com ele acabaria com os dois. Ela nunca poderia ser a outra metade da laranja de Bobby.



O gelo deixava a estrada escorregadia quando Bobby a levou para o aeroporto seis meses depois. A tempestade de março os forçou a parar duas vezes no caminho para que Bobby pudesse descer e limpar o gelo que se acumulava no para-brisas. Ela rezou para que o avião decolasse.

– Obrigado por ficar com o anel. – Bobby tirou os olhos da rodovia por um momento. Ele segurou a mão dela com força, e o volante com a outra mão. – Use-o de vez em quando, para se lembrar de mim. Sem pressão. Prometo.

Ele era um homem bom. Tia detestava se lembrar do dia em que terminara o noivado e despedaçara seu coração, mas nunca mais colocaria aquele anel no dedo de novo. Claro que, se o colocasse, pelo menos os homens a deixariam em paz enquanto decidisse o que fazer da vida, embora Robin jurasse que seria um atrativo para os homens.

– Eles vão implorar para que você saia com eles, sabendo que não está



disponível – ela tinha dito.

Tia não queria mais homens daquela maneira.

Seis anos atrás, depois que Nathan e ela terminaram, andava quatro horas todos os dias. Andava até ficar cansada demais para fazer qualquer outra coisa além de trabalhar e dormir. Alugava filmes simplesmente porque neles trabalhavam atores parecidos com Nathan. Procurava por ele em todos os lugares. Ela o via em todos os lugares. De longe, achava que mulheres de oitenta anos em cadeira de rodas se pareciam com Nathan.

Tia vagava pela cidade rezando para encontrá-lo. No que ela estava pensando? Que se ele a visse, voltaria a ser mais uma vez o homem que ela havia imaginado transformar sua vida em um conto de fadas?

Nathan nunca a conheceu de verdade, e ela nunca o conheceu. Ela o transformara em um personagem, e preenchia todos os espaços com qualidades mágicas que atribuía a ele. Sua inquietação natural ela redesenhara como seu apego pela alma gêmea. Havia redesenhado seu desejo sexual em um amor de uma vida. E a família dele? Tia desenhara para eles um borrão em tom pastel que mal se podia enxergar, que, até ela ter imaginado que ele deixaria a mulher e os filhos causaria um pouco de desordem por um curto período de tempo, longe de seu próprio conhecimento. De certa forma, havia acreditado nas mentiras que contou a si mesma. Assim como Nathan a magoara, ela havia magoado Juliette.

Agora, se perguntava se o fato de Nathan não estar disponível o tornara desejável. O pensamento a deixava estarecida, mas precisava levar isso em consideração.

Mais do que nunca, Tia estava pronta para descobrir um mundo fora de sua própria cabeça. Voltar para o Southie teria significado seguir o mesmo caminho dia após dia.

Talvez isso não fosse tão ruim.

Mas talvez fosse.

Eles chegaram ao Logan Airport em silêncio. Bobby pegou sua bagagem no porta-malas e então ficou parado olhando-a. Ela deu-lhe um beijo de despedida, demorando mais do que esperava.

– Você sabe que sempre vou gostar de você, não é? – perguntou ela.

– Mas não da maneira como eu quero, não é? – Ele a afastou delicadamente. Flocos de neve caíam ao redor deles. Ela limpou o gelo dos ombros dele. – Você pode continuar pensando sobre nós? – perguntou ele.

– Ah, Bobby. Prometa-me uma coisa.

– Diga.

– Conheça a pessoa certa. – Tia torceu para que o molhado no rosto de Bobby fosse apenas água da chuva. – Você precisa fazer isso por mim.

– Não sei se consigo, porque acho que já encontrei a garota certa.

Tia não teve coragem de dizer o que ele já sabia. Ela ainda não havia encontrado seu amor verdadeiro. Desejou poder levar embora a tristeza de Bobby, mas às vezes só se consegue salvar a própria vida.



Enquanto o avião se afastava de Boston, ela enfiou as unhas nas pernas até que achou que tinha rasgado a calça jeans. Ficou olhando para o cara que estava sentado ao seu lado. Ela não fazia a menor ideia de como era a etiqueta em aviões, mas sabia que não devia seguir seu instinto e agarrar a mão dele. Iria se controlar até que o remédio que Robin a havia aconselhado a tomar fizesse efeito e ela caísse no sono.

Eles deveriam distribuir os assentos colocando novatos com pessoas mais experientes, o tipo de pessoa que se sentiria importante ao ajudar de alguma maneira.

Infelizmente, o cara à sua direita não olhou para cima nem uma vez. Ela olhou para seu dedo e enxergou uma aliança de ouro. Ele tinha um exemplar do *New York Times* dobrado de maneira perfeita, como faziam os viajantes espertos. Tia tirou os dedos das pernas e pegou o livro que havia trazido. Uma leitura de sustentação, uma releitura, que ela rezou para que lhe fizesse companhia o suficiente impedindo-a de começar a gritar de medo ou de pedir uma garrafinha de coragem quando a aeromoça a oferecesse.

Boston espalhava-se embaixo dela enquanto se distanciavam do lugar de onde ela nunca havia saído. Ainda estavam perto o suficiente para que reconhecesse as terras, incluindo South Boston que se projetava para o oceano.

Havia desistido de muita coisa. Não estava fugindo. Muito do que lhe havia sido

oferecido a deixara com água na boca. Um homem que se importava com ela. Uma casa perto da água. Segurança. Um pacote que a mãe de Tia adoraria que ela aceitasse.

Aquela vida a teria afundado. Talvez o mundo fosse feito de dois tipos de pessoas: aquelas que floresciam ao ficar em seu solo nativo, e aquelas que, como Robin, precisariam encontrar um lugar que tivesse os nutrientes exatos para sua alma. Tia agora achava que talvez ela também fosse esse tipo de pessoa.

Ela piscou pesado por causa da pílula que tinha tomado para dormir durante o voo para São Francisco, sonhando com seu passado e com seu futuro.

Não tinha certeza de que se sentiria em casa na Califórnia, mas estar com Robin, sua única e verdadeira família neste mundo, era um bom lugar para começar. Tocou o livro de Anne de Green Gables: Três volumes em um, que sua mãe lhe dera há anos. Órfãos era uma boa – essa era a história que ela queria reler.

Na esteira de bagagem, Tia observou as malas vermelhas esfarrapadas que haviam sido de sua mãe. Pensar na mãe havia se tornado menos doloroso depois de ter se encontrado com Savannah. Pela primeira vez, imaginou a mãe entendendo porque havia tomado sua decisão, mesmo não concordando com ela. Sentiu como se a mãe tivesse finalmente seguido seu caminho.

Agora que Tia tinha visto Savannah nos braços de Caroline e Peter, podia finalmente se soltar depois de todos aqueles anos que passara paralisada desde que entregou seu bebê. Agora que Caroline e ela estavam em contato, sempre saberia que Savannah estava bem.

Tia nunca se afastaria de Savannah. Nunca seria um mistério. Qualquer um dos dois caminhos que escolhesse, entregar a filha para adoção ou ficar com ela, poderia ter se tornado a escolha errada. Ou a escolha certa. Mas agora, pelo menos havia finalmente enfrentado sua decisão. A filha não era mais uma vergonha escondida.

Ela não precisava mais mentir.

Talvez sua mãe tivesse razão. Talvez entregar Savannah tenha sido como entregar suas pernas, mas da maneira como Tia via aquilo, ela só havia ficado aleijada. Havia dado uma chance para Savannah. Esperava que a mãe a entendesse. Pelo menos, ela ficaria feliz pelas mesmas coisas que traziam esperança e felicidade para Tia.

Savannah estava em boas mãos.

Tia finalmente conhecia a filha e sabia que a veria novamente.



Voar não tinha sido tão ruim. Anos de estômago virado por causa do medo haviam se misturado ao remédio. Talvez esta não fosse a maneira mais corajosa de mudar, mas pelo menos ela estava aqui. Talvez na próxima vez conseguisse decolar sem tomar a pílula. E se não conseguisse, quem se importava com isso?

Ela empurrou a bagagem pelas portas de vidro que se abriram automaticamente e cobriu os olhos para protegê-los da claridade da manhã quando saiu para o lado de fora. O céu azul brilhante da Califórnia estava bem aberto.

Naquele momento, Robin apareceu no Honda vermelho que ela descrevera na noite anterior enquanto mostrava a foto do carro na tela do computador.

– Você realmente acha que eu consigo enxergar isso? – Tia caiu na gargalhada. – Não se preocupe. Confie em mim, consigo encontrar um carro.

Ainda assim, a preocupação da amiga emocionara Tia.

– Um ano, é tudo o que eu te peço – Robin havia dito. – Tudo bem, seis meses, e então... – ela havia se comprometido imediatamente quando Tia insistiu que um ano era tempo demais. – Mas durante esse período, dê uma chance para a Califórnia.

Enquanto planejava sua viagem para a Califórnia, Tia havia enviado por e-mail o endereço de Robin para Caroline, que enviou seu novo endereço. E, de todos os lugares do mundo, estavam morando em Jamaica Plain. Anexadas ao e-mail de Caroline vieram fotos de Savannah se preparando para seu primeiro dia na escola. Caroline havia enviado fotos do outono.

Tia não se preocupava mais em perder o contato. Caroline era uma pessoa mais do que confiável. Não precisaria mais esperar um ano inteiro para ver fotos da filha. Conversavam sobre como e quando Tia veria Savannah de novo.

Tia havia falado com Nathan pela última vez logo depois do Memorial Day, não muito depois de terem ido se encontrar com Savannah. Suspeitava que ela era a única pessoa com quem ele podia conversar sobre a situação. Era óbvio que ele havia bebido demais. Não que estivesse bêbado, apenas solto o suficiente

para não falar com Tia como se ela fosse uma espiã que fosse atacá-lo pelas costas.

– Eu só não sei se Juliette vai me aceitar de volta – disse ele. – Receio que ela tenha perdido o respeito por mim. E isso dói muito. Você sabe o que isso significa?

Ouvir Nathan dizer o quanto o respeito de Juliette significava para ele havia destruído o restinho de obsessão que ainda tinha por ele. Ele nunca valorizou sua opinião daquela maneira. Sim, ele a desejou. Talvez, mesmo que brevemente, ele tenha achado que precisava dela e por isso convenceu-se de que a amava. Mas o que Tia pensava sobre Nathan nunca importou para ele tanto quanto o que Juliette pensava. Na hierarquia da família e amigos de Nathan, Tia não estava nem no final da lista.

Juliette o aceitou de volta. Caroline lhe contou. Era estranho Caroline ter se tornado sua informante. E mais estranho ainda era o fato de Tia ter ficado feliz por Nathan e Juliette estarem juntos de novo. Isso era um pecado a menos que ela tinha que carregar.

Tia entrou no carro de Robin. Elas se abraçaram como se fossem irmãs.

– Bem-vinda, Tee. – Robin acariciou seu rosto. – Você está péssima.

– É bom ver você também. O voo foi longo.

– A primeira viagem é sempre a mais difícil – comentou Robin. – Você vai se recuperar.

Tia colocou os óculos de sol que Robin segurava para ela.

– É exatamente isso que estou planejando.

Enquanto o carro se afastava do aeroporto, Tia sentiu a miséria dos últimos anos indo embora. Havia se salvado do desespero do buraco do coelho depois de ter esperado por tantos anos para ser socorrida por um cavalo branco, com o rosto de Nathan como sendo o seu coelho.

Por um tempo, achava que as mãos de Bobby seriam aquelas que acabariam com sua miséria. E, na verdade, o conforto dele ainda acenava para ela como se fosse um edredom macio. Mas jogar fora as camadas de negação que ela usava – Bobby, bebida, sonhos impossíveis – havia feito com que se libertasse.

Tia jurou nunca mais abafar sua mente. O lugar certo, a pessoa certa e o

caminho exato que ela deveria percorrer esperavam por ela. Nenhum deles exigiria que catalogasse sua vida em “no limite” e “fora do limite”.

Fazer tranças no cabelo de Savannah ou girá-la no brinquedo talvez não fizesse parte do seu futuro, mas não precisava esconder a existência da filha. Podia amar Savannah sem precisar de uma bebida. No sexto aniversário de Savannah, Caroline enviaria fotos. Tia enviaria uma boneca, ou talvez um colar feito por Robin, ou um ursinho de pelúcia. Pela primeira vez, compraria um presente de aniversário para a filha.

Se os pais de Savannah dariam o presente para ela ou não, a escolha era deles. Enviar o presente era escolha dela.

Ela sempre estaria disponível para a filha, e Savannah estava no lugar certo. A vontade de Tia de não fazer a filha sofrer significava afastar-se, não brigar por ela, e, com essa escolha, havia ganhado a possibilidade de um dia ter um futuro com Savannah.

Eles estavam todos conectados. E, por mais estranho que isso possa parecer, todos haviam se tornado uma família.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me apoiaram enquanto eu escrevia *Mentiras que confortam*, mas ninguém me apoiou mais do que meu marido, Jeff Rand, que me presenteou com uma vida sem canções tristes e que tornou possível que eu visitasse o passado sem medo; além de Ginny DeLuca, minha melhor amiga e parceira em todas as coisas na vida - incluindo na escrita. Seguramos as mãos uma da outra em todas as escolhas que fizemos, boas ou ruins, desde os vinte e três anos de idade, e continuaremos assim até ficarmos velhinhas.

A família, os amigos e os colegas me ajudaram a dar vida a estes personagens que amo. Stéphanie Abou tem sido minha companheira sábia, entusiasmada e determinada desde o começo, assim como a Foundry Literary + Media. A Atria Books é tudo o que sonhamos sobre uma editora. Agradeço a Judith Curr, esperta e calorosa, por me apresentar à Atria. Greer Hendricks é realmente uma editora maravilhosa, que me empurrou para a frente perfeitamente, e sou eternamente grata por trabalhar com ela. A Sarah Cantin torna todo o trabalho de publicação de um livro mais animado, fácil e melhor. Sempre que precisei de ajuda, Julia Scribner estava lá. Lisa Sciambra, Cristina Suarez, e Anne Spieth me ofereceram uma recepção que merece uma última montanha de agradecimentos de minha parte. Phil Bashe permitiu que eu parecesse ser bem mais esperta do que realmente sou. Laywan Kwan, ainda estou sorrindo ao apreciar sua capa extraordinária. Minha jornada com a Atria está apenas no começo, mas eu sei que ali encontrei um lar.

Nancy MacDonald, você é um exemplo de percepção, sabedoria, conforto e ajuda. Você melhora tudo o que você toca. Kathleen Carter Zrelak, da Goldberg McDuffie, como foi que você se tornou uma agente de publicidade e terapeuta tão incrível? Rose Daniels, seu excelente talento como designer realmente tornou divertido o trabalho de criação de um site.

Ao “time” – amadas Nichole Bemier e Kathy Crowley – obrigada por absorverem minhas lágrimas, por comemorarem a minha alegria e por guardar os meus segredos. Melisse Shapiro, a qualidade da minha vida saltou vários níveis depois que conheci você. Ao meu círculo de confiáveis amigos escritores – abençoe a nossa fonte de água virtual: Minhas queridas Robin Black, Jenna Blum, Juliette Fay, Beth Hoffman, Marianne Leone, Ellen Meeropol, Elizabeth Moore, Laura Zigman: todos deveriam ter tal coragem, sabedoria e apoio em volta deles. Chris Abouzeid, Christiane Alsop, Stephanie Ebbert, Leslie Greffenius, Javed Jahangir, Necee Regis, Dell Smith, Becky Tuch e Julie Wu – vocês são Beyond

the Margins: companheiras maravilhosas, ótimas para reflexões profundas, e incríveis companheiras para festas. Amin Ahmad, que sejamos sempre leitoras maravilhosas (sinceras!) uma da outra.

Um agradecimento especial a Linda Percy, você e o pato de borracha me trouxeram fé, sorrisos e otimismo; e a Stacy Meyers Ames, você certamente trouxe a essa mulher super neurótica um pouco de confiança.

Meus sinceros agradecimentos ao Grub Street Writer Center of Boston, principalmente a Eve Bridburg, Chris Castellani, Whitney Scharer e Sonya Larson, por nos reunirem e transformarem sonhos em realidade. Abraços apertados para todos do fabuloso Fiction Writer Co-op, com um agradecimento especial a Cathy Buchanan por gastar seu tempo para organizar tudo.

Meu amor e agradecimento profundo pertence a minha família, incluindo as minhas irmãs de coração, Diane Butkus e Susan Knight. Aproveito o amor de minhas cunhadas, Nicole Todini e Jean Rand, e de meu cunhado, Bruce Rand. Um agradecimento especial à minha querida sogra, Jeanne Rand, por seu orgulho constante. E a Mamãe, você está sempre comigo.

Aqueles que são donos do meu coração, os amores da minha vida, me oferecem conforto, alegria e entendimento: minha irmã (e melhor amiga), Jill Meyers; meus filhos e minha neta: Becca Wolfson, Sara, Jason e Nora Hoots, e, mais uma vez, o amor da minha vida, Jeff Rand.





## "NOTAS"

[1] Gangue de bandidos norte-americanos chefiada por Butch Cassidy, que viveu no início do século 20.